



VNIVERSITAT  VALÈNCIA

TESIS DOCTORAL

**“A Resiliência nos Jovens Angolanos  
Desempregados”**

**Presentada por:**

**D. Paulo Maria Augusto**

**Dirigida por:**

**Dr. Melchor Gutiérrez Sanmartín**

**Valencia (España), 2015**



## **DEDICATÓRIA**

A Deus, todo-poderoso, que produziu em mim o querer e o fazer, ao seu bel-prazer (Filipenses 2:13), fortalecendo a minha fé, imaginação e os meus passos para desbravar caminhos novos e desafiar o impossível.

## AGRADECIMENTOS

Este estudo não é apenas o resultado de um empenho individual, mas sim de um conjunto de esforços que o tornaram possível e sem os quais teria sido muito mais difícil chegar ao fim desta etapa, que representa um importante marco na minha vida pessoal e profissional.

Desta forma, manifesto a minha gratidão a todos os que estiveram presentes e acompanharam cada passo da sua materialização.

Ao meu tutor Prof. Doutor Melchor Gutiérrez Sanmartin, pela compreensão e forma excepcional que orientou este trabalho, com rigor profissional, paciência às minhas dificuldades e limitações, confiança, disponibilidade constante e pelos seus esclarecidos e proveitosos conselhos.

A toda a minha família, muito grato pelo apoio incondicional e incentivo, acreditando sempre no meu esforço e empenho.

Em especial, á minha querida mãe *Mariana Mataia*, também conhecida por *Ana Maria*, que soube, pelo seu carinho, atenção e paciência, manter-se como a minha fonte de energia e alegria, acompanhando de perto sempre as minhas dificuldades e experiências de vida.

Ao meu pai, que onde estiver, deve estar orgulhoso de seu filho por concretizar uma meta importante na sua vida.

A todos os jovens angolanos que participaram nesta investigação, pela preciosa partilha de informações e pelo carinho e entusiasmo com que me receberam.

A todos os amigos e colegas de trabalho, companheiros dos bons e menos bons momentos, que contribuíram, directa ou indirectamente, neste percurso valioso e significativo da minha vida.

**IN MEMORIAM**

A ti, saudoso e eterno orientador,

Professor Doutor António Clemente Carrión (TONI),

Pelo seu tesouro precioso de sapiência e exemplo ímpar de humanismo,

Merece a nossa profunda gratidão e eterna saudade!

### **ESPECIAL AGRADECIMENTO**

A Sua Excelência Senhor Dr. Gonçalves Manuel Muandumba, Ministro da Juventude e Desportos, que autorizou excepcionalmente a minha formação (Doutoramento) sem reserva e prestou um inestimável e inesquecível apoio para a materialização deste projecto.

## ÍNDICE

<b>CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO.....	13
1.2. POLÍTICAS ANGOLANAS DE PROMOÇÃO DE EMPREGO.....	14
1.3. RELEVÂNCIA DA PRESENTE INVESTIGAÇÃO.....	17
<b>CAPÍTULO II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	25
2.1. EMPREGO, SUBEMPREGO, DESEMPREGO E REEMPREGO.....	28
2.1.1. <i>O desemprego de jovens</i> .....	31
2.1.2. <i>Efeitos do desemprego (económicos, hábitos, família, suicídio, etc)</i> .....	38
2.1.3. <i>Importância da duração do desemprego</i> .....	40
2.1.4. <i>Diferenças de género nas reacções ao desemprego</i> .....	43
2.1.5. <i>Influência do nível de estudos no desemprego</i> .....	46
2.2. IMPACTO DO DESEMPREGO SOBRE O BEM-ESTAR FÍSICO E PSICOLÓGICO.....	50
2.2.1. <i>Impacto do desemprego na saúde física</i> .....	51
2.2.2. <i>Impacto do desemprego na saúde mental</i> .....	53
2.2.3. <i>Desemprego e ajuste psicossocial</i> .....	56
2.2.4. <i>Desemprego e satisfação com a vida</i> .....	62
2.3. FACTORES DE PROTECÇÃO RELACIONADOS COM O DESEMPREGO.....	66
2.3.1. <i>A resiliência como recurso para suportar o desemprego</i> .....	68
2.3.2. <i>A auto-estima como variável moderadora do impacto do desemprego</i> .	72
2.3.3. <i>Importância do apoio social no desemprego</i> .....	74
2.4. ESTRATÉGIAS DE COPING FRENTE AO DESEMPREGO .....	78
2.5. OBJECTIVOS .....	87
2.6. HIPÓTESES .....	87
<b>CAPÍTULO III. MÉTODO</b> .....	89
3.1. PARTICIPANTES .....	91

3.2. INSTRUMENTOS .....	92
3.2.1. <i>Questionário sociodemográfico</i> .....	92
3.2.2. <i>Escala de Auto-estima (RSES)</i> .....	92
3.2.3. <i>Escala de Apoio Social (MSPSS)</i> .....	93
3.2.4. <i>Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)</i> .....	93
3.2.5. <i>Escala de Controlo Emocional (ROE)</i> .....	94
3.2.6. <i>Escala de Resiliência (BRS)</i> .....	94
3.2.7. <i>Escala de Saúde General (GHQ12)</i> .....	95
3.2.8. <i>Índice de Auto-percepção de saúde</i> .....	95
3.2.9. <i>Escala de estratégias de coping face ao desemprego (CWJLS)</i> .....	96
3.3. PROCEDIMENTO .....	97
3.4. ANÁLISES ESTATÍSTICAS .....	98
3.5. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO .....	98
<b>CAPÍTULO IV. RESULTADOS</b> .....	101
4.1. RESULTADOS FACTORIAIS DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS .....	104
4.1.1. <i>Resultado factorial da Auto-estima</i> .....	104
4.1.2. <i>Resultado factorial da Escala de Apoio Social</i> .....	105
4.1.3. <i>Resultado factorial da Escala de Satisfação com a Vida</i> .....	105
4.1.4. <i>Resultado factorial da Escala de Controlo Emocional</i> .....	106
4.1.5. <i>Resultado factorial da Escala de Resiliência</i> .....	106
4.1.6. <i>Resultado factorial da Escala de Saude General GHQ12</i> .....	107
4.1.7. <i>Result. factorial da Escala de Coping face ao Desemprego (CWJLS)</i> ..	108
4.2. RESULTADOS QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO...	108
4.3. ESTATÍSTICAS DESCRIPTIVAS DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS .....	111
4.4. RELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS ESTUDADAS .....	112
4.5. RESULTADOS DIFERENCIAIS EM FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS	
SOCIODEMOGRÁFICAS ESTUDADAS .....	113
4.5.1. <i>Resultados diferenciais segundo o género</i> .....	113
4.5.2. <i>Resultados diferenciais segundo o desemprego</i> .....	114
4.5.3. <i>Resultados diferenciais segundo se têm ou não têm filhos</i> .....	115
4.5.4. <i>Resultados diferenciais segundo o lugar de morada</i> .....	115



4.5.5. Resultados diferenciais segundo a idade dos desempregados.....	116
4.5.6. Resultados diferenciais segundo as habilitações literárias dos jovens desempregados.....	116
4.6. PREDICÇÃO DA SAÚDE E DA SATISFAÇÃO COM A VIDA DOS DESEMPREGADOS .....	117
4.6.1. Resultados das Análises de Regressão Hierárquica para prever a saúde e a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados...	117
4.6.2. Resultados do Modelo de Equações Estruturais para prever a percepção de saúde, a satisfação com a vida e a saúde mental dos jovens angolanos desempregados.....	122
<b>CAPÍTULO V. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....</b>	125
5.1. DISCUSSÃO .....	127
5.2. CONCLUSÕES .....	132
5.3. LIMITAÇÕES DESTE TRABALHO E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES.....	132
5.4. PROPOSTAS DE APLICAÇÃO DOS RESULTADOS .....	133
<b>CAPÍTULO VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	135
<b>CAPÍTULO VII. ANEXOS .....</b>	163
7.1. INSTRUMENTOS APLICADOS AOS PARTICIPANTES.....	165
<b>CAPÍTULO VIII. RESUMEN DE LA TESIS EN ESPAÑOL.....</b>	169
8.1. INTRODUCCIÓN.....	174
8.2. MÉTODO.....	183
8.3. RESULTADOS, DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES.....	190
8.4. LIMITACIONES DEL TRABAJO Y SUGERENCIAS PARA EL FUTURO.....	209
8.5. PROPUESTAS DE APLICACIÓN DE LOS RESULTADOS .....	210



## **CAPÍTULO I**

---

### **INTRODUÇÃO:**

- 1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO.
- 1.2. POLÍTICAS ANGOLANAS DE PROMOÇÃO DE EMPREGO.
- 1.3. RELEVÂNCIA DA PRESENTE INVESTIGAÇÃO.



## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho faz uma abordagem sobre a problemática do desemprego. Por se tratar nos dias de hoje não só de uma problemática nacional mas de uma questão preocupante a nível mundial que afecta especialmente os jovens. Assim, este primeiro capítulo faz referência aos aspectos relacionados com a contextualização do objecto de estudo, as políticas angolanas de promoção de emprego e finalmente faz-se uma abordagem da relevância da investigação na perspectiva da psicologia positiva.

### **1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO.**

Angola, com uma população maioritariamente jovem, tem sofrido as vicissitudes de países em desenvolvimento, caracterizando-se por uma numerosa mão-de-obra sem formação e qualificações técnico-científicas exigidas pelos empregadores, índice ainda elevado de analfabetismo e desemprego, uma distribuição pouco equilibrada de renda nacional, problema com o repatriamento de refugiados, baixa expectativa de vida e indicadores deficientes da qualidade de vida.

No entanto, desde o advento da paz em 2002, algum esforço tem sido realizado no sentido de superar as dificuldades e os efeitos devastadores da colonização do país, seguida de brutal guerra civil. Perante este quadro, os indivíduos, principalmente das categorias sociais desfavorecidas, nomeadamente crianças, adolescentes, jovens, mulheres, idosos e portadores de deficiência e várias comunidades, vítimas de exclusão e destituição social, tiveram que demonstrar maior capacidade de regeneração para a sua adaptação, depois de fim do conflito armado, que propiciou neles pressões desgastantes e perda de valores morais e éticos tradicionais, baseados na confiança e solidariedade comunitária.

De facto, o desemprego continuou a marcar negativamente a situação económica e social do País na última década, agravado com a inserção social dos ex-combatentes e dos jovens no mercado de trabalho, apesar de ter vindo a reduzir o seu peso relativo, constitui um dos principais factores críticos do mercado de trabalho.

Além disso, existe uma grande disparidade entre a oferta e a forte procura no mercado do emprego e os critérios de recrutamento extremamente variados e, muitas

vezes, selectivos. Entre os obstáculos mais relevantes com que se defrontam os jovens angolanos na procura de emprego apontam-se a falta de experiencia profissional e de mecanismos eficazes que facilitem a transição da escola para a vida activa.

O acesso ao emprego constitui para a maioria dos jovens angolanos um símbolo da chegada da idade adulta, é assim porque o ingresso no mundo do trabalho é principalmente a transição para a maior idade. A falta de emprego é um problema que afecta particularmente os jovens que estão expostos, em comparação com os adultos, a maiores níveis de incerteza económica e social (Ouweneel, 2002).

O desemprego juvenil é um verdadeiro desperdício de recursos humanos, que em última análise, prejudica tanto os afectados como as suas famílias. Este fenómeno é frequentemente associado com um aumento da criminalidade e o surgimento de grupos desfavorecidos que geralmente têm suas próprias regras e formas de subcultura. (Lundetrae, Gabrielsen e Mykleun, 2010). Como o ser humano é um ser social ou Psico-Socio-Cultural, que expressa isso na sua interacção constante com os outros. A sociedade exige para os jovens diferentes funções para cobrir as necessidades das acções sócias.

Assim, o seu instinto de sobrevivência desenvolve neles a necessidade de trabalho, o que permite ampliar as suas potencialidades como ser humano e como ser social (Pozo, Ruiz, Pardo e San Martin, 2002). Em sociedades onde a maioria das pessoas vivem de trabalhar para os demais, não encontrar um emprego é um problema sério.

Considerando que o desemprego, segundo Andersen (2009), pode ter profundos efeitos sobre o indivíduo e a sociedade em que vive, questão que tem repercussão directa sobre a economia, o estado angolano tem adoptado algumas políticas para inverter o actual quadro de desemprego. Estas políticas resultam de programas e projectos concretos que são implementados pelos respectivos órgãos.

## **1.2. POLÍTICAS ANGOLANAS DE PROMOÇÃO DE EMPREGO**

Angola tem uma elevada percentagem da população abaixo de 25 anos de idade, cuja maioria beneficia actualmente da extensão do sistema de ensino a todo território nacional. Um dos desafios que a juventude angolana enfrenta hoje é o aumento para níveis sem precedente da taxa de desemprego. Contudo, o combate ao desemprego juvenil requer por parte do Estado, a concepção e implementação de medidas de políticas integradas de

fomento ao emprego tendentes á qualificação e valorização da mão-de-obra através da formação, á inserção da mão-de-obra activa no mercado de trabalho e á consequente melhoria do crescimento económico-social do País.

A taxa de desemprego em Angola segundo informações do Ministério da Administração Pública, Emprego e Segurança Social (MAPESS) oscila entre os 35 a 40%, o que constitui motivo de preocupação. No entanto, existe um plano nacional onde o objectivo é tentar colocar os funcionários públicos um pouco por todo o país, usando para o efeito o princípio da mobilidade geográfica.

O Estado tem o dever proteger e contribuir para o progresso dos cidadãos, por essa razão a Constituição angolana consagra diversas disposições dedicadas especificamente á juventude, como se pode ver no seu Artigo 31º, que diz: “*O Estado, com a colaboração da família e da sociedade, deve promover o desenvolvimento harmonioso da personalidade dos jovens e a criação de condições para a efectivação dos direitos económicos, sociais e culturais da juventude, nomeadamente, no ensino, na formação profissional, no acesso ao primeiro emprego, no trabalho, na segurança social, ...*”. Ainda no seu artigo 18 sobre Direitos e Deveres Fundamentais a lei contempla que: “*Todos os cidadãos são iguais perante a lei e gozam dos mesmos direitos e estão sujeitos aos mesmos deveres, sem distinção da sua cor, raça, etnia, sexo, lugar de nascimento, religião, ideologia, grau de instrução, condição económica ou social*”.

Deste modo, o governo angolano tem elaborado um conjunto de políticas e programas que visam a inserção no primeiro emprego fundamentalmente para os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos. Dentre estas políticas pode-se fazer referência ao *Programa de Governo 2009-2012*.

O Programa de Governo reconhece o papel crucial e impulsionador da juventude em todo o processo de reconstrução e desenvolvimento do país, não só porque ela constitui a maioria da população, mas, sobretudo, por ser a camada da população que apresenta o maior potencial de desenvolvimento. Sendo o órgão responsável pela definição da política de emprego e ciente dos desafios existentes neste domínio, o Ministério da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social (MAPTSS) tomou a iniciativa de conceber um Programa Nacional de Emprego e Formação Profissional, com um sub-programa intitulado “Programa de Promoção de Emprego para a Juventude”, que visa a minimização

do desemprego, sobretudo, no meio dos jovens.

Outras instituições do Governo, nomeadamente Ministério da Juventude e Desportos, MINFAMU, MINARS, MINADER e parceiros institucionais e sociais, como FEDS, INAPEM, CNJ e AJE, tem vindo a equacionar medidas e mecanismos para encontrar soluções práticas e imediatas de integração sócio-económica de grupos vulneráveis ou desenvolver acções sistemáticas de promoção de emprego, de formação profissional, da mobilização dos sectores primárias e secundárias da economia e da redução da pobreza, principalmente para a aplicação de políticas activas de emprego nos respectivos segmentos da actividade económica. O INEFOP/Centro de Emprego do MAPTSS constitui também um dos apoios consideráveis às entidades empregadoras de postos de trabalho.

Com o advento da paz, abriram-se perspectivas com a concretização de importantes programas de obras públicas, transformando o país segundo as palavras do Presidente angolano, José Eduardo dos Santos “*UM CANTEIRO DE OBRAS*” e utilizando intensivamente a mão-de-obra para a construção e reconstrução de infraestruturas sociais e físicas, o maior investimento na formação profissional e vocacional para melhorar a qualidade do capital humano, o desenvolvimento das infraestruturas sociais básicas em todo território nacional, condições mínimas para o desenvolvimento de um sistema básico de segurança social para compensar os efeitos reais negativos do desemprego.

A partir deste período, constatou-se em Angola a criação de inúmeros postos de trabalho, o que reduz cada vez mais o índice de desemprego e pobreza, a dimensão do sector informal, que tornou-se, logo depois da guerra civil de quase um quarto de século, uma importante fonte de emprego, engajando em larga escala a força de trabalho urbana e juvenil. As actividades alternativas deste sector dito informal, que representa o 28,7 % do total da população economicamente activa empregada de Luanda, não contribuem para a geração do emprego nem a boa redistribuição de riquezas.

Em 2006, o Governo angolano institui o Guiché Único de empresas para facilitar a criação de novas empresas e conseqüentemente de mais postos de trabalho, desburocratizando os trâmites legais para a constituição, alteração e extinção de empresas através de várias instituições que intervêm no processo e estabeleceu as bases gerais da política da inserção na vida activa da população desempregada ou integração socio-



económica de grupos vulneráveis, sobretudo, os jovens á procura do primeiro emprego, desempregados de longa duração e cidadãos portadores de deficiência com a lei nº1/06 de 18 de Janeiro, ” lei de bases do primeiro emprego “.

De facto, a meta angolana estabelecida para a criação de postos de trabalho foi ultrapassada em 2009, passando de 320.000 á 330.000 postos de trabalho, com destaque para os sectores da agricultura (com quase metade do número), seguindo-se os sectores das Obras Públicas, Comércio, Turismo e Transporte. A criação de Centros de Empreendedorismo por quase todo o país, surgem para diminuir cada vez mais o número de jovens desempregados. Estes Centros de Empreendedorismo, são espaços que pretendem capacitar o cidadão a desenvolver as suas capacidades para montar o seu próprio negócio, com o apoio do Banco BAI Micro-Finanças, tutelado pelo MAPTSS, através do Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional vem contribuir igualmente para a materialização desses objectivos propostos.

### **1.3. RELEVÂNCIA DA PRESENTE INVESTIGAÇÃO**

O relatório “Tendências Mundiais do Emprego Juvenil em 2013, Uma Geração em Perigo”, lançado em Abril 2012 pela Organização Internacional de Trabalho (OIT), demonstra o preocupante crescimento dos índices de desemprego juvenil a nível mundial, devido a persistente crise económica mundial, as políticas macroeconómicas e sociais inadequadas, mal planeadas ou mal implementadas, em muitos casos formulados sem consulta popular ou geral, a falta de molduras legais, financeiras e institucionais favoráveis e de boa governação para aplicação pertinente, eficiente e eficaz de estratégias, políticas e programas adequados para combater o desemprego juvenil.

Nesta última década, a juventude, que representa 25 % da população económica activa foi fortemente afectada pelo desemprego. Estima-se que, mundialmente, cerca de 73 milhões de jovens (pessoas com idade entre 15 e 24 anos) estão desempregados, correspondente á uma taxa de emprego juvenil mundial de 12 %. Segundo a OIT (2004), os que mais sofrem com essa realidade são habitantes dos países em desenvolvimento, totalizando 85 % do número de jovens desempregados.

Apesar dos avanços e do crescimento económico registado em Angola, nos últimos anos, a juventude está ainda afectada de forma mais aguda pelo desemprego, sendo

relevante o seu carácter prolongado. A taxa de desemprego juvenil oscila entre os 35 e 40%. Assume-se, então, que a juventude, embora não seja o único grupo sociodemográfico atingido pelo desemprego, pode ser considerada como um grupo de risco, uma vez que está exposta às consequências psicológicas, familiares, e culturais tão profundas, intensas e dramáticas decorrentes do desemprego, das transformações dos processos produtivos, das relações de poder e da própria cultura de trabalho.

Se tivermos em conta que o desemprego tem um papel de destaque entre os factores que afectam a satisfação de vida de uma maneira profunda e não transitória. Há poucas dúvidas de que o desemprego tem efeitos muito graves sobre a psicologia do bem-estar dos indivíduos e para saúde mental (Schwefel, Svensson e Zollner, 1987). Assim, em razão da elevação das taxas de desemprego juvenil, o fenómeno tem sido a maior preocupação em áreas de conhecimento científico e representa a principal prioridade dos Governos, fundamentalmente, na formulação das políticas sociais voltadas para o combate a pobreza, a promoção de emprego, etc, que visam melhorar o status ocupacional e o bem-estar do jovem. Dooley (2003), argumentou que o desemprego e o subemprego existem ao longo de um continuum, com efeitos semelhantes sobre o bem-estar psicológico e físico. Paul e Moser (2009) e Wanberg (2012), nos seus estudos, demonstraram a ligação entre desemprego e problemas de saúde mental, incluindo depressão, somatização, ansiedade e abuso de substâncias. Reininghaus et al. (2008) e Sadeh e Karniol (2012), dizem que o desemprego perdeu seu sentido de coesão bem como se torna num indicador de uma má qualidade de vida diminui a segurança, a qualidade dos relacionamentos e os cuidados de saúde.

Por este motivo, existem vários estudos não só a nível económico como os de Wrightson (2005), mas também psicológico que tentam aprofundar o conhecimento do fenómeno do desemprego ou abordar a temática do desemprego, como um dos marcos conceptuais e interpretativos do campo das desigualdades sociais, económicas e demográficas ou teorias sobre grupos ou classes sociais, onde destacam-se, dum lado, os privilégios do processo de globalização e as aceleradas transformações tecnológicas com novas oportunidades de actividades produtivas e conseqüente incremento de capital e renda e por outro lado, o agravamento do processo de exclusão ou vulnerabilidade. Alguns estudos apontam que o desemprego juvenil é causado por múltiplos factores, existindo

também diferenças na condição de desemprego de acordo com as condições sociais e pessoais em que o jovem está inserido e têm como eixo principal as consequências do desemprego sobre a saúde mental do jovem desempregado. No entanto, um número relativamente reduzido de estudos foram elaborados para compreender a dinâmica dos processos de subjectivação do jovem em situação de desemprego e aplicar o conhecimento existente, assim como as técnicas de psicologia positiva na perspectiva de permitir ao jovem desempregado, como sujeito social, resistir ou suportar os efeitos do desemprego. Os economistas têm se tornado cada vez mais interessados nos fatores que influenciam a felicidade (Frey e Stutzer, 2002; Frijters, Haisken-DeNew e Shields, 2005). Esta linha de pesquisa baseia-se nas conclusões de psicólogos que estudam a tomada de decisões com próprias avaliações das pessoas sobre os seus níveis de satisfação devida. São grandes os esforços para entender os problemas psicológicos associados ao desemprego e que levaram a um conjunto significativo de pesquisas tipicamente focadas na atitude de busca de determinantes de reemprego e a relação entre desemprego e o bem-estar psicológico (McKee-Ryan, Song, Wanberg e Kinicki, 2005).

Estudos realizados por Frey e Stutzer (2002), Burchell (1994), Clark e Oswald (1994), Dockery (2005), Fryer e Payne (1986), Kessler, Turner, e House (1989), Murphy e Athanasou (1999), Nordenmark e Strandh (1999), Shields e Wheatley Price (2005), e Winkelmann e Winkelmann (1998), descobriram haver fortes evidências de que o desemprego afecta negativamente o bem-estar subjetivo.

Uma compreensão mais detalhada do efeito do desempenho macroeconómico sobre o bem-estar dos indivíduos pode ajudar a formulação de políticas de prioridades sociais, questão geralmente evitada pelos economistas. No entanto, nos últimos anos, um número crescente de economistas e outros cientistas sociais têm experimentado com uma abordagem não convencional e directa para o problema da medição da relação entre as condições macroeconómicas e as respostas dos indivíduos para o levantamento perguntas sobre satisfação com a vida. Di Tella, MacCulloch y Oswald (2001), constataram que o desemprego tem um forte efeito negativo sobre o bem-estar.

No contexto socioeconómico actual, o confronto com condições de maior ou menor adversidade no trabalho, onde podemos enquadrar o desemprego, que pode desafiar a vida pessoal e relacional dos indivíduos. Portanto, o desemprego é um fenómeno muito actual,

acarretando consequências nos âmbitos económico e social, bem como na qualidade de vida das pessoas quer seja em termos individuais como familiares.

No contexto familiar e, nomeadamente no âmbito de uma relação diádica, cada elemento influencia e é influenciado pelo outro. Viver em família implica, pois, uma adaptação progressiva (Vaz Serra, 2007), quer individual quer de relação. Perante as exigências do trabalho e da vida em geral, parece ser cada vez mais difícil conciliar o trabalho com a família e encontrar um equilíbrio que não comprometa estas diferentes adaptações.

O desemprego, entendido como uma situação que envolve a ausência de carga de trabalho, normalmente involuntária (Vaz Serra, 2007) constitui-se como numa condição potencialmente adversa de trabalho, com implicações ao nível pessoal e relacional da vida dos indivíduos. Neste sentido, exige ao indivíduo capacidades de adaptação, podendo ser entendido como uma transição, na medida em que incorpora um certo grau de mudança e, conseqüentemente, de incerteza (Francisco, 2004). No entanto, e apesar de constituir um acontecimento de vida indutor de stress, o seu impacto psicológico não é igual para todos os sujeitos podendo afectar distintamente o bem-estar individual e relacional.

A maior parte das investigações que têm sido desenvolvidas sobre fatores psicológicos relacionados com o desemprego tem evidenciado, fundamentalmente, o impacto do desemprego no plano individual. Por outro lado, é possível confirmar que a maioria dos estudos tem focado essencialmente os aspetos negativos da adaptação ao desemprego ao invés dos aspetos positivos. Com efeito, diversos estudos têm constatado que a situação de desemprego provoca mudanças geralmente negativas a nível psicológico, podendo conduzir a uma deterioração da saúde mental e física (Dooley e Prause, 1995).

Globalmente, os estudos tem mostrado que o indivíduo desempregado tende a experimentar níveis elevados de depressão, ansiedade, somatização, angústia e stress, apresentando, igualmente, baixa auto-estima, baixa autoconfiança, inatividade e isolamento social (Kessler et al., 1988; Warr, Jackson, e Banks, 1988). A este respeito Mossakowski (2009), estudou a influência do desemprego anterior na duração dos sintomas de depressão, e os resultados mostraram que o desemprego de longa duração predizia níveis elevados de sintomas depressivos nos sujeitos entre os 29 e 37 anos, não

tendo registado diferenças estatisticamente significativas em termos de género. Contudo, num estudo de Axelsson, Andersson, Eden e Ejlertsson (2007), sobre a qualidade de vida (QdV) dos jovens desempregados, os resultados revelaram que o desemprego entre os jovens nem sempre é vivenciado como uma experiência negativa.

Recentemente, Kinnunen e Felt (2004) estudaram de que forma o stress económico se reflectia no ajustamento diádico de 608 casais finlandeses. Este estudo avaliou variáveis como: as circunstâncias económicas e tensão económica, o *distress* psicológico e o ajustamento conjugal. Os resultados mostraram que circunstâncias de pobreza se associavam a tensão económica, aumentando o *distress* psicológico e reflectiam negativamente no ajustamento conjugal. A tensão económica relacionada com as dificuldades em responder as necessidades básicas e pagar as contas, pareceu ter um impacto negativo nos casais, nomeadamente ao nível do bem-estar individual. Por sua vez, os indivíduos psicologicamente perturbados tendiam a ser menos positivos na interação conjugal, o que se reflectia na percepção que os elementos do casal tinham acerca da qualidade da sua relação e este aspeto verificou-se tanto entre as mulheres como entre os homens. Nos estudos de Dew (2007, 2008) o aumento de devedas contraídas mostrou-se associado a uma diminuição na satisfação com a relação de casal.

Falando do desemprego e desde a perspectiva da resiliência como a capacidade de um indivíduo ou de grupos de indivíduos, mesmo em ambientes desfavoráveis, de se construir ou reconstruir positivamente perante as dificuldades (Bartlach, 2005), resultando da interação entre o próprio indivíduo e o meio que o circunda, entre o seu passado e o contexto do momento em termos políticos, sociais e humanos (Manciaux, Vanistendael, Lecomte e Cyrulik, 2003).

Face ao acima exposto, é pertinente interrogar se a ciência pode ajudar o ser humano a desenvolver fortalezas para superar positivamente as adversidades advindas da sua condição de desempregado vivendo feliz durante esse processo de interação. Em nosso entender julgamos que sim porque em qualquer processo a matriz tanto material como espiritual onde o homem se represente, a ciência tem sempre uma expressão de relevância. No caso concreto do desemprego, o conhecimento científico, deve revelar-se como servidor do homem orientando condutas positivas na base de princípios humanistas especialmente na psicologia positiva (Seligman e Csikzentmihaly, 2000), que coloca de

relevo as experiências avaliadas como o bem-estar, a satisfação com a vida, a alegria actual a esperança e o optimismo pelo futuro. Pretende-se, com a presente investigação, demonstrar como os factores de protecção e a estratégia de coping face ao desemprego, têm uma relação positiva e directa na melhoria na qualidade de vida e bem-estar nos jovens angolanos desempregados.

Portanto, este estudo é uma novidade científica, tendo em conta a heterogeneidade apresentada pela própria juventude angolana e a realidade especifica de Angola, e representa um esforço em trazer ao conhecimento científico a problemática do desemprego no âmbito da juventude, como factor indispensável para o desenvolvimento económico. Nesta perspectiva, a nossa abordagem do desemprego juvenil pretende afastar-se do paradigma de pessimismo ou dos sentimentos e emoções negativas, tais como angústia, desamparo, desespero, insegurança, falta de auto-confiança, desânimo, ansiedade e depressão, pressão/stress, entre outras manifestações ou efeitos psicossociais negativos, provocados por esta condição, que afecta grande parte da juventude angolana, nas diferentes regiões do país, reflexos, mudando de direcção á favor do paradigma de superação, orientado para as competências, as forças e recursos internos e externos dos jovens e da sociedade, considerado como uma resposta optimista para providenciar um reforço positivo aos jovens angolanos desempregados que seja capaz de reduzir o impacto dos efeitos psicossociais do desemprego juvenil e melhorar os aspectos representativos da qualidade de vida dos jovens, como educação, renda, saúde e bem-estar físico e psicológico.

Outrossim, este trabalho não procura tratar o desemprego juvenil e a resiliência com um olhar patológico da desvalorização sobre o jovem desempregado ou uma abordagem em função do estereótipo violência/miséria, com destaca ao lado desviante de suas atitudes, polarizando, pelo contrário, a atenção sobre jovens excluídos do processo de integração social e profissional, vítimas de conflitos e contradições impostos pelas mudanças contemporâneas e impelidos à submissão passiva aos imperativos de adequação, flexibilização e formatação de suas trajectórias profissionais, com uma abordagem multidisciplinar da problemática e perspectiva de uma intervenção clinica ou terapêutica, visando experiências positivas e optimistas do seu desenvolvimento pessoal face as adversidades decorrentes do desemprego pela exploração das forças e diversos

recursos utilizados por eles e criando um ambiente facilitador e enriquecedor de processos psicológicos e sociais positivos.

Julgamos que este estudo constitui uma experiência enriquecedora que permitirá desenvolver cada vez maior a compreensão dos efeitos do desemprego sobre a juventude e a determinação da qualidade de vida a partir das condições pessoais e sociais dos jovens desempregados. Portanto, os resultados empíricos deste estudo poderão incentivar os decisores públicos e outros interlocutores sociais a aprofundar a compreensão da relevância e pertinência da resiliência enquanto factor ou capacidade estratégica que propicia as condições para encontrar soluções para o flagelo do desemprego entre jovens e sustentar a adopção de estratégias, políticas e programas consentâneos de orientação psicológica dos próprios jovens, bem como de medidas de prevenção e intervenção no âmbito do desemprego juvenil por parte das competentes instituições nacionais e intersectoriais que trabalham, directa ou indirectamente com este segmento populacional. Em última instância, a intervenção psicológica ou terapêutica poderá também ser o caminho a percorrer, principalmente através da oferta de mecanismos de coping mais propícios para lidar com a situação de desemprego, considerando o jovem com um ser totalmente envolvido no meio social ou ambiente ecológico em que se insere, com o seu passado, as suas características individuais, as suas experiências, etc. (Morais e Koller, 2004), e colocando o conhecimento científico em especial e o da Psicologia ao serviço da sociedade angolana, objectivo primordial desta investigação.

Assim, considerando a interação dos factores da resiliência chamamos por um lado de factores externos as diversas formas da qual o governo encontra para empregar os jovens desempregados prestando o seu apoio, por outro lado chamamos de factores internos pois se trata da capacidade de gerir os sentimentos e as emoções nos momentos de adversidade, sendo também vistos como factores influentes na condição económica e social. Por este motivo a presente investigação tem como título a *desemprego e resiliência nos jovens angolanos*. Com este estudo pretende-se analisar as relações entre as condições pessoais, as condições sociais, a saúde e a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados.

Com os dados resultantes do estudo empírico pretende-se sustentar a adopção de estratégias de orientação direccionadas a empresas públicas ou privadas visando a inserção

de mais jovens no mercado do trabalho e contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos angolanos. Deste modo julgamos estar a colocar o conhecimento científico ao serviço da sociedade angolana.



## **CAPÍTULO II**

---

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:**

- 2.1. EMPREGO, SUBEMPREGO, DESEMPREGO E REEMPREGO.
- 2.2. IMPACTO DE DESEMPREGO SOBRE O BEM-ESTAR FÍSICO E PSICOLÓGICO.
- 2.3. FACTORES DE PROTECÇÃO RELACIONADOS COM O DESEMPREGO.
- 2.4. ESTRÁTEGIAS DE COPING FRENTE AO DESEMPREGO.
- 2.5. OBJECTIVOS.
- 2.6. HIPÓTESES.



O ter um emprego não só constitui o principal recurso com que conta a maioria das pessoas para suprir as suas necessidades materiais como também lhes permite plena integração social. O emprego decresceu em praticamente todas as nações industrializadas do mundo por vários motivos, entre outros, as crises económicas cíclicas, as novas tecnologias de produção e comunicação (Woleck, 2002).

Com o advento da revolução industrial, ocorrida na Inglaterra do Século XVII e o desenvolvimento das organizações, surgiram as primeiras grandes empresas industriais diversificadas, baseadas no conceito de linha de montagem e standardização para satisfazer a necessidade de rápido desenvolvimento da produção e de competitividade. Desta forma, surgiram os primeiros empregos, empregando todos membros da família do trabalhador, sem distinção de idade e sexo, como assalariados, através de um contrato de trabalho. Em 1776, Adam Smith, afirmou: “A sociedade de mercado transformou o ser humano, necessariamente, num detentor de emprego, na realidade assim se verificou: o emprego passou a ser categoria dominante - se não exclusiva - para reconhecimento de valor dos propositos humanos (...) o único caminho para a segurança, para o sucesso e para a satisfação das necessidades de sobrevivência.

Os jovens, apesar das suas supostas vantagens relativas em termos de adaptabilidade às inovações tecnológicas, flexibilidade e mobilidade geográfica á procura de vida, são os primeiros a ser afectados por qualquer recessão económica através da redução de postos de trabalho, como da difícil transição da escola para o mercado de trabalho. Em outras palavras, eles são os últimos a ser contratados, mas os primeiros a ser despedidos, sobretudo quando as empresas usam o emprego como uma válvula de escape para a solução da crise. A carência de emprego tanto para o adulto e jovem, geralmente, é descrita como um desequilíbrio entre a oferta e a demanda de trabalho, ou seja, falta de oportunidades para todas as pessoas disponíveis se inserirem no mercado de emprego e acarreta consequências ou impactos.

Face ao acima exposto, neste capítulo faz-se uma abordagem a volta do emprego, subemprego, desemprego e reemprego de uma maneira geral (incluindo o desemprego juvenil, o desemprego de longa duração, a questão do género nas reacções ao desemprego e a influencia do nível de escolaridade). Também falaremos do impacto do desemprego sobre o bem-estar físico e psicológico do desempregado, dos factores de protecção

relacionado com o desemprego bem como das estratégias de coping frente ao desemprego.

## **2.1. EMPREGO, SUBEMPREGO, DESEMPREGO E REEMPREGO**

Para melhor perceber e discutir a pertinência do conceito de desemprego, que é uma ferramenta indispensável de análise e de diagnóstico sobre o emprego, importa esclarecer os conceitos de emprego, subemprego e reemprego. Como a noção de desemprego, a noção de emprego fez objecto de várias normas, convenções (convenção nº160 adoptada em 1985 pela Conferência Internacional do Trabalho da Organização Internacional de Trabalho-OIT), cuja última baseia-se em critérios pertinentes e concisos para evitar os eventuais erros de interpretação. Segundo esta definição convencional, o grupo de desempregados no sentido do Bureau Internacional de Trabalho-BIT, abarcam todas as pessoas que reúnem três critérios importantes, nomeadamente, o critério de inactividade, o critério de procura de emprego e o critério de disponibilidade para ocupar um emprego ou posto de trabalho disponível.

O emprego como uma das variáveis estratégicas dos processos de crescimento e desenvolvimento económico em toda parte do mundo é a função e a condição da pessoa que trabalha em carácter temporário e permanente, em qualquer tipo de actividade económica pela qual recebe em contrapartida um salário ou qualquer remuneração, por parte de outra pessoa ou uma instituição. O emprego é a troca contratual, institucionalmente regulamentada, entre as duas partes, em que uma vende, e a outra compra trabalho, normalmente por dinheiro, mas também poderá ser por bens ou serviços (Fryer e Payne, 1986).

Em outras palavras, o emprego compreende “a relação laboral estável entre o indivíduo e uma entidade empregadora, com funções e responsabilidades estáveis, com horário regular e retribuição também estável e pré-fixada” (Centeno, 2001). Entende-se por emprego protegido toda a actividade útil e remunerada que, integrada no conjunto da actividade económica nacional e beneficiando de medidas especiais de apoio por parte do Estado, visa assegurar a valorização pessoal e profissional das pessoas deficientes e jovens a espera do primeiro emprego.

Neste caso, a relação jurídica de emprego é feita através de um contrato de trabalho escrito ou oral, considerado, de facto, como um factor de inserção social. Este contrato,

além de estabelecer as diferentes cláusulas jurídicas e condições do emprego, reveste também um carácter psicológico, uma vez que o trabalhador possui uma escala de valores, crenças e expectativas, como por exemplo, realização e satisfação pessoal, motivação, sentido de utilidade social e organizacional.

Sendo uma actividade humana, individual e colectiva, o trabalho adquiriu, ao longo do tempo, uma grande relevância social e requer uma série de contribuições (esforço, tempo, aptidões, habilidades, etc.), que os indivíduos desenvolvem esperando em troca compensações, não só económicas e materiais, mas também psicológicas e sociais, que contribuam para as suas necessidades. Por esta razão, o desemprego terá um significado psicológico ou poderá afectar de algum modo o bem-estar subjectivo da pessoa desempregada, isto é, uma forma particular de ser, sentir e pensar dos indivíduos afectados, e, conseqüentemente, de se manifestar nas suas atitudes e comportamentos, tendo em conta a função integradora e concretizante da personalidade individual do emprego, particularmente quando é valorizado ao ponto de se tornar um papel central na constelação de papéis de vida dos indivíduos. No entanto, a definição do emprego excluiu qualquer pessoa que exerce uma actividade de trabalho não remunerada, tais como actividades ou tarefas domésticas de mulheres no lar ou trabalhos voluntários, familiares, parentais ou comunitários, que implicam apenas deveres e obrigações (Fryer e Payne, 1986).

Muitos países tomam constantemente iniciativas governamentais para incrementar o emprego, tentando realizar ou alcançar, pelo menos teoricamente, o pleno emprego. O pleno emprego representa outro conceito económico que corresponde a uma situação em que todos os cidadãos em idade laboral ou produtiva (População activa), com desejo de trabalhar, possuem uma vaga ou posto de trabalho. Em outras palavras, a demanda de trabalho permanece igual a oferta de trabalho, a um nível determinado de salários reais. A situação contrária é conhecida como desemprego.

A crise de desemprego provocou grandes desafios para os indivíduos, comunidades e nações. Dada a abrangência global do problema de acesso a um trabalho sustentável, muitos analistas políticos e economistas acreditam que esta situação reformulou radicalmente a natureza do trabalho e não-trabalho (Clifton, 2011; Krugman, 2012; Stiglitz, 2012). A literatura sobre desemprego e subemprego aponta para as consequências

aversivas de desemprego para os indivíduos e comunidades (Paul e Moser, 2009; Wanberg, 2012). Dooley (2003), argumentou que o desemprego e o subemprego existem ao longo de um continuum, com efeitos semelhantes sobre o bem-estar psicológico e físico.

Historicamente, a experiência de desemprego foi vista através de um modelo de deficit. Jahoda (1982), postulou que o emprego fornece "o acesso a categorias de experiência", tais como o apoio social, recursos materiais, e um senso de propósito. Warr (1987), elaborou um modelo nomeando nove categorias diferentes de experiência que os desempregados podem encontrar inacessível: segurança física, posição social valorizada, disponibilidade de dinheiro, gerado externamente objetivos, a variedade, a previsibilidade ambiental, controle, contato interpessoal e oportunidade para o uso de habilidades. Já Blustein (2006), argumentou que o trabalho pode satisfazer nossas necessidades de sobrevivência, as conexões relacionais e de auto-determinação.

Fryer e Fagan (2003), Paul e Moser (2009) e Wanberg (2012), demonstraram nos seus estudos a ligação entre o desemprego e problemas de saúde mental incluindo a depressão, a somatização, a ansiedade e o abuso de substâncias. No entanto, do ponto de vista da comunidade os bairros devastados pelo desemprego perderam o seu sentido de coesão a segurança, como é o caso da qualidade dos relacionamentos, cuidados de saúde (Reininghaus et al, 2008; Sadeh e Karniol, 2012). McKee-Ryan et al. (2005) aludem que fatores como o sentimento de auto-estima, percepção de controlo e optimismo, stress, uma avaliação cognitiva de estar desempregado e apoio da família membros são mais fortemente associados com reações adaptativas para o desemprego. No seu estudo, Blustein, Kozan e Connors-Kellgren (2013), mostram como as pessoas descreveram as suas vidas como tendo atingido uma grande reviravolta na história de forma inesperada e muito assustadora, e para alguns, de forma traumática. As pessoas por se encontrarem numa condição de desempregadas, expressaram uma combinação de desespero, angústia, raiva e tristeza caracterizada pelas perdas mais dolorosas que enfrentaram nas suas vidas.

Muitos indivíduos enfrentaram a perspectiva de desemprego e em algum momento essa experiência de vida poderia ter sido devastadora. A perda de trabalho geralmente representa uma desilusão na vida e pode ser muito devastadora para o bem-estar (Frey e Stutzer, 2002). Para além da perda de rendimentos, o desemprego representa a perda de

sentido e pode corroer a identidade e a auto-estima de um indivíduo (Turner, 1995). Não é simplesmente o caso de que pessoas menos felizes são seleccionadas para o desemprego (Diener, Suh, Lucas e Smith, 1999) mas, uma meta-análise de estudos longitudinais como nos dizem McKee-Ryan et al. (2005), mostram que o desemprego causa em media um efeito no tamanho de 0.38 na saúde mental. Além disso, Lucas, Clark, Gerogellis e Diener (2004) afirmam que pode ser difícil recuperar psicologicamente do desemprego.

### ***2.1.1. O desemprego de jovens***

A noção de desemprego é indiscutivelmente uma das mais complicadas para definir e utilizar de maneira pertinente e sistemática, por ser amplamente função de modos de representação do trabalho e das relações existentes neste âmbito entre vários actores, nomeadamente, o Estado, as empresas e os indivíduos e representar um fenómeno socioeconómico complexo evidenciado pelos acesos e actuais debates em vários países do mundo. Nestas condições, não pode existir uma única abordagem valida em todos locais e todos tempos. Existem várias hipóteses que tentam explicar o desemprego, na medida em que ele exprime os desajustamentos entre a oferta e a procura de emprego.

Com a sua definição ainda discutível, “Desemprego (em francês: Chômage) é a palavra utilizada a partir do século XII e vem do latim popular “Caumare”, que significa repousar durante os grandes calores, começou por significar o tempo das festas passadas sem trabalhar. De maneira simples, define-se o desemprego como a falta completa de trabalho para uma pessoa em idade activa (em geral entre 14 e 65 anos) ou de trabalhar e passíveis de ser mobilizada imediatamente na actividade remunerada no mercado de trabalho ou encontra-se à procura de emprego ou que estejam, por determinado prazo, sem realizar trabalho remunerador ou qualquer actividade económica no contexto de uma profissão de contornos definíveis, e socialmente reconhecida como tal. Podemos considerar o desemprego como a ausência de trabalho acompanhada da disponibilidade de trabalhar, com a busca por trabalho (Galeazzi, 2002).

O desemprego como evidência estatística, embora ainda mal medido e como fenómeno económico é relativamente recente. Qualquer análise ou reflexão sobre o mercado de trabalho ou desemprego deve assentar em variáveis correlacionadas e em projecções baseadas no comportamento, de variáveis explicativas como o Produto Interior

Bruto (PIB) e demais. O desemprego permanece um sério problema económico e social em vários países do mundo (Wrightson, 2005). Portanto, o desemprego como indicador importante dos desequilíbrios existentes no mercado de trabalho, tem sido avaliado, convencionalmente, com base na taxa de desemprego, pese embora a sua relevância e utilidade difira entre países e ao longo do tempo. Por outro lado, dependendo das proporções, o desemprego é sem dúvida o espelho que melhor reflecte a ruptura entre a produção e o emprego, as dificuldades económicas e sociais de um país, suas relações com a insatisfação da população, e o aumento da criminalidade nas grandes cidades.

O desemprego, enquanto um estado, deve ser distinguido da perda de emprego, que constitui um acontecimento involuntário, que lhe pode estar na origem. A perda involuntária de emprego, segundo Wrightson (2005), pode ter na sua origem num despedimento (por justa causa), na extinção do posto de trabalho, no fim de um contrato (e a não renovação do mesmo), e no encerramento da empresa.

No entanto, o desemprego pode não resultar de uma perda de emprego, mas antes da saída voluntária, de um emprego, quer por motivos de insatisfação com o mesmo, quer pela possibilidade de surgimento de novas alternativas, ou ainda devido a mudanças no estilo de vida. Neste caso, o desemprego é voluntário e pode constituir uma estratégia dentro de um percurso de desenvolvimento de uma carreira profissional consciente. Esta noção de desemprego restringe-se, assim, á ausência de emprego remunerado e socialmente reconhecido em termos profissionais, tomando por referência o emprego e não o trabalho não remunerado, num sentido lato. Sempre foi difícil definir esta noção, devido a sua subtilidade e abrangência, já que existem actividades que, embora não constituem emprego, nem providenciam rendimento, são no entanto trabalho que permite retirar dele alguns benefícios, sejam materiais ou simbólicos.

Eichhorn (2013) alude que o desemprego não é voluntário - pelo menos não de uma forma simplista, já que as decisões sobre o emprego ou desemprego são avaliações complexas que as pessoas fazem - parcialmente contingente de factores contextualizados além das características dos próprios indivíduos. Frey e Sutzler (2002), dizem que a teoria microeconómica tradicional conceptualizou o desemprego como uma lacuna entre a oferta e a procura de trabalho, expressa um preço não ideal (o salário para) daquele trabalho. Portanto, quando o ganho do trabalho é muito baixo em comparação com o padrão



apresentado no desemprego (por exemplo as disposições de bem-estar), a abordagem implica que as pessoas afectadas irão optar por não trabalhar voluntariamente. Assim, os efeitos do desemprego sobre a satisfação de vida são susceptíveis de variar entre as sociedades de acordo com vários factores além da esfera económica.

Passos e Nogami (2012), consideram que tanto as formas de desemprego como as categorias de população abrangidas, o tipo de emprego, de subemprego, ou reemprego, são elementos que se constituem socialmente, quer dizer em função de normas e regras sociais. Distinguem-se vários tipos ou formas de desemprego nas quais citamos as seguintes:

*a) Desemprego voluntário*

Para Passos e Nogami (2012), este tipo de desemprego foi admitido como possível pela teoria neoclássica. Com base nos postulados da racionalidade dos agentes e do equilíbrio dos mercados, o requerente ao emprego disponível prefere não trabalhar em função do preço de mercado, nível muito baixo do rendimento e condições de trabalho julgados inaceitáveis ou para um outro emprego que garante um salário inferior ao salário pretendido. Esta situação pode, de facto, ocorrer, quando não se encontra o tipo de trabalho ou de remuneração que se pensa como suficiente para compensar o esforço laboral e começou a aparecer em alguns países onde as alocações financeiras para desempregados podem compensar a perda de salário e permitir-lhe escolher a inactividade. Existem também casos de desemprego voluntário correspondente ao período de investimento para informação ou formação, de espera, pesquisa, prospecção ou procura para encontrar um melhor emprego (sabendo que o desempregado pode dispor neste período de um rendimento de substituição ou pessoal).

*b) Desemprego involuntário*

O desemprego involuntário, segundo Passos e Nogami (2012), corresponde a uma situação de carência efectiva de empregos oferecidos pela actividade económica. Ainda que as pessoas queiram trabalhar ao salário de mercado, persiste a falta de postos de trabalho. A definição do desemprego efectivo, baseada sobre a norma estatística estabelecida pelo Bureau Internacional de Trabalho (BIT) e utilizada pelas organizações internacionais, nomeadamente pela OCDE, e a CEE, contempla dum lado, a pessoa sem

trabalho, o que exclui qualquer pessoa tendo trabalhado algumas horas durante o período de referência (a semana passada) e por outro lado, a pessoa absolutamente disponível para trabalhar e poder atestar procedimentos efectivos de procura de emprego.

*c) Desemprego friccional*

É um desemprego de tipo temporário e relacionado com a situação especial do mercado de trabalho, obviamente em desequilíbrio, quando a economia tem emprego suficiente para oferecer e existem trabalhadores dispostos a aceitar o tipo de trabalho disponível pelo preço que estiver determinado. Este tipo é, muitas vezes, motivado pela mudança de emprego ou actividade dos indivíduos (Passos e Nogami, 2012).

*d) Desemprego estrutural*

Segundo Passos e Nogami (2012) este é o tipo de desemprego crónico, permanente e de longa duração, resultante da incompatibilidade ou diferença entre o padrão regional ou ocupacional de vagas por preencher (oferta de emprego) com a oferta de trabalho disponível ou de um desequilíbrio durável do funcionamento do mercado de trabalho, excedendo as dificuldades conjunturais. Este tipo de desemprego caracteriza a situação de um grande número de países desenvolvidos desde o início da década de 1980. A evolução recente das taxas de desemprego nestes países revela que ele tornou-se massivo e permanente, com um número cada vez mais considerável de desempregados de longa duração (período superior a 18 meses). Ele manifesta-se cada vez que aparece uma qualquer inadequação entre as qualificações profissionais e exigências formuladas pelas empresas.

*e) Desemprego conjuntural*

Chamado também de desemprego cíclico, ele caracteriza a depressão, quando os bancos retraem os créditos, desestimulando os investimentos, e o poder de compra dos assalariados caem em consequência da elevação de preços.

*f) Desemprego tecnológico*

É o tipo de desemprego que atinge os países industrializados e resulta da substituição do homem pela máquina, implicando a maior procura de técnicos e especialistas e pela queda, em maior proporção, da procura dos trabalhos tidos como braçais. Ele corresponde também as transformações ou perdas de emprego provocadas

pela mudança dos métodos de produção.

*g) Desemprego disfarçado*

É o tipo de desemprego aparente, que caracteriza as situações de baixa optimização do emprego, ocultando na realidade um desemprego potencial, evidenciada nos casos de situação de sobrelotação dos efectivos nas empresas e administrações públicas. No entanto, este conceito tem um significado limitado nos países em desenvolvimento, por diversas razões:

- A maior parte dos países em desenvolvimento têm programas de promoção de emprego ou redução de desemprego que, em muitos casos, não funcionam devido aos factores exogéneas da economia, deixando os que se encontram sem emprego formal envolverem-se em actividades do sector informal por razões de sobrevivência e outras. Frequentemente, este trabalho informal não os emprega a tempo inteiro ou gera rendimento suficiente para uma vida condigna;

- Um exército enorme de pessoas em situação de desemprego não consta nas estatísticas oficiais e não possui nenhuma identificação pessoal;

- Um vasto número de pessoas que trabalham por conta própria. Habitadas a ser donas dos seus negócios, elas não conseguem procurar um emprego formal, mesmo nos tempos em que enfrentam dificuldades ou redução de rendimentos pessoais. Em vez de tentar procurar uma vaga ou posto de trabalho, cumprindo com formalidades e exigências do mercado de trabalho, elas tendem a desenvolver as actividades alternativas ou negócios paralelos no meio urbano, reforçando o sector informal urbano, cuja amplitude e dimensão não deixam de crescer. Por outro lado, a fronteira entre a inactividade e o subdesenvolvimento é bastante ligeira e complexa;

- O trabalho nas comunidades rurais é muitas vezes organizado de acordo com arranjos tradicionais, com o trabalho disponível distribuído de forma equitativa entre todos os trabalhadores, visando o bem colectivo;

- Ele é uma situação de transição com características próprias, porque relativo à esfera do trabalho, da ocupação e do desenvolvimento vocacional dos indivíduos.

Deste modo, confunde-se em muitos países em desenvolvimento o desemprego do subemprego, que representa a falta parcial de trabalho, baixo salário e subutilização de

qualificações, ou produtividade baixa. De ressaltar que o fenómeno do desemprego tem sido tratado como um problema económico, mas as suas consequências psicológicas vão muito para além da perda de fonte de rendimento (Winefield, 2002).

O subemprego é uma situação que ocorre quando uma pessoa capacitada para uma determinada ocupação, cargo ou posto de trabalho não esta plenamente ocupado, optando receber trabalhos menores em que ganham pouco comparativamente ao seu nível escolar ou começar a trabalhar num cargo menor comparativamente ao seu nível escolar, experiencia e perfil profissional. Também se fala de subemprego quando um conjunto de pessoas tem um número mínimo de horas de trabalho por semana inferior ao horário normal de trabalho ou pessoas que trabalha na agricultura ou o solo de modo esporádico ou irregular ou exercita uma actividade geradora de riqueza, devido à reduzida produtividade e a carência dos equipamentos conjugados com o excesso de mão-de-obra. Há também subemprego quando um trabalhador encontra uma colocação profissional que não permite o aumento do seu tempo de trabalho, devida á uma deficiência estrutural da economia ou do mercado de trabalho. Quanto ao subemprego, o impacto negativo mais evidente sobre o indivíduo é o baixo nível de expectativa e aspiração profissional.

O acesso ao emprego constitui para a maioria dos jovens um símbolo da chegada da idade adulta, é assim porque o ingresso no mundo do trabalho é principalmente a transição para a maior idade. A falta de emprego é um problema que afecta particularmente os jovens que estão expostos, em comparação com os adultos, a maiores níveis de incerteza económica e social (Ouweneel, 2002). O desemprego juvenil é um verdadeiro desperdício de recursos humanos, que em última análise, prejudica tanto os afectados como as suas famílias. Este fenómeno é frequentemente associado com um aumento da criminalidade e o surgimento de grupos desfavorecidos que geralmente têm suas próprias regras e formas de subcultura (Lundetrae, Gabrielsen e Mykletun, 2010).

Como ser social ou psico-socio-cultural, em interacção constante com os outros, os jovens são chamados a exercer diferentes funções para cobrir as necessidades das acções sociais. Assim, o instinto de sobrevivência desenvolve neles a necessidade de trabalho, o que permite ampliar as suas potencialidades como ser humano e como ser social (Pozo et al., 2002), portanto, numa sociedade onde a maioria das pessoas vivem do trabalho para sobreviver ou garantir a existência, o desemprego é um problema sério.

De acordo com um relatório recente da Organização Internacional de Trabalho - OIT (2010), sobre as tendências do emprego dos jovens no mundo, a probabilidade de estar desempregado é 3,5 vezes maior para os jovens do que para adultos. Devido a estas e outras circunstâncias, o número de jovens desempregados aumentou de forma significativa nos últimos dez anos, atingindo o máximo actual de 88 milhões de jovens desempregados, quase metade (47%) de desemprego global. Os jovens são, assim, um grupo populacional com sérios problemas de integração no mercado de trabalho (Dooley e Catalano, 2003).

Aqueles que sofrem de uma desfavorável integração laboral no mundo do trabalho são uma parte cada vez mais significativa da população em risco de exclusão social. De acordo com o documento elaborado pela OIT (2010), as taxas de desemprego para os trabalhadores entre 16 e 24 anos de idade são geralmente mais elevadas do que em outras categorias de idade e grupos demográficos e duplicam a taxa de desemprego global.

Os jovens adultos, em situação de desemprego, têm dificuldade na criação de uma família, pois a condição de segurança económica necessária faz falta. Além disso, alguns investigadores da linha da teoria de Erikson, afirmam que o desemprego em idade jovem atrasa o desenvolvimento psicossocial saudável, pois impede o desenvolvimento da identidade ocupacional. É entre os trinta e os cinquenta anos que mais problemas advêm e que são os jovens em busca de primeiro emprego, independentemente da qualificação, que sofrem de maior frustração e confusão de identidade (Winefield, 2002).

Os jovens que tentam ingressar no mercado de emprego sonham realizar os seus projectos profissionais ou de vida, constituir família e ter independência económica. Porém, seu sonho, na maioria das vezes, se converte em pesadelo, quando vivem um itinerário descontínuo, ao longo de vários anos. As dificuldades para encontrar o primeiro emprego, são cada vez maiores, devido à falta de experiência profissional e de mecanismos eficazes que facilitem a transição da escola para a vida activa, exigindo maior escolarização, critérios selectivos e conhecimentos profissionalizantes. Contrariamente, uma inserção bem sucedida do jovem no mercado de trabalho contribui para a satisfação com a vida, o estabelecimento das relações sociais, dos processos de identificação, valorização e do reconhecimento de pertinência a uma sociedade.

### **2.1.2. Efeitos do desemprego (económicos, hábitos, família, suicídio)**

Em Angola, existem poucos estudos sobre as consequências que o desemprego provoca na vida das pessoas. O desemprego é o mais difícil período na vida de qualquer pessoa e pode ser considerado como o factor importante de stress. A situação de desemprego pode pôr em causa a satisfação de necessidades básicas, como o acesso á habitação, á saúde, á alimentação, á educação, sujeitando a profundas alterações na qualidade de vida, não só na pessoa desempregada como também dos vários elementos do seu agregado familiar.

De facto, o desemprego tem tido um profundo efeito sobre a vida da pessoa desempregada e da sua família (Moorhouse e Caltabiano, 2007). Ele afecta todas as pessoas envolvidas, tendo em conta que os desempregados têm família, filhos em formação, considerados como futuros trabalhadores em dificuldade com o mercado de emprego. Sem dúvida alguma, e como nos alude Andersen (2009), o desemprego pode ter profundos efeitos sobre o indivíduo e a sociedade em que vive, questão que tem repercussão directa sobre a economia.

O aumento do desemprego leva a uma diminuição da renda familiar, razão pela qual estas pessoas têm de reduzir seu padrão de vida. As consequências disso, segundo Feldman, Leana e Bolino (2002), são não só económicas, mas também sociais, e se agravam pelo facto de que o desemprego tende a afectar mais fortemente aos sectores mais fracos da sociedade. O custo económico do desemprego é realmente alto, mas o custo para a sociedade é enorme. Nenhuma cifra em valores monetários reflecte satisfatoriamente a carga humana e psicológica que pode ocorrer com os jovens em um período de desemprego involuntário (Dooley e Catalano, 2003; Lundetrae et al., 2010). Contudo, as situações precárias do desemprego aumentam o sofrimento das pessoas afectadas e influenciam a determinação do seu plano de vida e planeamento familiar. Outra das consequências é que, em alguns casos, os jovens devem retardar a idade de emancipação pela falta de acesso à habitação e de criação de uma unidade familiar com um rendimento estável (também causa uma diminuição dos nascimentos e atrasa a idade em que as crianças são concebidas) (Asanin e Wilson, 2009; De Cuyper, De Witte e Vander Elst, e Handaja, 2010). O fenómeno do desemprego tem sido tratado como um problema

económico mas as suas consequências psicológicas vão muito para além da perda de fonte de rendimento (Winefeld, 2002).

Por outro lado, o desemprego pode trazer desaprendizagem e perda de qualificações (Kovács, 2004), exclusão de um propósito maior na sociedade (Jahoda, 1987), deterioração das relações sociais (Fryer e Payne, 1986), baixa de auto-estima (Mcfayden, 1995), suicídio, dificuldades económicas, riscos de impactos na saúde e estilos de vida menos saudáveis (Benach, Muntaner, Amable e Benavides, 2002). Segundo Waters (2000), o desemprego poderá trazer sintomas psiquiátricos, desespero, ansiedade bem como diminuição de controlo percebido, auto-estima e moral e satisfação com a vida. Podemos ainda acrescentar sentimentos de raiva, de agressividade, de degradação, vergonha, falhanço, inadequação, inibição, apatia, culpabilidade, perda de identidade, desorientação e de culpabilidade.

Estudos apontam para os efeitos de desemprego á nível da estabilidade no trabalho e do menor envolvimento nas decisões da empresa (Parker, Griffin, Sprigg e Wall, 2002) e, tanto o desemprego, o subemprego (Marques, 2004), o trabalho independente, os “falsos independentes” (Kovacs, 2004), como as formas de trabalho temporário ou parcial, flexível poderão trazer perigos para a saúde (Parker et al., 2002). Deste modo, o desemprego pode ser considerado como uma das potenciais fontes de adversidade para a pessoa, recusando-lhe as vantagens de trabalho tais como recursos económicos, contactos sociais com outros trabalhadores, identificação e crescimento pessoal (Moorhouse e Caltabiano, 2007).

A exclusão social, segundo Costa (2001), corresponde á ruptura na relação do individuo com a sociedade, sendo o desemprego um ponto relevante dessa ruptura, sobretudo se for prolongado; contudo, a exclusão é caracterizada não só pela ruptura com o mercado de trabalho, mas por rupturas familiares e afectivas. Neste contexto, o individuo desempregado tem mais doenças, mais sofrimento psicológico, mais deficiências e uma menor longevidade do que aqueles que vivem sem problemas económicos. De facto, o desemprego e a falta de formação profissional têm originado a pobreza, tornando o jovem vulnerável à prostituição, ao consumo de álcool e drogas, a delinquência juvenil, a violência, doenças sexualmente transmissíveis e outros males sociais.

---

Jovens desempregados são diferentes dos adultos desempregados de várias

maneiras. Eles têm, por exemplo, menor dificuldade financeira e grau de pressão social que os jovens casados. De maneira geral, os efeitos registados sobre a personalidade de jovem desempregado como para adultos desempregados são os mesmos, no entanto, devido a grande susceptibilidade da juventude e o facto de se encontrar em transição entre a fase da infância e da maturidade, os efeitos são provavelmente mais duráveis. Autores como Fryer (1991), aludem que a experiência de desemprego é constituída pela intersecção dinâmica da acção pessoal (tal como valores, objectivos, percepções, nível de auto-gestão) e com os contextos sociais poderosos (tal como instituições sociais, expectativas, normas, circunstâncias ambientais e materiais).

### ***2.1.3. Importância da duração do desemprego***

A duração do desemprego tem consequências a vários níveis. Assim, Hajjar, Beelitz e Baubion-Boye (1993), referem que os indivíduos em situação de desemprego não procuram um novo emprego da mesma maneira no início do desemprego e quando este se prolonga. Durante o longo período de desemprego, a pessoa vai ter sucessivas experiências de insucesso na procura de novo emprego, com o desespero a aumentar cada vez mais e a saúde a ficar cada vez mais debilitada, deteriorando-se com o acréscimo da sensação de perda de controlo da situação, conseqüentemente, o que reduz também os comportamentos de procura e dificulta o reemprego. O tempo em que a pessoa está desempregada também lhe retira a possibilidade de experiência profissional, o que reduz também o nível de competição face a outros candidatos a emprego.

O desemprego, particularmente o desemprego de longo-prazo, é uma das mais importantes entradas para a pobreza. Com os benefícios de desemprego e outros tipos de benefícios de substituição dos rendimentos, pessoas desempregadas tem um rendimento significativamente baixo do que os trabalhadores iguais e o seu risco para ficar pobre é significativo. Por outro lado, os benefícios de desemprego são raramente disponíveis para um longo período de tempo e quando uma pessoa não consegue arranjar o emprego, a pobreza instala-se verdadeiramente desde que o acesso aos benefícios de desemprego fica fora (Andersen, 2011).

O desemprego de longa duração em jovens de 16 a 27 anos de idade tem efeitos maléficis a longo termo, não só a nível psicológico, como no nível de consumo de substâncias, principalmente consumo de tabaco e distinguem o desemprego curto e longo,



considerando que o desemprego curto dura entre 6 e 18 meses e o longo dura mais de 18 meses (Hammarstron e Janlert, 2002). O desemprego de longo prazo e a perda de emprego pode fazer com que o trabalhador se confunda, perca a sua personalidade e capacidade de gestão de si mesmo como dos outros, de se considerar como um sujeito produtivo. Por outro lado, a saúde tende a se deteriorar progressivamente a medida que aumenta o tempo de desemprego. A deterioração rápida da saúde mental aumenta entre o 7º e 12º mês, agravando-se por longos períodos de tempo de desemprego. A qualidade de vida piora fortemente depois de seis meses de desemprego e se estabiliza posteriormente (Pozo et al., 2002).

Esta rápida deterioração da saúde mental pode explicar-se através da perda brusca de apoios psicossociais, como a disponibilidade económica, a segurança física, a perda de habilidades laborais, a impossibilidade de prever e planificar o futuro e a perda da posição social valorizada. Os efeitos da duração de desemprego sobre a saúde mental não se limitam apenas aos aspectos estritamente psicológicos mas também estendem-se á saúde física. Neste âmbito, estudos longitudinais apresentaram evidências suficientes de que o desemprego provoca maior morbidade cardiovascular, um aumento do recurso aos serviços sanitários e maiores taxas de mortalidade. Outra consequência de desemprego de longo tempo é a depressão (McKee-Ryan et al., 2005). À medida que o tempo de desemprego aumenta, os sintomas se modificam: além da redução da auto-estima, o indivíduo pode apresentar desânimo, tristeza e isolamento. O desemprego de longa duração foi associado ao aumento do risco de episódios de depressão maior e ao abuso de álcool (Hämäläinen, Hamalainen, Kekoni, Sams, & Tiihonen, 2005).

É importante, também, distinguir as fases correspondentes à situação de desemprego, começando no momento em que se fica desempregado, isto é, o momento da perda de um emprego ou da conclusão da formação académica ou profissional, uma vez que este momento se vai alterando à medida que o tempo passa. Por outro lado, o momento de perda de emprego e o modo como este é sentido pelo indivíduo, pode-se repercutir no tipo de atitudes e acções que ele enceta em relação à sua situação de desemprego, caracterizado por um acréscimo de mal-estar subjectivo. Uma das consequências importantes do desemprego é a falta de uma estrutura externa de tempo. Jahoda (1882) e posteriormente Bond e Feather (1988), argumentaram que os desempregados tendem a reconhecer o uso do seu tempo como menos estruturado e

determinante, que por sua vez é provavelmente associado a diminuição do bem-estar psicológico. Por conseguinte, espera-se uma diminuição da estruturação do tempo como do bem-estar dos desempregados em comparação com as pessoas que estejam na condição de empregados. Outros estudos sobre a adaptação psicossocial de desempregado abordaram a questão sobre as possíveis fases pela qual passam os indivíduos, geralmente, frustrados pelo desemprego. Concretamente, durante os primeiros meses de desemprego, nota-se um aumento de deterioração psicológica na maior parte dos homens de idade média (Warr, 1987).

Nesta tentativa de compreender melhor o comportamento do indivíduo em situação de desemprego prolongado ou de longa duração, foram elaborados modelos explicativos, entre outros, o modelo de Kaufman (1982), que distingue quatro estádios de comportamento do desempregado consoante o tempo de duração do desemprego: (a) Choque, alívio e relaxamento; (b) Esforço concentrado; (c) Vacilações, dúvidas e raiva e (d) Resignação e afastamento.

Indivíduos desempregados tendem a serem substancialmente menos felizes do que indivíduos empregados (Argyle e Hills, 2001). Além disso, indivíduos que algures no passado estiveram desempregados tendem a ser menos satisfeitos do que indivíduos que nunca estiveram desempregados (Clark, Georgellis e Sanfey, 2001). Ao mesmo, suspeita-se que os desempregados poderão sofrer as negativas consequências do desemprego ao um grau menor se eles tiveram a capacidade de impor deliberadamente uma estrutura de tempo nas suas vidas (Diener, 1984; Liang, Kahana e Doherty, 1980). No entanto, os desempregados podem ser menos influenciáveis pelos efeitos negativos do desemprego, sendo melhor ter a capacidade de estrutura. A relação similar entre a estrutura do tempo e o bem-estar pode ser experimentada pelos estudantes, que vivenciam, ao um grau muito baixo, a estrutura do tempo imposta e rígida. Ao contrário, a capacidade de estruturar o seu tempo pode ser largamente desconectada do bem-estar subjectivo para o trabalhador normal desde que a sua vida diária tende a ser exteriormente.

A maior parte dos indivíduos em situação de desemprego não procuram novo emprego da mesma maneira no início do desemprego e quando este se prolonga. Com o passar do tempo em que eles vão tendo sucessivas experiências de insucesso na procura de emprego, a desesperança aumenta, e a saúde mental tende a deteriorar-se com o acréscimo da sensação de perda de controlo da situação. Porém, o impacto negativo do desemprego

de longo prazo sobre a forte procura de emprego poderá diminuir através das atitudes resilientes, tornando-lhes mais fortes nos seus comportamentos.

Alguns autores e grupos de interesse destacaram as consequências de longo prazo do desemprego juvenil, no que diz respeito às certas atitudes profissionais apropriados. Eles são interessados de saber como jovens desempregados tornam-se alienados, sem se preocupar de evitar perder um emprego remunerado. Notou-se também uma maior tendência dos jovens desempregados de longo tempo a autoculpabilizar-se (McFayden, 1995). Clark, Georgellis e Sanfey (2001), aludem que o efeito negativo ao bem-estar diminui quanto mais tempo o individuo estiver no desemprego.

O emprego e sub-emprego constroem muitas vezes os jovens a aguardar durante muitos anos antes de beneficiar das mínimas condições de vida (habitação decente, matrimónio, progenitura, viatura, etc.). Pode-se, então, afirmar que os longos períodos de desemprego traduzem-se em maus estar psicológico, intimamente, ligadas á deterioração do seu bem-estar, bem como á desagregação social que são transtornos mentais leves, depressão, diminuição da auto-estima, sentimento de frustração, desespero e insatisfação com a vida, dificuldades cognitivas e emocionais.

Nuñez e Livanos (2010) investigaram o efeito do ensino superior e do campo de estudo na probabilidade de desemprego de curto e longo prazo. Os economistas distinguem o desemprego de curto prazo e o de longo prazo e destacam que as suas causas e efeitos variam consideravelmente. Desemprego de longa duração é geralmente determinado por factores tais como: decisões de busca e volume de negócios particulares feitos pelos trabalhadores e pelas empresas; a demanda que provoca choques sectoriais no trabalho; e intervenções no mercado de trabalho como o seguro e o desemprego.

#### ***2.1.4. Diferenças de género nas reacções ao desemprego***

Segundo Muchinsky (2004), relativamente ao género não parece haver diferenças significativas na forma de sentir o desemprego, embora o nível de saúde mental não deteriore tanto as mulheres porque têm tarefas domésticas que preenchem mais o seu tempo. Já em relação às estratégias que elas utilizam para lidar com os efeitos psicológicos e pragmáticos do desemprego, parecem tender a utilizar mais o coping focado na emoção, enquanto os homens usam mais o coping focado no problema. Os jovens do sexo feminino sentem fortemente que nos jovens do sexo masculino há a ameaça do desemprego muito

tempo, antes mesmo de concluírem a sua escola ou formação e pretenderem o primeiro emprego encontram-se em condições desfavoráveis ou desvantajosas.

Contudo, apesar das manifestações de Muchinsky (2004), são numerosos os autores que encontraram nas suas investigaciones diferenças entre homens e mulheres quanto a percepção dos efeitos do desemprego. Por exemplo, Reine, Novo e Hamarstrom (2013), demonstraram que desempregados homens podem sofrer mais do que as mulheres de stress financeiro, devido à construção da masculinidade dominante que requer o auto-controle. Os homens têm uma tendência para experimentar mais stress psicológico do que as mulheres. O consumo de bebidas alcoólicas é um indicador de comportamento provocado pelo desemprego e é igual em homens e mulheres.

Segundo Tansel e Tasçi (2010), a probabilidade de sair do desemprego para o emprego nas mulheres é substancialmente menor do que para os homens. No entanto, os efeitos das várias co-variáveis, com a exceção do estado civil, sobre a probabilidade de saída do desemprego para o emprego foram semelhante entre homens e mulheres. Para os homens, ser casado aumentou a probabilidade de desemprego, enquanto para as mulheres casadas diminuiu essa probabilidade. No estudo realizado por Forret, Sullivan e Mainiero (2011), os homens com filhos eram mais propensos a perceber o desemprego como uma derrota do que as mulheres com filhos; e mulheres com filhos eram mais propensas a perceber o desemprego como uma oportunidade do que os homens com filhos. Ter filhos para os homens estava relacionado com a visualização do desemprego como uma derrota. Um homem com as crianças pode ver o desemprego como uma indicação de que ele é um fracasso como o apoio da família e não cumprindo o seu papel e expectativas sociais. Estes resultados ilustram as pressões e alterações que muitos homens sentem quando se sentem impossibilitados de garantir a subsistência dos seus filhos (Friedman e Greenhaus, 2000; Mainiero e Sullivan, 2006). Nas pesquisas feitas por Cinamon e Rich (2002), Ford (2007) e Sullivan e Mainiero (2007), descobriram que os homens tendem a chamar a sua auto-identidade, principalmente a partir de sua função de trabalho, e não de múltiplos papéis e relacionamentos. Para Van der Meer (2012), Blanchflower y Oswald (2005) e Hultman, Hemlin e Hornquist (2006), juntamente com o efeito de desemprego no bem-estar subjectivo também o efeito negativo do desemprego é muito menor para as mulheres do que para os homens. Principalmente os chefes de família reportam maior sofrimento mental de ficar desempregado do que as mulheres casadas, que

vêm a união como uma escapatória, as mulheres sente-se de um modo geral enquadradas no trabalho doméstico. Essas diferenças são menores nas pessoas solteiras.

Hadler (2005) diz que para além das diferenças socioeconómicas também as diferenças demográficas ou culturais são susceptíveis de afectar o bem-estar subjectivo. Segundo Grun, Hauser e Rhein (2010) e Kassenbohmer e Haisken-DeNew (2009), o desemprego tem efeitos diferentes para os homens e para as mulheres. As sociedades que têm um grande número de mulheres, sendo estas a força de trabalho activa, o significado social do trabalho pode ser influenciado por uma mudança de identidade percebida por participantes no mercado de trabalho e as diferenças consequentes da formação de preferências. Eichhorn (2013), encontrou que as mulheres tendem a ter mais níveis elevados de satisfação com a vida do que os homens, resultados que reforçam os já citados por Van der Meer (2012), Blanchflower e Oswald (2005) e Hultman et al. (2006). Eichhorn (2013) também encontrou que o facto de se ter maior renda e ser casado contribui para a satisfação de vida de forma positiva.

Apesar de existirem poucos estudos que incorporam as teorias de género na pesquisa de desemprego, no que se refere as diferenças de género nas reacções ao desemprego, Mossakowski (2009) e Bolton e Rodriguez (2009), aludem que em estudos americanos investigaram a associação entre o desemprego e o consumo de álcool mostraram que há um aumento do consumo de álcool em desempregados homens, mas beber muito também foi relacionado para o desemprego independente do género e da idade. O estudo de Reine, Novo e Hammarström (2013), teve como objectivo investigar se o desemprego entre os homens e as mulheres estava associada com baixa auto-avaliação de saúde e aumento do consumo de álcool. No geral, investigações sobre o desemprego e a saúde continuam a utilizar as teorias que foram inspiradas pelo conceito do homem como o chefe de família (Hammarström, Gustafsson, Strandh, Virtanen e Janlert, 2011). A teoria do stress económico é reconhecida como dificuldades financeiras e está relacionada à diminuição do bem-estar entre homens e mulheres desempregados (Thomas, Benzeval, Stansfeld, 2007) e os desempregados homens (Stronks, Van de Mheen, Van den Bos, Mackenbach, 1997), podem sofrer mais do que as mulheres de stress financeiro devido à construção da masculinidade dominante. A conduta de saúde não é simplesmente afectada pelo desemprego, também é o resultado das normas de género de masculinidades e

feminilidades e relações de poder que dão privilégios aos homens e têm um efeito adverso sobre a saúde tanto mulheres como de homens desempregados (Connell, 2006). Para Kagan e Levi (1975), o desemprego é um evento de vida stressante, e as formas de enfrentamento adaptativos são desfavoráveis as condutas de saúde, particularmente porque nestes casos o uso de álcool, é o mais comum entre homens do que entre mulheres (Bolton e Rodriguez, 2009).

Mossakowski (2009) estudou a influência do desemprego anterior na duração dos sintomas de depressão, e os resultados mostraram que o desemprego de longa duração predizia níveis elevados de sintomas depressivos nos sujeitos entre os 29 e 37 anos, não tendo registado diferenças estatisticamente significativas em termos de género. Contudo, num estudo de Axelsson et al. (2007), sobre a qualidade de vida dos jovens desempregados, os resultados revelaram que o desemprego entre os jovens nem sempre é vivenciado como uma experiência negativa, uma vez que a maioria considerou ter uma boa qualidade de vida (51%). A partir dos estudos revistos, foi possível constatar que a resposta psicológica individual ao desemprego é caracterizada pela heterogeneidade, embora os aspectos negativos pareçam ser mais frequentes. No plano familiar, os estudos empíricos desenvolvidos revelam que o desemprego é um factor importante por detrás da instabilidade conjugal, podendo conduzir a uma situação de separação/divórcio, ainda que apenas o desemprego do homem pareça ter esse efeito (Jensen e Smith, 1990; Wilhelm e Ridley, 1988).

### ***2.1.5. Influência do nível de estudos no desemprego***

A escolaridade é, a nível individual, não só um caminho para obter competências para o mercado de trabalho, dado ser uma forma de acumulação de capital humano, mas também é uma escolha pessoal que toma em consideração mais do que um mero objectivo profissional. A escolaridade de uma população tem uma forte correlação com o nível de desenvolvimento de um país.

Educação é pelo menos tão importante quanto o investimento em capital físico para o sucesso de um país a longo prazo. Uma maneira em que a política do governo pode melhorar o nível de vida é através do fornecimento de boas escolas e do incentivo a população a tirar proveito deles. Estes pontos de vista são reportados para o Reino Unido e

para os EUA (Hornbeck e Salamon, 1991; Prais, 1995). Dada a importância da educação na determinação do bem-estar, é natural que se questione sobre a qualidade da educação. Além disso, o aumento do uso de propinas e outros encargos nos sistemas de ensino da maioria das nações ocidentais, juntamente com os crescentes custos de oportunidade associados à participação em acções de formação em tempo integral num mercado de trabalho dinâmico recentraram a atenção sobre a taxa de retornos privados da educação e formação (Dutta, Sefton e Weale, 1999; Greenaway e Haynes, 2003).

Núñez e Livanos (2010) afirmam que é um facto bem estabelecido que o ensino superior está associada a baixos níveis de desemprego. Em geral, o ensino superior leva a acumulação de capital humano que está relacionado com o aumento da produtividade. As empresas estão ansiosas para manter altos níveis de produtividade, assim, eles não estariam dispostos a demitir funcionários com altas habilidades. Os graus académicos actuam como um sinal de tais habilidades, e os empregadores estão mais interessados em contratar trabalhadores com graus académicos elevados. No entanto, nas últimas décadas, o número de diplomados a entrar no mercado de trabalho tem aumentado significativamente. A rápida expansão do ensino superior tem produzido um número sem precedentes de trabalhadores altamente qualificados, cujo emprego perspectivas tornaram-se mais incertas do que costumava ser algumas décadas atrás. Encontrar emprego tem tornar-se mais difícil do que nunca e pessoas com pós-graduação desempregadas está a aumentar rapidamente (OCDE, 2006).

Moreau e Leathwood (2006), observam uma tendência ascendente sobre os diplomados desempregados na maioria dos países europeus, e prevê que a tendência vai ser bastante persistente. O espaço europeu de ensino superior tem sido, tradicionalmente, focadas, diferenças institucionais e operacionais (Hulsman e Kaiser, 2002). Esta heterogeneidade pode, em certa medida, explicar as diferenças no emprego e as perspectivas dos graduados (Teichler, 2000). Além disso, as perspectivas de emprego também podem variar entre as áreas de estudo. Como Teichler aponta, há um descompasso crescente entre a demanda e a oferta de alguns tipos específicos de graduações, o que cria vários desequilíbrios no mercado de trabalho europeu.

Eggert, Krieger e Mier (2010), aludem que uma maior qualificação formal é sempre associada a uma redução do desemprego. No entanto, do ponto de vista de alocação, a



presença de desemprego tende a distorcer as decisões dos indivíduos. Pode induzir sobre o investimento (Albrecht e Vroman, 2002; Charlot e Glasman, 2005) ou subinvestimento (Acemoglu, 1996; Cubitt e Hargreaves Heap, 1999; Dellas, 1997), na educação, onde argumentos relativos a mudança de curso. No modelo proposto por Eggert et al. (2010), a taxa de desemprego diferencial entre os grupos de habilidades dentro de uma região e entre regiões de um determinado grupo de habilidades, os incentivos para a aquisição de capital humano varia e tendem a ser demasiado fortes.

Já na Europa e nos estudos realizados por Biagi e Lucifora (2008), as taxas médias de desemprego para os jovens também aumentou significativamente, até o final de 1980, e, em seguida, diminuiu ligeiramente nas décadas seguintes, enquanto o desemprego dos adultos variou apenas marginalmente. No mesmo período, os países europeus mostraram mudanças substanciais nas realizações educacionais: tanto o número médio de anos de estudo ea participação dos indivíduos com ensino superior aumentou significativamente. Países com níveis tradicionalmente baixos de educação (no início do período) têm vindo a recuperar, com o número de trabalhadores altamente pessoas educadas crescendo em termos absolutos e relativos. Além disso, a educação parece ser um determinante importante do desempenho dos indivíduos no mercado de trabalho, por mais educados trabalhadores existem entre duas a três vezes menos probabilidade de estar desempregados, em comparação com aqueles que apresentam baixo nível de educação. Assim, ao longo do ciclo económico as suas taxas relativas tendem a divergir. Nos EUA os estudos têm efeitos relativos sobre os salários.

É notório que muitos jovens angolanos enfrentam dificuldades para continuar os seus estudos, bem como inserirem-se pela primeira vez no mercado de emprego do trabalho por vários motivos (pobreza, baixa qualificação profissional, baixo nível de escolaridade, etc.), dedicando-se em emprego precário ou pequenos negócios enquadrados no sector informal para sobreviver e não cometer actos de delinquência. Muitos jovens licenciados desempregados, descontentes, encontraram outras formas de lidar com as situações profissionais precárias, fundando movimentos contra o desemprego, ou trabalhando como voluntário ou fora dos seus países.

Estudos como o de Biagi e Lucifora (2008), demostram que a nível da Europa os jovens também apresentam problemas de desemprego apesar de terem nível de estudos



superior. Já Eggert et al. (2010), no seu estudo, fazem uma abordagem sobre o nível de estudos e a sua relação com a emigração das pessoas. Estes autores encontraram que quanto mais alto é o nível de escolaridade menor é a probabilidade de emigrar porque tanto o salário como os subsídios vão de encontro ao bem-estar das pessoas.

Schomburg e Teichler (2006) proporcionam uma minuciosa análise comparativa de examinar a situação do emprego de mais de 40.000 licenciados em toda Europa. A sua análise não se concentra apenas no desemprego, mas em questões relacionadas com o emprego, tais como a satisfação no trabalho. Schomburg e Teichler (2006) observaram a diversidade de competências, promovidas principalmente por diferenças no sistema de ensino superior de cada país. Alguns países dão ênfase a base de conhecimento, enquanto outros se concentram na preparação directa para a vida profissional. Assim, a transição ao mercado de trabalho é rápida em alguns países como o Reino Unido, Noruega, enquanto o período de busca de emprego é maior em outros países como Espanha e Itália.

Os jovens formados, particularmente os licenciados desenvolvem sempre expectativas vocacionais mais elevadas em que, estudando mais tempo, teriam garantia de emprego (Castro e Pego, 2000), logo, após 16 ou 17 anos de estudo (ou os necessários para obtenção de licenciatura), seriam elas que teriam criado maiores expectativas profissionais (por exemplo, desenvolver uma carreira estável, com a possibilidade de progressão, salário justo, boas condições de trabalho, realização profissional, etc). Mas, na verdade, a construção de carreira de jovens licenciados é hoje muito dificultada, uma vez que, quem procura emprego actualmente, encontra um mercado instável, com aceleradas mudanças tecnológicas, reestruturações empresariais e precariedade, e marcado, sobretudo pela pressão quase insuportável dos elevados e persistentes índices de desemprego, que afectam, sobretudo, os jovens á saída do sistema educativo.

Neste cenário social, indelevelmente, marcado pela continua aceleração da velocidade de mudança na paisagem profissional, no qual a persistente instabilidade profissional gera nos jovens a amarga sensação de não saberem o que fazer com tanta escolaridade e/ou qualificações (Castro e Pego, 2000), sendo alvos de impactos psicossociais. Assim, a realidade do desenvolvimento ou a importância da carreira profissional é hoje brutalmente diferente para os licenciados que alternam situações de emprego e desemprego para os quais ninguém os preparou ou avisou, não deixando, no

entanto, de desenvolver um moderno tipo de carreira profissional que se aproxima do seu sentido etimológico primário, no qual a carreira era uma vereda, um caminho estreito e difícil de percorrer. A justificação da experiência profissional para conseguir o primeiro emprego constitui uma dificuldade intransponível para muitos jovens formados e uma barreira para a sua carreira profissional. O tempo em que estes jovens estão desempregados também lhe retira a possibilidade de experiência profissional, o que reduz o seu nível de competição face á outros candidatos a emprego.

Pode-se dizer então que o desemprego proporciona ao indivíduo o reconhecimento de uma discrepância entre as aspirações e desempenhos, o que pode ser bastante penoso, mas ao mesmo tempo pode estimulá-lo para a exploração de novos valores e reformulação do auto-conceito (Savickas, 2002). De facto, é cada vez mais vulgar e comovedor na actual conjuntura do mercado de trabalho que, por exemplo, indivíduos com qualificações superiores se submetam a trabalhos cujo, nível de exigência é inferior a sua formação, e que não se identifiquem com o trabalho que realizam, continuando a denominar-se profissionalmente de acordo com a sua formação de base e não em função do emprego que sustentam. As habilitações literárias e as qualificações profissionais também são referidas em alguns estudos como mediando o efeito psicológico do desemprego.

Os baixos níveis de escolaridade, em particular, o analfabetismo ou as baixas qualificações técnico-profissionais, podem constituir, por si só, factores de pobreza, tendo em conta a sua capacidade de diminuir a autonomia dos indivíduos, de ser factor de insegurança nos diferentes contactos sociais e limitar a participação na vida social, em geral. O nível de instrução tem uma influência significativa na integração no mercado de trabalho e, por conseguinte, na definição do êxito económico dos indivíduos. Investigações realizadas por Centeno (2001), indicam que existe uma relação entre o ciclo económico e a baixa qualificação, visto que os jovens desempregados não tendem a aumentar as suas qualificações escolares e profissionais por desespero, frustrações e várias outras razões.

## **2.2. IMPACTO DO DESEMPREGO SOBRE O BEM-ESTAR FÍSICO E PSICOLÓGICO**

Os esforços para entender os problemas associados ao desemprego levaram a um conjunto significativo de pesquisas tipicamente focada em trabalho de atitudes de busca,

determinantes de reemprego e a relação entre desemprego e bem-estar físico e psicológico (McKee-Ryan et al., 2005). Dentre as consequências psicossociais do desemprego, destacam-se as afetações ao bem-estar psicológico do homem, intimamente relacionadas às ocorrências de deterioração do bem-estar físico, bem como de desagregação social. As principais afecções ao bem-estar psicológico, segundo Álvaro (1992), seriam: transtornos mentais leves (saúde mental geral), depressão, rebaixamento da auto-estima, sentimento de insatisfação com a vida, dificuldades cognitivas e dificuldades de relacionamento familiar. Assim é que nos parágrafos que se seguem far-se-á uma abordagem sobre o desemprego e o bem-estar físico, o desemprego e o desajuste psicossocial, bem como questões atinentes ao desemprego e a saúde mental e o desemprego e a satisfação com a vida.

### ***2.2.1. Impacto do desemprego na saúde física***

O desemprego como fizemos alusão anteriormente é um sério problema não apenas a nível económico e social mas também contribui para inúmeros desequilíbrios na saúde física e mental, afetando por conseguinte a satisfação com a vida das pessoas. Eggers, Gaddy e Graham (2006), partindo dos seus estudos feitos na Rússia alegam que estar desempregado é uma experiência extremamente negativa. O facto de não ter um emprego foi visto como um quadro pior para felicidade quatro vezes maior do que ter experimentado um divórcio.

McKee-Ryan et al. (2005), sustentam o considerável impacto do desemprego sobre o bem-estar físico e psicológico. Para estes autores o desemprego está ligado à saúde física de duas maneiras: Mudanças nos sintomas, dos níveis de saúde e doença e mudanças na saúde relacionados com o comportamento. Se o emprego está positivamente relacionado com saúde física (Ross e Mirowsky, 1995), o desemprego está relacionado com o aumento da doença física (Turner, 1995) e queixas de saúde (Schwarzer, Jerusalém, e Hahn, 1994) com as queixas na função física diminuída, bem como com o vitalidade de saúde (Roberts, Pearson, Madeley, Hanford, e Magowan, 1997), e ânimo (Muller, Hicks, e Winocur, 1993). Os desempregados apresentam subidas de pressão arterial, de ansiedade, de distúrbios do sono, falta de apetite, doenças crónicas, doenças gastrointestinal, doença hepática crónica, e doenças respiratórias (Rasky, Stronegger, e Freidl, 1996). De Frank e Ivancevitch (1986), Hanisch (1999) e McKee-Ryan et al. (2005) têm examinado uma

grande variedade de como doenças psicológicas (hostilidade, depressão, frustração, raiva, culpabilidade, preocupação, ansiedade, desordens psiquiátricos, suicídio e mudanças no estado emocional ou na vida e carreira de satisfação), para explicar os efeitos da perda de emprego.

Kabbe, Setterlind e Svensson (1996), descobriram no seu estudo que os desempregados exibem mais dores de cabeça e problemas de sono e de saúde física do que os empregados. Os altos níveis de sintomas psicossomáticos em trabalhadores na condição de desempregados são piores do que aqueles que se encontram empregados. Da mesma forma, Grossi, Ahs, e Lundberg (1998) estudaram os efeitos de uma tarefa stressante para os desempregados e mostraram que os baixos níveis basais de saliva, cortisol e baixa reatividade ao estresse estão ligados a resultados negativos, refletindo afetividade negativa e estados emocionais baixos. Assim, o desemprego está conotado a resultados negativos de saúde física. Estes resultados corroboram os anteriores de Rasky et al. (1996), que descobriram que o impacto do desemprego sobre o comportamento de saúde dos desempregados está associado ao aumento de comportamentos de saúde de alto risco. Enquanto que o estilo de vida e comportamentos de dependência são bons preditores de saúde no desemprego (Liira e Leino-Arjas, 1999).

Claussen (1999) e Rasky et al. (1996) alegam que o desemprego está relacionado com o aumento de consumo e abuso de álcool. Os desempregados, diferentemente dos trabalhadores, que consomem mais bebidas alcoólicas e fumam mais, são menos propensos a desenvolver actividade física para perderem peso ou evitarem a obesidade. A higiene corporal como por exemplo escovar os dentes, tomar de medicamentos para dormir, bem como para consultar um médico de clínica geral são aspectos mais propensos para as pessoas desempregadas.

Por outro lado, Liira e Leino-Arjas (1999) nos seus estudos encontraram mudanças mais positivas nos comportamentos de saúde física nas pessoas desempregadas do que nos trabalhadores com trabalhos fisicamente extenuantes. Por conseguinte, os resultados de estudos continuam a demonstrar os impactos negativos do desemprego na saúde física e comportamentos de saúde física.

### **2.2.2. Impacto do desemprego na saúde mental**

Estudos apontam para os efeitos de desemprego á nível da saúde mental (Parker et al., 2002). Existe uma ampla evidência que o desemprego involuntário prejudica a saúde mental (Paul e Moser, 2006; Waters e Moore, 2002).

Os principais factores que estão na origem de grande parte da deterioração da saúde mental são, entre outras, as seguintes:

- A diminuição dos recursos económicos inerente ao desemprego;
- A ausência de ocupação racional e salutar dos tempos livres;
- O desemprego de longa duração.

O desemprego tem um impacto negativo e grave na saúde mental das pessoas (Korpi, 1997). Para Nordenmark, Strandh e Lay (2006), estar desempregado não significa vivenciar os mesmos tipos de prejuízos para todas as pessoas. Os efeitos adversos do desemprego sobre a saúde mental têm repercussões na situação económica do indivíduo, no género, na classe social, na idade, no estado civil, no tempo de desemprego, na anterior experiência do desemprego, na etnia e no envolvimento de trabalho (Nordenmark e Strandh 1999; Viinamäki, Koskela e Niskanen, 1993; Walsh e Jackson, 1995).

Confirmando o aludido no parágrafo anterior encontram-se os resultados encontrados por Burnay, Kiss e Malchaire (2005), em que se encontraram interacções entre status de emprego e de sociabilidade, a satisfação com a vida e saúde mental, por um lado, e da idade, do outro lado. Assim, o desemprego dos jovens é um dos mais graves problemas que teve de ser enfrentado na depressão. A perda de ambição, no sentido de superfluidade e o efeito indesejável de prolongar o período de dependência em pais foram destacados por Eisenberg e Lazarsfeld (1938). Fryer (1997) e Winefield, Tiggemann, Winefield e Goldney (1993), foram os primeiros a demonstrar de forma convincente que os jovens que estavam insatisfeitos com o emprego tinham problemas de saúde mental.

Muitos estudos têm mostrado que o desemprego está associada a um declínio no bem-estar (McKee-Ryan et al., 2005), e vários modelos têm sido propostos para explicar essa deterioração. Jahoda (1982) argumentou que a queda foi relacionada em grande parte a perda de benefícios associados ao emprego como a perda de estrutura própria, a perda de contato social regular. No entanto, Fryer (1995) dice que era a perda de renda e o

subsequente empobrecimento que levou ao declínio ao bem-estar, restringindo o controlo pessoal e reduzindo a capacidade da pessoa fazer planos e organizar a vida de forma satisfatória. Segundo Creed e Evans (2002), estes modelos foram criticados e os estudos passaram a incluir vários traços de personalidade que foram assumidos, como auxiliar no processo de lidar com a perda de emprego, por afectar diretamente o bem-estar. McKee-Ryan e Kinicki (2002), identificaram-se ser precursores importantes do bem-estar para o processo de reacção. O mais importante deles foi relacionados à auto-percepção de valor ou percepção de controlo sobre os eventos de vida do indivíduo, e incluiu auto-estima, auto-eficácia, locus de controlo e neuroticismo, que, juntos, compõem o núcleo auto-avaliação recentemente conceituada construir (Judge, Bono, Ilies e Gerhardt, 2002). O desemprego por si mesmo também está associado com reduções muito substanciais no bem-estar subjetivo (Bjorklund e Eriksson, 1998; Clark, 2003; Cooper, McCausland, e Theodossiou, 2008; Kassenboehmer e Haisken-DeNew, 2009; Winkelmann e Winkelmann, 1998).

Butterworth, Leach, Pirkis e Kelaher (2012) fizeram um estudo sobre se as mudanças no emprego levam a modificações na saúde mental. Os resultados sugeriram que há evidência para uma progressão causal. Graetz (1993), descobriu que indivíduos que se mudaram do desemprego para o emprego tiveram uma melhoria significativa no seu geral de saúde mental. Esta pesquisa é de particular interesse para decisores políticos de modo a desenvolverem programas e políticas que resultem em socio-económico, social na melhoria na saúde das pessoas. A pesquisa realizada por Heponiemi, Elovainio, Manderbacka et al. (2007), é um dos poucos estudos que encontrou provas de que existe um historial entre o desemprego e a saúde. Dooley, Prause e Ham-Rowbottom (2000), descobriram que sintomas de depressão entre os jovens desenvolviam-se geralmente dois anos mais tarde depois de ter perdido o emprego.

É fundamental considerar o impacto social e económico dos transtornos de saúde mental ao quantificar doença. A má saúde mental na pessoa apresenta-se como uma barreira na busca de emprego, tornando-se uma desvantagem onde a conexão entre saúde precária e exclusão de emprego é reforçado ao longo do tempo (Dooley et al., 2000). Um aspecto adicional importante que muitas vezes é negligenciado é a relação entre as circunstâncias de emprego e saúde mental que pode variar ao longo do tempo, de tal modo

que os períodos de desemprego e/ou de saúde debilitada podem durar muito tempo. Existe uma relação entre os problemas de saúde mental e o desemprego, sendo o desemprego de longa duração aquele que apresenta graves consequências para a saúde mental (Mossakowski, 2009). É igualmente evidente que a saúde mental deficiente, indicada por sintomas da ansiedade e da depressão, também está associada com desemprego. Artazcoz, Benach, Borrell et al. (2004) e Dalgard, Dowrick, Lehtinen et al. (2006), verificaram que a associação entre desemprego e problemas de saúde mental, foi mais forte para os homens do que para as mulheres. Já Leach, Christensen, Mackinnon et al. (2008), descobriram que as experiências negativas que envolvem trabalho são relatadas mais frequentemente por homens do que mulheres, um factor que é associada com uma maior depressão e ansiedade.

Obviamente, o impacto do desemprego não é homogéneo mas vários, de acordo com a vasta gama de factores, dentre os quais, pelo menos o contexto social em que ele se insere. Esta contribuição especial esclarece o problema, fornecendo um conjunto de pesquisa de grande valor, vindo de vários pais, cenários culturais e sociais (Fryer, 1997). As hipóteses do estudo realizado por Creed, Lehman e Hood (2009), relacionadas a avaliação pessoal e angústia psicológica foram parcialmente sustentadas. As variáveis sobre a avaliação pessoal revelaram a proporção bastante grande da variância relativamente a angústia psicológica (51%); no entanto, somente, o amor-próprio, nervosismo e o controlo foram os únicos variáveis previsíveis. Em conformidade com pesquisas anteriores, o amor-próprio elevado (Wanberg, 1997), o baixo nervosismo (Creed e Evans, 2002) e mais controlo interno (Creed e Bartrum, 2008), foram associados á angústia psicológica.

A situação de desemprego pode afectar o psiquismo dos jovens, porque aqueles que já estão fora do mercado de trabalho há muito tempo se desencorajam mais facilmente, demonstram pessimismo e dificuldade para se recolocar no mercado de trabalho. A dificuldade de encontrar uma ocupação pode fazer com que a qualificação profissional se deteriore, pois, à medida que o tempo de desemprego se estende, o indivíduo se vê obrigado a aceitar uma subocupação para manter sua sobrevivência, o que pode diminuir sua auto-estima (Menezes e Dedecca, 2006).

Os agravos na saúde podem ocorrer quando o desemprego não é visto como uma

situação transitória, mas como um lugar marginalizado. Neste caso, é difícil falar dessa situação como um lugar reconhecido, principalmente quando o ficar desempregado pode significar não só uma suspensão da estabilidade económica, mas também o aumento da vulnerabilidade do indivíduo, o que afeta a saúde mental (Terra, Carvalho, Azevedo, Venezian e Machado, 2006). No entanto, Butterworth et al. (2012) alegam que quanto mais longo for tempo de desemprego piores são os problemas de saúde mental. Isto é, as pessoas que se encontram desempregadas por um curto período de tempo apresentam menos problemas de saúde mental do que aquelas se encontram desempregadas durante muito tempo.

### ***2.2.3. Desemprego e ajuste psicossocial***

O desemprego pode afectar os aspectos psicológicos, fisiológicos, económicos e sociais de vida dos indivíduos. As diversas investigações efectuadas constataram de uma forma geral que as pessoas desempregadas tendem a vivenciar níveis elevados de depressão, ansiedade, stresse, e angústia geral, juntamente com baixa auto-estima e baixa confiança (Warr et al., 1988). Também Fryer (1991) aponta diversos efeitos possíveis do desemprego, que se poderão fazer sentir em termos de: desmoralização, ansiedade, depressão, falta de esperança, resignação, inactividade, isolamento social, mudanças cognitivas e afectando igualmente o afecto a auto-estima e a saúde física.

Explicações plausíveis para saber como certas variáveis contribuem para baixar o bem-estar no caso de desemprego foram propostas por vários autores. Por exemplo, foi reconhecido que o desemprego prejudica o amor-próprio, ao gerar sentimentos de depressão (Heimpel, Wood, Marshall e Brown, 2002), enquanto, a sensibilidade do nervosismo provoca a redução do bem-estar como as suas influências nas maneiras individuais de perceber e reagir face aos eventos quotidianos negativos.

O efeito do desemprego na vida dos jovens desempregados nota-se pelo aumento do alcoolismo, tabagismo, consumo de drogas, prostituição, delinquência juvenil e violência doméstica e conjugal, com suas consequências imediatas e futuras, como mortes (homicídio, suicídio e acidentes), prisões, desgraças, feridas e vários danos morais, materiais e físicos. Foi também examinada uma grande variedade de variáveis nos jovens em situação de desemprego como as doenças físicas (cardiovascular, imunológica, gastrointestinal, bioquímica, impotência sexual, alteração da tensão arterial e outras) e



sexualmente transmissíveis para explicar os efeitos da perda de emprego (Hanisch, 1999, McKee-Ryan et al., 2005).

Outros estudos têm reconsiderado em que medida a exposição ao desemprego aumenta as taxas de transtornos psicossociais em pessoas jovens. Tais estudos têm-se centrado sobre problemas referentes a saúde mental (Ferguson, Lynskey e Horwood, 1997; Winefield, Winefield, Tiggemann e Goldney, 1991), o crime (Fergusson, Horwood, e Horwood, 2001), o uso e abuso de drogas (Hammer, 1992; Janlert e Hammarstrom, 1992), comportamentos suicidas (Beautrais, Joyce, e Mulder, 1998; Morrell, Taylor, Quine e Kerr, 1993) e outros resultados adversos semelhantes. Estes estudos têm relatado as associações entre a exposição ao desemprego e os problemas de ajustamento psicossocial verificando relação causal entre desemprego e ajustamento pessoal em pessoas jovens. Os resultados do estudo de Ferguson et al. (2001), sugerem que se minimizar as taxas de desemprego entre os jovens seria um provável fio condutor de políticas efectivas para a redução das taxas de distúrbios psicossociais.

Dado o impacto significativo do desemprego na vida das pessoas, é necessário recorrer ao conceito de ajustamento psicossocial para entender melhor como gerir as diversas consequências do desemprego ou facilitar a adaptação ao desemprego. Contudo, a utilização deste termo é ainda vaga e, pode deixar margem para alguns mal entendidos, visto que ainda não existe uma melhor compreensão e descrição de ajustamento e das suas implicações ao desemprego. O ajustamento tem sido conceptualizado de numerosas formas, por conseguinte, Brennan (2001) sugere que o “ajustamento consiste nos processos psicológicos através dos quais o indivíduo gere as diversas pressões ou exigências”.

No entanto, esta definição de ajustamento não se refere especificamente ao desemprego. Alguns modelos teóricos identificaram uma adaptação com sucesso como um processo cognitivo caracterizado pela atribuição de significados, aumento do sentimento de competência e fortalecimento da auto-estima. Qualquer tentativa de definir este conceito, exige a inclusão de vários aspectos importantes do ajustamento, tais como a dimensão social ou espiritual.

De acordo com Brennan (2001), o termo “ajustamento descreve um processo de adaptação que ocorre ao longo do tempo, em que o individuo vai lidando, aprendendo,

acomodando-se às mudanças que foram precipitadas pela alteração das circunstâncias da sua vida”. Desta forma, procurou-se enfatizar uma abordagem psicossocial e de desenvolvimento social que não se resume meramente ao coping, visto como um processo de mudança que ocorre no indivíduo. O grau de ajustamento depende do efeito da combinação das respostas de coping, suporte social e avaliação cognitiva da experiência de ser desempregado.

A literatura psicológica tem demonstrado que o ajustamento a qualquer situação ou problema não é linear, verificando uma grande variação individual na resposta psicológica ao desemprego, sobretudo pelo facto dos jovens serem mais vulneráveis aos efeitos psicológicos adversos do desemprego. Os factores sócio-demográficos (idade, sexo, raça, nível escolar, estado civil, etc.) influenciam obviamente o ajustamento ao desemprego. O ajustamento pessoal ao desemprego é um longo e multifacetado processo que envolve ajustamento psicossocial e físico (Ferguson et al., 2001).

De salientar que o termo psicossocial tem sido utilizado para referir uma grande variedade de factores psicológicos e sociais que se relacionam com o desemprego. Adaptar-se ao desemprego é um processo que exige competência adaptativa e resiliência aos efeitos e desafios provocados pelo desemprego. Janoff-Bulman e Frantz (1997) e Pakenham (2005), propuseram que a adaptação positiva em face da adversidade envolve uma tentativa de encontrar sentido num evento traumático e achar algum benefício nesta experiência.

Um dos modelos teóricos mais conhecidos para qualquer tipo de ajustamento é a teoria sócio-cognitiva de transição (Social-Cognitive Transition Model–SCTM) que enfatiza o contexto social em que ocorre a experiência do indivíduo. Como resultado do seu desenvolvimento social, o indivíduo adquire uma matriz complexa de assumpções acerca do mundo, um mapa cognitivo que se encontra constantemente a ser revisto. Este mapa mental (designado de assumpções nucleares), só é útil se for capaz de prever, avaliar e interpretar a experiência com precisão, permitindo ao indivíduo manter uma experiência coerente e relativamente estável do mundo. Acontecimentos novos ou inesperados exigem a elaboração ou expansão das assumpções acerca do mundo, em que as experiências previsíveis conduzem a um fortalecimento da assumpção que originou essa previsão.

Segundo Brennan (2001), algumas das assumpções nucleares comumente fragmentadas pela experiência de ser desempregado são referentes á trajetória de vida, às representações acerca do próprio (inclui as representações de controlo e de valor pessoal) á natureza das relações de afecto, às questões espirituais e existenciais. Psicologicamente, alguns acontecimentos podem ameaçar as assumpções ou impedir uma reacção adaptada às circunstâncias. Esta desorientação pode perdurar por muito tempo, conduzindo o indivíduo a negar a realidade e viver um ajustamento mal adaptativo. Assim, no modelo SCT, a negação serve para controlar o impacto do desemprego, tendo uma função adaptativa considerável. O sujeito utiliza esta estratégia, temporariamente, para manter e preservar um modelo coerente acerca do mundo. Portanto, podemos constatar que o modelo SCT procura considerar a diversidade de experiência que os jovens desempregados, tanto a nível do desenvolvimento pessoal como de desordens psicológicas, continuando ser um modelo de adaptação normativo, em que o indivíduo e o seu mundo social tentam fazer sentido das mudanças impostas pelo desemprego.

A perda de ambição, o sentimento de desvalorização e o efeito indesejado da prolongada dependência aos pais foram postos em evidência por alguns autores, comentando que “como uma regra há um ressentimento e o desconhecimento mútuo dos jovens que são parcialmente ou totalmente suportados pelos pais em vez do contrário”. Eles destacaram de forma interessante a tendência para ansiedade que levam os jovens, cheio de medo, a aceitar trabalho precário considerado como beco sem saída pelo qual auferem pouco ou nada e pertencer às estéreis linhas de produtos onde não produzem o produto desejado.

O desempregado mais desmoralizado, deprimido e socialmente isolado, é menos visível, ameaçador e perturbador, contrariamente aos outros. Muitos jovens desempregados são, efectivamente, encarcerados por causa do seu estado psicológico debilitado, esquecidos (da mente) do público, políticos e políticas públicas. Estes jovens desempregados são mais visíveis, menos resignados e desmoralizados, o que explica em parte porque eles recebem a maior atenção dos políticos e comentaristas. Estereótipos relacionam estes jovens com alienação, crimes e distúrbio.

Para uma melhor adaptação social ou ajuste psicossocial, os jovens desempregados devem mostrar o interesse em encontrar e assegurar o seu emprego, demonstrado cada vez mais a sua empregabilidade e aprender a dar um significado mais positivo ao

acontecimento. De maneira geral, a empregabilidade refere-se a habilidade que tem o indivíduo de encontrar e sustentar o emprego. A característica do indivíduo neste contexto, empregabilidade é indicada para a probabilidade de obter emprego, através muitas vezes, por procuração mediante os seus factores determinantes (conhecimentos, adaptabilidade e mais outros). Neste trabalho, foi desenvolvido uma conceitualização simples, dos papéis da insegurança de trabalho e empregabilidade, com duas características fundamentais:

- É permitido para um ambiente de incerteza de desemprego e emprego afectar o bem-estar quer directa quer indirectamente através do seu impacto sobre o rendimento esperado. Os efeitos directos são justificados em teoria social e psicologia, enquanto os efeitos indirectos são económicos.

- O quadro permite uma interacção entre desemprego e empregabilidade, e entre insegurança profissional e empregabilidade do trabalhador.

Para tornar este quadro empiricamente exequível, as três variáveis chaves - empregabilidade do desempregado, o risco de perder o trabalho e, empregabilidade do empregado- são directamente medidas pelas subjectivas expectativas das probabilidades das futuras transições de emprego.

A literatura psicológica chegou a conclusão de que a insegurança profissional é a fonte de saúde debilitada e de um baixo bem-estar (Cheng e Chan, 2008; Wichert, 2002). Os efeitos provem de uma variedade de indicadores de insegurança profissional, inclusive a forma do contrato de trabalho (Kompier, Ybema, Janssen, e Taris, 2009). A principal racionalização na teoria da psicologia é o argumento que a insegurança profissional é um estressor, que exerce a sua pressão sobre o trabalho. A perda de controlo sobre o trabalho e a situação de vida situa-se no centro deste processo e a pressão torna-se cada vez mais exacerbada pela incapacidade de avaliar a chance de perder o emprego. O impacto é também interpretado como contribuição para a rejeição do contrato psicológico implícito entre o trabalhador e o empregador (Mauno, Kinnunen, Makikangas e Natti, 2005), e os efeitos do aumento da insegurança profissional sobre a saúde tem sido visto como parte de uma mudança nas relações fortes (Scott, 2004).

Foi reconhecido que o impacto da percebida insegurança profissional sobre o bem-

estar varia entre os indivíduos (Sverke, Hellgren e Näswall, 2002), e através de categorias socioeconómicas, embora eles são poucas firmemente estabelecidas com regularidades através de vários estudos (Nolan, Wichert e Burchell, 2000). Cheng e Chan (2008) encontraram uma evidência forte que os resultados da saúde foram mais graves para velhos que jovens trabalhadores. Mauno et al. (2005), e De Cuyper e De Witte (2007), descobriram que o impacto da satisfação com o emprego é notavelmente grande para o contrato permanente ou provisório de trabalho. Uma importante explicação sublinhada pelas aparentes regularidades é a perspectiva da psicologia, considerando que o impacto da insegurança é moderado pela dependência individual do emprego corrente, o qual é orientado pela segurança económica alternativa e o grau da mobilidade ocupacional.

Esta perspectiva de dependência pode também ser visto como uma interpretação económica; trata-se de propor que a perda de emprego (daí também a insegurança de emprego) tem um grande efeito para os indivíduos que possuem poucos conhecimentos para transmitir e até menos empregável. A dependência a um emprego é também afectada pelos factores institucionais: tem sido encontrado que trabalhador de países com altos níveis de legislação sobre a protecção social de emprego (EPL), exprima a baixa satisfação com a segurança (Clark e Postel-Vinay, 2009). A última conclusão é interpretada como EPL, reduzindo as saídas do desemprego, aumentando assim o custo de perda. No entanto, o mesmo risco de perda de trabalho tem diferentes implicações sobre o bem-estar através de diferentes ambientes institucionais.

Existem evidências de alguma diferenciação no impacto psicológico do desemprego. Por exemplo, o efeito do desemprego indivíduo é menos pronunciado em áreas de alto índice de desemprego (especialmente para os desempregados com poucas perspectivas de emprego), o que é interpretado como um efeito de norma social (Clark, Knabe, e Rätzl, 2010; Powdthavee, 2007; Shields e Whealey-Price, 2005).

O desemprego também pode doer muito menos, no entanto, se havia uma boa chance de sair dele tão cedo. No entanto, o aspecto de incerteza do impacto do desemprego sobre o bem-estar foi somente mal abordado na pesquisa. O termo amplo "empregabilidade" refere-se à capacidade de um indivíduo para localizar e manter o emprego. Como uma característica do indivíduo em seu contexto, a empregabilidade é indicada pela probabilidade de obtenção de emprego, embora muitas vezes em procuração

por medidas de seus determinantes. A medida em que um desempregado é empregável poderá afectar o bem-estar, uma vez mais directa e indirectamente porque espera-se que isso tenha um impacto do rendimento. O impacto directo do aumento da empregabilidade deriva do propósito e esperança que acompanha as actividades de procura de emprego e para a antecipação da futura identidade e as actividades ligadas ao emprego.

Knabe e Ratzel (2008) relatam que as melhores perspectivas de emprego são uma fonte de maior satisfação com a vida em uma análise do painel socioeconómico germânico e, assim fazendo questão de saber se as conclusões do Clark et al. (2001), sobre o impacto do desemprego passado no bem-estar são robustas uma vez que se permite o impacto de futuras perspectivas de emprego. De forma paralela, pouco se sabe sobre o impacto da empregabilidade no bem-estar entre os empregados porque proporciona maior controlo sobre a própria carreira, ou porque poderia ser parte de um novo contrato psicológico em que o empregador ajuda os funcionários a adquirir um emprego de segurança, mesmo se eles têm menos segurança no emprego (De Cuyper, Bernhard-Oettel, Berntson, De Witte, e Alarco, 2008). A falta de empregabilidade também poderia levar funcionários a ficar preso em empregos que não gostam, mesmo que esses postos de trabalho sejam seguros. Em apoio desta argumentação, De Cuyper et al. (2008) encontraram uma associação positiva transversal entre empregabilidade e bem-estar no meio dos trabalhadores belgas. Berntson e Marklund (2007) encontraram uma associação positiva entre alguns indicadores de empregabilidade indirecta de indivíduos empregados e bem-estar mental um ano depois.

Outros estudos têm relatado que o desemprego tem menor impacto sobre o bem-estar entre os trabalhadores mais jovens (Pichler, 2006) e que a insegurança tem um efeito mais forte sobre os trabalhadores mais velhos (Cheng e Chan, 2008). Uma compreensão do papel da empregabilidade na modificação do impacto prejudicial do desemprego e insegurança profissional é grandemente importante para a política de promoção do emprego e formação dos desempregados.

#### ***2.2.4. Desemprego e satisfação com a vida***

Satisfação com a vida ou uma avaliação global de sua vida tem sido identificado por Diener et al. (1999) como um dos quatro componentes que compõem o bem-estar

psicológico ou subjectivo (BES). Os outros três componentes do BES são: afeto positivo, afeto negativo ou aflição psicológica e de domínio ou satisfação baseada na situação de trabalho, da família, de saúde. Ao comparar as amostras empregadas contra desempregados, Paul e Moser (2009) descobriram que a Satisfação com a vida (SWB) dos desempregados é menor do que a empregada, e concluíram que o desemprego provoca angústia mental.

No entanto, a satisfação com a vida não era isolada por Paulo e Moser (2009), como um resultado específico da SWB. Diener (1984) observou que o desemprego tem um impacto devastador sobre o bem-estar subjectivo, para muitas pessoas ele vai além das dificuldades financeiras. McKee-Ryan et al. (2005) constataram que os trabalhadores desempregados têm níveis de satisfação com a vida inferiores do que aqueles que estão empregados. Como nos referimos nos parágrafos anteriores, afeto negativo ou sofrimento psicológico é um segundo componente de BES (Diener et al., 1999), que envolve emoções como culpa, vergonha e constrangimento, e o facto de se ficar na situação de desempregado pode-se desenvolver tais emoções. Segundo Kulik (2000), o estigma do desemprego reflecte a imagem pessoal e social negativa de estar desempregado. Estereótipos de desemprego (por exemplo, ao ser percebida como desmotivada ou incapaz de encontrar um trabalho; viver sem dinheiro) podem levar a sentimentos de inferioridade aos desempregados. Para se sentir valorizado muitas pessoas têm necessidade de mostrar a sua capacidade de ser auto-suficiente, trabalhar muito, e contribuir para a sociedade (Tolciu, 2010).

A Satisfação com a Vida é uma componente cognitivo do bem-estar subjectivo (Albuquerque e Tróccoli, 2003; Kim, 2004). Segundo Freire (2009) a vida pode ser satisfatória, com qualidade e bem-estar, especialmente quando há disposição para enfrentar os desafios que esta nos propõe. Esse intento fica mais fácil quando a pessoa conta com uma rede de suporte social. Frey e Stutzer (2002), Di Tella e MacCulloch (2006), e Diener (2009) puseram em evidência a importância de dados sobre a satisfação com a vida. Fundamentalmente, eles têm demonstrado que a auto-satisfação com a vida corresponde bem a outras variáveis que são relacionadas com o bem-estar individual, a actual tomada de decisão, expressões emocionais, o índice de audiência de algumas pessoas ou actividades cerebrais.

Pesquisas empíricas sobre a subjectiva satisfação com a vida tornaram-se popular, pese embora, baseadas em hipóteses fortes. Ferrer-i-Carbonell e Frijters (2004) designaram 3 hipóteses gerais subjacentes a estudos empíricos sobre a satisfação com a vida, nomeadamente:

- (1) A satisfação é uma procuração valida para o bem-estar individual;
- (2) A satisfação é interpessoal e ordinariamente comparada;
- (3) A satisfação é interpessoal e cardinalmente comparada;

Para além disso, Stutzer e Frey (2010) discutiram a introdução de medidas de satisfação, os quais são supõem providenciar o vasto quadro do bem-estar individual. Nas sociedades individualizadas, a pessoa tende a concentrar predominantemente nos objectivos pessoais, os quais são definidos individualmente, e tirar a satisfação das suas principais realizações. Enquanto, nas sociedades colectivistas, a pessoa mostra um grande interesse para o bem-estar do seu grupo de referencia, contando mais fortemente com as opiniões e apoio da família e amigos, tirando satisfação dos objectivos realizados pelo grupo. Em consideração ao grande sentimento de apoio social das sociedades colectivistas, Diener e Biswas-Diener (2002) tem avançado a hipótese segundo qual a pessoa nas culturas colectivistas pode ser mais satisfeito com a sua vida do que nas culturas individualista. De maneira importante, a correlação positiva entre o individualismo e a satisfação com a vida continua forte quando outras variáveis potencialmente assustadoras são tidas em conta como o rendimento, a igualdade e os direitos humanos.

Diener e Biswas-Diener (2002) também argumentam que o padrão deve ser invertido nos momentos de aflição. A relação entre o individualismo e o bem-estar deve real e deve mudar quando a pessoa está confrontada com algumas situações difíceis particulares, tais como o desemprego. Desde que a pessoa tende a sentir uma grande responsabilidade pessoal para os seus sucessos e as suas derrotas nas sociedades individualistas, elas podem ser felizes quando as coisas correm bem, mas também podem sofrer mais do que pessoas colectivas quando as coisas correm mal. Contrariamente, o desempregado nas sociedades colectivistas pode depender da forte rede social que funciona como um pára-choque.



Indiscutivelmente, o desemprego tem um papel proeminente, dentre os factores que afectam a satisfação com a vida de maneira profunda e definitiva. Em particular, Carroll (2007) e Kassenbohmer e Haisken-DeNew (2009) mostraram que, depois do controlo sobre o rendimento, o desemprego fica mais fortemente ligado com os níveis de satisfação com a vida, e tiraram a conclusão que o desemprego tem um custo não financeiro muito elevado, em adição a um baixo rendimento associado. Dolan, Peasgood e White (2008), realizaram uma extensa revisão da literatura económica sobre o bem-estar subjectivo e seus determinantes na satisfação com a vida tendo descoberto que a ausência de rendimentos está directamente relacionada com as condições e a qualidade de vida. Quanto mais baixos forem os rendimentos das famílias e dos indivíduos por causa do desemprego, menores serão as possibilidades e opções de consumo, afectando as condições para a sobrevivência e o seu bem-estar.

A noção de desemprego voluntário desenvolvida pela teoria económica ortodoxa poderia ser refutada pela pesquisa da felicidade, mostrando que aqueles que tiveram a experiência de desemprego como uma perda persistente na satisfação com a vida. Contudo, a maioria das pesquisas actuais aborda esta questão que conduz a um nível individual ou leva em conta apenas os simples indicadores dos agregados económicos, tais como a taxa de desemprego ou de inflação.

Os efeitos do desemprego sobre a satisfação com a vida, porém, são susceptíveis de variar entre as sociedades de acordo com os factores determinados, além da esfera económica. Este trabalho demonstra a necessidade de considerar um conjunto mais amplo de características de cada país, inclusive indicadores económicos, demográficos e de atitudes ou comportamentos, se a relação entre o desempregado e a satisfação com a vida for percebida adequadamente.

Segundo Huebner, Drane e Valois (2000) e Nickerson e Nagle (2004), os adolescentes e jovens, de uma forma geral, apresentam um nível alto de satisfação com a vida. Apesar disso, certas variáveis podem influenciar no nível de bem-estar, e consequentemente no nível de satisfação com a vida. O suporte social de pais e amigos, exerce uma considerável influência sobre o bem-estar de adolescentes (Helsen, Volleberg e Meeus, 2000; Yaecheski, Mahon e Yaecheski, 2001), assim como a confiança e comunicação entre os adolescentes e seus pais e pares também estão relacionadas ao grau

de satisfação experimentada (Nickerson e Nagle, 2004). Já o aumento do medo do desemprego como um dos seus efeitos nocivos reduz a satisfação com a vida, afectando a decisão de planificar a vida e leva os jovens á manifestar atitudes ou comportamentos reprováveis.

Os jovens adultos, em situação de desemprego, têm dificuldade na criação de uma família, pois a condição de segurança económica necessária faz falta. Além disso, alguns investigadores da linha da teoria de Erikson afirmam que o desemprego em idade jovem atrasa o desenvolvimento psicossocial saudável, pois impede o desenvolvimento da identidade ocupacional. É entre os trinta e os cinquenta anos que mais problemas advêm e que são os jovens em busca de primeiro emprego, independentemente da qualificação, que sofrem de maior frustração e confusão de identidade (Winefield, 2002).

Os jovens que tentam ingressar no mercado de emprego sonham realizar seus projectos profissionais ou de vida, constituir família e ter independência económica. Porém, seu sonho, na maioria das vezes, se converte em pesadelo, quando vivem um itinerário descontínuo, ao longo de vários anos. As dificuldades para encontrar o primeiro emprego, são cada vez maiores, devido a falta de experiência profissional e de mecanismos eficazes que facilitem a transição da escola para a vida activa, exigindo maior escolarização, critérios selectivos e conhecimentos profissionalizantes.

Contrariamente, uma inserção bem sucedida do jovem no mercado de trabalho contribui para a satisfação com a vida, o estabelecimento das relações sociais, dos processos de identificação, valorização e do reconhecimento de pertença a uma sociedade. Com o emprego garantido, pese embora o nível baixo dos salários, os jovens sentem-se realizados e satisfeitos na sua vida, mantendo a esperança que os melhores dias virão. Deste modo, o trabalho ou emprego é encarado como uma situação que, nas suas condições normais, potencializa o bem-estar subjectivo do sujeito.

### **2.3. FACTORES DE PROTECÇÃO RELACIONADOS COM O DESEMPREGO**

Estudos da psicologia social e sociologia têm identificado uma série de variáveis moderadores que podem aumentar ou reduzir as consequências negativas de emprego. As referidas variáveis podem ser agrupadas em 4 categorias:

(a) Variáveis Económicas: Disponibilidade do bem-estar social, compensação para o desemprego, o último ou anterior salário antes do desemprego.

(b) Variáveis Demográficas: Idade, género, classe social, grupo étnico, parentesco.

(c) Variáveis Sociais: normas e valores, sistema de apoio social.

(d) Variáveis da personalidade: o estilo de coping, a firmeza de carácter, a vulnerabilidade pessoal, o controlo das crenças, a auto-estima, habilidades do dominar a estrutura do tempo.

Vários factores podem moderar os efeitos do desemprego, e que muitas vezes são reconhecidos como tal, ou pelo menos, subentendem-se a partir da leitura da literatura existente, mas que não são objecto de estudo nesta investigação. Os factores que moderam os efeitos do desemprego no indivíduo desempregado e o tipo de estratégias que ele tenderá a utilizar podem ser diferenciados em duas grandes categorias: (a) factores externos ao indivíduo (isto é, circunstâncias de vida, tipo e causas do desemprego, contexto sócio-económico em que ocorre o desemprego) e (b) factores internos ao indivíduo (como por exemplo, o significado que atribui ao trabalho, projectos de vida, formas habituais de lidar com as exigências das transições, locus de controlo, auto-estima, etc. (Fryer, 1991). Convém, no entanto, sublinhar que, a influência dos factores “externos” não se fazem sentir por si só, mas está também dependente da importância ou significado que o desemprego lhes atribui.

Os factores de protecção são identificados nos seis domínios da vida: individualidades e predisposições, meio familiar (relações familiares e atitudes parentais), escola (clima seguro ou inseguro), amigos (envolvimento ou não com drogas), sociedade (tendências económicas, falta de emprego), comunidade (organização ou desorganização) (Zweig, Phillips e Lindberg, 2002).

Olhando os aspectos da individualidade é preciso ressaltar que os jovens não são um recipiente passivo ou objecto controlado por influências familiares ou sociais e nem por determinações externas. São participantes activos do processo de formação de vínculos e de transmissão de normas. As suas características físicas, emocionais e sociais interagem na dinâmica de socialização, permitindo a metabolização subjectiva dos factores externos. Em geral, as pessoas valorizam a companhia dos amigos, as actividades

de grupo, o sucesso na escola, a boa relação com os pais. Porém, cada um avalia de forma diferente a rejeição dos amigos ou a sua exclusão de um grupo. A experiência da rejeição pode ter efeitos deletérios imediatos na cognição social, na auto-imagem e na auto-estima. Também a mesma experiência pode ter efeitos saudáveis no ajustamento de longo prazo, motivando-a a se posicionar de forma a ser aceita no futuro (Tarter, Sambrano e Dunn, 2002).

Alguns factores servem como protecção e auxiliam o jovem a interagir com os eventos geradores de estresse, como o desemprego, evitando consequências negativas. Entre esses factores, estão: as características individuais (auto-estima, inteligência, bom repertório de habilidades sociais e capacidade de resolução de problemas), o apoio afectivo dos familiares e o apoio social externo, como escola, igreja e amigos (Masten e Garmezy, 1985). No presente trabalho faremos uma abordagem sobre alguns dos factores de protecção relacionados como o desemprego que são a resiliência, a auto-estima, os apoios sociais e o controlo emocional.

### ***2.3.1. A resiliência como recurso para suportar o desemprego***

Etimologicamente, o termo “*resiliência*” tem a sua origem do latim, *resilio* ou *resiliens*, que significa voltar atrás, saltar para trás, ser impelido, recuar, encolher-se, e romper. Pela origem inglesa, resiliente remete á ideia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação, de acordo ao conceito original de resiliência atribuída á física.

A psicologia positiva, um movimento dentro da psicologia que visa provocar nos psicólogos uma visão mais aberta dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas (Yunes, 2003), apropria-se desse conceito e redefine por resiliência a propriedade de uma pessoa recuperar-se e manter um comportamento adequado após um dano. É a propriedade que ela tem, não de voltar à sua forma original como os objetos da física, mas de minimizar ou dominar os efeitos nocivos da adversidade, em uma resposta ao risco (Zomignani, 2002). Essa possibilidade de superação significa, então, não uma eliminação de algo, mas sua resignificação (Pesce, Assis, Santos e Oliveira, 2004). Não é um atributo de nascença ou adquirido; antes, é um conjunto de processos psíquicos e sociais que ocorrem em um tempo, dadas certas condições. Opera no nível das relações, das oportunidades de participação, do estabelecimento de vínculos, do desenvolvimento

de interesses e da própria vida (Fundación Paniamor, 2003; Pinheiro, 2004; Yunes, 2003). A teoria refere-se, também, a grupos, organizações e comunidades.

Assim, pode-se falar em resiliência organizacional, coletiva ou comunitária (Zomignani, 2002). Barrientos (2003) exemplifica como resiliência comunitária, diversas experiências na história do mundo com respostas resilientes coletivas que permitiram a países da América Central e do Sul (como o Perú), do Sudeste asiático e, em alguma medida, a Alemanha e o Japão, superar adversidades. A Fundación Paniamor (2003) destaca que a percepção de pertencer a uma comunidade, de afinidade com os valores de outros faz parte da resiliência. Se existem condições internas a cada pessoa que tornam possível a construção da resiliência, esta pode também se dar na colectividade, pela influência recíproca indivíduo-colectividade.

A maior parte dos estudos sobre resiliência tem sido realizada por psicólogos, médicos, pedagogos e tem tido como foco crianças e jovens (Moraes e Rabinovich, 1996). Os estudos buscam compreender como pessoas que crescem em um ambiente difícil, como aqueles que revelam efeitos devastadores de guerras, de violências, de separações, não necessariamente permanecem nele; ao contrário, reverterem a situação (Fundación Paniamor, 2003), são pessoas, em geral, com boa auto-estima, algumas competências essenciais, preocupação com o futuro, capacidade de dar sentido à situação a fim de poder sair dela, informadas, flexíveis, com conhecimento da própria história, esforçadas, que se sentem amadas e aceitas pela família ou por quem simbolicamente a substitui. Sintetizando, estudiosos apontam as características de personalidade, a coesão familiar e sistemas externos de apoio como factores de protecção que compõem a resiliência (Lindstrom, 2001; Yunes, 2003).

Em geral, estudos sobre resiliência buscam sua compreensão com o intuito pragmático de criar na família, na escola, na comunidade, no próprio indivíduo, condições que lhes permitam ser resilientes. Fundamentados, basicamente, na psicologia positiva, estudos em administração também vêem resiliência como um processo, que varia com o tempo e com as circunstâncias. As pessoas vão adquirindo a habilidade de identificar o que é estressante e de avaliar a ação dos outros, assim como vão adquirindo competência para lidar com adversidades e recuperar o equilíbrio de suas vidas, à medida que vão sendo bem-sucedidas (Richardson et al., 1990). Períodos de transição são particularmente

importantes para a resiliência, porque, em geral, são períodos de muito stresse.

No contexto do desemprego, a presente pesquisa define resiliência como a capacidade de suportar com sucesso a adversidade de desemprego como demonstrado pelo comportamento de forte procura de emprego e pela boa disposição mental. Sendo a resiliência um processo, isso supõe que os efeitos positivos são resultados das qualidades próprias da resiliência (Competência pessoal, atitudes) que atenuam os efeitos da adversidade do desemprego. É possível, perante uma situação de desemprego, conceptualizada como uma adversidade, ser resiliente e conseguir uma adaptação bem-sucedida. Moorthouse e Caltabiano (2007) verificaram que os sujeitos desempregados com qualidades resilientes tinham menores níveis de depressão. Com efeito, determinados fatores poderão proteger o indivíduo e atenuar os efeitos negativos do desemprego, entre os quais a intrepidez, as estratégias de *coping* e o apoio social (incluindo do companheiro). Por outro lado, a fraca capacidade de procura de emprego, períodos prolongados de desemprego, dificuldades financeiras e pouca disponibilidade de trabalho, poderão constituir-se como fatores de risco na adaptação ao desemprego. Embora a experiência para a maioria das pessoas em situação de desemprego possa ser resumida em termos de desespero, renúncia ou passividade, e evidente que alguns indivíduos são capazes de neutralizar muitos dos efeitos psicológicos e físicos do desemprego, envolvendo-se em actividades diversas como passatempos, educação e trabalho voluntário.

Face ao exposto, os desempregados com qualidades resilientes (isto é, autoconfiança, independência, determinação, engenho e perseverança) e atitudes positivas, parecem ter maior probabilidade de adoptar um comportamento assertivo na procura de emprego, o que pode ser um aspeto facilitador no processo de adaptação (Moorthouse e Caltabiano, 2007). Porém, e apesar da pertinência desta temática, por exemplo, na prevenção de comportamentos disfuncionais, são ainda escassos os estudos sobre a adaptação bem-sucedida ao desemprego, particularmente no âmbito relacional.

Durante os períodos de stresse, provocado pela frustração e dificuldades do desemprego, a resiliência pode servir de recurso interno que o indivíduo pode usar (Almedon, 2005). De facto, a experiência do desemprego pode ser comparada ao trauma (Mol et al., 2005) e a resiliência pode ser considerada como um importante recurso quando as pessoas ficam desempregadas (Moorthouse e Caltabiano, 2007). Além disso, a

resiliência foi, por sua vez, relacionada com o apoio social. Em outras palavras, o apoio social pode ser esperado para promover a resiliência (Brennan, 2008).

O desemprego como já anteriormente nos referimos é um evento estressante que pode afectar o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos. Para Dooley, Fielding e Levi (1996), esta afetação depende dos recursos de enfrentamento e outras variáveis que facilitam ou inibem o seu efeito. Sojo e Guarino (2011) realizaram um estudo com o objetivo de conhecer a relação entre a duração do desemprego e as características positivas da personalidade que formam a resiliência, o enfrentamento e o bem-estar ou índices saúde. O efeito moderador de algumas diferenças individuais na relação entre os fatores de stresse e de saúde, podem ser factores de proteção ou de risco, dependendo da circunstância. Também a mediação que pode ocorrer do enfrentamento, tem sido usada como o indicador mais próximo do bem-estar em diferentes estudos sobre estresse (Bethelmy e Guarino, 2008; Guarino, Sojo e Bethelmy, 2007).

Os indivíduos mentalmente saudáveis têm auto-estima elevada, alto controle percebido sobre o meio ambiente, e um optimismo alto. Sempre que um evento stressante acontece, ocorre uma adaptação cognitiva, concebida como um recurso geral e estável para melhorar o processo de enfrentamento. Esta adaptação é composta por três fenómenos: primeiro, procurar entender porque é que a situação aconteceu e qual o seu significado para a própria vida, o que, dependendo da interpretação pode levar a mudanças no sentido da vida; em segundo lugar, tentar obter uma sensação de controlo, isto é controlar a situação, pode levar a mudanças de comportamento, com a intenção de obter controlo; em terceiro lugar, estão envolvidas ações para restaurar a auto-estima do sujeito.

Desta forma, os elementos centrais da teoria são: (1) a busca de sentido da experiência ou evento, (2) uma tentativa de obter controlo sobre a situação e as suas consequências, e (3) o desenvolvimento de idéias positivas (sobre a pessoa e o meio ambiente) para lidar com a situação. Assim, é possível a reestruturação da própria visão do mundo e da percepção das causas e dos efeitos do evento stressante. Estes elementos estão relacionados com três variáveis: a auto-estima, o controlo percebido e o optimismo. Estas características da personalidade foram nomeadas como variáveis de adaptação cognitivas e propuseram uma relação de mediação em que o enfrentamento, influencia a saúde geral dos indivíduos. Wanberg (1997) operacionalizou as variáveis dessa teoria por meio da

Escala de Autoestima de Rosenberg (1965), o Teste de Orientação de Vida, uma escala de optimismo (Scheier, Carver e Bridges, 1994), e a escala de controlo percebido "Domínio escala" (Pearlin, Menaghan, Lieberman e Mullan, 1981), gerando um índice composto denominado "resiliência". Esta medida disposicional de resiliência foi utilizado como um preditor directo das estratégias para lidar com o desemprego, que ao mesmo tempo deve servir em seu modelo como mediadores do impacto da resiliência em saúde. No estudo de Wanberg a alta pontuação na resiliência está relacionado a duas estratégias de enfrentamento: organização (gestão de aspectos da própria vida que não estão relacionados ao trabalho) e auto-avaliação positiva. Da mesma forma, os altos níveis de resiliência foram associados com uma melhor saúde (avaliada com a versão curta do Questionário de Saúde Geral, Golberg, 1972). Ambas as estratégias de enfrentamento foram preditores de melhor saúde.

Sojo e Guarino (2011) descobriram que existe uma relação entre resistência e saúde dos indivíduos. Portanto, existe uma interação entre a resiliência e coping emocional e o seu efeito sobre a depressão faz com que as pessoas se avaliem de forma positiva, sejam optimistas e mantenham um senso de controlo pessoal sobre as situações stressantes. Em períodos mais longos de desemprego os indivíduos com maior resiliência usam coping, enquanto as pessoas com menor capacidade de resistência evitam usar menos o enfrentamento em circunstâncias semelhantes. Estes resultados ilustram como as pessoas resilientes que vivenciam situação stressante por muito tempo adotam um mecanismo útil para proteger-se da situação, o que significa distanciar-se emocionalmente do evento, a fim de experimentar emoções menos negativos numa situação que pode ser incontrolável. Pelo contrário, as pessoas com menor capacidade de resiliência evitam usar o enfrentamento em curtos períodos de desemprego, o que pode colocar em risco as suas oportunidades de re-emprego. No estudo de Sojo e Guarino (2011), a resiliência actuou como um factor de protecção do funcionamento social por longos períodos de desemprego. Assim, os indivíduos ricos em resiliência continuam a tomar decisões importantes nas suas vidas e a sentirem-se mais satisfeito consigo mesmo e com o que fazem, independentemente do tempo em que estão desempregados.

### ***2.3.2. A auto-estima como variável moderadora do impacto do desemprego***

Por auto-estima, entende-se a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo. Expressa

---



uma atitude de aprovação ou de repulsa de si e engloba o auto-julgamento em relação à competência e valor. É o juízo pessoal de valor revelado através das atitudes que um indivíduo tem consigo mesmo, sendo uma experiência subjectiva acessível às pessoas através de relatos verbais e comportamentos observáveis (Coopersmith, 1967).

O termo Auto-Estima tem sido explorado de diversas formas. Por um lado, a Auto-estima global que se refere à forma como a pessoa se sente em geral consigo própria, por outro lado, a auto-estima específica, referindo-se à forma como as pessoas avaliam os seus atributos específicos e habilidades, isto é, se uma pessoa se vê como capaz em determinada área, os demais irão considerar que a pessoa tem uma grande auto-estima nessa mesma área (Dutton e Brown, 1997). Esta última, influencia as respostas cognitivas face ao sucesso e ao insucesso, ao passo que a primeira influencia as respostas emocionais. Desta forma, a auto-estima global torna-se mais marcante, uma vez que envolve a avaliação da forma como a pessoa se sente perante uma falha. Não obstante, a auto-estima global acaba, igualmente, por desempenhar um papel crítico na vida psicológica, na medida em que está envolvida com o lidar com a rejeição e o ultrapassar obstáculos. Bednar e Peterson (1995) definem a Auto-estima como o “sentimento duradouro e afectivo de valor pessoal, baseado em auto-percepções precisas”

A auto-estima é um importante factor de predição do comportamento de procura de emprego (Kanfer, Wanberg e Kantrowitz, 2001). Além disso, pesquisas demonstraram que o desemprego reduz a auto-estima individual (Paul e Moser, 2009). Este conceito pode ser avaliado segundo os diferentes níveis seguintes: baixo, médio e alto. A baixa auto-estima caracteriza-se pelo sentimento de incompetência, de inadequação à vida e incapacidade de superação de desafios; a alta expressa um sentimento de confiança e competência; e a média flutua entre o sentimento de adequação ou inadequação, manifestando essa inconsistência no comportamento (Branden, 2000; Rosenberg, 1989).

A pesquisa experimental tem demonstrado que a auto-estima não é uma característica estável, mas sim é susceptível a modificações face a determinadas as situações e os motivos que o indivíduo vivencia (Bednar, Wells e Peterson, 1989). Tem se feito uma associação entre auto-estima e o status, com pessoas desempregadas (Tiggemann, Winefield e Brebner, 1991), havendo alguma evidência de que os níveis reduzidos de auto-estima contribuem para prolongar o retorno do indivíduo ao trabalho.

Vários estudos também avaliaram os resultados de auto-estima para as pessoas desempregadas que frequentam programas de formação. Muller et al. (1993) estudou os efeitos dos cursos de desenvolvimento pessoal em relação ao nível de auto-estima das mulheres desempregadas. Creed, Hicks e Machin (1998) avaliaram os resultados psicológicos das pessoas desempregadas que participaram de programas de treinamento de habilidades profissionais. A Formação dos desempregados melhorou uma série de variáveis do bem-estar, incluindo auto-estima e a auto-eficácia. Branden (1969) argumentou que a crença na capacidade de uma pessoa para mudar a própria situação foi um fator determinante no nível de auto-estima. Assim, o indivíduo desempregado, à procura de emprego com níveis altos de auto-estima e de autoeficácia têm uma maior capacidade de mudar de situação. A auto-estima tem sido amplamente utilizada como uma medida de bem-estar, e a auto-eficácia foi mais utilizada como um preditor de comportamento, na busca de emprego (Wenzel, 1993). A auto-eficácia pode ser vista como um catalisador para um aumento do bem-estar.

### ***2.3.3. Importância do apoio social no desemprego***

A definição de apoio social não é consensual. Trata-se do grau com que relações interpessoais correspondem a determinadas funções (apoio emocional, material e afectivo), com ênfase no grau de satisfação do indivíduo com a disponibilidade e qualidade dessas funções. O apoio social também pode ser visto como a percepção ou a informação que leva o indivíduo a acreditar que é querido, amado, estimado e valorizado, e que faz parte de uma rede social com compromissos mútuos ou obrigações mútuas. É de ressaltar que o apoio social deve ser compreendido como um processo recíproco, isto é, que gera efeitos positivos tanto para quem recebe como para quem oferece o apoio, permitindo que ambos tenham maior sensação de controlo sobre suas vidas. As oportunidades oferecidas pela rede de relações de um indivíduo que lhe proporcionam sustentação (emocional, de informação, material, afectiva, etc.) diante de situações stressantes, de crise ou readaptação são chamadas apoio social, que os indivíduos podem dispor, nomeadamente, o apoio a nível familiar, do círculo de amigos, da comunidade, ex-colegas de trabalho, instituições familiares, centros de emprego, centros de acompanhamento médico e psicológico, grupos de ajuda, etc.

Vários estudos como os de Matsukura, Marturano e Oishi (2002) e Schwarzer e

Knoll (2007), têm apontado a associação entre apoio social e os níveis de saúde e/ou a presença de apoio social funcionando como agente “protector” diante do risco de doenças induzidas por stress. Assim, podemos postular que o apoio social pode contribuir para manter a saúde das pessoas em momentos de stress, pois desempenha função moderadora ou mediadora, permitindo ao sujeito lidar melhor com as perdas e problemas no dia-a-dia. Por essa razão é importante que se perceba que se tem alguém com quem contar, sentir-se apoiado emocionalmente ou materialmente melhora a autoconfiança, a satisfação com a vida e a capacidade de enfrentar problemas, reflectindo positivamente na saúde.

A literatura mostra que o apoio social favorece a recuperação do indivíduo a medida em que a pessoa é capaz de entender este cuidado como acessível quando necessário; ou faz o indivíduo acreditar que é aceito pelo grupo de relações ao qual pertence (Pruitt e Zoellner, 2008; Schwarzer e Knoll, 2007). Alguns autores fazem uma distinção dos tipos de apoio social, dividindo-o em três classes: informação que leva o sujeito a acreditar que é amado e que as pessoas se preocupam com ele; informação que leva o indivíduo a acreditar que é apreciado e que tem valor; e por último, informação que o conduza a acreditar que pertence a uma rede de comunicações e de obrigações mútuas.

Embora o conceito de apoio social tenha recebido maior atenção da comunidade científica, ele ainda não constitui uma medida válida para diferentes culturas e contextos (Zanini, Verolla-Moura e Queiroz, 2010). É cada vez maior o interesse pelo estudo dos efeitos do meio social sobre a saúde dos indivíduos. Por outro lado, também é conhecido que os laços sociais influenciam os comportamentos em relação à doença e à saúde, afectando as capacidades adaptativas em diversas situações. Dentre as diferentes percepções englobadas na expressão “laços sociais”, dois conceitos se destacam: rede social e apoio social. As redes (*net works*) são definidas como “teias” de relações sociais que circundam o indivíduo, bem como suas características, por exemplo, disponibilidade e frequência de contacto com amigos e parentes, ou como os grupos de pessoas com quem há contacto ou alguma forma de participação social, por exemplo grupos religiosos e associações sindicais. Além desses dois aspectos, outros autores adicionaram a “ancoragem social” (*social anchorage*), que descreve a percepção do grau de identificação ou vínculo entre o indivíduo e os grupos formais e informais a que pertence (por exemplo ambiente de trabalho, área de moradia, família).

Eles distinguem duas formas de se avaliar o apoio social: o percebido e o recebido. O primeiro refere-se ao apoio social que o indivíduo percebe como disponível caso necessite dele; o segundo descreve o apoio social tal como é recebido por alguém, ainda que não exista a avaliação da existência deste apoio social. Eles também ainda propõem outra taxonomia do apoio social, baseada na percepção do indivíduo: o apoio social descrito e o apoio valorado. O primeiro refere-se à presença de um tipo particular de apoio percebido, e o segundo, a uma avaliação de que esse comportamento de apoio é valorado como satisfatório ou que efectivamente serviu de ajuda. Para Ramos, Peiró e Ripoll (2002), a ajuda recebida e a ajuda dada contribuem para um senso de controlo pessoal, e isso tem uma influência positiva no bem-estar e na satisfação com a vida das pessoas.

O apoio social tem sido considerado como um factor de protecção nas situações de extremo stresse. Vinokur e Caplan (1987) argumentam que o apoio social era um importante pára-choques contra as doenças mentais para pessoas altamente motivadas que nunca encontraram o emprego. Segundo Roberts et al. (1997), muitas características individuais interagem para criar sistemas de apoio social que em função do ambiente e do tempo, podem ter tanto um impacto positivo como negativo na saúde. O impacto como o emprego na saúde das pessoas não é fácil de quantificar. Na vida os problemas, como o desemprego, raramente surgem isoladamente e cada um pode fazer exigências sobre as diferentes fontes de apoio. Roberts et al. (1997) afirmam que, com o aumento da demanda e os longos períodos tempo de desemprego, os factores sociais influenciam tanto na saúde física como na saúde mental de forma independente. O apoio social pode ser medido em muitas maneiras diferentes, sendo que a mais utilizada tem sido a percepção de suporte social. Portanto, um forte apoio social oferece efeitos benéficos para a saúde mental especialmente em pessoas desempregadas.

Recursos sociais têm um efeito particularmente acentuado na forma como os indivíduos lidam com o desemprego: a pessoa afetada lida com a perda do seu trabalho com mais sucesso se tiver uma rede de apoio social pois assim não se sente sozinho (Bjarnason e Sigurdardottir, 2003). O estudo feito por Axelson e Ejlersson (2002) revela que o apoio social parece ser mais importante para os homens desempregados do que para as mulheres desempregadas, igualmente mostrou-se importante o apoio do pai, a mãe e os parentes do sexo masculino.

Existem pelo menos duas perspectivas para explicar porque é que o apoio social pode ser útil. Primeiro, o apoio social pode atenuar os efeitos de stressores, os quais foram confirmados pelas análises feitas. Tendo em conta que o desemprego constitui-se num factor de stress grave, o apoio social poderá também moderar os efeitos negativos do desemprego sobre a saúde mental (Paul e Moser, 2006).

Para Slebarska, Moser e Gunnesch-Luca (2009), parece ser óbvio que o apoio social esteja relacionado com o comportamento de busca de emprego. Durante o desemprego, as pessoas sentem-se inseguras sobre as suas actividades de procura de emprego e o apoio social representa um importante recurso para tal situação. O apoio social positivo vindo do cônjuge pode influenciar a crença de um indivíduo de que começar o processo de procura de emprego é uma actividade importante, útil e benéfica. O apoio social pode estar relacionado ao comportamento de busca de emprego, pois é um recurso em si, e que está relacionado com outras variáveis mediadoras como por exemplo, a auto-estima, expectativas optimistas, resiliência.

A falta de apoio social no trabalho pode ser mais ameaçador para homens do que para mulheres (Ackerman e Kenrick, 2008). O apoio social proveniente da rede social do indivíduo pode ser eficaz, mas somente quando o tipo e quantidades são percebidos como apropriados. Bolger e Amarel (2007) encontraram efeitos negativos de ajuda caso a sua oferta se comunica com uma sensação de impotência ou ineficácia ao indivíduo que recebe. Portanto, existem dois significados de adequação. Primeiro, diz que podem ser apropriados diferentes tipos de apoio social, dependendo da situação específica do indivíduo. Por exemplo, uma taxa elevada de desemprego local pode significar que o melhor que o desempregado pode fazer consiste a aprender a suportar a sua actual situação de desemprego e alguns tipos de apoio emocional podem ser úteis. Contudo, quando as oportunidades de emprego são disponíveis, o apoio instrumental que ajuda durante a procura de emprego deve ser mais apropriado. Infelizmente, embora pareça ser plausível que nem todo o tipo de apoio social é igualmente adequado (Viswesvaran, Sanchez e Fisher, 1999). Um segundo significado de adequação do apoio social diz respeito a sua intensidade. Quando esta intensidade relacionada com o apoio social pode ser percebida como controlo social (externo). Determinadas situações fazem com que as pessoas se sintam totalmente dependentes de outras pessoas ou instituições não estão unicamente

relacionados com a sensação de serem apoiadas, mas também com a sensação de serem controladas. Logo, a oferta de ajuda pode até diminuir a auto-eficácia (Lindorff, 2000), que, por sua vez, reduz provavelmente as actividades de procura de emprego (Schwartz e Knoll, 2007), e o emprego do sucesso (Salmela-Aro e Nurmi, 2007).

O acto de trabalhar, no contexto de um emprego, na sociedade em que vivemos, representa “*o elo de ligação do indivíduo com a realidade, o meio que lhe confere uma identidade de pertença*” e o contexto de trabalho é um contexto muito particular, “*no qual os colaboradores constroem significados e relações que são muitas vezes únicas*”.

## **2.4. ESTRATÉGIAS DE COPING FACE AO DESEMPREGO**

Os fatores estressantes ameaçam o bem-estar psicológico, pois parecem exceder a capacidade das pessoas em lidar com o stress. São exemplos de eventos stressantes: a perda de emprego, morte do cônjuge, entre outros. Mas o stress também pode ser experimentado em função dos eventos do dia-a-dia, das pressões da luta cotidiana (Smith e Mackie, 1997). A forma como os jovens enfrentam esses eventos da vida diária tem implicação na sua saúde mental e física, principalmente no tocante à depressão (Brissette, Scheier e Caver, 2002).

No âmbito da Psicologia Social, o construto *coping* está relacionado ao modo como as pessoas enfrentam dificuldades ou circunstâncias stressantes. *Coping* consiste na capacidade que o indivíduo tem para pensar e agir da melhor forma possível, frente a situações de stress. O *coping* é uma das principais ferramentas para o seu manejo do stress, além de ser usualmente considerado como o mediador entre saúde mental e a saúde física. Existem duas abordagens teóricas básicas para definir *coping*, a situacional e a estrutural. A abordagem estrutural trata dos *estilos de coping*, que têm sido mais relacionados com as características de personalidade, enquanto a abordagem situacional diz respeito às *estratégias de coping*, que se referem a cognições e a ações tomadas no curso de um episódio stressor. Embora os estilos possam influenciar a extensão das estratégias, elas são fenómenos distintos e têm diferentes origens teóricas (Hudek-Knežević e Kardum, 2000).

Lai e Wong (1988) estudaram os efeitos do optimismo disposicional e do coping (a “*forma como se lida com*”) na ligação entre o desemprego e a saúde psicológica e

concluíram que as mulheres menos optimistas ficam mais debilitadas ao perderem o emprego. Estes autores utilizaram o Teste de Orientação da vida, que é um dos poucos construtos de personalidade que demonstrou estar intimamente relacionado com comportamentos de coping (Scheier e Carver, 1985). Uma vez que esta expectativa é generalizada, afecta os comportamentos em variadíssimas situações. Uma das suas implicações mais importantes é o facto de os optimistas lidarem melhor com os "impedimentos à concretização de objectivos" no seu dia-a-dia. As pessoas optimistas tendem a utilizar estratégias activas direccionadas para a resolução do problema em situações de stress enquanto que os menos optimistas adoptam estratégias de evitamento nesse tipo de situações (Scheier, Weintraub e Carver, 1986). Quando o coping focado no problema não constitui uma possibilidade, as pessoas optimistas usam estratégias de adaptação focadas nas emoções como reinterpretação positiva da situação e com base no humor. A utilização preferencial do coping adaptativo faz com que os optimistas tenham uma melhor saúde física e psicológica (Scheier e Carver, 1992, 1993).

De acordo com Lazarus e Folkman (1984), coping tem duas funções importantes: a gestão do problema, e a regulação do stress emocional experimentado. Do mesmo modo, reemprego e saúde mental constituem dois resultados mais importantes para a avaliação de estratégias de enfrentamento para o desemprego. Kinicki, Prussia e McKee-Ryan (2000) e Wanberg (1997) comentaram que coping relacionado com as actividades de procura de emprego ao invés de enfrentamento focalizado no problema aumenta a probabilidade da pessoa ser readmitida. No entanto, o número de pessoas desempregadas é grande em muitas sociedades incluindo Angola, e sua saúde mental merece atenção e preocupação.

A maioria dos estudos que envolvem estratégias de enfrentamento e saúde mental num contexto de desemprego são baseadas num delineamento transversal e direcções causais que não podem ser firmemente determinadas. McKee-Ryan et al. (2005) realizaram um estudo sobre os efeitos de diferentes estratégias de enfrentamento sobre a saúde mental. Também o estudo de Lin e Leung (2010) esteve direccionado nos efeitos das estratégias de enfrentamento sobre a saúde mental das pessoas em situação de desemprego prolongado em Hong Kong, tendo concluído que aquelas que conseguiram afastar-se ou esquecerem-se do sucedido apresentaram melhores indicadores de optimismo e de saúde psicológica.



A natureza e a dinâmica de enfrentamento é bem reconhecido (McKee-Ryan et al., 2005), mas não está claro quanto tempo os efeitos de diferentes estratégias de enfrentamento podem durar numa situação de desemprego prolongado e se a duração varia entre as diferentes estratégias de enfrentamento. O modelo transaccional de stress e coping (DeLongis, Folkman e Lazarus, 1988; Lázaro e Cohen, 1977; Lazarus e Folkman, 1984) pressupõe que a forma como as pessoas avaliam o ambiente influencia a sua saúde mental, bem como a escolha de estratégias de enfrentamento, que por sua vez afectam a saúde mental.

Coping é definido como o esforço cognitivo e comportamental que um indivíduo faz para lidar com eventos conceituados como stressante. As estratégias de enfrentamento são geralmente classificadas em problema (Lazarus e Folkman, 1984), ou focadas na emoção. Kinicki e Latack (1990) identificaram um modelo de cinco fatores de coping no contexto de desemprego, incluindo as actividades de procura de emprego, a auto-avaliação positiva, o distanciando da perda e a desvalorização do trabalho. As actividades de procura de emprego e distanciamento de desemprego representam duas estratégias importantes que têm sido tipicamente usadas para operacionalizar e focalizar estratégias de enfrentamento, respectivamente, no contexto do desemprego focado no problema (Gowan, Riordan e Gatewood, 1999). A busca de trabalho refere-se as tentativas de encontrar um emprego de se concentrar tempo e energia em actividades de procura de emprego e de busca de reemprego. Por outro lado, o distanciamento representa um esforço cognitivo para escapar da realidade desagradável do desemprego, tentando não pensar no assunto, acreditando que o tempo vai cuidar da situação.

Julkunen (2001) constatou que enfrentamento focalizado na emoção, incluindo distanciamento positivamente relacionada com a saúde mental. O efeito positivo de distanciamento em saúde mental também foi encontrado nos estudos feitos por Lai e Chan (2002). Essa relação positiva entre o distanciamento e a saúde mental foi confirmada em McKee-Ryan et al. (2005) nos seus estudos. Por conseguinte Leana e Feldman (1992) e Wanberg (1997), falaram de uma relação negativa entre a procura de emprego e saúde mental. A explicação típica para esse padrão de efeitos é que a procura de emprego requer tempo e custo financeiro, e muitas vezes resulta em rejeição e frustração (Moynihan, Roehling, Lepine e Boswell, 2003). A procura de emprego traz frequentemente desânimo



e constitui-se numa fonte de stress para os indivíduos em situação de desemprego prolongado. Assim, a estratégia de distanciamento pode reflectir uma tentativa das pessoas desempregadas para se adaptarem a sua vida actual, o que pode resultar em estabilidade emocional.

Embora factores psicológicos sejam importantes, é necessário dar também importância aos factores sociais e culturais, quer nos processos de avaliação ou apreciação, quer nos comportamentos escolhidos para lidar ou controlar a situação. Razão pela qual alguns autores também referem que factores de natureza sociodemográfica ou variáveis sociodemográficas (idade, sexo ou género, nível sócio-económico e educacional, número de elementos do agregado familiar, acesso a cuidado de saúde), factores de natureza psicológica (emocionais e cognitivos), factores de natureza situacional (influência interpessoal dos pares e família) e factores relacionados com a percepção do desemprego, podem interferir na adopção de determinados comportamentos ou influenciar as estratégias de coping a adoptar.

Assim, perante a um agente estressor, como o desemprego, a pessoa avalia a situação, tendo em conta os factores acima referidos. Esta avaliação tem também em consideração as exigências pessoais e metas a atingir, bem como, os recursos externos (tempo, suporte social, recursos económicos, entre outras) e os recursos internos (inteligência, características da personalidade, resiliência, locus de controle, entre outras). Tendo em conta estas variáveis, o indivíduo empreende estratégias de coping que, por sua vez, terão consequências a vários níveis (físico, psicológico e social). A percepção dessas consequências determinará a efectividade dessas estratégias. Embora a literatura aponte para que as variáveis sociais e psicológicas possam interferir no tipo de estratégias de coping adoptadas (Hocking e Lochman, 2005), os investigadores sugerem alguma cautela na avaliação das situações pois, para além de múltiplos estudos padecerem de muitas limitações, estas variáveis estão, por sua vez, dependentes de muitas outras que interagem entre si de diferentes modos, em diferentes contextos.

Folkman e Lazarus (1985) enfatizaram o papel assumido pelas estratégias de coping, os quais podem mudar de um momento para momento, durante os estágios de uma situação estressante. Neste caso, é impossível prever as respostas situacionais a partir do estilo típico de coping de uma pessoa (o estilo de coping tem sido fenómeno distinto mais

relacionado a factores de disposição do individuo, como, características de personalidade) devido a essas modificações constantes nas reacções individuais. Já foram identificadas as estratégias de coping mais comumente usadas em respostas ao stress com uma amostra grande, separada e heterogénea. O estudo revelou consistentemente a existência de três estágios ou estratégias de coping fundamentais e mais extensamente utilizadas pelos indivíduos: (1) a de resolução de problemas (que envolve lidar com exigências íntimas ou do meio que constituem ameaça), (2) a de procura de regulação da emoção ou ameaça (envolvem esforços para modificar a angústia que acompanha a ameaça correspondente a estas duas funções) e (3) a da procura da sustentação social.

Diversos autores classificaram então as estratégias de coping em dois tipos:

*(a) Estratégias de coping focado no problema*

O coping centrado no problema constitui um esforço para actuar na situação que deu origem ao stress, tentando mudá-la. Pode-se dizer então, que o coping focado no problema representa normalmente o comportamento de procura activa de novo emprego ou reemprego, consideração de nova formação profissional, aumento das habilitações literárias, etc, cuja resposta é direccionada para o evento externo. A função desta estratégia é alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente que causa a tensão. A acção de coping pode ser direccionada interna ou externamente. Quando o coping focalizado no problema (coping de aproximação) é dirigido para uma fonte externa de estresse, inclui estratégias tais como negociar para arranjar um emprego ou solicitar a ajuda prática de outras pessoas.

Enquanto o coping focalizado no problema, direccionado internamente, geralmente inclui reestruturação cognitiva como, por exemplo, a redefinição do elemento estressor (Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira, 2001; Seidl, Troccoli e Zannon, 2001). Em geral, as formas de coping centradas no problema são mais prováveis quando as condições desafiadoras tais como condições de desemprego, dano, ameaça ou desafio ambientais, são avaliadas como fáceis de mudar. Neste caso, a pessoa tenta definir o problema que vivencia, procurando soluções alternativas e optando entre elas.

*(b) Estratégias de coping focado na emoção.*

O coping focado na emoção é definido como um esforço para regular o estado

emocional que está associado ao stress, ou é o resultado de eventos estressantes. Esses esforços de coping são dirigidos a um nível somático (regular as sensações proprioceptivas experimentadas em uma emoção) e/ou a um nível de sentimentos, tendo por objectivo alterar o estado emocional do individuo. O coping focado na emoção, é igualmente importante no confronto com as consequências negativas do desemprego, uma vez que diz respeito à regulação e à gestão das reacções emocionais ao stress, pelo indivíduo, podendo ainda manifestar-se por um envolvimento da situação (não falar sobre o assunto para não passar pelos sentimentos negativos associados, fumar cigarros, drogas ou tomar tranquilizante para esquecer a situação, assistir a uma comedia ou filme na TV ou Cinema, ao teatro, sair para correr ou praticar formas de relaxamento, o desporto e lazer, fazer parte de hobbies, realizar trabalho voluntário ou colectivo, treinamentos, técnicas e experiências de crescimento pessoal, são alguns exemplos de estratégias dirigidas a um nível somático de tensão emocional) e por uma reavaliação do problema do desemprego e das suas consequências, fazendo face às emoções negativas que lhe estão associados. Neste caso, a resposta é direccionada para as reacções emocionais ou estado interno do indivíduo desempregado. A função dessas estratégias é reduzir a sensação física desagradável de um estado de stress produzido pelas emoções (Seidl et al., 2001). Essas formas de coping são passíveis de ocorrer quando já tenha havido uma avaliação de que nada pode ser feito para modificar as condições desafiadoras.

No contexto do desemprego, as estratégias de coping orientado para o controlo seriam as seguintes: (a) passar mais tempo em actividades de procura de emprego, (b) trabalhar, pensar em formas de poupar dinheiro, (c) rever as suas competências e qualificações, (d) recolocar-se (mudar-se para uma nova área), (e) envolver-se em programas de formação e (f) envolver-se em actividades comunitárias de apoio a indivíduos desempregados.

O coping focalizado na emoção é o mais utilizado, essencialmente a reavaliação positiva, onde o indivíduo tenta reestruturar o acontecimento, com o intuito de encontrar alguns aspectos mais favoráveis, fala coisas a si próprio com a intenção de amenizar a gravidade da situação, como forma de amenizar a carga emotiva do acontecimento, buscando alterar a situação. Com a ampliação dos estudos sobre coping, diferentes perspectivas do conceito têm sido destacadas, como das estratégias de coping, entre as

quais, as estratégias de coping focado na interacção social defendidas por alguns autores.

O coping focado na interacção social caracteriza-se pela busca de apoio nas pessoas do seu círculo social para resolução da situação estressante com o desemprego. Neste caso, são tidas em conta os sistemas de apoio, envolvendo o suporte social da família e de amigos, da colectividade, do associativismo e cooperativismo, frequência a uma igreja, sessões de psicoterapia, etc.

O suporte social caracteriza-se pelo desejo ou necessidade de compreensão do ponto de vista cognitivo, pedindo conselhos (suporte social informativo), ou a necessidade de escuta, conforto, de reconhecimento (suporte social emocional). O suporte social pode provavelmente reduzir os riscos de desordens por meio de mecanismos variados, tais como: reduzir o impacto do estressor, influenciar a percepção de que maneira essa experiência é ameaçadora, influenciar o curso de um transtorno desenvolvida como resposta ao estressor. Já alguns autores afirmam que as evidências de que o suporte social tem um papel de “para-choques” são inconsistentes, reflectindo as diferenças metodológicas nos estudos por eles analisados.

De facto, face a uma situação stressante ou ao desemprego, a família tende também a procurar o equilíbrio mantendo a sua dinâmica a mais próxima possível do habitual. Este padrão funciona como elemento protector, favorecendo a resposta adaptativa ao stress e é expresso por um conjunto de acções que integram rotinas, tradições e celebrações habituais que dão estabilidade, harmonia e significado á forma de viver. Os recursos familiares integram capacidades, forças, potencialidades, estratégias e comportamentos de coping que a família mobiliza para fazer face á situação de desemprego e podem ser desenvolvidos em grupo, ou individualmente pelos seus membros. O conhecimento, a inteligência, a educação, a experiência e os traços de personalidade que influenciam o coping, como o auto-estima, o senso do humor, a mestria ou domínio de si e a boa saúde física e mental, são considerados como recursos pessoais. A coesão, a adaptabilidade, a organização familiar, a atitude positiva face ao desemprego e a robustez são considerados recursos familiares.

Face a estes tipos de coping, pergunta-se sempre qual é tipo que as pessoas utilizam predominantemente. As pessoas tendem concluir que em algumas situações existem uma forte preferência tanto para as respostas de um tipo, como de outro. No entanto, a

utilização de ambas não é exclusiva, podendo constatar-se uma rápida alternância entre os dois tipos de coping, ou outros aspectos do material ameaçador, podendo ser evitados, enquanto outros são confrontados. Uma pessoa não pode contar só numa estratégia de coping, mas provavelmente poderá actuar fora de cada estratégia, á vários níveis (Albion, Fernie e Burton, 2005, Kinicki et al., 2000). As estratégias de coping utilizadas poderão ser alteradas, sempre que necessário, variadas e usadas em simultâneo, dependendo, entre outras, da natureza e percepção do desemprego.

Durante este processo, as acções podem ser simultaneamente ou alternadamente, dirigidas ao estressor interno e externo. Sendo o coping um processo intencional, a estratégia utilizada permite que a pessoa domine a situação stressante de forma a libertar-se dos efeitos negativos, nomeadamente, a ansiedade e depressão (Ferreira, Pais-Ribeiro e Guerreiro, 2003).

Da mesma forma, trabalhos anteriores, sugerem que existe uma relação entre o coping focado no problema e o coping focado na emoção, caracterizada por uma influência mútua entre ambos os tipos de coping em situações stressantes. Nesse sentido, os indivíduos utilizam ambas as formas de coping, o que poderia impedir ou facilitar a manifestação de uma ou de outra forma. Isso quer dizer que, resolvendo o problema, a emoção é “normalizada”, ou reduzindo e controlando as emoções, a pessoa pode identificar estratégias de solução que não percebia antes, por estar sob o impacto da emoção. Tanto as estratégias de coping centradas no problema, e as estratégias de coping centradas nas emoções, podem ser eficazes na redução do stress e da angústia (Bennet, 2002).

Aliás, o facto de predominar um tipo de coping pode actuar de forma contraditória, isto é, um coping activo, focado na resolução de problema de forma a dominar os efeitos do desemprego pode diminuir o bem-estar mental desta pessoa. Compreende-se, assim, que perante uma situação de desemprego de longa duração, a pessoa opte por não procurar constantemente o emprego devido ao medo de se confrontar com outras situações de decepção ou ameaçadora. Lazarus (2000) acrescenta o facto de estes processos poderem ser compatíveis, pois sendo o coping o processo mediador da resposta emocional á situação geradora de stress, tanto o coping focado no problema, como o coping focado na emoção, têm como fim último o restabelecimento do estado emocional.

As estratégias de coping são determinadas por recursos do indivíduo (que incluem saúde e energia), crenças existenciais, habilidades de solução de problemas, habilidades sociais, suporte social e recursos materiais. A tendência a escolher uma determinada estratégia de coping depende do repertório individual (muitas estratégias podem ser úteis para uma mesma situação) e de experiências tipicamente reforçadas. O tipo de coping que a pessoa adota reflecte-se nos seus comportamentos face ao desemprego e, portanto, na forma como ela gere a sua situação. As estratégias de coping ou de enfrentar situações estressantes externas e/ou ambientais podem surgir à medida que o indivíduo faz uso de habilidades de solução de problemas e planeamento; desenvolvimento de repertório apropriado para obtenção de fonte de reforço social, como autocontrolo e assertividade e ainda, busca de suporte social, religiosidade e lazer (Seidl et al., 2001).

Estudos demonstraram a relação existente entre a estratégia individual de coping e os recursos ou condições pessoais, tais como auto-estima e suporte social, tanto as características individuais como o género e o nível de educação (McKee-Ryan et al., 2005; Schmidt, Kriegbaum, Hougaard e Holstein, 2006). Outros estudos avançados confirmam a relação positiva existente entre a estratégia de coping focalizado no problema e as probabilidades de reemprego e a relação negativa existente entre a estratégia de coping focalizado na emoção e as probabilidades de reemprego (Lai e Chan, 2002; McKee-Ryan et al., 2005; Waters e Moore, 2002).

Relativamente á influência do género no tipo de estratégias de coping adoptadas, embora alguns estudos sugiram que os homens privilegiem as estratégias de coping focadas no problema, enquanto as mulheres desenvolvam estratégias mais focadas na emoção, quando ambos os sexos têm o mesmo nível de educação, essas diferenças nas estratégias adoptadas face a um evento stressante ou agente estressor parecem não se verificar (Greenglass e Noguichi, 1996; Sarafino e Smith, 2014). Alguns estudos referem que as mulheres são mais propensas a distúrbios de humor, elegendo preferencialmente o coping focado na emoção, principalmente quando as respostas de procura de emprego continuam negativas, aumentando cada vez mais o seu desespero.

No que diz respeito as consequências ou resultados do coping face ao desemprego, pesquisas foram centralizadas inicialmente nos resultados das variáveis do bem-estar psicológico e reemprego. O coping foi examinado em relação as doenças mentais de curto

como também de longo prazo, em diferentes tipos de desemprego na maior parte de estudos recentes realizados. No entanto, os efeitos mais significativos do coping ocorrem no curto e não no longo prazo.

## **2.5. OBJECTIVOS.**

1. Analisar que variáveis sociodemográficas se encontram relacionadas com as condições sociais, as condições pessoais, a saúde e a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados.
2. Analisar as relações entre as condições pessoais, as condições sociais, a saúde e a satisfação com a vida dos jovens desempregados angolanos.

## **2.6. HIPÓTESES**

1. A auto-estima, o controlo emocional, a resiliência, as estratégias de coping e o apoio social predizem a saúde mental dos jovens angolanos desempregados.
2. A auto-estima, o controlo emocional, a resiliência, as estratégias de coping e o apoio social predizem a percepção de saúde dos jovens angolanos desempregados.
3. A auto-estima, o controlo emocional, a resiliência, as estratégias de coping e o apoio social predizem a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados.
4. O tempo de desemprego, o número de filhos e o nível sociocultural predizem a satisfação com a vida e a percepção da saúde dos jovens angolanos desempregados.





### **CAPÍTULO III**

---

#### **MÉTODO:**

- 3.1. PARTICIPANTES.
- 3.2. INSTRUMENTOS.
- 3.3. PROCEDIMENTO.
- 3.4. ANÁLISES ESTATÍSTICAS.
- 3.5. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO.



### 3.1. PARTICIPANTES

O universo de estudo está constituído por um conjunto de jovens angolanos com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade. Destes, tomou-se uma amostra, por conveniência (Tabela 1), de 844 pessoas (457 homens, 387 mulheres), com uma média de idade de 21,70 anos e um desvio padrão de 3.07, que não tinham trabalhado nunca ou que estavam na situação de desemprego (Tabela 2).

*Tabela 1. Distribuição da amostra segundo a idade e o género dos jovens*

Idade	Homens		Mulheres		Total	
	n	%	n	%	n	%
18-20 anos	174	20.6	172	20.4	346	41.9
21-25 anos	222	26.3	172	20.4	394	46.7
26-30 anos	61	7.2	43	5.1	104	12.3
Total	457	54.1	387	45.9	844	100.0

*Tabela 2. Distribuição da amostra segundo o desemprego e o género dos jovens angolanos*

	Homens		Mulheres		Total	
	n	%	n	%	n	%
Nunca trabalharam	289	34.2	272	32.2	561	66.5
Desempregado	168	19.9	115	13.6	283	33.5
Total	457	54.1	387	45.9	844	100.0

Nesta tabela quis-se diferenciar entre quem nunca trabalhou e quem já havia trabalhado anteriormente mas que actualmente se encontra sem emprego, além disso, pretendeu-se especificar se pertencem ao grupo de homens ou de mulheres.

*Tabela 3. Distribuição da amostra segundo o nível académico e o género*

Nível escolar	Homens		Mulheres		Total	
	n	%	n	%	n	%
Nível 6	11	1.3	10	1.2	21	2.5
Nível 7	3	0.4	1	0.1	4	0.5
Nível 8	22	2.6	13	1.5	35	4.1
Nível 9	39	4.6	23	2.7	62	7.3
Nível 10	80	9.5	61	7.2	141	16.7
Nível 11	74	8.8	75	8.9	149	17.7
Nível 12	94	11.1	83	9.8	177	21.0
Nível 13	11	1.3	11	1.3	22	2.6
Superior	123	14.6	110	13.0	233	27.6
Total	457	54.1	387	45.9	844	100.0

Ao observar-se a Tabela 3 pode-se ver que os jovens mais representados na amostra deste trabalho de investigação encontram-se com estudos superiores, enquanto que a menos representada são daqueles que se encontram na 7ª classe.

Quanto à procedência, 496 (58,8%) pertencem a província de Luanda, 290 (34,4%) a província de Benguela, e 58 (6,9%) a do Uíge. De toda a amostra, 591 jovens (70%) residem no meio urbano e 253 (30%) no meio rural. Por outro lado, 176 jovens (20,9%) têm filhos e 668 (79,1%) não têm filhos.

### **3.2. INSTRUMENTOS**

Para se atingir os objectivos preconizados nesta pesquisa, utilizaram-se os seguintes instrumentos: Questionário sociodemográfico, Escala de Auto-estima, Escala de Apoio Social, Escala de Satisfação com a Vida, Escala de Controlo Emocional, Escala de Resiliência, Escala de Saúde Geral (GHQ12), Índice de Percepção de Saúde, e a Escala de Estratégias de Coping face ao Desemprego (CWJLS).

#### ***3.2.1. Questionário sociodemográfico***

É um questionário no qual se incluem variáveis tais como idade, sexo, escolaridade, local de residência (zona rural, zona urbana), província, habitação, número de filhos, vínculo associativismo, prática desportiva, vínculo laboral, conhecimento do centro de emprego, procura de emprego, preparação para trabalhar, formas de sobrevivência, rendimento mensal, benefícios de crédito, ajuda de crédito.

#### ***3.2.2. Escala de Auto-estima***

A Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES) é um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da auto-estima global. Rosenberg (1965) refere-se à auto-estima como a avaliação que a pessoa efectua e geralmente mantém em relação a si própria, a qual implica um sentimento de valor que engloba uma componente predominantemente afectiva, expressa numa atitude de aprovação/desaprovação em relação a si mesma. É uma escala formada originariamente por 10 itens, cinco positivos e cinco invertidos (exemplos: Tenho uma atitude positiva em relação a mim mesmo; sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas). Foi traduzida, adaptada e validada em numerosos idiomas e em más de 50 nações. Na literatura especializada, há autores que defendem a

sua estrutura unidimensional (Schmitt e Allik, 2005), e outros consideram que ela está formada por duas dimensões, estima positiva e estima negativa (Avanci, Assis, Santos e Oliveira, 2007). Também existem trabalhos que indicam que, devido a forma de redacção dos itens, uns em positivo e outros invertidos, se incorpora um artefacto estatístico o efeito de método (Santos e Maia, 2003; Tomás e Oliver, 1999), o qual levou a alguns autores a considerar unicamente os itens redatados em positivo (Oliver, Sancho, Galiana, Tomás e Gutiérrez, 2012).

Esta escala apresentou-se aos participantes com as seguintes alternativas de resposta: (1) *Discordo totalmente*, (2) *Discordo*, (3) *Não concordo nem discordo*, (4) *Concordo*, (5) *Concordo totalmente*.

### ***3.2.3. Escala de Apoio Social***

Para avaliar o apoio social, utilizou-se a MSPSS (Zimet, Dahlem, Zimet e Farley, 1988), em versão de Edwards (2004). É composta de doze itens, e avalia tres dimensões: Apoio da Família (Support from Family). Apoio dos Amigos (Support from Friends), e Apoio dos Outros Significativos (Support from Significant Others). São exemplos de itens desta escala os seguintes: “Eu posso falar sobre os meus problemas com a minha família”, “A minha família é uma verdadeira fonte de conforto para mim”, “Eu tenho amigos com quem posso partilhar as minhas alegrias e tristezas”, “Há uma pessoa especial que está perto quando tenho necessidade”.

Os jovens deviam responder as seguintes alternativas: desde (1) *Totalmente em desacordo*, até (5) *Totalmente de acordo*.

### ***3.2.4. Escala de Satisfação com a Vida***

Para avaliar a satisfação com a vida foi utilizada a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS; Diener, Emmons, Larsen e Griffin, 1985; Pavot e Diener, 1993, 2008) proposta por Queirós, Fernández-Berrocal, Extremera, Carral e Queirós (2005). A Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) tem o propósito de avaliar a forma como as pessoas se julgam acerca do quanto estão satisfeitas com suas vidas. A medida de Satisfação com a Vida apresenta itens de natureza global, que avaliam o julgamento geral da satisfação que as pessoas percebem nas suas vidas. O julgamento sobre que domínios considerar sobre suas vidas fica a critério único e exclusivo dos respondentes, tendo em conta seus próprios

interesses e valores. Trata-se de uma escala unifatorial, isto é, seus itens cobrem um só fator (Satisfação com a Vida) e possui a vantagem de ser simples e breve (Pavot, Diener, 1993; Pavot, Diener, Colvin e Sandvik, 1991), podendo ser utilizada em diferentes grupos de pessoas e faixas etárias como jovens desempregados (Atienza, Balaguer e García-Merita, 2003; Gilman, Huebner e Laughlin 2000; Neto, 1993; Pons, Atienza, Balaguer e García-Merita, 2000).

Esta escala integra cinco itens, pedindo-se aos sujeitos para avaliar esses itens. Exemplos: “Estou satisfeito com a minha vida”, “Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais”, “As minhas condições de vida são excelentes”. As análises fatoriais realizadas, tanto exploratórias como confirmatórias, têm demonstrado que seus cinco itens cobrem uma única dimensão (Atienza et al., 2000; Diener et al., 1985; Lewis, Shevlin, Smekal e Dorahy, 1999; Pavot et al., 1991; Shevlin e Bunting, 1995).

As alternativas de resposta podiam ser desde (1) *Totalmente em desacordo*, até (5) *Totalmente de acordo*.

### **3.2.5. Escala de Controlo Emocional**

Para avaliar o controlo emocional dos jovens angolanos, tomamos uma das quatro subescalas da escala de Inteligência Emocional de Wong e Law (2002). A escala total consta de dezasseis itens e mede quatro dimensões: Avaliação da ego-emoção (Self-emotion appraisal), Avaliação das emoções de outros (Others' emotion appraisal), Uso da emoção (Use of emotion), e Controlo da emoção (Regulation of emotion). Para a presente investigação utilizou-se os quatro itens referentes ao controlo emocional. Exemplos de itens: “Eu tenho bom controlo das minhas próprias emoções”, “Eu sou bastante capaz de controlar as minhas próprias emoções”.

As alternativas de resposta eram: (1) *Discordo totalmente*, (2) *Discordo*, (3) *Não concordo nem discordo*, (4) *Concordo*, (5) *Concordo totalmente*.

### **3.2.6. Escala de Resiliência**

A escala de resiliência utilizada no presente estudo foi a Brief Resilience Scale-BRS, de Smith, Dalen, Wiggins, Tooley, Christophere Bernard (2008). É uma escala unidimensional e está composta por seis itens (três redactados em sentido positivo e três

em negativo) (exemplos: “Tenho tendência de desistir rapidamente ante as dificuldades”, “Não demoro muito tempo em recuperar-me de um evento stressante”). Segundo os seus autores, esta escala agrupa os seis itens num só factor. Cada item permitia responder com uma das seguintes alternativas: desde (1) *Totalmente em desacordo*, até (5) *Totalmente de acordo*.

### **3.2.7. Escala de Saúde Geral**

Para medir a saúde mental, utilizamos o General Health Questionnaire (GHQ). O GHQ (Goldberg e Williams, 1988) é uma medida destinada a avaliar o bem-estar mental a partir do funcionamento saudável normal e a aparição de novos sintomas de angústia e preocupação. Foi desenhado originalmente com 60 itens e sucessivamente se foram desenvolvendo versões mais curtas, sendo a mais utilizada ultimamente a versão de 12 itens (GHQ12). Argile (1989) argumentava que o GHQ é o indicador mais fiável da angústia psicológica (psychological distress), considerado inicialmente como um indicador do estado de saúde mental. A pontuação geral da saúde mental se deriva da soma das pontuações dos 12 itens. Uma maior pontuação indica maior nível de saúde mental. Numerosos estudos informaram sobre a validade do GHQ (Baksheev, Robinson, Cosgrave, Baker e Yung, 2011; Fernandes e Vasconcelos-Raposo, 2013; Goldberg et al., 1997; Pan e Goldberg, 1990; Tait, French e Hulse, 2003, entre outros). Por outro lado, diversos estudos mostram aceitáveis índices de consistência interna desta escala ( $\alpha = .94$ : Wanberg, 1997;  $\alpha = .92$ : Wanberg, 1995;  $\alpha = .85$ : Lai e Yue, 2000).

Os jovens angolanos desempregados deviam completar esta instrução: Com que frequência experimentou você, no decorrer das últimas semanas, as condições descritas nas seguintes expressões? Por favor, responda indicando desde (1) *Raramente* até (5) *Com muita frequência*. Alguns exemplos de itens são: “Foi capaz de se concentrar sobre o que você estava a fazer?”, “Perdeu muito sono por causa das preocupações?”.

### **3.2.8. Índice de Auto-percepção de Saúde**

A Saúde auto-percebida ou a auto-avaliação da saúde é uma medida subjectiva, indicadora de saúde e de qualidade de vida recomendado pela Organização Mundial de Saúde, combinando componentes físicos e emocionais e faz parte do constructo bem-estar e, dentro dele, do conceito de satisfação com a vida. Trata-se da avaliação feita pelo

indivíduo com bases em critérios referenciados a valores, a expectativas sociais e individuais, bem como a mecanismos de comparação social e temporal. Sendo uma variável, ela permanece estável por muitos anos, prediz o nível individual de bem-estar, a mortalidade e declínio funcional independentemente das condições objectivas de saúde e factores socioeconómicos e alimenta-se por várias fontes, entre as quais as mais importantes são os diagnósticos médicos, os indicadores fisiológicos tais como dor, fadiga e perda de força e de energia.

A saúde auto-referida foi medida pelas respostas para a pergunta: Como você descreveria o seu estado geral de saúde neste momento?, com as cinco categorias de resposta: *Muito boa, Boa, Nem boa nem má, Bastante má, Muito má*. A pergunta utilizada foi de acordo com outros estudos (Axelson e Ejlertsson, 2002; Edén, Ejlertsson e Leden, 1995; Idler e Angel, 1990) sobre o estado de saúde auto-avaliado.

### ***3.2.9. Escala de Estratégias de Coping face ao Desemprego***

Para avaliar as estratégias de coping frente ao desemprego, utilizamos a Coping With Job Loss Scale (CWJLS), versão de Lai e Wong (1998). A versão inglesa original deste instrumento foi desenvolvida por Latack (1986) para medir o coping ante o stress laboral em geral embora também estivessem contidos aspectos de coping ante outras situações fora do trabalho. Os 39 itens que formavam a escala original foram adaptados para medir especificamente o coping ante a perda do trabalho (Kinicki e Latack, 1990). Sucessivos tratamentos desta escala a foram reduzindo até ficar formada pelos 11 itens que agora a compõem (Lai e Wong, 1998). Embora originariamente a CWJLS contasse com três factores, a factorização desenvolvida por Lai e Wong a partir de uma amostra de pessoas desempregadas ofereceu unicamente dois factores: (1) Busca proactiva de emprego, formado por cinco itens que medem o grau de compromisso na busca activa de emprego (exemplo: Esforço-me para encontrar um novo trabalho); e (2) Distanciamento da perda do emprego, composto por seis itens que avaliam as estratégias de evasão e re-interpretação cognitiva (exemplo: Recordo a mim mesmo que não ter trabalho não é o fim do mundo).

Para completar a escala, os participantes deviam cumprir a seguinte instrução: Com que frequência você utiliza as seguintes estratégias para superar o desemprego? Por favor,



responda indicando desde (1) *Quase nunca*, até (5) *Quase sempre*.

### **3.3. PROCEDIMENTO**

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedeceram aos critérios de ética ao nível da investigação científica. Os centros de emprego bem como as direcções de algumas instituições escolares foram informados e consultados sobre a permissão da participação dos jovens.

Todos os participantes foram informados sobre a natureza do estudo, procedimento este que visou a garantia da compreensão das características de estudos e dos direitos dos participantes especialmente no que tange ao carácter voluntário da participação. Outrossim, explicou-se os objectivos do trabalho, os seus procedimentos e a atitude à adoptar, sublinhando-se o carácter anónimo dos questionários.

Foi imprescindível a criação de uma equipa de trabalho que esteve constituída por cinco jovens com formação universitária. Estes receberam formação sobre os procedimentos a ter em conta para poder aplicar os questionários.

Os questionários foram aplicados nos locais de trabalho, escolas e na rua. Os participantes foram informados através de uma conversa que se teve onde se explicou os objectivos do trabalho e a atitude a adoptar sublinhamos aqui o carácter voluntário e a preservação do anonimato. O tempo mínimo de preenchimento dos instrumentos foi de mais ou menos 45 minutos. Os participantes com nível de escolaridade baixo tiveram alguma dificuldade no preenchimento dos questionários visto que havia algumas palavras difíceis para o seu nível tais como “temperamento”, “deprimido”, “estratégias”.

A nível das empresas conversamos com os responsáveis da direcção com a finalidade de pedirmos permissão para aplicação dos mesmos. Não nos foi exigida nenhuma carta oficial para podermos aplicar os instrumentos.

Ao eger-se a amostra teve-se em conta que o maior número da população de desempregados encontra-se na capital Luanda. Por outro lado a província de Benguela é a que se encontra na região centro sul de Angola e é uma das mais procuradas fundamentalmente na busca de oportunidade de emprego tendo em conta o seu nível de desenvolvimento. É por exemplo nesta província onde se está a montar a segunda grande

refinaria da Sonangol. A província do Uíge foi eleita por ser uma das províncias a norte de Angola com um bom desenvolvimento agrícola. Nesta província também é notório o crescimento de algumas empresas públicas e privadas em que acorrem a ela grande número de jovens na busca do seu primeiro emprego.

### **3.4. ANÁLISES ESTATÍSTICAS**

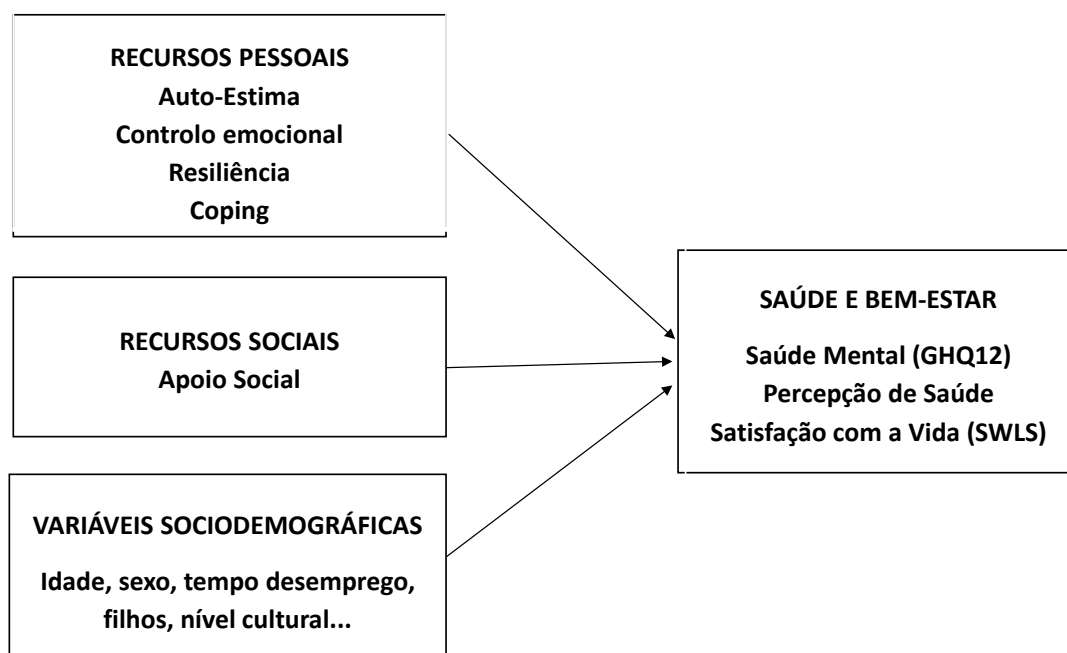
As análises estatísticas realizadas nesta investigação foram as seguintes:

- Análises factoriais confirmatórias (Confirmatory Factor Analysis-CFA) de cada um dos instrumentos utilizados, para comprovar a adequação dos modelos oferecidos pelos seus autores à amostra estudada nesta investigação.
- Análises de fiabilidade dos factores obtidos (coeficientes alpha de Cronbach).
- Análises descritivas das variáveis estudadas (média, desvio padrão).
- Análises de correlações entre as diferentes variáveis estudadas.
- Análises diferenciais (provas t e ANOVAS de um factor), para conhecer as diferenças nas variáveis estudadas, segundo as fontes de variação consideradas. No caso das ANOVAS, utilizaram-se comparações a posteriori para determinar as diferenças entre os distintos grupos que constituem cada variável, a partir da prova HSD de Tukey e a de Games Howell (quando os grupos apresentam varianças não homogéneas).
- Análises de Regresión Lineal Jerárquica e Modelos de Equações Estruturais (path analysis), para predecir a saúde e o bem-estar subjectivo (satisfação com a vida) dos jovens angolanos desempregados.

### **3.5. DESENHO DE INVESTIGAÇÃO**

Neste desenho de investigação, procura-se reflectir sobre a relação das variáveis que determinam os efeitos psicossociais do desemprego nos jovens angolanos desempregados, tais como saúde mental, satisfação com a vida e a percepção da saúde. Por um lado, os recursos pessoais e sociais nos jovens angolanos desempregados tais como a resiliência, auto-estima e coping, e por um outro, certas variáveis sociodemográficas susceptíveis de afectar a saúde e bem-estar físico e psicológico, produzindo directamente efeitos positivos

ou de moderação sobre o impacto do desemprego. Em outras palavras, pretende-se analisar se os factores de protecção e a estratégia de coping face ao desemprego têm uma relação positiva e directa na melhoria na qualidade de vida e bem-estar nos jovens angolanos desempregados. A finalidade é, no percurso da investigação, determinar como é que processam estas relações.



*Fig. 1. Desenho da Investigação*



## **CAPÍTULO IV**

---

### **RESULTADOS:**

- 4.1. RESULTADOS FACTORIAIS DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS.
- 4.2. RESULTADOS DAS QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.
- 4.3. ESTATÍSTICAS DESCRIPTIVAS DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS.
- 4.4. COORELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS ESTUDADAS.
- 4.5. RESULTADOS DIFERENCIAIS EM FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS ESTUDADAS.
- 4.6. PREDICÇÃO DA SAÚDE E DA SATISFAÇÃO COM A VIDA DOS DESEMPREGADOS.



Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos na presente investigação, divididos em cinco apartados.

- (1) No primeiro apartado, mostraram-se as propriedades psicométricas dos instrumentos administrados aos jovens angolanos, com o objectivo de comprovar a sua validade e fiabilidade. Para isso, realizamos diversas análises factoriais confirmatórias (AFC), baseando-nos nos modelos já existentes, e comprovando assim a validade dos instrumentos para serem aplicados a esta amostra. Também apresentamos a consistência interna (coeficiente Alpha de Cronbach) dos factores que compõem cada um dos instrumentos empregues no estudo.
- (2) No segundo apartado, se oferecem os resultados das análises descritivas das variáveis estudadas.
- (3) No terceiro apartado, expõem-se os resultados das análises de correlações, descrevendo as relações entre as diferentes variáveis estudadas.
- (4) No quarto, mostramos os resultados diferenciais, com o objectivo de ver se existem diferenças em função do género, da idade dos jovens, nível de escolaridade, província, zona em que vive, casa própria, com quem vive.
- (5) Por último, no quinto apartado, apresentamos os resultados das análises de Regressão Lineal Hierárquica e do Modelo de Equações Estruturais (path análise) postas a prova para conhecer as relações entre as variáveis estudadas, com a predição da saúde e do bem-estar subjectivo dos jovens angolanos.

Para se levar a cabo as análises, utilizou-se o modelo de análises factorial confirmatória (CFA, confirmatory factor analysis; Bollen, 1989; Hayduk, 1987; Hoyle e Panter, 1995; Loehlin, 1987), mediante o programa EQS 6.1 (Bentler e Wu, 1995). Os modelos confirmatórios foram estimados mediante máxima verosimilitude com correcções robustas de Satorra-Bentler nos erros estándares e estatísticos e índices de ajuste, dada a falta de normalidade das variáveis (Finney e DiStefano, 2006). O ajuste das análises factoriais confirmatórias foram avaliadas utilizando diversos critérios, tal e como se recomenda na literatura (Hu e Bentler, 1999; Tanaka, 1993). Concretamente, os estatísticos e índices de ajuste utilizados são: (a) estadístico  $\chi^2$  (Kaplan, 2000; Kline, 2005;

Ullman, 1996); (b) Comparative Fit Index (CFI; Bentler, 1990) maior de .90 (e idealmente maior de .95; Hu e Bentler, 1999); (c) Goodness-of-Fit Index (GFI), cujos valores superiores a .90 indicam um bom ajuste; (d) Standardized Root Mean Square Residual (SRMR), com valores menores de .08 considerados como indicadores de um bom ajuste; e (e) Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA; Steiger e Lind, 1980) cujos valores são aceitáveis quando são iguais ou menores a .05. Hu e Bentler (1999) assinalam que um conjunto de pelo menos .95 conjuntamente com RMSEA de, pelo menos, .06 indicam um bom ajuste do modelo hipotetizado aos dados.

#### **4.1. RESULTADOS FACTORIAIS DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS**

Esta parte dos resultados centra-se no estudo das propriedades psicométricas dos instrumentos, concretamente na determinação da sua estrutura factorial, assim como da fiabilidade ou consistência interna dos factores encontrados.

##### ***4.1.1. Resultado factorial da Escala de Auto-estima***

Apesar de que inicialmente Rosenberg (1965), e posteriormente autores como Avanci et al. (2007) considerarem que a Escala de Auto-estima se compõe de dois factores (estima positiva e estima negativa), também há outros autores que consideram que a auto-estima sozinha pode ter uma dimensão, e que uma pessoa terá melhor ou pior auto-estima segundo esta seja alta ou baixa. Adicionalmente, também existem trabalhos referenciados pela literatura especializada que indicam que, devido à forma de redacção dos itens, uns em positivo e outros em negativo, se incorporam na escala um artefacto estatístico ou efeito de método, o qual levou a alguns autores a considerar unicamente os itens redatados em positivo. Esta perspectiva es a que adoptamos na presente investigação.

A análise factorial confirmatória a que submetemos os dados procedentes da nossa amostra de estudo, aportou os seguintes resultados: ( $\chi^2_5 = 20.48$ ,  $p < .01$ , GFI = .988, AGFI = .964, CFI = .969, SRMR = .031, RMSEA = .061). Estes resultados mostram um bom ajuste do modelo aos dados, confirmando a estrutura dos cinco itens positivos da auto-estima agrupados num único factor, com as suas correspondentes saturações estandarizadas (Tabela 4). O coeficiente alfa de Cronbach (consistência interna) deste factor é de  $\alpha = .697$ .



Tabela 4. Saturações estandarizadas dos itens do factor de Auto-estima

<i>Auto-estima.</i>	
1. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.....	.252
2. Eu acho que eu tenho várias e boas qualidades.....	.633
3. Eu sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto à maioria das pessoas.....	.623
4. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo tanto quanto as outras pessoas.....	.656
5. Eu tenho uma atitude positiva em relação a mim mesmo.....	.606

#### 4.1.2. Resultado factorial da Escala de Apoio Social

Submetemos a uma análise factorial confirmatória a Escala de Apoio Social de Zimet et al. (1988), versão de Edwards (2004), obtendo satisfatórios índices de ajuste aos dados:  $\chi^2_{51} = 181.93$ ,  $p < .001$ , GFI = .946, AGFI = .918, CFI = .945, SRMR = .051, RMSEA = .055, ratificando-se os três factores anunciados pelos seus autores. A consistência interna dos três factores que compõe a Escala de Apoio Social é a seguinte: Apoio social da família ( $\alpha = .787$ ), Apoio social dos amigos ( $\alpha = .795$ ), e Apoio social dos outros significativos ( $\alpha = .765$ ).

Tabela 5. Saturações estandarizadas dos itens que compõem a Escala de Apoio Social

<i>Factor 1: Apoio social da família</i>	
3. Minha família realmente me ajuda.....	.744
4. Recebo da minha família o apoio e ajuda emocional que necessito.....	.769
8. Posso falar dos meus problemas com minha família.....	.577
11. A minha família esta disposta a me ajudar a tomar decisões.....	.688
<i>Factor 2: Apoio social dos amigos</i>	
6. Os meus amigos realmente me ajudam.....	.775
7. Posso contar com meus amigos quando as coisas vão mal.....	.797
9. Tenho amigos com quem posso partilhar as minhas alegrias e tristezas.....	.631
12. Posso falar dos meus problemas com os meus amigos.....	.614
<i>Factor 3: Apoio social dos outros significativos</i>	
1. Há uma pessoa especial que está perto quanto tenho necessidade.....	.599
2. Há uma pessoa especial com quem posso partilhar as minhas alegrias e tristezas.....	.712
5. Tenho uma pessoa especial que é uma verdadeira fonte de consolo para mim.....	.697
10. Há uma pessoa especial na minha vida a quem lhe importa meus sentimentos.....	.689

#### 4.1.3. Resultado factorial da Escala de Satisfação com a Vida

A escala de Satisfação com a Vida (SWLS, de Pavot e Diener, 1993), cuja estrutura unidimensional foi também ratificada por numerosos autores em diferentes culturas, apresenta aqui esta mesma estrutura com um bom ajuste do modelo aos dados:  $\chi^2_5 =$

17.73,  $p = .018$ , GFI = .989, AGFI = .968, CFI = .982, SRMR = .026, RMSEA = .055. O coeficiente alfa de Cronbach (consistência interna) deste factor é de  $\alpha = .732$ .

*Tabela 6. Saturações estandarizadas dos itens da Escala de Satisfação com a Vida*

<i>Satisfação com a vida</i>	
1. Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.....	.440
2. As minhas condições de vida são excelentes.....	.698
3. Estou satisfeito com a minha vida.....	.660
4. Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida.....	.639
5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.....	.541

#### **4.1.4. Resultado factorial da Escala de Controlo Emocional**

Submetida a uma análise factorial confirmatória o modelo de Controlo Emocional oferecido por Wong e Law (2002), obteve-se os seguintes índices de ajuste do modelo aos dados:  $\chi^2 = 19.86$ ,  $p < .001$ , GFI = .980, AGFI = .902, CFI = .980, SRMR = .027, RMSEA = .103. Estes resultados mostram um moderado ajuste do modelo aos dados, o qual ratifica a composição desta escala por quatro itens, tal como propõem os seus autores. As saturações estandarizadas obtidas são as que se apresentam na Tabela 7. A consistência interna do Controlo Emocional é de  $\alpha = .839$ .

*Tabela 7. Saturações estandarizadas dos itens que compõem a Escala de Controlo Emocional*

<i>Controlo emocional</i>	
1. Eu consigo controlar o meu temperamento e dificuldades racionalmente.....	.685
2. Eu sou bastante capaz de controlar minhas próprias emoções.....	.821
3. Eu sempre posso tranquilizar-me rapidamente quando estiver muito bravo.....	.703
4. Eu tenho bom controlo de minhas próprias emoções.....	.815

#### **4.1.5. Resultado factorial da Escala de Resiliência**

A análise factorial confirmatória da Escala de Resiliência ofereceu-nos os seguintes índices de ajuste:  $\chi^2 = 205.97$ ,  $p = < .001$ , GFI = .910, AGFI = .791, CFI = .529, SRMR = .112, RMSEA = .161), o qual indica que o ajuste é pobre. Depois de revisar a saturação dos itens e comprovar que os itens 1 e 3 mostravam valores de saturação muito baixos, optamos por elimina-los e realizar um segundo AFC com os quatro itens restantes. Com estes quatro itens se obtiveram os seguintes índices de ajuste:  $\chi^2 = 5.97$ ,  $p = .050$ , GFI = .996, AGFI = .978, CFI = .983, SRMR = .023, RMSEA = .049). Estes resultados confirmam que os quatro itens se agrupam numa única dimensão ou factor, com um coeficiente de consistência interna de  $\alpha = .691$ . Tendo em conta o sentido dos itens desta

escala, os seus valores foram invertidos para considerar que quanto maior for a pontuação obtida, maior será o nível de resiliência de cada participante.

Tabela 8. Saturações estandarizadas dos itens que compõem a Escala de Resiliência

<i>Resiliência.</i>	
2. Eu sofro demasiado quando vivo situações stressantes.....	.457
4. É difícil para mim recuperar-me quando me acontece algo mau.....	.617
5. Normalmente passo por pequeno problema os momentos de dificuldade.....	.354
6. Necessito de muito tempo para recuperar-me dos problemas na minha vida.....	.577

#### 4.1.6. Resultado factorial da Escala de Saúde Geral (GHQ12)

Submetida a Escala de Saúde Geral (GHQ12) a uma análise factorial confirmatória, se obtiveram os seguintes índices de ajuste aos dados:  $\chi^2_{54} = 440.64$ ,  $p < .001$ , GFI = .870, AGFI = .812, CFI = .598, SRMR = .103, RMSEA = .092. Estes resultados indicam que o ajuste do modelo para os nossos dados é pobre. Tendo em conta que a metade dos itens está redactados em positivo e a outra metade em negativo, provamos um segundo modelo de AFC incluindo o efeito de método, com o qual o ajuste foi muito mais satisfatório:  $\chi^2_{48} = 116.09$ ,  $p < .001$ , GFI = .967, AGFI = .947, CFI = .929, SRMR = .043, RMSEA = .041. Estes resultados mostram que os 12 itens que compõem o GHQ12 se agrupam, por um lado os seis itens redactados em positivo, e por outro lado os seis redactados em negativo. Tendo em conta esta circunstância do efeito de método, e dado que os factores resultantes não apresentavam correlação significativa, unicamente foram considerados para medir a saúde os 6 itens redactados em positivo, e foram ignorados os outros 6 itens carregados do efeito de método. O coeficiente de consistência interna do factor Saúde Geral foi:  $\alpha = .683$ .

Tabela 9. Saturações estandarizadas dos itens que compõem a Escala de Saúde Geral-GHQ12

<i>Saúde Geral</i>	
1. Foi capaz de se concentrar sobre o que você estava a fazer?.....	.535
3. Sentiu que estava a jogar um papel útil nas coisas que fazia?.....	.395
4. Sentiu-se capaz de tomar decisões sobre coisas?.....	.509
7. Foi capaz de desfrutar das suas actividades normais do dia-a-dia?.....	.455
8. Foi capaz de enfrentar os seus problemas?.....	.496
12. Sentiu-se razoavelmente feliz, tendo em conta todas as coisas?.....	.399

#### 4.1.7. Resultado factorial da Escala de Coping face ao Desemprego (CWJLS)

Da análise factorial confirmatória aplicada a Escala de Coping face ao Desemprego se obtiveram índices de ajuste moderadamente satisfatórios ( $\chi^2_{43} = 243.31$ ,  $p < .001$ , GFI = .925, AGFI = .895, CFI = .917, SRMR = .060, RMSEA = .070), o qual confirma a estrutura factorial proposta pelos seus autores para esta escala, formada por dois factores: Busca activa de emprego, e Distanciamento. Os coeficientes de consistência interna obtidos foram: Busca activa de emprego ( $\alpha = .870$ ), Distanciamento ( $\alpha = .697$ ).

Tabela 10. Saturações estandarizadas dos itens que compõem a Escala de Coping face ao Desemprego (CWJLS)

Factor 1: <i>Busca activa de emprego</i>	
1. Dedico muito tempo à procura de um novo emprego.....	.791
2. Concentro o meu tempo e energia em actividades que me levam a procurar de emprego.....	.785
3. Esforço-me para encontrar um novo trabalho.....	.855
4. Junto-me com contatos de trabalho, pessoas que me possam ajudar a encontrar outro trabalho.....	.688
5. Falo com gente que me pode ajudar a encontrar um trabalho.....	.660
Factor 2: <i>Distanciamiento</i>	
6. Recordo a mim mesmo que não ter trabalho não é o fim do mundo.....	.482
7. Recordo a mim mesmo que o trabalho não é tudo na vida de uma pessoa.....	.456
8. Eu digo para mim mesmo que há coisas mais importantes na vida que ter um trabalho.....	.487
9. Eu digo para mim mesmo que geralmente o tempo se ocupa de resolver situações como esta.....	.493
10. Recordo a mim mesmo que outras pessoas estiveram nesta mesma situação e que provavelmente eu faço tão bem como elas fizeram.....	.581
11. Tento não pensar no que me aconteceu.....	.396

## 4.2. RESULTADOS DAS QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

### *Conheces o centro de emprego da tua província?*

Tabela 11. Resultados da pergunta: *Conheces o centro de emprego da tua província?*

	<i>Não</i>	<i>Já ouvi falar mas nunca fui até lá</i>	<i>Sim conheço</i>
Homens	165 (19.5%)	138 (16.4%)	154 (18.2%)
Mulheres	154 (18.2%)	123 (14.6%)	110 (13.0%)
Total	319 (37.8%)	261 (30.9%)	264 (31.3%)

Quanto ao conhecimento do centro de emprego pode-se ver desde a Tabela 11 que 19,5 % dos homens diz que não conhece 16,4 afirma que já ouviu falar e 18,2% conhecem. Já as mulheres 18,2% alega que não conhece 14,6 disse que já ouviu falar e 13,0% disse que conhecia. Destes resultados é notório haver mais jovens que não conhece o centro de emprego do que aqueles que conhecem.

***Se conheces o centro de emprego, como te sentes com a prestação de serviços ai oferecida?***

Na tabela 12 pode-se constatar que a maior percentagem sobre como se sentem os jovens sobre a prestação de serviço oferecida pelo centro de emprego recai para a resposta nem satisfeito nem insatisfeito, sendo 21.2% para os homens e 19.0 % para as mulheres. Já a menor percentagem a esta pergunta está na resposta muito satisfeito sendo 3.8% para os homens e 4.4% para as respostas das mulheres.

*Tabela 12. Resultados da pergunta: Se conheces o centro de emprego, como te sentes com a prestação de serviços ai oferecida?*

	<i>Insatisfeito</i>	<i>Pouco satisfeito</i>	<i>Nem satisfeito nem insatisfeito</i>	<i>Satisfeito</i>	<i>Muito satisfeito</i>
Homens	76 (9.0%)	93 (11.0%)	179 (21.2%)	77 (9.1%)	32 (3.8%)
Mulheres	46 (5.5%)	82 (9.7%)	160 (19.0%)	62 (7.3%)	37 (4.4%)
Total	122 (14.5%)	175 (20.7%)	339 (40.2%)	139 (16.5%)	69 (8.2%)

***Acreditas que a formação dada no centro de emprego pode ajudar-te a encontrar um novo emprego?***

Desde a Tabela 13 pode-se observar que a maior percentagem de respostas sobre a ajuda que o centro de emprego pode oferecer está na resposta ajuda sendo para os homens 19.8%, enquanto que as mulheres alcançaram 17.1%. A menor percentagem encontra-se na resposta não ajuda onde os homens totalizaram 3.4% e as mulheres 3.0%.

*Tabela 13. Resultados da pergunta: Acreditas que a formação dada no centro de emprego pode ajudar-te a encontrar um novo emprego?*

	<i>Não ajuda</i>	<i>Ajuda pouco</i>	<i>É indiferente</i>	<i>Ajuda</i>	<i>Ajuda muitíssimo</i>
Homens	29 (3.4%)	97 (11.5%)	80 (9.5%)	167 (19.8%)	84 (10.0%)
Mulheres	25 (3.0%)	75 (8.9%)	58 (6.9%)	144 (17.1%)	85 (10.1%)
Total	54 (6.4%)	172 (20.4%)	138 (16.4%)	311 (36.8%)	169 (20.0%)

Apesar de que na tabela 10 os jovens na sua maioria acreditarem que é indiferente a formação dada pelo centro de emprego, aqui pode-se ver que essa formação ajuda na busca do primeiro emprego.

***Já procuraste emprego pelos teus próprios meios?***

Na tabela 14 pode-se ver que os homens são os que mais procuram emprego pelos seus próprios meios. Assim é que 13.7% disseram que nunca procuraram emprego pelos seus próprios meios, 12.9% afirmaram que o fizeram algumas vezes, 14.7 disse que procura muitas vezes emprego e finalmente 12.8% afirmaram que procuram emprego todos os dias. No entanto, 15.3% das mulheres alegaram que nunca procuraram emprego pelos seus próprios meios, 9.2% disseram que o faz algumas vezes 12.1% afirmou que procura muitas vezes por emprego e finalmente 9.2% disse que o faz todos os dias.

*Tabela 14. Resultados da pergunta: Já procuraste emprego pelos teus próprios meios?*

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Todos os dias</i>
Homens	116 (13.7%)	109 (12.9%)	124 (14.7%)	108 (12.8%)
Mulheres	129 (15.3%)	78 (9.2%)	102 (12.1%)	78 (9.2%)
Total	245 (29.0%)	187 (22.2%)	226 (26.8%)	186 (26.0%)

***Já pensaste em procurar emprego por conta própria?***

Sobre a procura de emprego por conta própria pode-se observar desde a Tabela 15 que 10.4% dos homens disseram que nunca o fizeram, 20.4% afirmaram que o fizeram algumas vezes, 15.3% disseram que muitas e 8.1% alegaram que busca emprego todos os dias. Já as mulheres relativamente a esta pergunta 10.9% respondeu nunca buscaram emprego por conta própria, 16.1% disseram que o fazem algumas vezes, 14.0% afirmaram que procuram emprego muitas vezes e finalmente 4.9 contestaram que procuram emprego todos os dias.

*Tabela 15. Resultados da pergunta: Já pensaste em procurar emprego por conta própria?*

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Todos os dias</i>
Homens	88 (10.4%)	172 (20.4%)	129 (15.3%)	68 (8.1%)
Mulheres	92 (10.9%)	136 (16.1%)	118 (14.0%)	41 (4.9%)
Total	180 (21.3%)	308 (36.5%)	247 (29.3%)	109 (12.9%)

***Estás preparado para começar a trabalhar?*** Sobre as respostas à pergunta sobre o “estar preparado para começar a trabalhar” pode-se observar desde a Tabela 16 partindo das respostas dos jovens que a maioria está preparada. Deste modo, 26.9% dos homens disseram que se sentem muito preparados, 14.0% afirmaram que se sentem preparados e 2.8% respondeu que não está preparado e não sabe como se sente e 7.6% disse que sente-se pouco preparado. Por conseguinte, 16.7% das mulheres responderam que se sentem muito preparadas para começar a trabalhar, 11.6% afirmaram que se sentem preparadas, 5.1% não sabem como se sentem, 7.6% sentem-se pouco preparadas e 7.7% disseram que não estão preparadas para começar a trabalhar.

*Tabela 16. Resultados da pergunta: Estás preparado para começar a trabalhar?*

	<i>Não estou preparado</i>	<i>Sinto-me um pouco preparado</i>	<i>Não sei como me sinto</i>	<i>Sinto-me preparado</i>	<i>Sinto-me muito preparado</i>
Homens	24 (2.8%)	64 (7.6%)	24 (2.8%)	118 (14.0%)	227 (26.9%)
Mulheres	41 (4.9%)	64 (7.6%)	43 (5.1%)	98 (11.6%)	141 (16.7%)
Total	65 (7.7%)	128 (15.2%)	67 (7.9%)	216 (25.6%)	368 (43.6%)

#### 4.3. ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Desde a Tabela 17 se pode ver que as pontuações das variáveis estudadas obtidas pelos jovens que compõem a amostra, são todas superiores ao valor da média possível em cada uma das variáveis destacando-se o apoio dos outros significativos (4.00) a auto-estima com 3.86, o apoio da família com 3.81 e o controlo emocional com 3.70. As pontuações mais baixas foram alcançadas pela satisfação com a vida 2.83 e a resiliência com uma média de 3.00. Quanto a dispersão (Desvio Padrão) das pontuações em quase todas as variáveis é baixo exceptuando a busca activa (DP = 1.35).

Finalmente e fazendo referência a última coluna da tabela 15 onde estão expostos os coeficientes de alpha de Cronbach correspondentes a cada um dos factores dos diferentes instrumentos utilizados na presente investigação os quais foram explicados no capítulo quando se explicaram os resultados das análises factoriais. Assim pode-se ver que a consistência interna de todos os factores é próxima ou superior a .70, limite habitualmente estabelecido para considerar aceitável a consistência interna de um instrumento de medida (Nunnally e Bernstein, 1995). A Auto-percepção de saúde mostra-nos o coeficiente de consistência interna, por tratar-se de um só ítem.

Tabela 17. Estatísticas descritivas das variáveis estudadas

Factores	Media	DP	$\alpha$
<i>Auto-estima</i>			
Auto-estima	3.86	0.68	.697
<i>Apoio Social</i>			
Apoio da Família	3.81	0.89	.787
Apoio dos Amigos	3.52	0.89	.795
Apoio dos Outros Significativos	4.00	0.84	.765
<i>Satisfação com a Vida</i>			
Satisfação com a vida	2.83	0.84	.732
<i>Controlo Emocional</i>			
Controlo Emocional	3.70	0.87	.839
<i>Resiliência</i>			
Resiliência	3.00	0.78	.691
<i>Coping face ao desemprego</i>			
Busca activa	3.26	1.35	.870
Distanciamento	3.20	0.97	.697
<i>Saúde Geral</i>			
Saúde positiva	3.50	0.87	.683
<i>Auto-percepção de saúde</i>			
Saúde auto-percebida	3.37	1.02	---

DP = Desvio padrão.

#### 4.4. CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Desde a Tabela 18 se podem ver os resultados das correlações entre as variáveis estudadas.

Tabela 18. Correlações bivariadas entre as variáveis estudadas

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Autoestima	1									
2. Apoio Família	.38**	1								
3. Apoio Amigos	.30**	.37**	1							
4. Apoio Outros	.46**	.53**	.44**	1						
5. Satisf Vida	.27**	.33**	.29**	.27**	1					
6. Control Emoc	.40**	.29**	.22**	.25**	.25**	1				
7. Resiliência	-.12**	-.12**	-.13**	-.18**	-.18**	-.07*	1			
8. Busca activa	.16**	.06	.02	.07*	-.07*	.17**	-.11**	1		
9. Distanciamento	.07*	.11**	.03	.15**	.10**	.12**	-.08*	.30**	1	
10. Saúde	.37**	.30**	.23**	.27**	.21**	.41**	-.05	.22**	.17**	1
11. Autoperc saúde	.17**	.19**	.07*	.16**	.18**	.11**	.05	.02	.06	.15**

\* A correlação é significativa ao nível 0.05. \*\* A correlação é significativa ao nível 0.01 (bilateral)



Pode-se constatar, que a auto-estima correlaciona-se significativamente com todas as variáveis dos diferentes instrumentos. A sua correlação com a resiliência apesar de ser estatisticamente significativa é negativa. Por conseguinte, pode-se dizer que todas as correlações da variável resiliência com as demais variáveis apesar de serem estatisticamente significativas são negativas.

O apoio da família estabelece correlação estatisticamente significativa com quase todas as variáveis menos com a variável busca activa. O apoio dos outros significativos estabelece uma correlação estatisticamente significativa com todas as demais variáveis, o mesmo se pode dizer da satisfação com a vida e o controlo emocional.

A variável busca activa apresenta uma correlação estatisticamente significativa com a auto-estima, com o apoio dos outros, com a satisfação com a vida, com o controlo emocional, com a resiliência e com o distanciamento. O distanciamento correlaciona-se estatística e significativamente com quase todas as demais variáveis excepto com o apoio dos amigos.

A variável saúde correlaciona-se com todas as demais variáveis, sendo que todas as suas correlações são estatisticamente significativas. Finalmente a variável percepção da saúde estabelece correlação positiva com quase todas as variáveis exceptuando a resiliência, a busca activa e o distanciamento.

#### **4.5. RESULTADOS DIFERENCIAIS EM FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIO-DEMOGRÁFICAS ESTUDADAS**

Nesta parte, mostramos os resultados diferenciais das variáveis dependentes em todas as suas dimensões, a partir das variáveis sociodemográficas que caracterizam a amostra. Para elas foram aplicadas provas t para a comparação entre dois grupos (género, desemprego, com/sem filhos, morada) e as Anovas de um factor para as comparações quando existem três ou mais grupos (idade, habilitações literárias). Neste último caso, foram aplicadas as provas a posteriori para a comparação entre grupos, empregando a prova HSD de Tukey e a prova de Games Howell (para varianças não homogéneas).

##### ***4.5.1. Resultados diferenciais segundo o género***

Na Tabela 19, mostramos uma síntese de resultados das análises diferenciais

realizadas, considerando como variável independente o género dos jovens desempregados e como variáveis dependentes todas as procedentes das escalas utilizadas no estudo. Depois de analisadas as diferenças entre o género e as variáveis advindas dos instrumentos utilizados, pode-se dizer que as mulheres percebem mais o apoio dos outros significativos enquanto que os homens apresentam um maior controlo emocional e são mais resilientes.

*Tabela 19. Resultados diferenciais das variáveis estudadas, segundo o género dos desempregados*

Factores	Medias		t	p
	Homens	Mulheres		
Auto-estima.	3.85	3.86	-0.11	.909
Apoio da Família	3.76	3.86	-1.52	.127
Apoio dos Amigos	3.48	3.56	-1.31	.188
Apoio dos Outros Significativos	3.88	4.14	-4.57	.000***
Satisfação com a Vida	2.80	2.86	-1.07	.283
Controlo Emocional	3.79	3.58	3.41	.001**
Resiliência	3.10	2.89	3.96	.000***
Busca activa de emprego	3.27	3.25	0.21	.829
Distanciamento	3.20	3.21	-0.15	.874
Saúde mental	3.55	3.49	1.05	.291
Saúde auto-percebida	3.37	3.38	-0.17	.862

\*: p<.05; \*\*: p<.01; \*\*\*: p<.001

#### **4.5.2. Resultados diferenciais segundo o desemprego**

*Tabela 20. Resultados diferenciais das variáveis estudadas, segundo o desemprego*

Factores	Medias		t	p
	Nunca trabalhou	Desempregado		
Auto-estima.	3.84	3.88	-0.75	.450
Apoio da Família	3.83	3.77	0.82	.412
Apoio dos Amigos	3.54	3.47	1.07	.283
Apoio dos Outros Significativos	4.01	3.97	0.69	.486
Satisfação com a Vida	2.89	2.71	2.93	.003**
Controlo Emocional	3.66	3.78	-1.91	.056
Resiliência	3.05	2.94	1.53	.125
Busca activa de emprego	2.94	3.93	-10.13	.000***
Distanciamento	3.16	3.28	-1.60	.109
Saúde mental	3.48	3.61	-2.04	.041*
Saúde auto-percebida	3.37	3.38	-0.17	.865

\*: p<.05; \*\*: p<.01; \*\*\*: p<.001

No que se refere as diferenças entre grupo tendo em conta a condição de desempregado pode-se ver na Tabela 20 que os jovens que nunca trabalharam sentem-se

mais satisfeitos com a vida. Já os que estão no desemprego apresentam valores da média na variável busca activa mais altos bem como na saúde mental quando comparados com os que nunca trabalharam.

#### 4.5.3. Resultados diferenciais segundo se têm ou não têm filhos

Quanto as comparações feitas entre os jovens desempregados que têm filhos com os que não têm filhos pode-se constatar desde a Tabela 21 que os que não têm filhos apresentam maior auto-estima, percebem maior apoio por parte da família e dos amigos. Já os que têm filhos obtiveram maior pontuação sendo esta estatisticamente significativa na variável busca activa de emprego.

Tabela 21. Resultados diferenciais das variáveis estudadas, segundo se os desempregados têm ou não têm filhos

Factores	Medias		t	p
	Têm filhos	Não têm filhos		
Auto-estima.	3.75	3.88	-2.37	.018*
Apoio da Família	3.64	3.85	-2.82	.005**
Apoio dos Amigos	3.31	3.57	-3.44	.001**
Apoio dos Outros Significativos	3.89	4.02	-1.87	.061
Satisfação com a Vida	2.78	2.84	-0.88	.374
Controlo Emocional	3.63	3.71	-1.12	.360
Resiliência	3.00	3.00	-0.09	.927
Busca activa de emprego	3.95	3.09	7.41	.000***
Distanciamento	3.33	3.17	1.81	.071
Saúde mental	3.57	3.51	0.76	.446
Saúde auto-percebida	3.25	3.41	- 1.80	.072

\*:  $p < .05$ ; \*\*:  $p < .01$ ; \*\*\*:  $p < .001$

#### 4.5.4. Resultados diferenciais segundo o lugar de morada

Desde os resultados expostos na Tabela 22 pode-se constatar que os jovens que vivem na zona urbana apresentam a auto-estima mais alta e percebem mais o apoio dos amigos.

Tabela 22. Resultados diferenciais das variáveis estudadas, segundo o lugar de morada

Factores	Medias		t	p
	Urbana	Rural		
Auto-estima.	3.89	3.77	2.47	.014*
Apoio da Família	3.82	3.77	0.81	.416
Apoio dos Amigos	3.57	3.41	2.37	.018*
Apoio dos Outros Significativos	4.02	3.95	1.00	.316

Satisfação com a Vida	2.84	2.81	0.34	.729
Controlo Emocional	3.70	3.69	0.16	.867
Resiliência	2.99	3.02	-0.49	.620
Busca activa de emprego	3.25	3.28	-0.27	.780
Distanciamento	3.20	3.19	0.13	.893
Saúde mental	3.54	3.49	0.68	.493
Saúde auto-percebida	3.40	3.30	1.35	.745

\*: p<.05; \*\*: p<.01; \*\*\*: p<.001

#### 4.5.5. Resultados diferenciais segundo os grupos de idade dos desempregados

Segundo os dados apresentados na Tabela 23, referente aos resultados das ANOVAS realizadas, considerando como variável independente os três grupos de idade dos desempregados (18-20 anos, 21-25 anos e 26-30 anos), se constata diferenças significativas em três das variáveis estudadas. Dos resultados aqui apresentados leva-nos a dizer que quanto mais jovens são maior é a satisfação com a vida e melhor é a saúde autopercebida. Já os mais velhos são os que mais fazem a busca activa de emprego.

Tabela 23. Resultados diferenciais das variáveis estudadas, segundo a idade dos desempregados

Factores	Medias			F	p	Difer. entre:
	18-20	21-25	26-30			
Auto-estima.	3.87	3.85	3.84	0.13	.870	
Apoio da Família	3.86	3.80	3.69	1.49	.225	
Apoio dos Amigos	3.54	3.53	3.40	0.98	.374	
Apoio dos Outros Significat.	4.03	3.99	3.91	0.91	.401	
Satisfação com a Vida	2.98	2.75	2.62	10.60	.000***	1-2, 1-3
Controlo Emocional	3.73	3.66	3.70	0.53	.586	
Resiliência	2.96	3.02	3.05	0.79	.451	
Busca activa de emprego	2.89	3.45	3.82	25.73	.000***	1-2, 1-3, 2-3
Distanciamento	3.18	3.20	3.27	0.33	.718	
Saúde mental	3.48	3.56	3.53	0.80	.449	
Saúde auto-percebida	3.51	3.27	3.31	5.27	.005**	1-2

Notas: \*: p<.05; \*\*: p<.01; \*\*\*: p<.001 (1) 18-20 anos; (2) 21-25 anos; (3) 26-30 anos.

#### 4.5.6. Resultados diferenciais segundo as habilitações literárias dos jovens desempregados

A Tabela 24 mostra os resultados das ANOVAS realizadas considerando como variável independente os três grupos segundo o nível de escolaridade (baixo, médio e alto). Esta variável resulta ser bastante significativa pois visto apresentar diferenças estatisticamente significativas em sete variáveis.

Tabela 24. Resultados diferenciais das variáveis estudadas, segundo o nível de estudos dos jovens desempregados

Factores	Medias			F	p	Difer. entre:
	baixo	medio	alto			
Auto-estima.	3.69	3.85	4.05	17.48	.000***	1-2, 1-3, 2-3
Apoio da Família	3.68	3.83	3.92	4.92	.007**	1-3
Apoio dos Amigos	3.26	3.69	3.57	18.35	.000***	1-2, 1-3
Apoio dos Outros Significat.	3.79	4.06	4.13	12.10	.000***	1-2, 1-3
Satisfação com a Vida	2.85	2.91	2.69	4.69	.009**	2-3
Controlo Emocional	3.59	3.75	3.75	3.01	.050	
Resiliência	3.01	2.99	3.01	0.10	.897	
Busca activa de emprego	3.08	3.12	3.66	14.03	.000***	1-3, 2-3
Distanciamento	3.23	3.21	3.16	0.36	.698	
Saúde mental	3.38	3.51	3.71	9.11	.000***	1-3, 2-3
Saúde auto-percebida	3.38	3.35	3.40	0.14	.868	

Notas: \*: p<.05; \*\*: p<.01; \*\*\*: p<.001 (1) Baixo: 6<sup>a</sup>-10<sup>a</sup>; (2) Medio: 11<sup>a</sup>-13<sup>a</sup>; (3) Alto: superior.

Dos resultados aqui expostos pode-se dizer que quanto mais alto for o nível de escolaridade mais elevada é a auto-estima dos jovens maior é o apoio por estes percebido por parte da família e dos outros significativos para ele, maior é a busca activa e melhor é a saúde mental. Já os que apresentam um nível de escolaridade médio percebem mais o apoio dos amigos e sentem-se mais satisfeitos com a vida.

#### 4.6. PREDICÇÃO DA SAÚDE E DA SATISFAÇÃO COM A VIDA DOS DESEMPREGADOS

Para predizer a saúde percebida, a saúde mental e a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados, primeiramente se desenvolveram três Regressões Hierárquicas, uma para cada uma das variáveis dependentes, considerando como variáveis independentes algumas variáveis sociodemográficas (idade, sexo, ...), os recursos pessoais (auto-estima, resiliência e coping), e os recursos sociais (apoio social). Através destas análises se foi possível comprovar quais eram as variáveis que resultavam significativas. Com os dados obtidos, se propôs um Modelo de Equaciones Estructurais para analisar, de forma conjunta, as relações existentes entre as variáveis estudadas.

##### 4.6.1. Resultados das Análises de Regressão Hierárquica para predizer a saúde e a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados

Nas seguintes tabelas mostra-se os resultados das Análises de Regressão Hierárquica

para prever a percepção de saúde, a satisfação com a vida e a saúde mental dos jovens angolanos desempregados. Realizaram-se três análises para a predição de cada uma das três variáveis dependentes. As variáveis independentes, em todos os casos, foram introduzidas em três blocos. Num primeiro bloco (modelo 1) foram introduzidas as variáveis sociodemográficas: lugar de morada, idade, sexo, habilitações literárias e se têm ou não têm filhos. Num segundo bloco (modelo 2) foram se juntando as variáveis independentes relacionadas com os recursos pessoais: Resiliência, Auto-estima, Controlo Emocional e Coping (Distanciamento, Busca activa de emprego). Num terceiro bloco (modelo 3), se juntou as variáveis independentes relacionadas com os recursos sociais: Apoio Social (Apoio dos Amigos, Apoio da Família e Apoio dos Outros Significativos).

Na Tabela 25, o resumo da Análise de Regressão mostra um valor de  $R^2$  corrigida = .058 ( $p = .003$ ) no terceiro modelo. Portanto, as variáveis independentes introduzidas nas análises aportaram um 5.8% de explicação da variável dependente Percepção do estado de saúde dos jovens angolanos. Se pode observar que as variáveis introduzidas a que maior câmbio produziu na  $R^2$  foram os recursos pessoais, sendo menor o câmbio ao introduzir os recursos sociais, embora em ambos casos sejam estatisticamente significativos.

*Tabela 25. Resumo do modelo de regressão Hierárquica para prever a Percepção do Estado de Saúde dos jovens angolanos desempregados*

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> corrigida	Error típ estimac	Estatísticas de câmbio				
					Câmbio en R <sup>2</sup>	Cambio en F	gl1	gl2	Signif.
1	,143 <sup>a</sup>	,020	,014	1,014	,020	3,263	5	784	,006
2	,237 <sup>b</sup>	,056	,044	,998	,036	5,940	5	779	,000
3	,271 <sup>c</sup>	,073	<b>,058</b>	,991	,017	4,705	3	776	<b>,003</b>

a. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilit. Liter., Com/Sem Filhos

b. Variables predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilit. Liter., Com/SemFilhos, Distanciam, Resiliênc, ContrEmoc, Auto-estima, Busca Activa

c. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilit. Liter., ConSinHijos, Distanciam, Resiliênc, ContrEmoc, Auto-estima, BuscActiva, APAmigos, APFamilia, APOtros

Na Tabela 26, mostramos os resultados da aportação de cada uma das variáveis independentes na predição da variável dependente Percepção do Estado de Saúde dos jovens angolanos desempregados. Por razões de clareza expositiva unicamente mostramos os resultados do último modelo introduzido na análise de regressão, o modelo 3. Nesta tabela se pode observar que as variáveis que mais contribuíram para prever a auto-percepção de saúde dos jovens angolanos desempregados foi a idade (em sentido inverso) com uma percentagem de 10.1%, o apoio da família com 11.2%, a auto-estima

com 9.1% e a resiliência com 7.9%. Em todos os casos com valores de  $p$  estatisticamente significativos.

Tabela 26. Aportação de cada variável independente na predição da Percepção do Estado de Saúde dos jovens angolanos desempregados

Modelo		Coeficientes não estandarizados		Coeficientes estandarizados		
		B	Error típ.	Beta	t	Sig.
3	(Constante)	1,979	,538		3,681	,000
	Idade	-,034	,013	-,101	-2,535	,011
	Sexo	-,004	,073	-,002	-,058	,954
	Habilit. Liter.	,018	,019	,037	,972	,331
	Morada	-,048	,079	-,022	-,604	,546
	ComSemFilhos	,068	,100	,027	,683	,495
	Auto-estima	,135	,064	,091	2,125	,034
	ContrEmoc	,031	,046	,026	,672	,502
	Resiliênc	,103	,046	,079	2,224	,026
	BuscActiva	,017	,030	,022	,556	,579
	Distanciam	,039	,039	,037	,998	,318
	APFamilia	,130	,049	,112	2,641	,008
	APAmigos	-,034	,045	-,030	-,753	,452
	APOtros	,088	,056	,073	1,583	,114

a Variável dependente: Estado de Saúde

Na Tabela 27, o resumo da Análise de Regressão mostra um valor de  $R^2$  corrigida = .237 ( $p < .001$ ) no terceiro modelo. Portanto, as variáveis independentes introduzidas nas análises aportaram um 23.7% de explicação da Satisfação com a Vida dos jovens angolanos. Pode-se observar que das variáveis introduzidas a que maior câmbio produziu na  $R^2$  foram os recursos pessoais (.140), sendo menor o câmbio ao introduzir os recursos sociais (.071), embora em ambos casos sejam estatisticamente significativos ( $p < .001$ ).

Tabela 27. Resumo do modelo de regressão Hierárquica para predizer a Satisfação com a Vida dos jovens angolanos desempregados

Modelo	R	$R^2$	$R^2$ corregida	Error típ estimac	Estatísticos de câmbio				
					Câmbio en $R^2$	Câmbio en F	gl1	gl2	Signif.
1	,197 <sup>a</sup>	,039	,033	,828	,039	6,324	5	784	,000
2	,423 <sup>b</sup>	,179	,168	,768	,140	26,559	5	779	,000
3	,499 <sup>c</sup>	,249	,237	,735	,071	24,320	3	776	,000

a. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilit. Liter., Com/SemFilhos

b. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilit. Liter., Com/Sem filhos, Distanciam, Resiliênc, ContrEmoc, Auto-estima, BuscaActiva

c. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilit. Liter., Com/SemFilhos, Distanciam, Resiliênc, ContrEmoc, Auto-estima, BuscActiva, APAmigos, APFamilia, APOtros

Na Tabela 28, apresentam-se os resultados da aportação de cada uma das variáveis

independentes na predição da variável dependente Satisfação com a Vida dos jovens angolanos desempregados.

*Tabela 28. Aportação de cada variável independente na predição da Satisfação com a Vida dos jovens angolanos desempregados*

Modelo		Coeficientes no estandarizados		Coeficientes estandarizados		
		B	Error típ.	Beta	t	Sig.
3	(Constante)	2,555	,399		6,399	,000
	Idade	-,039	,010	<b>-,141</b>	-3,942	<b>,000</b>
	Sexo	,020	,054	,012	,368	,713
	Habilit. Liter.	-,038	,014	<b>-,092</b>	-2,711	<b>,007</b>
	Morada	-,002	,059	-,001	-,035	,972
	Com/SemFilhos	-,209	,074	<b>-,099</b>	-2,831	<b>,005</b>
	Auto-estima	,142	,047	<b>,116</b>	3,014	<b>,003</b>
	ContrEmoc	,110	,034	<b>,114</b>	3,226	<b>,001</b>
	Resiliênc	-,113	,034	<b>-,105</b>	-3,288	<b>,001</b>
	BuscActiva	-,080	,022	<b>-,129</b>	-3,610	<b>,000</b>
	Distanciam	,067	,029	<b>,077</b>	2,320	<b>,021</b>
	APFamília	,184	,036	<b>,193</b>	5,050	<b>,000</b>
	APAmigos	,158	,034	<b>,167</b>	4,695	<b>,000</b>
	APOutros	,022	,041	,022	,532	,595

a Variável dependente: Satisfação com a Vida

Nesta tabela se pode observar que são numerosas (dez no total) as variáveis que de forma estatisticamente significativa contribuíram para predizer a Satisfação com a Vida dos jovens angolanos desempregados. Em concreto a aportação de cada uma das variáveis independentes foi a seguinte: a idade (14.1%), as habilitações literárias (9.2%), o ter filhos (9.9%), a auto-estima (11.6%), o controlo emocional (11.4%), a resiliência (10.5%), a busca activa de emprego (12.9%), o distanciamento (7.7%), o apoio da família (19.3%), e o apoio dos amigos (16.7%). Como já tínhamos assinalado anteriormente, em todos os casos os valores de  $p$  são estatisticamente significativos.

Na Tabela 29, o resumo da Análise de Regressão mostra um valor de  $R^2$  corrigida = .255 ( $p < .001$ ) no terceiro modelo. Portanto, as variáveis independentes introduzidas nas análises aportaram um 25.5% de explicação da variável dependente Saúde Mental dos jovens angolanos. Se pode observar que as variáveis introduzidas que maior câmbio na  $R^2$



produziram foi os recursos pessoais (.223), e em pequena quantidade, embora também estatisticamente significativa ( $p < .001$ ), os recursos sociais (.021).

Tabela 29. Resumo do modelo de regressão Hierárquica para prever a Saúde Mental dos jovens angolanos desempregados

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> corregida	Error típ estimac	Estadísticos de cambio				
					Cambio en R <sup>2</sup>	Cambio en F	gl1	gl2	Signif.
1	,156 <sup>a</sup>	,024	,018	,864	,024	3,910	5	784	,002
2	,497 <sup>b</sup>	,247	,237	,761	,223	46,102	5	779	,000
3	,517 <sup>c</sup>	,268	<b>,255</b>	,752	,021	7,246	3	776	<b>,000</b>

a. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilidad. Liter., Com/SemFolhos

b. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilidad. Liter., Com/SemFilhos, Distanciam, Resilienc, ContrEmoc, Auto-estima, BuscActiva

c. Variáveis predictoras: (Constante), Morada, Idade, Sexo, Habilidad. Liter., Com/SemFilhos, Distanciam, Resilienc, ContrEmoc, Auto-estima, BuscActiva, APAmigos, APFamilia, APOtros

Na Tabela 30, mostram-se os resultados da aporção de cada uma das variáveis independentes na predição da variável dependente Saúde Mental dos jovens angolanos desempregados.

Tabela 30. Aporção de cada variável independente na predição da Saúde Mental dos jovens angolanos desempregados

Modelo		Coeficientes no estandarizados		Coeficientes estandarizados		
		B	Error típ.	Beta	t	Sig.
1	(Constante)	,571	,408		1,397	,163
	Idade	-,009	,010	-,032	-,899	,369
	Sexo	-,025	,056	-,014	-,452	,651
	Habilidad. Liter.	,027	,014	,064	1,891	,059
	Morada	,017	,060	,009	,277	,782
	ComSemFilhos	-,104	,076	-,048	-1,382	,167
	Auto-estima	,213	,048	<b>,168</b>	4,407	<b>,000</b>
	ContrEmoc	,249	,035	<b>,250</b>	7,158	<b>,000</b>
	Resilienc	,022	,035	,020	,635	,526
	BuscActiva	,067	,023	<b>,104</b>	2,937	<b>,003</b>
	Distanciam	,068	,029	<b>,076</b>	2,317	<b>,021</b>
	APFamilia	,100	,037	<b>,101</b>	2,679	<b>,008</b>
	APAmigos	,075	,034	<b>,076</b>	2,172	<b>,030</b>
	APOtros	,038	,042	,036	,888	,375

a Variável dependente: Saúde Mental

Nesta tabela se pode observar que as variáveis independentes ofereceram capacidade predictiva para a variável dependente Saúde Mental dos jovens angolanos (medida através

do GHQ12) foram as seguintes: a auto-estima (16.8%), e o controlo emocional (25.5%), a busca activa de emprego (10.4%), o distanciamento (7.6%), o apoio da família (10.1%), e o apoio dos amigos (7.6%). Em todos os casos os valores de  $p$  são estatisticamente significativos.

#### 4.6.2. Resultados do Modelo de Equações Estruturais para prever a percepção de saúde, a satisfação com a vida e a saúde mental dos jovens angolanos desempregados

Uma vez conhecidas quais eram as variáveis que resultavam estatisticamente significativas nas análises de Regressão Hierárquica, propusemos um Modelo de Equações Estruturais para analisar de forma conjunta as relações existentes entre as variáveis sociodemográficas, os recursos pessoais, os recursos sociais, o estado de saúde, a satisfação com a vida e a saúde mental dos jovens angolanos desempregados (Fig. 2).

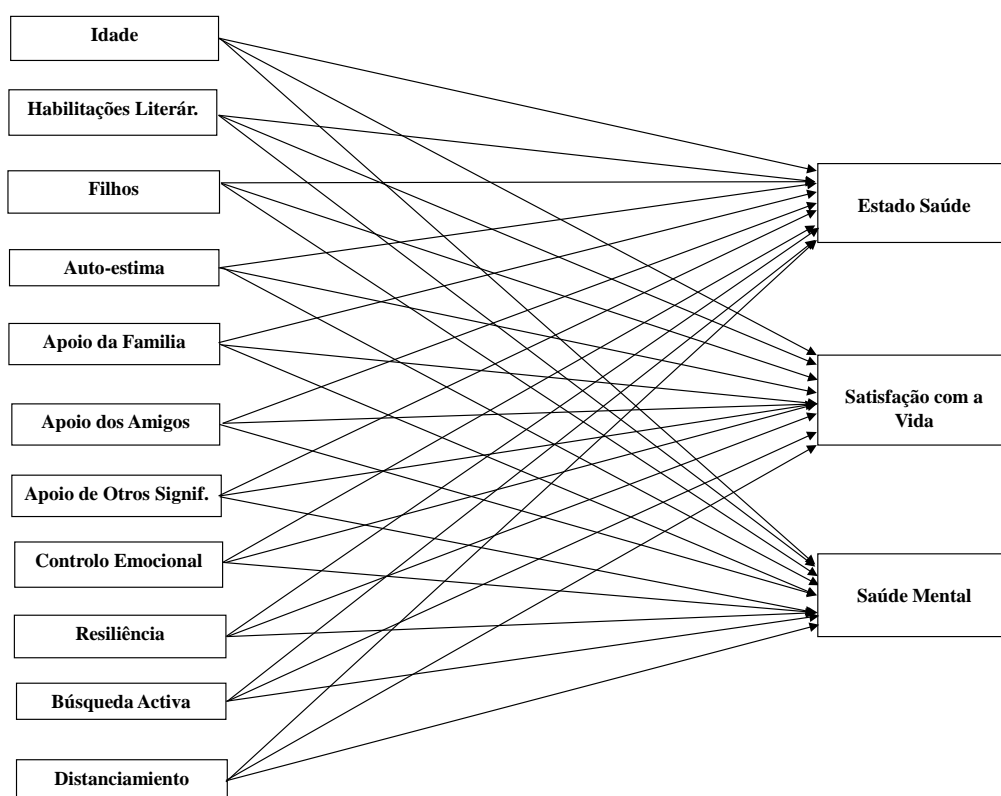
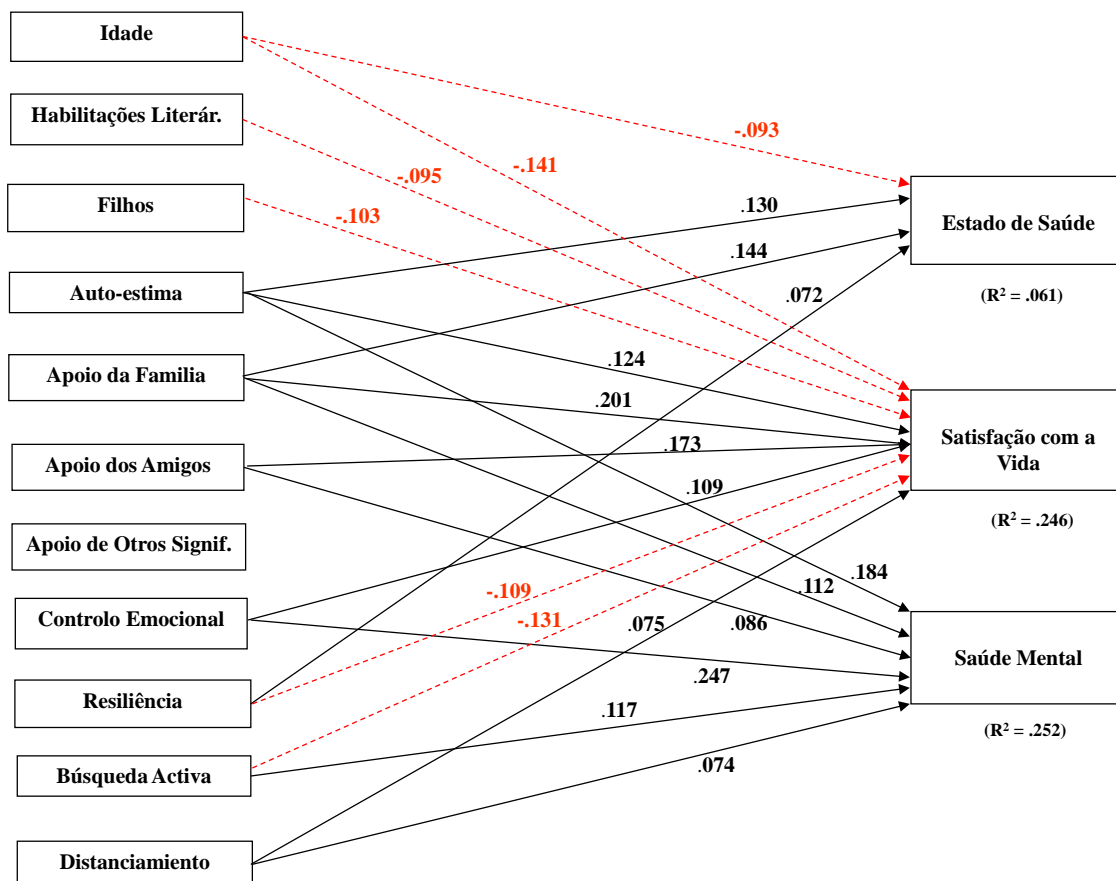


Fig. 2. Modelo hipotético para prever a autopercepção de saúde, a satisfação com a vida e a saúde mental dos jovens angolanos desempregados

Para calcular a predição da autopercepção de saúde, a satisfação com a vida e a saúde mental dos jovens angolanos desempregados, considerou-se os mesmos índices assinalados nas propriedades psicométricas dos instrumentos através de CFAs, isto é, os

índices  $\chi^2$ , GFI, AGFI, CFI, SRMR e RMSEA.

Submetido a verificação este modelo da Fig. 2, obtivemos uns índices de ajuste que consideramos não satisfatórios, pelo que continuamos depurando o modelo eliminando as relações não significativas, com o qual o ajuste do modelo aos dados terminou sendo muito satisfatório:  $\chi^2_{32} = 40.54$ ,  $p = .142$ , GFI = .993, AGFI = .976, CFI = .995, SRMR = .026, RMSEA = .018 (ver Fig. 3).



*Nota:* Todas as relações estruturais assinaladas são estatisticamente significativas ( $p < .05$ ). Por razões de clareza expositiva, não se mostram as correlações entre as variáveis exógenas e os erros.

Fig. 3. Solução estandarizada para o modelo proposto das relações entre as variáveis sociodemográficas, os recursos pessoais e sociais, a percepção de saúde, a satisfação com a vida e a saúde mental dos jovens angolanos desempregados.

Como mostra a Fig. 3, as variáveis independentes introduzidas no modelo hipotético explicam um 6.1% da variável dependente “Percepção do Estado de Saúde” dos jovens angolanos desempregados. As variáveis que aportam esta predição do Estado de Saúde são: a Idade ( $\beta = -.093$ ), a Auto-estima ( $\beta = .130$ ), o Apoio da Família ( $\beta = .144$ ) e a

Resiliência ( $\beta = .072$ ). Por outro lado, encontramos um 24.6% de predição da variável dependente “Satisfação com a vida” dos jovens angolanos desempregados.

Tal como mostra a anterior figura, as variáveis que predizem a Satisfação com a vida dos jovens angolanos são as seguintes: a Idade ( $\beta = -.141$ ), as Habilitações literárias ( $\beta = -.095$ ), Ter filhos ( $\beta = -.103$ ), a Auto-estima ( $\beta = .124$ ), o Apoio da família ( $\beta = .201$ ), o Apoio dos amigos ( $\beta = .173$ ), o Controlo emocional ( $\beta = .109$ ), a resiliência ( $\beta = -.109$ ), a Busca activa de emprego ( $\beta = -.131$ ), e o Distanciamento (coping) ( $\beta = .075$ ).

Finalmente, quanto à Saúde Mental dos jovens angolanos desempregados, encontramos que seis variáveis independentes predizem o 25.2% desta variável dependente. Segundo se pode observar na Fig. 3, as variáveis com uma significativa capacidade predictiva da Saúde Mental dos jovens são as seguintes: a Auto-estima ( $\beta = .184$ ), o Apoio da família ( $\beta = .112$ ), o Apoio dos amigos ( $\beta = .086$ ), o Controlo emocional ( $\beta = .247$ ), a Busca activa de emprego ( $\beta = .117$ ), e o Distanciamento (coping) ( $\beta = .074$ ).

## **CAPÍTULO V**

---

### **DISCUSSÃO E CONCLUSÕES:**

5.1. DISCUSSÃO.

5.2. CONCLUSÕES.

5.3. LIMITAÇÕES DO TRABALHO E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES.

5.4. PROPOSTAS DE APLICAÇÃO DOS RESULTADOS.



## 5.1. DISCUSSÃO

Neste capítulo apresenta-se uma discussão a volta dos principais resultados obtidos relacionando-os com os objectivos por nós traçados e as respectivas hipóteses. Como referimos nos capítulos teóricos o desemprego é um fenómeno actual que acarreta consequências graves tanto no âmbito económico como no social, interferindo na qualidade de vida das pessoas.

A maior parte das investigações têm sido desenvolvidas sobre factores psicológicos relacionados com o desemprego evidenciado, fundamentalmente, o impacto do desemprego no plano individual, focado essencialmente os aspectos negativos da adaptação ao desemprego ao invés dos aspectos positivos.

De acordo com o nosso primer objectivo em que procuramos *analisar quais as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a saúde e com a satisfação de vida*, e dos resultados obtidos, vimos que o género percebe mais o apoio advindo de outras pessoas que são significativas, mas são os homens que apresentam um maior controlo emocional logo, são mais resilientes. Estes nossos resultados não corroboram a maioria dos estudos, pois para Muchinsky (2004), não existem diferenças entre o género quando se fala do desemprego já, Reine et al. (2013) demonstraram nos seus estudos que os homens desempregados podem sofrer mais do que as mulheres. Segundo Grun et al. (2010) e Kassenbohmer e Haisken-DeNew (2009) o desemprego tem efeitos diferentes para os homens e para as mulheres. Eichhorn (2013) diz que as mulheres tendem a ter mais níveis elevados de satisfação com a vida do que os homens, estes resultados reforçam os encontrados e já anteriormente citados por Van der Meer (2012), Blanchflower y Oswald (2005) e Hultman et al. (2006). Este resultado foi comprovado no nosso trabalho em que constatamos que os homens mais do que as mulheres se sentem muito bem preparados para trabalhar.

Uma outra variável por nós estudada foi a idade em que se revelou diferenças significantes. Constatou-se que apesar de desempregados os mais jovens apresentam maiores níveis de satisfação com a vida, enquanto os mais velhos são os que mais procuram formas de ter um emprego. Esta resultou ser uma variável que afecta o estado de saúde bem como a satisfação com a vida das pessoas desempregadas. Por conseguinte, e

corroborando com os resultados de Clark et al. (2001), também nos nossos podemos verificar que aquelas pessoas que no passado estiveram empregados tendem a estar menos satisfeitos do que indivíduos que nunca trabalharam e são as que mais se preocupam em conseguir novamente um vínculo laboral.

O facto de se ter uma família em especial ter-se filhos é visto por alguns autores como a realização de um sonho, um projecto de vida que por vezes se pode converter num pesadelo principalmente quando não se tem independência económica. Portanto, o desemprego pode ser visto como uma ameaça ao apoio familiar. É assim que concordamos com Forret et al. (2011), quando aludem que os homens com filhos são mais propensos em perceber o desemprego como uma derrota. Os nossos resultados apontam que os desempregados que não têm filhos apresentam uma auto-estima mais alta, recebem mais apoio familiar, enquanto que aqueles que têm filhos são os que recebem maior apoio dos amigos e mais se impelem na busca de um emprego. Portanto aqui está patente que o facto de se ter filhos e estar-se desempregado afecta negativamente na satisfação com a vida estes dados corroboram os de Van der Meer (2012), Blanchflower y Oswald (2005) e Hultman et al. (2006).

O nível de escolaridade também é um factor que tem sido abordado em muitas investigações. Núñez e Livanos (2010) dizem que é um facto bem estabelecido que o ensino superior está associada a baixos níveis de desemprego, assim os jovens formados, desenvolvem expectativas vocacionais mais elevadas. Por essa razão, as habilitações literárias e as qualificações profissionais são referidas como mediadoras do efeito psicológico negativo do desemprego (Savickas, 2002). Inferindo sobre os nossos resultados, podemos dizer que os sujeitos alvo da nossa investigação que se encontram na condição de desempregados e que têm estudos superiores são os que apresentam uma auto-estima alta, têm mais apoio familiar, dos amigos e de outras pessoas significativas na sua vida; estão mais satisfeitas com a sua vida; são as que mais activamente procuram um emprego e apresentam melhor saúde mental. Ainda assim, o nível de escolaridade resultou numa variável que influencia negativamente a satisfação com a vida dos desempregados.

Diversos estudos têm constatado que a situação de desemprego provoca mudanças geralmente negativas a nível psicológico, podendo conduzir a uma deterioração da saúde mental e física (Dooley e Prause, 1995). Na presente investigação também se constatou



que factores como a auto-estima, o apoio da família, o apoio dos amigos bem como o controlo emocional são factores que predizem positivamente a saúde mental das pessoas que se encontram desempregadas.

Tendo em conta que o nosso segundo objectivo foi *analisar as relações entre as condições pessoais, sociais, a saúde e a satisfação com a vida dos jovens desempregados angolanos* e partindo dos resultados obtidos das correlações bivariadas vemos que, destacando-se o apoio da família existe uma correlação entre as variáveis. Também podemos ver que a busca activa de trabalho e o distanciamento ou seja as estratégias de coping correlacionam-se com quase todas as demais variáveis. Foi possível verificar que quem prediz o estado de saúde é a auto-estima, o apoio social da família é a resiliência. Já a auto-estima, o apoio da família e dos amigos bem como o controlo emocional predizem a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados. No que se refere a saúde mental dos jovens angolanos podemos afirmar que a auto-estima, o apoio da família e dos amigos, o controlo emocional, a busca activa de emprego e o distanciamento ou estratégias de coping são as variáveis que predizem a saúde mental. Estes resultados corroboram os encontrados na literatura especializada como os de Ferguson et al. (1997); Hammer (1992); Kessler et al. (1989); Tiggemann et al. (1991); e Winefield, Winefield, Tiggemann e Goldney (1991), que centraram os seus estudos nos problemas referentes a saúde mental das pessoas desempregadas. Estes estudos têm relatado as associações entre a exposição ao desemprego e os problemas de ajustamento psicossocial verificando relação causal entre desemprego e ajustamento pessoal em pessoas jovens. O desemprego por si também está associado com reduções muito substanciais no bem-estar subjectivo (entre outros, Clark et al., 2001, Clark, 2003; Cooper et al., 2008; Kassenboehmer e Haisken-DeNew, 2009).

Em relação a nossa primeira e a segunda hipóteses em que se supunha que *a auto-estima, o controlo emocional, as estratégias de coping e o apoio social predizem a saúde mental e a saúde de modo geral dos jovens angolanos desempregados*, constatamos que todas elas apresentam uma boa capacidade preditiva sobre a saúde mental sendo o controlo emocional a variável mais influente. Estes resultados reforçam os encontrados por Brennan (2001), que diz que algumas das assumpções nucleares comumente fragmentadas pela experiência de ser desempregado são referentes á trajectória de vida, às

representações acerca do próprio (inclui as representações de controlo e de valor pessoal) á natureza das relações de afecto, às questões espirituais e existenciais. Psicologicamente, alguns acontecimentos podem ameaçar as assumpções ou impedir uma reacção adaptada às circunstâncias. Esta desorientação pode perdurar por muito tempo, conduzindo o indivíduo a negar a realidade e viver um ajustamento mal adaptativo. Também De Cuyper et al. (2008) dizem que há uma associação positiva transversal entre empregabilidade e bem-estar no meio dos trabalhadores belgas. Nesta mesma linha, Berntson e Marklund (2007) alegam existir uma associação positiva entre alguns indicadores de empregabilidade indirecta de indivíduos empregados e bem-estar mental das pessoas.

Partindo dos nossos resultados vimos que apenas a auto-estima o apoio da família e a resiliência influenciam no estado geral de saúde enquanto que o apoio da família, o apoio dos amigos o controlo emocional e as estratégias de coping predizem a saúde mental dos jovens desempregados. Estes resultados corroboram os de Masten e Garmezy (1985) quando se referem a factores de protecção (auto-estima, apoio familiar e apoio social externo) para o desemprego. Moorthouse e Caltabiano (2007) também verificaram que os sujeitos desempregados com qualidades resilientes tinham menores níveis de depressão e que determinados fatores protegem o indivíduo e atenuam os efeitos negativos do desemprego, entre os quais as estratégias de  *coping*  e o apoio social (incluindo do companheiro).

No entanto e indo de acordo com os resultados descobertos por Sojo e Guarino (2011) em que existe uma relação entre resiliência e saúde dos indivíduos, também no nosso estudo verificamos esta relação. Assim, os indivíduos ricos em resiliência podem tomar decisões importantes nas suas vidas e a sentirem-se mais satisfeito consigo mesmo e com o que fazem, independentemente da condição de desempregados.

No que se refere ao apoio social, Matsukura et al. (2002) e Schwarzer e Knoll (2007), têm apontado a associação entre apoio social e os níveis de saúde e/ou a presença de apoio social funcionando como agente “protector. O apoio social pode contribuir para manter a saúde das pessoas em momentos de stress, pois desempenha função moderadora ou mediadora, permitindo ao sujeito lidar melhor com as perdas e problemas no dia-a-dia. No nosso estudo foram encontradas igualmente relações entre o apoio social principalmente o familiar e a saúde dos jovens angolanos desempregados.

No nosso estudo encontramos que existe uma relação entre o distanciamento e a saúde mental corroborando os resultados de Lai e Chan (2002) e os de McKee-Ryan et al. (2005) dos seus estudos.

A nossa terceira hipótese foi que *a auto-estima, o controlo emocional, a resiliência, as estratégias de coping e o apoio social predizem a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados*. Assim, partindo dos resultados desta investigação apenas a resiliência não prediz a satisfação com a vida. Também autores como McKee-Ryan e Kinicki (2002), sobre o bem-estar ou satisfação com a vida, identificaram ser precursores importantes para o processo de reacção em que o mais importante deles foi relacionado à auto-percepção de valor ou percepção de controlo sobre os eventos de vida do indivíduo, e incluiu auto-estima, auto-eficácia, locus de controlo e neuroticismo, que, juntos, compõem o núcleo auto-avaliação recentemente conceituada construir (Judge et al., 2002). Desde os estudos feitos e corroborando os nossos resultados Huebner et al. (2000) e Nickerson e Nagle (2004) alegam que os adolescentes e jovens, de uma forma geral, apresentam um nível alto de satisfação com a vida. Apesar disso, certas variáveis podem influenciar no nível de bem-estar, e consequentemente no nível de satisfação com a vida. Já para Helsen et al. (2000), e Yaecheski et al. (2001), o suporte social de pais e amigos, exerce uma considerável influência sobre o bem-estar de adolescentes.

Quanto a última hipótese em que prevíamos que *o tempo de desemprego, o número de filhos e o nível sociocultural predizem a satisfação com a vida e a percepção da saúde dos jovens angolanos desempregados*, podemos dizer que nem o número de filhos nem o nível sociocultural influenciam na satisfação com a vida. Embora alguns autores como Castro e Pego (2000) alegam que existem maiores expectativas nas pessoas desempregadas quanto maior for o seu nível de escolaridade, no entanto Savickas (2002) diz que apesar de nível de escolaridade muitos são os jovens que têm que se submeter a empregos cujo nível de exigência é inferior à sua formação situação esta que pode ser penosa mas que pode estimular na busca de valores e a reformulação do seu auto-conceito. Partindo do que dizem estes autores, julgamos que na nossa realidade angolana também muitos jovens apesar da sua qualificação escolar média e superior não conseguirem emprego, procuram outras formas de se realizarem economicamente não deixando que o desemprego afecte na sua satisfação com a vida ou seja no seu bem-estar subjectivo.

## **5.2. CONCLUSÕES**

Como conclusões iniciamos dizendo que a presente investigação traz aportes importantes sobre o desemprego. Assim, podemos dizer que alguns instrumentos como a escala de controlo emocional, a escala de saúde geral, a escala de auto-percepção de saúde, bem como a escala de estratégias de coping revelaram a sua validade e fidelidade. Após análises factoriais confirmatórias estes instrumentos tiveram índices de ajuste satisfatórios aos modelos dados que ratificam os factores existentes tal como propõem os seus autores.

Partindo dos resultados deste trabalho e em concordância com os objectivos e hipótese traçadas é possível concluir que:

- Existe relação entre a auto-estima, o apoio familiar e a resiliência com o estado de saúde dos jovens angolanos;

- Predizem a satisfação com a vida dos jovens angolanos desempregados a auto-estima, o apoio da família, o dos amigos, e o controlo emocional;

- As variáveis predictoras da saúde mental são: a auto-estima, o apoio da família e o apoio dos amigos, o controlo emocional, a busca activa de emprego e o distanciamento ou seja as estratégias de coping.

- Contrariamente ao esperado, o número de filhos e o nível de escolaridade não predizem a satisfação com a vida, nem a percepção de saúde dos jovens angolanos.

## **5.3. LIMITAÇÕES DESTE TRABALHO E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES**

Considerando que não existem trabalhos perfeitos, este também apresenta algumas limitações. Apesar de termos trabalhado com uma amostra de 844 jovens que se encontravam na condição de desempregado podemos dizer que a maioria dos dados foi obtida por colaboradores e recolhidos mediante autoinformes o que pode incorporar um certo grau de desejabilidade social. Por conseguinte julgamos que um desenho longitudinal poderia proporcionar maior fiabilidade aos resultados e conclusões.

Outro aspecto a apontar é o facto de que se poderia ter abordado o presente estudo

desde o enfoque metodológico misto, contemplando a metodologia qualitativa, as histórias de vida, entrevistas de profundidade e grupos focais com o objectivo de se captar detalhes que a metodologia quantitativa muitas vezes não é capaz de realizar.

#### **5.4. PROPOSTAS DE APLICAÇÃO DOS RESULTADOS**

Numa época marcada por uma crise de ordem mundial com consequências a todos os níveis, Angola ainda apresenta índices de insatisfação com a vida muito altos. Esses índices acompanham, igualmente, anos de mudança e reformulação de políticas que se estendem em quase todos os domínios com vista ao crescimento económico. Podemos dizer que as consequências dessa crise são inevitáveis pois se verifica cada vez mais um número de jovens no desemprego. Apesar de que nos dias de hoje se verificarem a abertura de mais unidades de emprego e a absorção de mais jovens ainda é insuficiente para responder a demanda da juventude angolana.

No campo da Psicologia, os diversos estudos mostraram ao desemprego como um fenómeno psicossocial, que transcende o âmbito económico, afetando ao trabalhador no âmbito social e psicológico. Como as consequências do desemprego, além de serem do fórum social, também passam por políticas económicas que devem ser revistas e divulgadas de modo a minimizar o impacto psicológico negativo sobre a saúde dos indivíduos desempregados, permitindo que estes se sintam mais optimistas na busca do seu emprego. As estratégias de coping, bem como o controlo emocional a resiliência e o apoio familiar permite conhecer, e utilizar, novas maneiras de ser, pensar e sentir, e consolida a ideia de que a Psicologia tem compromissos sociais, políticos e éticos e por isso os seus profissionais devem contribuir para a construção de modelos alternativos para a recolocação dos trabalhadores desempregados no mercado de trabalho. Para tal é imprescindível que haja:

Uma maior interligação das Instituições que contactam com os indivíduos desempregados com os centros de saúde de modo a diminuir os problemas relacionados com angústia, depressão, ansiedade, criminalidade, consumo abusível de álcool e outras;

Mais formação profissional direccionada nas profissões técnicas de modo a habilitar os jovens para a entrada no mercado do trabalho mesmo sem ter o ensino superior;

- Políticas que permitem não só manter aproximadas a demanda e a oferta de trabalho, pela rapidez do preenchimento das vagas ofertadas, como a facilidade e a identificação das carências educacionais e falta de qualificação dos desempregados, bem como a forma de melhor treiná-los.

**CAPÍTULO VI**

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Acemoglu, D. (1996). A microfundation for social increasing returns in human capital. *Quarterly journal of economics*, 111, 779-804.
- Ackerman e Kenrick (2008). The Costs of Benefits: Help-Refusals Highlight Key Trade-Offs of Social Life. *Personality and Social Psychology Review*, 12, 2, 118-140.
- Albion, M. J., Fernie, K. M. & Burton, L. J. (2005). Individual differences in age and self-efficacy in the unemployed. *Australian Journal of Psychology*, 57, (1), 11-19.
- Albrecht, J. & Vroman, S. (2002). A Matching Model with Endogenous Skill Requirements. *International Economic Review*, 43(1), 283-305.
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2003). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 153-164.
- Almedon, A. M. (2005). Social capital and mental health: an interdisciplinary. Review of the evidence. *Soc. Sci. Med*, 61, 943-964.
- Álvaro, J.L. (1992). *Desempleo y bienestar psicológico*. Madrid: Siglo XXI.
- Andersen, S.H. (2009). Unemployment and subjective well-being: A question of class? *Work and Occupations*, 36(1), 3-25.
- Andersen, S.H. (2011). Exiting unemployment: How do program effects depend on individual coping strategies? *Journal of Economic Psychology*, 32, 248-258.
- Antoniazzi, A. S., Dell’Aglío, D. D. e Bandeira, D. R. (2001). O conceito de *coping*: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294.
- Argyle, M. (1989). *The psychology of happiness*. London: Routledge.
- Argyle, M., & Hills, P. (2001). Religious experiences and their relations with happiness and personality. *International Journal for the Psychology of Religion*, 10, 157-172.
- Artazcoz, L., Benach, J., Borrell, C. et al. (2004). Unemployment and mental health: understanding the interactions among gender, family roles, and social class. *Am J Public Health*, 94, 82-88.
- Asanin, J. & Wilson, K. (2009). ‘Education? It is irrelevant to my job now. It makes me very depressed’: exploring the health impacts of under/unemployment among highly skilled recent immigrants in Canada. *Ethnicity and Health*, 14 (2), 185-204.
- Atienza, F. L., Balaguer, I. & García-Merita, M. (2003). Satisfaction With Life Scale: Analysis of Factorial Invariance Across Sexes. *Personality and Individual*



- Differences*, 35, 1255-1260.
- Atienza, F. L., Pons, D., Balaguer, I. & García-Merita, M. (2000). Propiedades psicométricas de la Escala de Satisfacción con la Vida en adolescentes. *Psicothema*, 12, 314-319.
- Avanci, J.Q., Assis, S.G., Santos, N.C. e Oliveira, R.V.C. (2007). Adaptação Transcultural de Escala de Auto-Estima para Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (3), 397-405.
- Axelsson, L., Ejlertsson, G. (2002). Self-reported health, self-esteem and social support among young unemployed people: a populationbased study. *International Journal of Social Welfare*, 11, 111-119.
- Axelsson, L., Andersson, I., Eden, L & Ejlertsson, G. (2007). Inequalities of quality of life in unemployed young adults: A population-based questionnaire study. *International Journal for Equity in Health*, 21, 6-11.
- Baksheev, G.N., Robinson, J., Cosgrave, E.M., Baker, K. & Yung, A.R. (2011). Validity of the 12-item General Health Questionnaire (GHQ-12) in detecting depressive and anxiety disorders among high school students. *Psychiatry Research*, 187, 291-296.
- Barlach, L. (2005). *O que é a resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito*. Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Brasil.
- Barrientos, G. (2003). *Existe resiliência comunitária?* Lima: Ceprodep - Centro de promoción y Desarrollo Poblacional. Perú.
- Beautrais, A. L., Joyce, P. R., & Mulder, R. T. (1998). Precipitating factors and life events in serious suicide attempts among youths aged 13 through 24 years. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 36, 1543-1551.
- Bednar, R. L., & Peterson, S. R. (1995). Conceptual themes: Overview and analysis. In R. L. Bednar, & S. R. Peterson (Eds.), *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theory and practice* (2nd ed.) (pp. 19-63). Washington, DC US: American Psychological Association.
- Bednar, R. L., Wells, M. G., & Peterson, S. R. (1989). *Self-esteem: paradoxes and innovations in clinical theory and practice*. Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Benach, J., Muntaner, C., Amable, M. & Benavides F. (2002). A new occupational health agenda for a new work & Health environment, *Scandinavian Journal Work*

- Environment*, 28(3), 191-196.
- Bennet, L. (2002). *Using Empowerment and Social Inclusion for Pro-poor Growth: A Theory of Social Change*. Working Draft of Background Paper for the Social Development Strategy Paper. Washington: World Bank.
- Bentler, P. M. & Wu, E. J. C. (1995). *EQS for Macintosh user's guide*. Encino, CA: Multivariate Software.
- Bentler, P.M. (1990). Comparative Fit Indexes in Structural Models, *Psychological Bulletin*, 107 (2), 238-46.
- Berntson, E. & Marklund, S. (2007). The relationship between perceived employability and subsequent health. *Work and Stress*, 21 (3), 279-292.
- Bethelmy & Guarino (2008). Coping and emotional sensitive as moderators of the stress-health relationship in venezuelan physicians. *SUMMA Psicológica*, 5, 2, 3-16.
- Biagi, F. & Lucifora, C. (2008). Demographic and education effects on unemployment in Europe. *Labour Economics*, 15, 1076-1101.
- Bjarnason, T., & Sigurdardottir, T.J. (2003). Psychological distress during unemployment and beyond: social support and material deprivation among youth in six northern European countries. *Soc Sci Med*, 56(5), 973-985.
- Bjorklund, A. & Eriksson, T. (1998). Unemployment and mental health: evidence from research in the Nordic countries. *Scandinavian Journal of social Welfare*, 7 (3), 219-235.
- Blanchflower, D.G. & Oswald, A.J. (2005). Happiness and the Human Development Index: The Paradox of Australia. *The Australian Economic Review*, 38, 3, 307-318.
- Blustein, D. L. (2006). *The psychology of working: A new perspective for career development, counseling, and public policy*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Blustein, Kozan & Connors-Kellgren (2013). Unemployment and underemployment: a narrative analysis about loss. *Journal of Vocational Behavior*, 82, 256-265.
- Bolger, N. & Amarel, D. (2007). Effects of Social Support Visibility on Adjustment to Stress: Experimental Evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92, 3, 458-475.
- Bollen, K.A. (1989), *Structural Equations with Latent Variables*, New York.
- Bolton, KL. & Rodriguez, E. (2009) Smoking, drinking and body weight after re-employment: does unemployment experience and compensation make a difference?

- BMC Public Health*, 9, 77.
- Bond, J. M. & Feather, N.T. (1988). Some Correlates of structure and purpose in the use of time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, 2, 321-329.
- Branden, N. (1969). *The psychology of self-esteem. A new concept of man's psychological nature*. Los Angeles: Nash.
- Branden, N. (2000). *Auto-estima: Como aprender a gostar de si mesmo*. São Paulo, SP: Saraiva.
- Brennan, M. A. (2008). Conceptualizing resilience: An interactional perspective for community and youth development. *Child and Care in Practice*, 14, 55-64.
- Brennan, R. L. (2001). *Generalizability Theory*. New York: Springer-Verlag.
- Brisette, I., Scheier, M. F., & Carver, C. S. (2002). The role of optimism in social network development, coping, and psychological adjustment during a life transition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 102-111.
- Burchell, B. (1994). The effects of labour market position, job insecurity and unemployment on psychological health. In: D. Gallie, C. Marsh, y C. Vogler (Eds.), *Social Change and the Experience of Unemployment*. Oxford University Press, Oxford.
- Burnay, N., Kiss, P., & Malchaire, J. (2005). Sociability, life satisfaction, and mental health according to age and (un)employment status. *International Congress Series*, 1280, 347-352.
- Butterworth, P., Leach, L.S., Pirkis, J. & Kelaher, M. (2012). Poor mental health influences risk and duration of unemployment: a prospective study. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 47, 1013-1021.
- Carroll, N. (2007). Unemployment and Psychological Well-being. *Economic Record*, 83, (262), 287-302.
- Castro, J., & Pego, A. (2000). A carreira já não é o que era. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15-16, 13-20.
- Centeno, L. (2001). *Percursos profissionais de exclusão social*. Lisboa
- Charlot, B. & Glasman, D. (2005). *Les jeunes, l'insertion, l'emploi*. 2 ed., Lille: PUF
- Cheng, G.H.L., Chan, D.K.S. (2008). Who suffers more from job insecurity? A meta-analytic review. *Applied Psychology-an International Review*, 57 (2), 272-303.
- Cinamon, R. G., & Rich, Y. (2002). Gender differences in the importance of work and

- family roles: Implications for Work, family conflict. *Sex Roles*, 47(11), 531-541.
- Clark, A. E., & Oswald, A. J. (1994). Unhappiness and Unemployment. *Economic Journal*, 104(424), 648-659.
- Clark, A. E., Georgellis, Y., & Sanfey, P. (2001). Scarring: The psychological impact of past unemployment. *Economica*, 68, 221-241.
- Clark, A., Knabe, A., Rätzl, S. (2010). Boon or bane? Others' unemployment, wellbeing and job insecurity. *Labour Economics*, 17 (1), 52-61.
- Clark, A. & Postel-Vinay, F. (2009). Job security and job protection. *Oxford Economic Papers-New Series*, 61 (2), 207-239.
- Clark, A.E. (2003). Unemployment as a social norm: psychological evidence from panel data. *Journal of Labor Economics*, 21 (2), 323-351.
- Claussen, B. (1999). Alcohol disorders and re-employment in a 5-year follow-up of long-term unemployed. *Addiction*, 94, 133-138.
- Clifton, J. (2011). *The coming jobs war*. New York, NY: Gallup Press.
- Connell, R.W. (2006). *Gender*. Malden, MA: Blackwell Publishing, Inc.
- Cooper, D., McCausland, W.D., Theodossiou, I. (2008). Unemployed, uneducated and sick: the effects of socio-economic status on health duration in the European Union. *Journal of the Royal Statistical Society Series a-Statistics in Society*, 171, 939-952.
- Coopersmith, S. (1967). *The antecedents of self-esteem*. San Francisco, CA: Freeman.
- Costa, A. B. (2001). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Creed, P. A., & Bartrum, D. A. (2008). Personal control as a mediator and moderator between life strains and psychological well-being in the unemployed. *Journal of Applied Social Psychology*, 38(2), 460-481.
- Creed, P.A. & Evans, B.M. (2002). Personality, well-being and deprivation theory. *Personality and Individual Differences*, 33, 1045-1054.
- Creed, P.A., Hicks, R. E., & Machin, M. A. (1998). Behavioural plasticity and mental health outcomes for long-term unemployed attending occupational training programmes. *Journal of Occupational and Organisational Psychology*, 71, 171-191.
- Creed, P.A., Lehmann, K. & Hood, M. (2009). The relationship between core self-evaluations, employment commitment and well-being in the unemployed. *Personality and Individual Differences*, 47, 310-315.
- Cubitt, R.P. & Hargreaves Heap, S.P. (1999). Minimum Wage Legislation, Investment

- and Human Capital. *Scottish Journal of Political Economy*, 46, 135-157.
- Dalgard, O., Dowrick, C., Lehtinen, V. et al. (2006). Negative life events, social support and gender difference in depression. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 41, 444-451.
- De Cuyper, N., Bernhard-Oettel, C., Berntson, E., De Witte, H., & Alarco, B. (2008). Employability and employee's well-being: Mediation by job insecurity. *Applied Psychology. An International Review*, 57(3), 488-509.
- De Cuyper, N. & De Witte, H. (2007). Job insecurity in temporary versus permanent workers: Associations with attitudes, well-being, and behavior. *Work & Stress*, 21, 65-84.
- De Cuyper, N., De Witte, H., Elst, T.V. y Handaja, Y. (2010). Objective Threat of Unemployment and Situational Uncertainty During a Restructuring: Associations with Perceived Job Insecurity and Strain. *Journal Bus. Psychology*, 25, 75-85.
- De Frank, R. S., & Ivancevich, J. M. (1986). Job loss: An individual level review and model. *Journal of Vocational Behavior*, 2B, 1-20.
- Dellas, H. (1997), Unemployment Insurance Benefits and Human Capital Accumulation. *European Economic Review*, 41, 517-524.
- DeLongis, A., Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1988). The impact of daily stress on health and mood: Psychological and social resources as mediators. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 486- 496.
- Dew, J. (2007). Two sides of the same coin? The differing roles of assets and consumer debt in marriage. *Journal of Family and Economic Issues*, 28, 89-104.
- Dew, J. (2008) Debt change and marital satisfaction change in recently married couples. *Family Relations*, 57, 60-71.
- Di Tella, R. & MacCulloch (2006). Some Uses of Happiness Data in Economics, *Journal of Economic Perspectives*, 20 (1), 25-46.
- Di Tella, R., MacCulloch, R.J., & Oswald, A.J. (2001). Preferences over inflation and unemployment: evidence from surveys of happiness. *American Economic Review*, 91 (1), 335-341.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E. (2009). Assessing Subjective Well-Being: Progress and Opportunities. In, A. C. Michalos, E. Diener, W. Glatzer, T. Moum, M. A. G. Sprangers, J. Vogel, and R.

- Veenhoven (eds.), *Assessing Well-Being*, Vol. 39 of *Social Indicators Research Series*, Springer Netherlands, 25-65.
- Diener, E., & Biswas-Diener, R. (2002). Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. *Social Indicators Research*, 57, 119-169.
- Diener, E., & Biswas-Diener, R. (2008). *Happiness. Unlocking the mysteries of psychological wealth*. Oxford and Victoria: Blackwell.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Dockery, AM. (2005). The happiness of young Australians: empirical evidence of the role of labour market experience. *Econ Rec*, 81,322-335.
- Dolan, P., Peasgood, T. & White, M. (2008). Do we really know what makes us happy A review of the economic literature on the factors associated with subjective well-being, *Journal of Economic Psychology*, 29 (1), 94-122.
- Dooley D, Fielding J, & Levi L (1996) Health and unemployment. *Annu Rev Public Health*, 17, 449-465.
- Dooley, D. & Catalano, R. (2003). Introduction to underemployment and its social costs. *American Journal of community Psychology*, 32 (1) 1-7.
- Dooley, D. (2003). Unemployment, underemployment, and mental health: Conceptualizing employment status as a continuum. *American Journal of Community Psychology*, 32(1-2), 9-20.
- Dooley, D., & Prause, J. (1995). Effect of unemployment on school-leavers' self esteem. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 68, 177-192.
- Dooley, D., Prause, J. & Ham-Rowbottom, K.A. (2000). Underemployment and depression: Longitudinal relationships. *Journal of Health and Social Behavior*, 41, 4, 421-436.
- Dutta, J. ,Sefton, J. & Weale, M. (1999). Education and public policy, *Fiscal Studies*. *Institute for Fiscal Studies*, 20(4), 351-386.
- Dutton, K.A., & Brown, J.D. (1997). Global self-esteem and specific self-views as determinants of people's reactions to success and failure. *Journal of Personality and*

- Social Psychology*, 73, 139-148.
- Edén, L., Ejlertsson, G. & Leden, I. (1995). Health and health care utilization among early retirement pensioners with musculoskeletal disorders. *Scandinavian Journal of Primary Health Care*, 13, 211-216.
- Edwards, L.M. (2004). Measuring perceived social support in Mexican American youth: Psychometric properties of the Multidimensional Scale of Perceived Social Support. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 26(2), 187-194.
- Eggers, A., Gaddy, C. & Graham, C. (2006). Well-being and unemployment in Russia in the 1990s: Can society's suffering be individuals' solace? *The Journal of Socio-Economics*, 35, 209-242.
- Eggert, W., Krieger, T. & Meier, V. (2010). Education, unemployment and migration. *Journal of Public Economics*, 94, 354-362.
- Eichhorn, J. (2013). Unemployment needs context: How societal differences between countries moderate the loss in life-satisfaction for the unemployed. *Journal of Happiness Studies*, 14, 1657-1680.
- Eisenberg, P. & Lazarsfeld, P. F. (1938). The psychological effects of unemployment. *Psychological Bulletin*, 35, 358-390.
- Feldman, D.C., Leana, C.R. & Bolino, M.C. (2002). Underemployment and relative deprivation among re-employed executives. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 75, 453-471.
- Ferguson, D.M., Horwood, L.J. & Woodward, L. J. (2001). Unemployment and psychosocial adjustment in young adults: causation or selection? *Social Science and Medicine*, 53, 305-320.
- Fergusson, D.M., Lynskey, M.T. & Horwood, L. J. (1997) "Childhood sexual abuse and psychiatric disorder in young adulthood: I. Prevalence of sexual abuse and factors associated with sexual abuse" *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 35, 1355-1364.
- Fernandes, H.M. & Vasconcelos-Raposo, J. (2013). Factorial validity and invariance of the GHQ-12 among clinical and nonclinical samples. *Assessment*, 20(2), 219-229.
- Ferreira, T., Pais-Ribeiro, J. e Guerreiro, M (2003). Estudo de adaptação da escala coping with Health Injuries and Problems em pessoas com doença das artérias coronárias. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 6, 2, 24-36.



- Ferrer-i-Carbonell, A. & Frijters, P. (2004). How important is methodology for the estimates of the determinants of happiness? *Economic Journal*, 114, 641-659.
- Finney, S. J. & DiStefano, C. (2006). Non-normal and categorical data in structural equation modeling. In G. R. Hancock & R. O. Mueller (Eds). *Structural Equation Modeling: A Second Course*. (pp. 269-312). Greenwich: Connecticut: Information Age Publishing.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 150-170.
- Ford, J. A. (2007). Substance use among college athletes: A comparison based on sport/team affiliation. *Journal of American College Health*, 55(6), 367-373.
- Forret, M.L., Sullivan, S. E. & Mainiero, L.A. (2011). Gender role differences in reactions to unemployment: Exploring psychological mobility and boundary less careers. *Journal of Organizational Behavior* 31, 647-666.
- Francisco, M. (2004). *O significado psicológico do desemprego*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Coimbra: Coimbra.
- Freire, J. (2009). *Trabalho e relações laborais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Frey, B. S., & Stutzer, A. (2002). What can economists learn from happiness. *Journal of Health and Social Behavior*, 36, 213-229.
- Friedman, S. D., & Greenhaus, J. H. (2000). *Work and family—allies or enemies? What happens when business professionals confront life choices*. New York: Oxford University Press.
- Frijters, Haisken-DeNew & Shields (2004a). Money does matter! Evidence from Increasing Real Incomes in East Germany Following Reunification. *American Economic Review*, 94(3), 730-741.
- Frijters, P, Haisken-DeNew, J. & Shields, M. A. (2005). *Socio-economic status, health shocks, life satisfaction and mortality: evidence from an increasing mixed proportional hazard model*.
- Fryer, D. & Fagan, R. (2003). Toward a critical community psychological perspective on unemployment and mental health research. *American Journal of Community Psychology*, 32, 89-96.
- Fryer, D. & Payne, R. (1986). Being Unemployed: A Review of the Literature on the



- Psychological Experience of Unemployment. In, C. L. C. und Ivan T. Robertson (ed.), *International Review of Industrial and Organizational Psychology*, Vol. 1, (pp. 235-277). London, John Wiley and Sons.
- Fryer, D. (1991). Qualitative methods in occupational psychology: Reflections upon why they are so useful but so little used. *The Occupational Psychologist*, 14 (Special issue), 3-6.
- Fryer, D. (1995). Benefit Agency? Labour market disadvantage, deprivation and mental health. *The Psychologist*, 8 (6), 265-272.
- Fryer, D. (1997). International perspectives on youth unemployment and mental health: some central issues. *Journal of Adolescence*, 20, 333-342.
- Fundacion Paniamor (2003). *Las bases del paradigma de la resiliencia*. San Jose, Costa Rica: Ediciones Proniño.
- Galeazzi, I. (2002). Precarização. In: dicionário critico sobre trabalho e tecnologia. Cattani, A. (org). Petrópolis: Vozes, Porto Alegre. Ed. da UFRGS. Pp 203-206.
- Gilman, R., Huebner, E. S., & Laughlin, J. (2000). A first study of the Multidimensional Students' Life Scale with adolescents. *Social Indicators Research*, 52, 135-160.
- Golberg, D. P. (1972). *The detection of psychiatric illness by questionnaire*. Oxford, UK: Oxford University press.
- Goldberg, D. & Williams, P. (1988). *A user's guide to the General Health Questionnaire*. NFER-Nelson, UK.
- Goldberg, D., Gater, R., Sartorius, N., Ustun, T., Piccinelli, M., Gureje, O., & Rutter, C., (1997). The validity of two versions of the GHQ in the WHO study of mental illness in general health care. *Psychological Medicine*, 27, 191-197.
- Gowan, M.A., Riordan, C.M. y Gatewood, R.D. (1999). Test of a Model of Coping With Involuntary Job Loss Following a Company Closing. *Journal of Applied Psychology*, 84, 1, 75-86.
- Graetz, B. (1993). Health consequences of employment and unemployment: Longitudinal evidence for young men and women. *Social Science & Medicine*, 36, 715-724.
- Greenaway, D. & Haynes, M. (2003) Funding Higher Education in the UK: The Role of Fees and Loans. *Economic Journal*, 113, 150-166.
- Greenglass, E. R., & Noguchi, K. (1996). *Longevity, gender and health: a psychocultural perspective*. Paper presented at First meeting of the International Society of Health,

Montreal, Canada.

- Grossi, G. Ahs, A. & Lundberg, U. (1998). Psychological correlates of salivary cortisol secretion among unemployed men and women. *Integrative physiological and behavioral science: the official journal of the Pavlovian Society*, 33(3), 249-263.
- Grun, C., Hauser, W. & Rhein, T. (2010). Is any job better than no job? Life satisfaction and re-employment. *Journal of Labor Research*, 30, 285-306.
- Guarino, L., Sojo, V. & Bethelmy, L. (2007). Adapatación y validación preliminar de la versión hispana del CSQ (Coping Style Questionnaire). *Psicología Conductual*, 15, 173-189.
- Hadler, M. (2005). Why do people accept different income ratios? *Acta sociologica*, 48, 131-154.
- Hajjar, V. Beelitz, N. & Baubion-Boye, A. (1993). Soutiens sociaux et strategies de recherché d'emploi. *L'orientation scolaire et professionnelle*, 22(4), 393-408.
- Hämäläinen, H., Hamalainen, M., Kekoni, J., Sams, M., & Tiihonen, J. (2005). Major depressive episode related to long unemployment and frequent alcohol intoxication. *Nordic Journal of Psychiatry*, 59, 486-491.
- Hammarström, A., Gustafsson, P.E., Strandh, M., Virtanen, P. y Janlert, U. (2011). It's no surprise! Men are not hit more than women by the health consequences of unemployment in the Northern Swedish Cohort. *Scandinavian Journal of Public Health*, 39, 187-193.
- Hammarstron, A. & Janlert, U. (2002). Early unemployment can contribute to adult health problems: Results from a longitudinal study of school leavers. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 56, 8.
- Hammer, T. (1992). Unemployment and use of drug and alcohol among young people: a longitudinal study in the general population. *Br J Addict*, 87, 1571-81.
- Hanisch, K.A. (1999). Job loss and unemployment research from 1994 to 1998: A review and recommendations for research and intervention. *J Vocat Behav*, 55 (2), 188-220.
- Hayduk, L. (1987). *Structural Equation Modeling with LISREL: Essential and Advances*, Baltimore, MD: Johns Hopkins Press.
- Heimpel, S. A., Wood, J. V., Marshall, M., & Brown, J. (2002). Do people with low self-esteem really want to feel better?: Self-esteem differences in motivation to repair negative moods. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 128-147.

- Helsen, M., Volleberg, W. & Meeus, W (2000). Social support from parents and emotional problems in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 319-335.
- Heponiemi T, Elovainio M, Manderbacka K et al. (2007). Relationship between unemployment and health among health care professionals: health selection or health effect? *J Psychosom Res*, 63, 425-431.
- Hocking, C. & Lochman, J. (2005). Applying the transactional stress and coping model to sickle cell disorder and insulin-dependent diabetes mellitus: identifying psychosocial variables related to adjustment and intervention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 8, (3), 221-246.
- Hornbeck, D.W., & Salamon, L. M. (1991). *Human capital and America's future: An economic strategy for the nineties*. Baltimore: Johns Hopkins University.
- Hoyle, R. H. & Panter, A. T. (1995). Writing about structural equation models. En R. H. Hoyle (Ed.), *Structural equation modeling: Concepts, issues and applications* (pp. 159-176). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hu, L. & Bentler, P. M. (1999). Cut-off criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55.
- Hudek-Knežević, J. & Kardum, I. (2000). The effects of dispositional and situational coping, perceived social support, and cognitive appraisal on immediate outcome. *European Journal of Psychological Assessment*, 16(3), 190-201.
- Huebner, E. S., Drane, J.W., & Valois, R.F. (2000). Levels and demographic correlates of adolescent life satisfaction reports. *School Psychology International*, 21, 281-292.
- Hulsman, J. & Kaiser, F. (2002). A comparative view on policy trends in western European higher education. *German Policy Studies*, 1, 22.
- Hultman, B., Hemlin, S., & Hornquist, J. O. (2006). Quality of life among unemployed and employed people in northern Sweden. Are there any differences? *Work: A Journal of Prevention, Assessment and Rehabilitation*, 26(1), 47-56.
- Idler, E.L. & Angel, R.J. (1990). Self-rated health and mortality in the NHANES-I epidemiologic follow-up study. *American Journal of Public Health*, 80, 446-452.
- Jahoda, M. (1982). *Employment and unemployment: a social-psychological analysis*. England: Cambridge University Press.
- Jahoda, M. (1987). *Empleo y desempleo: un análisis sociopsicológico*. Madrid: Morata.

- Janlert, U. & Hammarstrom, A. (1992). Alcohol consumption among unemployed youths: results from a prospective study. *Br J Addict*, 87, 703-14.
- Janoff-Bulman, R., & Frantz, C. M. (1997). The impact of trauma on meaning: From meaningless world to meaningful life. In M. J. Power & C. Brewin (Eds.), *The transformation of meaning in psychological therapies: Integrating theory and practice* (pp. 91-106). Hoboken, NJ: Wiley & Sons.
- Jensen, P. & Smith, N. (1990). Unemployment and Marital Dissolution. *Journal of Population Economics*, 3 (3). 215-229.
- Judge, T. A., Bono, J. Y., Ilies, R., & Gerhardt, M. W. (2002). Personality and leadership: A qualitative and quantitative review. *Journal of Applied Psychology*, 87, 765-780.
- Julkunen, K. (2001). Situation- and task-specific motivation in foreign language learning. In Z. Dörnyei & R. Schmidt (Eds.), *Motivation and second language acquisition* (pp. 29-41). University of Hawaii Press.
- Kabbe, H., Setterlind, S., & Svensson, P. G. (1996). Fired managers: Experiences from their own unemployment. *International Journal of Stress Management*, 3(4), 230-253.
- Kagan, A. R., & Levi, L. (1975). Health and environment – psychosocial stimuli: a review. In L. Levi (Ed.). *Society, stress and disease: childhood and adolescence*; 2, 241-268.
- Kanfer, R., Wanberg, C.R. y Kantrowitz, T.M. (2001). Job Search and Employment: A Personality-Motivational Analysis and Meta-Analytic Review. *Journal of Applied Psychology*, 86, 5, 837-855.
- Kaplan, D. (2000). *Structural equation modeling: Foundations and extensions*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kassenboehmer, S.C., & Haisken-DeNew, J.P. (2009). You're fired! The causal negative effect of entry unemployment on life satisfaction. *Economic Journal*, 119 (536), 448-462.
- Kaufman, H. (1982). Professionals in search of work – Coping with the stress of job loss and underemployment. New York: John Wiley and Sons.
- Kessler, R.C., Turner, J.B. & House, J.S. (1989). Unemployment, Reemployment, and Emotional Functioning in a Community Sample. *American Sociological Review*, 54, 4, 648-657.

- Kim D-Y. (2004). The implicit life satisfaction measure. *Asian Journal of Social Psychology*, 7, 236-62.
- Kinicki, A.J. & Latack, J.C. (1990). Explication of the construct of coping with job loss. *Journal of Vocational Behavior*, 36, 339-360.
- Kinicki, A. J., Prussia, G. E., & McKee-Ryan, F. M. (2000). A panel study of coping with involuntary job loss. *Academy of Management Journal*, 43, 90-100.
- Kinnunen, U., & Felt, T. (2004). Economic stress and marital adjustment among couples: Analyses at the dyadic level. *European Journal of Social Psychology*, 34, 519-531.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Knabe, A. & Rätzl, S. (2008). Scarring or Scaring? The psychological impact of past unemployment and future unemployment risk, *CESifo Working Paper* Nr. 2457, Munich.
- Kompier, M., Ybema, J.F., Janssen, J., Taris, T., (2009). Employment contracts: crosssectional and longitudinal relations with quality of working life, health and wellbeing. *Journal of Occupational Health*, 51 (3), 193-203.
- Korpi, T. (1997). Is utility to employment status? Employment, unemployment, labour market policies and subjective well-being among Swedish youth. *Labour Economics*, 4, 125-147.
- Kovács, I. (2004). Emprego flexível em Portugal. *Sociologias*, 12, 32-67.
- Krugman, P. (2012). The conscience of a liberal. *Economics in the crisis*. On press
- Kulik, L. (2000). Jobless men and women: a comparative analysis of job search intensity, attitudes toward unemployment and related responses. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 73, 487-500.
- Lai, J.C.L. & Wong, W.S. (1998). Optimism and coping with unemployment among Hong Kong Chinese women. *Journal of Research in Personality*, 32(4), 454-479.
- Lai, J.C.L. & Yue, X.D. (2000). Measuring optimism in Hong Kong and Mainland Chinese with the Revised Life Orientation Test. *Personality & Individual Differences*, 28, 781-796.
- Lai, J.C.L. & Chan, R.K.H. (2002). The effects of job-search motives and coping on psychological health and re-employment: a study of unemployed Hong Kong Chinese. *The International Journal of Human Resource Management*, 13, 3, 465-

483.

- Latack, J.C. (1986). Coping with job stress: Measures and future directions for scale development. *Journal of Applied Psychology*, 71, 377-385.
- Lázaro, R.S., & Cohen, J.P. (1977) O stress ambiental- Em I. Altman e JF Wohlwill (Eds.), *O comportamento humano e o meio ambiente: teoria e pesquisa atual*. New York: Plenum Press.
- Lazarus, R. (2000). Evolution of a model of stress, coping and discrete emotions. In V. Rice (ed.), *Handbook of stress, coping and health: implication of nursing research, theory and practice*, Cap. 9, p. 195-222. London: Sage Publication.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress. Appraisal and coping*. New York, Springer.
- Leach, L.S., Christensen, H., Mackinnon, A.J. et al. (2008). Gender differences in depression and anxiety across the adult lifespan: the role of psychosocial mediators. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 43, 983-998.
- Leana, C. R. & Feldman, D. C. (1992). *Coping with job loss: How individuals, organizations, and communities respond to layoffs*. New York: MacMillan.
- Lewis, C.A., Shevlin, M.E., Smekal, V. & Dorahy, M.J. (1999). Factor structure and reliability of a Czech translation of the Satisfaction With Life Scale among Czech university students. *Studia Psychologica*, 41, 239-244.
- Liang, J., Kahana, E., & Doherty, E. (1980). Financial well-being among the aged A hrther elaboration. *Journal of Gerontology*, 35, 409-420.
- Liira, J. & Leino-Arjas. P. (1999). Predictors and consequences of unemployment in construction and forest work during a 5-year follow-up. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 25 (1), 42-49.
- Lin, X. & Leung, K. (2010). Differing effects of coping strategies on mental health during prolonged unemployment: A longitudinal analysis. *Human Relations*, 63, 5, 635-665.
- Lindorff, M. (2000). Are they lonely ate the top? Social relationships and social support among Australian managers. *Work Stress*. 15, (3), 82-274.
- Lindstrom, B. (2001). O significado de resiliência. *Adolescência Latino-Americana*, 2, 133-137.
- Loehlin, J. C. (1987). *Latent variable models: An introduction to factor, path, and structural analysis*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Lucas, R. E., Clark, A. E., Georgellis, Y., & Diener, E. (2004). Unemployment alters the set point for life satisfaction. *Psychological Science, 15*, 8-13.
- Lundetrae, K., Gabrielsen, E. & Mykletun, R. (2010). Do basic skills predict youth unemployment (16- to 24-year-olds) also when controlled for accomplished upper-secondary school? A cross-country comparison. *Journal of Education & Work, 23*, 3, 233-254.
- Lundetrae, K., Gabrielsen, E. & Mykletun, R. (2010). Do basic skills predict youth unemployment (16- to 24-year-olds) also when controlled for accomplished upper-secondary school? A cross-country comparison. *Journal of Education and Work, 23*(3), 233-254.
- Mainiero, L.A. & Sullivan, S.E. (2006). *The Opt-Out Revolt: How People Are Creating Kaleidoscope Careers outside of Companies*. Davies-Black, New York, NY .
- Manciaux, M., Vanistendael, S., Lecomte, J., & Cyrulnik, B. (2003). La resiliencia: estado de la cuestión. En: M. Manciaux (comp.) *La resiliencia: resistir y rehacerse*. Madrid: Gedisa.
- Marques (2004). Mercados profissionais e (di) visões identitárias entre jovens engenheiros. disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/271.pdf>
- Masten, A. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective factors in Developmental Psychopathology. In, B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 1-52). New York: Plenum.
- Matsukura, T. S., Marturano, E. M. & Oishi, J. (2002). O questionário de suporte social (SSQ): estudos de adaptação para o português *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 10* (5), 685-681.
- Mauno, S., Kinnunen, U., Makikangas, A. & Natti, J., (2005). Psychological consequences of fixed-term employment and perceived job insecurity among health care staff. *European Journal of Work and Organizational Psychology, 14*, 209-237.
- McFadyen, R. (1995). Threatened identities: Unemployed people. *Current Psychology, 14*(3), 233-257.
- McKee-Ryan, F. M., & Kinicki, A. J. (2002). Coping With job a life model. *International Review of Industrial and Organizational Psychology, 17*, 1-29.
- McKee-Ryan, F.M., Song, Z., Wanberg, C.R. & Kinicki, A.J. (2005). Psychological and physical well-being during unemployment: A meta-analytic study. *Journal of*



- Applied Psychology*, 90(1), 53-76.
- Menezes, W. F. & Dedecca, C. S. (2006). Avaliação da duração do desemprego nas regiões metropolitanas de Salvador e de São Paulo. *Revista Economia Contemporânea*, 10 (1), 35-60.
- Mol, S.S., Arntz, A., Metsemakers, J. F. M., Dinant, G. J. , Villers-Van Montfort, P. A. P. & Knottnerus, J. A. (2005) Symptoms of post-traumatic stress disorder after non-traumatic events: evidence from an open population study, *British Journal of Psychiatry*, 186, 494-499.
- Moorhouse, A. & Caltabiano, M.L. (2007). Resilience and unemployment: exploring risk and protective influences for the outcome variables of depression and assertive job searching. *Journal of Employment Counseling*, 44(3), 115-125.
- Moraes, M.C.L. & Rabinovich, E.P. (1996). Resiliência: uma discussão introdutória. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 6 (1/2), 10-13.
- Morais, N. A. & Koller, S. H. (2004). Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: A ênfase na saúde. In S. Koller (Eds.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (Cap.5). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moreau, M. & Leathwood, C. (2006). Balancing paid work and studies: working (-class) students in higher education. *Studies in Higher Education*, 31(1), 23-42.
- Morrell, S., Taylor, R., Quine, S., & Kerr, C. B. (1993). Suicide and unemployment in Australia 1907–1990. *Social Science & Medicine*, 36(6), 749-756.
- Mossakowski, K. N. (2009). The influence of past unemployment duration on symptoms of depression among young women and men in the United States. *Am J Public Health*, 99,1826-1832.
- Moynihan, L.M., Roehling, M.V., Lepine, M.A., & Boswell, W.R. (2003) A longitudinal study of the relationship among job search self-efficacy, job interviews, and employment outcomes. *Journal of Business and Psychology*, 18(2), 207-233.
- Muchinsky, P. M. (2004). História da Psicologia I/O. In: P. M. Muchinsky, *Psicologia Organizacional*, p. 1-20. São Paulo: Thomson.
- Muller, J., Hicks, R., & Winocur, S. (1993). The effects of employment and unemployment on psychological well-being in Australian clerical workers: Gender differences. *Australian Journal of Psychology*, 45, 103-108.



- Murphy, G.C. & Athanasou, J. A. (1999). The effect of unemployment on mental health. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 72, 83-99.
- Neto, F. (1993). The Satisfaction with Life Scale: Psychometrics properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescent*, 22, 125-134.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2004). The influence of parent and peer attachments on life satisfaction in middle childhood and early adolescence. *Social Indicators Research*, 66, 35-60.
- Nolan, J.P., Wichert, I.C., Burchell, B.J. (2000). Job insecurity, psychological well-being and family life. In, E. Heery & J. Salmon (Eds.), *The Insecure Workforce*. Routledge, London.
- Nordenmark, M. & Strand, M. (1999). Towards a sociological understanding of mental well-being among the unemployed - The role of economic and psychosocial factors, *Sociology*, 33 (3), 577-97.
- Nordenmark, M., Strandh, M. & Layte, R. (2006). The impact of unemployment benefit system on the mental well-being of the unemployed in Sweden, Ireland and Great Britain. *European Societies*, 8, 1, 83-110.
- Núñez, I. & Livanos, I. (2010). Higher education and unemployment in Europe: an analysis of the academic subject and national effects. *Higher Education*, 59, 475-487.
- Nunnally, J. C. & Bernstein, I. J. (1995). *Teoría Psicométrica* (3ª ed). México, D.F.: McGraw-Hill Latinamericana.
- OIT (2004). Relatório sobre o emprego no Mundo divulgado pela Organização Internacional do Trabalho. [http://www.ilo.org/empelm/what/WCMS\\_114240/lang-en/index.htm](http://www.ilo.org/empelm/what/WCMS_114240/lang-en/index.htm).
- OIT (2010). Tendências Mundiais de Emprego da OIT 2010.
- OIT (2012/2013). Relatório sobre as tendências globais do emprego para jovens: uma geração de risco. [www.opj.ics.ul.pt/index.php/.../197-relatorio-emprego-jovem](http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/.../197-relatorio-emprego-jovem).
- Oliver, A., Sancho, P., Galiana, L., Tomás, J. M. e Gutiérrez, M. (2012). Efecto de método asociado a los ítems en negativo en la versión en portugués de la escala de autoestima de Rosenberg. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 33(1), 75-91.
- Ouweneel, P. (2002). Social security and well-being of the unemployed in 42 nations.

- Journal of Happiness Studies*, 3, 167-192.
- Pakenham, K. I. (2005). Benefit finding in multiple sclerosis and associations with positive and negative outcomes. *Health Psychology*, 24(2), 123-132.
- Pan, P. & Goldberg, D. (1990). A comparison of the validity of GHQ-12 and CHQ-12 in Chinese primary care patients in Manchester. *Psychological Medicine*, 20, 931-940.
- Parker, S.K., Griffin, M.A., Sprigg, C.A., & Wall, T.D. (2002). Effect of temporary contracts on perceived work characteristics and job strain: A longitudinal study. *Personnel Psychology*, 5, 689-719.
- Passos, C. e Nogami, O. (2012). *Princípios de economia*. 6ª ed. Thomson editora. São Paulo. Brasil.
- Paul, K.I. & Moser, K. (2006). Incongruence as an explanation for the negative mental health effects of unemployment: Meta-analytic evidence. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 79, 595-621.
- Paul, K.I. & Moser, K. (2009). Unemployment impairs mental health: Meta-analyses. *Journal of Vocational Behavior*, 74, 264-282.
- Pavot, W. & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction with Life Scale. *Psychological Assessment*, 5, 2, 164-172.
- Pavot, W. & Diener, E. (2008). The Satisfaction with Life Scale and the emerging construct of life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 3 (2), 137-152.
- Pavot, W., Diener, E., Colvin, C. R. & Sandvik, E. (1991) Further validation of the satisfaction with life scale: Evidence for the cross-method convergence of well-being measures. *Journal of Personality Assessment*, 57, 149-161.
- Pearlin, L. I., Lieberman, M. A., Menaghan, E. G., & Mullan, J. T. (1981). The stress process. *Journal of Health and Social Behavior*, 22, 337-356.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. e Oliveira, R. V. C. (2004). Risco e proteção: Um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 135-143.
- Pichler, F. (2006). Subjective quality of life of young Europeans. Feeling happy but who knows why? *Social Indicators Research*, 75, 419-444.
- Pinheiro, D. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9, (1), 67-75.
- Pons, D., Atienza, F.L., Balaguer, I. & García-Merita, M.L. (2000). Satisfaction With Life Scale: analysis of factorial invariance for adolescents and elderly persons. *Perceptual and Motor Skills*, 91, 62-68.

- Powdthavee, N. (2007). Are there geographical variations in the psychological cost of unemployment in South Africa? *Social Indicators Research*, 80 (3), 629-652.
- Pozo, J.A., Ruiz, M.A., Pardo, A. e San Martín, R. (2002). Efectos de la duración del desempleo entre los desempleados. *Current Sociology*, 14(2), 440-443.
- Prais, S. J. (1995). *Productivity, education and training*. London: National Institute of Economic and Social Research.
- Pruitt, L. D. & Zoellner, L. A. (2008). The impact of social support: an analogue investigation of the aftermath of trauma exposure. *Journal of Anxiety Disorders*, 22(2), 253-262.
- Queirós, M. M., Fernández-Berrocal, P., Extremera, N., Carral, J. M. C. e Queirós, P. S. (2005). Validação e fiabilidade da versão portuguesa modificada da Trait Meta-Mood Scale. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 9, 199-216.
- Ramos, J., Peiró, J.M., & Ripoll, P. (2002). Condiciones de trabajo y clima organizacional. En, J. M. Peiró y F. Prieto (Eds.). *Tratado de psicología del trabajo: la actividad laboral en su contexto*, p. 37-92. Madrid: Síntesis Psicología.
- Rasky, E., Stronegger, WJ. & Freidl, W. (1996). Differences in selected cardiovascular risk-factor of adolescents employed and in rural regions of Styria (Austria). *Sozial- und Preventivmedizin*, 41(6), 348-358.
- Reine, I., Novo, M. & Hamarstrom, A. (2013). Unemployment and ill health. A gender analysis: Results from a 14-year follow-up of the Northern Swedish Cohort. *Public Health*, 127, 214-222.
- Reininghaus, U., Morgan, C., Simpson, J., Dazzan, P., Morgan, K., Doody, G., Bhugra, D., Leff, J., Jones, P., Murray, R., Fearon, P. and Craig, T. (2008), Unemployment, social isolation, achievement-expectation mismatch and psychosis: findings from the AESOP study. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 43 (9), 743-51.
- Richardson, G. et al. (1990). The resilience model. *Health Education*, 21, (6), 33-39.
- Roberts, H., Pearson, JCG., Madeley, RJ., Hanford, S. & Magowan, R. (1997). Unemployment and health: the quality of social support among residents in the Trent region of England. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 51, 41-45.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. New Jersey, USA: Princeton University Press.
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton

- University Press.
- Ross, C. E. & Mirowsky, J. (1995). Does Employment Affect Health? *Journal of Health and Social Behavior*, 36, (3), 230-243.
- Sadeh, N., & Karniol, R. (2012). The sense of self-continuity as a resource in adaptive coping with job loss. *Journal of Vocational Behavior*, 80, 93-99.
- Salmela-Aro, K. & Nurmi, J.K. (2007). Self-esteem during university studies predicts career characteristics 10 year later. *Journal of Vocational Behaviour*, 70, 463-477.
- Santos, P. J. e Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-268.
- Sarafino, E. P. & Smith, T.W. (2014). *Health Psychology, biopsychosocial interactions*. New York: Wiley.
- Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem) – a reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 1063-1078.
- Scheier, M. F. & Carver, C.S. (1993). On the power of positive thinking: The benefits of being optimistic. *Current Directions in Psychological Science*, 2, 26-30.
- Scheier, M. F. & Carver, C.S. (1985). Optimism, coping and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4, 219-247.
- Scheier, M. F. & Carver, C.S. (1992). Effects of optimism and well-being: Theoretical overview and empirical update. *Cognitive Therapy and Research*, 16, 201-228.
- Scheier, M. F., Weintraub, J. K. & Carver, C.S. (1986). Coping with stress: Divergent strategies of optimists and pessimists. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 1024-1040.
- Schmidt, C., Kriegbaum, M., Hougaard, C. & Holstein, B.E. (2006). Coping with unemployment: does educational attainment make any difference? *Scand Journal Public Health*, 34, 363-370.
- Schmitt, D. P. y Allik, J. (2005) Simultaneous administration of the Rosenberg Self-Esteem Scale in 53 nations: Exploring the universal and culture-specific features of global self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 632-642.
- Schomburg, H. & Teichler, U. (2006). *Higher Education and Graduate Employment in*

- Europe. *Results from Graduate Surveys from Twelve Countries*. Dordrecht: Springer.
- Schwarzer R, Jerusalem M, & Hahn A. (1994) Unemployment, social support and health complaints: A longitudinal study of stress in East German refugees. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 4, 31-45.
- Schwarzer, R. & Knoll, N. (2007). Functional roles of social support within the stress and coping process: a theoretical and empirical overview. *International Journal of Psychology*, 42(4), 243-252.
- Schwefel, D., Svensson, P. G., & Zollner, H. (1987). *Unemployment, social vulnerability and health in Europe*. Berlin, Germany: Springer Verlag.
- Scott, H.K. (2004). Reconceptualizing the nature and health consequences of workrelated insecurity for the new economy: the decline of workers' power in the flexibility regime. *International Journal of Health Services*, 34 (1), 143-153.
- Seidl, E. M. F., Troccoli, B. T., & Zannon, C. M. L. C. (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (3), 225-234.
- Seligman, M.E.P. & Csikszentmihalyi, N. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.
- Shevlin, M.E. & Bunting, B.P. (1995). Confirmatory factor analysis of the Satisfaction With Life Scale. *Perceptual and Motor Skills*, 79, 1316-1318.
- Shields, M.A. & Wheatley-Price, S. (2005). Exploring the economic and social determinants of psychological well-being and perceived social support in England. *Journal of the Royal Statistical Society A*, 168 (3), 513-537.
- Slebarska, K., Moser, K. & Gunnesch-Luca, G. (2009). Unemployment, Social Support, Individual Resources, and Job Search Behavior. *Journal of Employment Counseling*, 46 (4), 159-170.
- Smith, B.W., Dalen, J., Wiggins, K., Tooley, E., Christopher, P. & Bernard, J. (2008). The Brief Resilience Scale: Assessing the ability to bounce back. *International Journal of Behavioral Medicine*, 15, 194-200.
- Smith, E. R. & Mackie, D. (1997). Integrating the psychological to understand human behavior. In, C.. McGarty & S.A. Haslam (Eds.), *The message of social psychology: Perspectives on mind in society*. Cambridge: Blackwell.
- Sojo, V. & Guarino, L. (2011). Mediated Moderation or Moderated Mediation:

- Relationship between Length of Unemployment, Resilience, Coping and Health. *The Spanish Journal of Psychology*, 14, (1), 272-281.
- Steiger, J. H. & Lind, C. (1980). *Statistically based tests for the number of common factors*. Paper presented at the annual meeting of the Psychometric Society, Iowa City, IA.
- Stiglitz, J.E. (2012). Macroeconomic Fluctuations, Inequality, and Human Development. *Journal of Human Development and Capabilities: A Multi-Disciplinary Journal for People-Centered Development*, 13, 1, 31-58
- Stronks, K., Van de Mheen, H. Van den Bos, J. & Mackenbach, JP. (1997). The Interrelationship between Income, Health and Employment Status. *International Journal of Epidemiology*, 26, 3, 592-600.
- Stutzer, A. & Frey, B.S. (2010). Does marriage make people happy, or do happy people get married?, *Journal of Socio-economics*, 35 (2), 326-347.
- Sullivan, S, & Mainiero, L. (2007). The changing nature of gender roles, alpha/beta careers and work-life issues: Theory-driven implications for human resource management. *Career Development International*, 12 (3), 238-263.
- Sverke, M., Hellgren, J., & Näswall, K. (2002). No security: A meta-analysis and review of job insecurity and its consequences. *Journal of Occupational Health Psychology*, 7, 242-264.
- Tait, R.J., French, D.J., Hulse, G.K. (2003). Validity and psychometric properties of the General Health Questionnaire-12 in young Australian adolescents. *The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*. 37, 374-381.
- Tanaka, J. S. (1993). Multifaceted conceptions of fit in structural equation models. En K. A. Bollen (Ed.), *Testing structural equation models* (pp. 10-39). Newbury Park, CA: Sage.
- Tansel, A. & H. M. Tasci (2010), *Hazard Analysis of Unemployment Duration by Gender in a Developing Country: The Case of Turkey*, IZA Discussion Papers, No. 4844.
- Tarter, RE., Sambrano, S. & Dunn, MG. (2002). Predictor variables by developmental stages: a center for substance abuse prevention multisite study. *Psychology of Addictive Behaviors*, 16(4S), S3-S10.
- Teichler, U. (2000). *Higher Education and the World of Work Conceptual Frameworks, Comparative Perspectives, Empirical Findings*. International Centre for Higher

- Education Research Kassel, Germany.
- Terra, C. P., Carvalho, J. A. S., Azevedo, J. E. A., Venezian, L. A. & Machado, S. B. (2006). Desemprego: Discurso e silenciamento: Um estudo com clientes de um serviço de aconselhamento psicológico. *Cadernos de psicologia social e do trabalho*, 9 (1), 33-51.
- Thomas, C. Benzeval, M. & Stansfeld, S. (2007). Employment transitions and health: an analysis from the British household panel survey. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 59 (3), 243-249.
- Tiggemann, M., Winefield, A. H., & Brebner, J. (1991). The role of extraversion in the development of learned helplessness. *Personality and Individual Differences*, 3, 7-34.
- Tolciu, A. (2010). The economics of social interactions: an interdisciplinary ground for social scientists? *Forum for Social Economics*, 39, 3, 223-242.
- Tomás, J. M. & Oliver, A. (1999). Rosenberg's self-esteem scale: Two factors or method effects. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 84-98.
- Turner, J. B. (1995). Economic context and the health effects of unemployment. research? *Journal of Economic Literature*, 40, 402-435.
- U.S. Department of Health and Human Services (1999). *Mental health: a report of the Surgeon General*. Rockville, MD.: U.S. Department of Health.
- Ullman, J. B. (1996). Structural equation modeling. En B. Tabachnick y L. Fidell (Eds.), *Using multivariate statistics* (3rd ed., pp. 709-812). New York: Harper Collins.
- Van der Meer, P.H. (2012). Gender, Unemployment and Subjective Well-Being: Why Being Unemployed Is Worse for Men than for Women. *Social Indicators Research*, DOI 10.1007/s11205-012-0207-5.
- Vansteenkiste, M., Lens, W., De Witte, H. y Feather, N.T. (2005). Understanding unemployed people's job search behaviour, unemployment experience and wellbeing: A comparison of expectancy-value theory and self-determination theory. *British Journal of Social Psychology*, 44, 269-287.
- Vaz Serra, A. (2007). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra: G.C. Gráfica de Coimbra, Lda.
- Viinamäki, H., Koskela, K., & Niskanen, L. (1993). The impact of unemployment on psychosomatic symptoms and mental well-being. *International Journal of Social*



- Psychiatry*, 39, 266-273.
- Vinokur, A., & Caplan, R. D. (1987). Attitudes and social support: Determinants of job-seeking behavior and well-being among the unemployed. *Journal of Applied Social Psychology*, 17, 2, 1007-1024. DOI: 10.1111/j.1559-1816.1987.tb02345.x
- Viswesvaran, C., Sanchez, J. I., & Fisher, J. (1999). The role of social support in the process of work stress: A meta-analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 54, 314-334.
- Walsh, S., & Jackson, P. R. (1995). Partner support and gender: Contexts for coping with job loss. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 68, 253-268.
- Wanberg, C.R. (2012). The individual experience of unemployment. *Annual Review of Psychology*, 63, 369-396.
- Wanberg, C.R. (1995). A Longitudinal study of the effects of unemployment and quality of reemployment. *Journal of Vocational Behavior*, 46, 40-54.
- Wanberg, C.R. (1997). Antecedents and outcomes of coping behaviors among unemployed and reemployed individuals. *Journal of Applied Psychology*, 82(5), 731-744.
- Warr, P. (1987). *Work, Unemployment, and Mental Health*. Oxford University Press, Oxford.
- Warr, P. B., Jackson P. R., & Banks, M. (1988). Unemployment and mental health: Some British studies. *Journal of Social Issues*, 44(4), 47-68.
- Waters, L. (2000). Coping with unemployment: A literature review and presentation of a new model. *International Journal of Management Review*, 2(2), 169-182.
- Waters, L.E. & Moore, K.A. (2002). Self-esteem and coping: a comparison of unemployed and re-employed people. *Journal of Organizational Behaviour*, 23, 1-12.
- Wentzel, K. R. (1993). Does being good make the grade? Social behavior and academic competence in middle school. *Journal of Educational Psychology*, 85, 357-364.
- WHOQOL Group (1995). The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. *Social Science & Medicine*, 41, 1403-1409.
- Wichert, I. (2002). Job Insecurity and Work Intensification: the effects on health and wellbeing. In, B. Burchell, D. Ladipo and F. Wilkinson (Eds.): *Job Insecurity and*



- Work Intensification*, Routledge, London.
- Wilhelm, M., & Ridley, C. (1988). Unemployment induced adaptations: Relationships among economic responses and individual and marital well-being. *Lifestyles: Family and Economic Issues*, 9, 5-20.
- Winefield, A. H. (2002). Unemployment, underemployment, occupational stress and psychological well-being. *Australian Journal of Management*, 27(Special Issue), 137-148.
- Winefield, A. H., Tiggemann, M., Winefield, H. R. & Goldney, R. D. (1993). *Growing Up with Unemployment: A Longitudinal Study of its Impact*. London: Routledge.
- Winefield, A.H., Winefield, H.R., Tiggeman, M. & Goldney, R.D. (1991). A Longitudinal study of the psychological effects of unemployment and unsatisfactory employment on young adults. *Journal of Employment Counseling*, 76(3), 424-431.
- Winkelmann, L. & Winkelmann, R. (1998). Why are the Unemployed So Unhappy? Evidence from Panel Data. *Economica*, 65, 257, 1-15.
- Winkelmann, R. (2009). Unemployment, Social Capital, and Subjective Well-Being. *J Happiness Stud*, 10, 421-430.
- Woleck, A. (2002). *O trabalho, a ocupação e o emprego – Uma perspectiva histórica*. Disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos/rev01-05.pdf>.
- Wong, C.S. & Law, K.S. (2002). The effects of leader and follower emotional intelligence on performance and attitude: An exploratory study. *The Leadership Quarterly*, 13, 243-274.
- Wrightson, G. (2005). *Creating a culture of full employment*. Newcastle: Centre of Full
- Yaecheski, A., Mahon, N. & Yaecheski, T. (2001). Social support and well-being in early adolescents. *Clinical Nursing Research*, 10 (2), 163-181.
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.
- Zanini, D. S., Verolla-Moura, A. e Queiroz, I. P. (2010). Apoio social: aspectos da validade de constructo em estudantes universitários. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14 (1), 195-202.
- Zimet, G.D., Dahlem, N.W., Zimet, S.G., & Farley, G.K. (1988). The Multidimensional Scale of Perceived Social Support. *Journal of Personality Assessment*, 52, 30-41.
- Zomignani, M. A. (2002). Invulnerável, não: resiliente. *Viver Psicologia*, 116, 30-31.

Zweig, J. M., Phillips, B. S. & Lindberg, L. D. (2002). Predicting adolescent profiles of risk: looking beyond demographics. *Journal of Adolescent Health, 31*, 343-353.

## **CAPÍTULO VII**

---

### **ANEXOS:**

QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS PARTICIPANTES.



## QUESTIONÁRIOS

Estimado jovem: Coloca um **X** sobre o quadrado que corresponde a tua resposta. Nenhuma resposta é certa ou errada, por isso não deixes nenhuma questão por responder. Este questionário é anónimo. **Obrigado pela tua colaboração.**

Idade \_\_\_\_  Homem  Mulher    Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_

Onde Mora:  Zona rural  Zona urbana    Província \_\_\_\_\_    Município \_\_\_\_\_

Tens casa própria?  Sim  Não  Vivo com os pais  Vivo com amigos

Tens filhos?  Sim  Não    Se sim quantos \_\_\_\_\_

Pertences a alguma associação juvenil?  Não  Sim    Qual? \_\_\_\_\_

Praticas desporto?  Não  Às vezes para recreação  Estou ligado a um clube

Trabalhas?  Sim\_\_    Profissão: \_\_\_\_\_

Nunca trabalhei  Já trabalhei, mas estou desempregado

Há quanto tempo estás desempregado? (expressar em anos e meses) \_\_\_\_\_

Conheces o centro de emprego da tua província?

Não  Já ouvi falar mas nunca fui até lá  Sim conheço

Se conheces o centro de emprego, como te sentes com a prestação de serviços aí oferecida:

Muito satisfeito  Satisfeito  Nem satisfeito nem insatisfeito  Pouco satisfeito  Insatisfeito

Acreditas que a formação dada no centro de emprego pode ajudar-te a encontrar um novo emprego?  Ajuda muitíssimo  Ajuda  É indiferente  Ajuda pouco  Não ajuda

Já procuraste emprego pelos teus próprios meios?  Todos os dias  Muitas vezes

Algumas vezes  Nunca

Estás preparado para começar a trabalhar?  Sinto-me muito preparado  Sinto-me preparado

Não sei como me sinto  Sinto-me um pouco preparado  Não estou preparado

Já pensaste em procurar emprego por conta própria?  Todos os dias  Muitas vezes

Algumas vezes  Nunca

Como consegues sobreviver?  Por conta da família  Com a ajuda dos amigos

Virando-me eu próprio

Qual deve ser o rendimento mensal para considera-se que: a) Nada te falta \_\_\_\_\_

b) Ter o necessário \_\_\_\_\_ c) Não serve para ter estabilidade na vida \_\_\_\_\_

Já beneficiaste de crédito jovem?  Sim  É muito difícil  Nunca

Acreditas que o crédito jovem ajuda na busca de emprego?  Nada  Um pouco  Muito

Em cada uma das seguintes expressões, rodeia com um círculo a alternativa que mais se aproxime a sua opinião, ou seja, ao que você pensa:

AE

	(1) Discordo Totalmente (4) Concordo	(2) Discordo (5) Concordo Totalmente	(3) Não concordo nem discordo		
1	No conjunto, eu estou satisfeito comigo.....	1	2	3	4 5
2	Eu acho que eu tenho várias e boas qualidades.....	1	2	3	4 5
3	Eu sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto à maioria das pessoas.....	1	2	3	4 5
4	Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo tanto quanto as outras pessoas.....	1	2	3	4 5
5	Eu tenho uma atitude positiva em relação a mim mesmo.....	1	2	3	4 5

APSOC

1	Há uma pessoa especial que está perto quanto tenho necessidade.....	1	2	3	4 5
2	Há uma pessoa especial com quem posso compartilhar minhas alegrias e tristezas.....	1	2	3	4 5
3	Minha família realmente me ajuda.....	1	2	3	4 5
4	Recebo da minha família o apoio e ajuda emocional que necessito.....	1	2	3	4 5
5	Tenho uma pessoa especial que é uma verdadeira fonte de consolo para mim.....	1	2	3	4 5
6	Os meus amigos realmente me ajudam.....	1	2	3	4 5
7	Posso contar com meus amigos quando as coisas vão mal.....	1	2	3	4 5
8	Posso falar dos meus problemas com minha família.....	1	2	3	4 5
9	Tenho amigos com quem posso partilhar as minhas alegrias e tristezas....	1	2	3	4 5
10	Há uma pessoa especial na minha vida a quem lhe importa meus sentimentos.....	1	2	3	4 5
11	A minha família esta disposta a me ajudar a tomar decisões.....	1	2	3	4 5
12	Posso falar dos meus problemas com os meus amigos.....	1	2	3	4 5

SWLS

1	Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.....	1	2	3	4 5
2	As minhas condições de vida são excelentes.....	1	2	3	4 5
3	Estou satisfeito com a minha vida.....	1	2	3	4 5
4	Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida.....	1	2	3	4 5
5	Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada...	1	2	3	4 5

CEM

	(1) Discordo Totalmente (4) Concordo	(2) Discordo (5) Concordo Totalmente	(3) Não concordo nem discordo		
1	Eu consigo controlar o meu temperamento e dificuldades racionalmente..	1	2	3	4 5
2	Eu sou bastante capaz de controlar minhas próprias emoções.....	1	2	3	4 5
3	Eu sempre posso tranquilizar-me rapidamente quando estiver muito bravo	1	2	3	4 5
4	Eu tenho bom controlo de minhas próprias emoções.....	1	2	3	4 5

RES

1	Eu tenho tendência em recuperar-me rapidamente depois de viver situações difíceis.....	1	2	3	4 5
2	Eu sofro demasiado quando vivo situações stressantes.....	1	2	3	4 5
3	Não demoro muito tempo para me recuperar de situações stressantes.....	1	2	3	4 5
4	É difícil para mim recuperar-me quando me acontece algo mau.....	1	2	3	4 5
5	Normalmente, passo por pequeno problema os momentos de dificuldade.	1	2	3	4 5
6	Necessito de muito tempo para recuperar-me dos problemas na minha vida.....	1	2	3	4 5

GHQ12. Com que frequência experimentou você, no decorrer das últimas semanas, as condições descritas nas seguintes expressões?.

Por favor, responda indicando desde **(1) Raramente** até **(5) Com muita frequência**.

1	Foi capaz de se concentrar sobre o que você estava a fazer?.....	1	2	3	4 5
2	Perdeu muito sono por causa das preocupações?.....	1	2	3	4 5
3	Sentiu que estava a jogar um papel útil nas coisas que fazia?.....	1	2	3	4 5
4	Sentiu-se capaz de tomar decisões sobre coisas?.....	1	2	3	4 5
5	Sentiu-se constantemente sob tensão?.....	1	2	3	4 5
6	Sentiu que não poderia superar suas dificuldades encontradas?.....	1	2	3	4 5
7	Foi capaz de desfrutar das suas actividades normais do dia-a-dia?.....	1	2	3	4 5
8	Foi capaz de enfrentar os seus problemas?.....	1	2	3	4 5
9	Sentiu-se infeliz e deprimido?.....	1	2	3	4 5
10	Chegou a perder a confiança em si mesmo?.....	1	2	3	4 5
11	Pensou em si mesmo como uma pessoa inútil?.....	1	2	3	4 5
12	Sentiu-se razoavelmente feliz, tendo em conta todas as coisas?.....	1	2	3	4 5

**Como você descreveria o seu estado geral de saúde neste momento?**

- Muito boa     Bastante boa     Nem boa nem má     Bastante má     Muito má

**O seguinte questionário só deverá ser respondido pelas pessoas que estão em situação de desemprego**

CWJLS. Com qual frequência você utiliza as seguintes estratégias para superar o desemprego?  
Por favor, responda indicando desde **(1) Quase nunca** até **(5) Quase sempre**

---

1	Dedico muito tempo à procura de um novo emprego.....	1	2	3	4	5
2	Concentro o meu tempo e energia em actividades que me levam a procurar de emprego.....	1	2	3	4	5
3	Esforço-me para encontrar um novo trabalho.....	1	2	3	4	5
4	Junto-me com contatos de trabalho, pessoas que me possam ajudar a encontrar outro trabalho.....	1	2	3	4	5
5	Falo com gente que me pode ajudar a encontrar um trabalho.....	1	2	3	4	5
6	Recordo a mim mesmo que não ter trabalho não é o fim do mundo.....	1	2	3	4	5
7	Recordo a mim mesmo que o trabalho não é tudo na vida de uma pessoa.	1	2	3	4	5
8	Eu digo para mim mesmo que há coisas mais importantes na vida que ter um trabalho.....	1	2	3	4	5
9	Eu digo para mim mesmo que geralmente o tempo se ocupa de resolver situações como esta.....	1	2	3	4	5
10	Recordo a mim mesmo que outras pessoas estiveram nesta mesma situação e que provavelmente eu faço tão bem como elas fizeram.....	1	2	3	4	5
11	Tento não pensar no que me aconteceu.....	1	2	3	4	5

---



## **CAPÍTULO VIII**

---

### **RESUMEN DE LA TESIS EN ESPAÑOL:**

ÍNDICE.

8.1. INTRODUCCIÓN.

8.2. MÉTODO.

8.3. RESULTADOS, DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES.

8.4. LIMITACIONES DEL TRABAJO Y SUGERENCIAS PARA FUTURAS INVESTIGAC.

8.5. PROPUESTAS DE APLICACIÓN DE LOS RESULTADOS.



## **“Resiliencia en Jóvenes Angoleños Desempleados”**

### **ÍNDICE**

#### **CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO**

- 1.1. CONTEXTUALIZACIÓN DEL OBJETO DE ESTUDIO
- 1.2. POLÍTICAS ANGOLANAS DE PROMOCIÓN DE EMPLEO
- 1.3. RELEVANCIA DE LA PRESENTE INVESTIGACIÓN

#### **CAPÍTULO II. FUNDAMENTACIÓN TEÓRICA**

- 2.1. EMPLEO, SUBEMPLEO, DESEMPLEO Y REEMPLERO
  - 2.1.1. *El desempleo de los jóvenes*
  - 2.1.2. *Efectos del desempleo (económicos, hábitos, familia, suicidio, etc)*
  - 2.1.3. *Importancia de la duración del desempleo*
  - 2.1.4. *Diferencias de género en las reacciones al desempleo*
  - 2.1.5. *Influencia del nivel de estudios en el desempleo*
- 2.2. IMPACTO DEL DESEMPLEO SOBRE EL BIENESTAR FÍSICO Y PSICOLÓGICO
  - 2.2.1. *Impacto del desempleo en la salud física*
  - 2.2.2. *Impacto del desempleo en la salud mental*
  - 2.2.3. *Desempleo y ajuste psicosocial*
  - 2.2.4. *Desempleo y satisfacción con la vida*
- 2.3. FACTORES DE PROTECCIÓN RELACIONADOS CON EL DESEMPLEO
  - 2.3.1. *La resiliencia como recurso para soportar el desempleo*
  - 2.3.2. *La auto-estima como variable moderadora del impacto del desempleo*
  - 2.3.3. *Importancia del apoyo social en el desempleo*
- 2.4. ESTRATEGIAS DE COPING FRENTE AL DESEMPLEO
- 2.5. OBJETIVOS
- 2.6. HIPÓTESIS

#### **CAPÍTULO III. MÉTODO**

- 3.1. PARTICIPANTES
- 3.2. INSTRUMENTOS
  - 3.2.1. *Cuestionario sociodemográfico*
  - 3.2.2. *Escala de Auto-estima (RSES)*

- 3.2.3. *Escala de Apoyo Social (MSPSS)*
- 3.2.4. *Escala de Satisfacción con la Vida (SWLS)*
- 3.2.5. *Escala de Control Emocional (ROE)*
- 3.2.6. *Escala de Resiliencia (BRS)*
- 3.2.7. *Escala de Salud General (GHQ12)*
- 3.2.8. *Índice de Auto-percepción de salud*
- 3.2.9. *Escala de coping frente al desempleo (CWJLS )*

### 3.3. PROCEDIMIENTO

### 3.4. ANÁLISIS ESTADÍSTICOS

### 3.5. DISEÑO DE LA INVESTIGACIÓN

## **CAPÍTULO IV. RESULTADOS**

### 4.1. RESULTADOS FACTORIALES DE LOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

- 4.1.1. *Resultado factorial de la Auto-estima*
- 4.1.2. *Resultado factorial de la Escala de Apoyo Social*
- 4.1.3. *Resultado factorial de la Escala de Satisfacción con la Vida*
- 4.1.4. *Resultado factorial de la Escala de Control Emocional*
- 4.1.5. *Resultado factorial de la Escala de Resiliencia*
- 4.1.6. *Resultado factorial de la Escala de Salud General GHQ12*
- 4.1.7. *Resultado factorial de la Escala de Coping frente al Desempleo (CWJLS)*

### 4.2. RESULTADOS DE LAS PREGUNTAS DEL CUESTIONARIO SOCIODEMOGRÁFICO

### 4.3. RESULTADOS DESCRIPTIVOS DE LAS VARIABLES ESTUDIADAS

### 4.4. RELACIONES ENTRE LAS VARIABLES ESTUDIADAS

### 4.5. RESULTADOS DIFERENCIALES SEGÚN LAS VARIABLES SOCIODEMOGRÁFICAS ESTUDIADAS

### 4.6. PREDICCIÓN DE LA SALUD Y DE LA SATISFACCIÓN CON LA VIDA DE LOS JÓVENES DESEMPLEADOS

## **CAPÍTULO V. DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES**

### 5.1. DISCUSIÓN

### 5.2. CONCLUSIONES

### 5.3. LIMITACIONES Y SUGERENCIAS PARA FUTURAS INVESTIGACIONES

### 5.4. PROPUESTAS DE APLICACIÓN DE LOS RESULTADOS

## **CAPÍTULO VI. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**CAPÍTULO VII. ANEXOS**

7.1. INSTRUMENTOS APLICADOS A LOS PARTICIPANTES

**CAPÍTULO VIII. RESUMEN DE LA TESIS EN ESPAÑOL**

8.1. INTRODUCCIÓN

8.2. MÉTODO

8.3. RESULTADOS, DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

8.4. LIMITACIONES DEL TRABAJO

8.5. PROPUESTAS DE APLICACIÓN DE LOS RESULTADOS

## **8.1. INTRODUCCIÓN**

### **Contextualización del objeto de estudio.**

Angola, con una población mayoritariamente joven, ha sufrido las vicisitudes de otros países en desarrollo, caracterizándose por mucha mano de obra sin formación y cualificaciones técnico-científicas exigidas por los empleadores, índice aún elevado de analfabetismo y desempleo, una distribución poco equilibrada de la renta nacional, problema con el repatriamiento de refugiados, baja esperanza de vida e indicadores deficientes de calidad de vida.

No obstante, desde la consecución de la paz en 2002, se han venido realizando algunos esfuerzos encaminados a superar las dificultades y los efectos devastadores de la colonización del país, seguida de la brutal guerra civil, lo cual ha sumado más de cuatro décadas. Ante esta situación, los individuos, principalmente de las categorías sociales desfavorecidas, en concreto los niños, adolescentes, jóvenes, mujeres, ancianos y personas con deficiencias, víctimas de exclusión y destitución social, han tenido que demostrar mayor capacidad de regeneración para su adaptación, después del fin del conflicto armado, que causó en ellos presiones de desgaste y pérdida de valores morales y éticos tradicionales, basados en la confianza y solidaridad comunitaria.

De hecho, el desempleo ha venido marcando negativamente la situación económica y social del país en la última década, agravado con la necesidad de inserción social de los ex-combatientes y de los jóvenes en el mercado de trabajo. A pesar de haber reducido su peso relativo, constituye uno de los factores críticos del mercado de trabajo. Además de esto, existe una gran disparidad entre la oferta y la demanda en el mercado de trabajo, y los criterios de reclutamiento son extremadamente variados y, muchas veces, selectivos. Entre los obstáculos más relevantes con los cuales se enfrentan los jóvenes angoleños en la consecución de trabajo, se encuentran la falta de experiencia profesional y de mecanismos eficaces que faciliten la transición de la escuela a la vida activa.

El acceso al empleo constituye, para la mayoría de los jóvenes angoleños, un símbolo de la llegada a la edad adulta, porque el ingreso en el mundo laboral es principalmente una transición a la mayoría de edad. La falta de empleo es un problema

que afecta particularmente a los jóvenes que están expuestos, en comparación con los adultos, a mayores niveles de incertidumbre económica y social (Ouweneel, 2002).

El desempleo juvenil es un verdadero desperdicio de recursos humanos que, en último término, perjudica tanto a los directamente afectados como a sus familias. Este fenómeno aparece frecuentemente asociado a un aumento de criminalidad y el surgimiento de grupos desfavorecidos que generalmente tienen sus propias reglas y formas de subcultura (Lundetrae et al., 2010), ya que el ser humano es un ser social, o psico-socio-cultural, que se expresa en función de la interacción constante con los otros. La sociedad les exige a los jóvenes diferentes funciones para cubrir las necesidades de las acciones sociales. Así, su instinto de supervivencia desarrolla en ellos la necesidad de trabajo, lo que permite ampliar sus potencialidades como ser humano y como ser social (Pozo et al., 2002). En las sociedades donde la mayoría de las personas viven de trabajar para los demás, no encontrar empleo es un problema serio.

Considerando que el desempleo, según Andersen (2009), puede tener profundos efectos sobre el individuo y la sociedad en la que vive, lo cual tiene repercusión directa en la economía, el Estado angoleño ha adoptado algunas políticas para invertir el actual panorama del desempleo. Estas políticas consisten en programas y proyectos concretos que son implementados por los respectivos organismos.

### **Fundamentación teórica.**

Considerando las graves consecuencias del desempleo sobre la salud física y mental de las personas, tanto como sobre su satisfacción con la vida, en la fundamentación teórica de la presente investigación nos proponemos hacer un abordaje sobre el desempleo de los jóvenes y sus efectos a nivel económico y familiar. Según Vaz Serra (2007), el desempleo es una situación que supone la ausencia de la carga de trabajo, normalmente involuntaria y constituye una condición potencialmente adversa de trabajo, con implicaciones a nivel personal y relacional de la vida de las personas. El desempleo exige al individuo, según Francisco (2004), capacidades de adaptación. Numerosos estudios han mostrado que el individuo desempleado tiende a experimentar niveles elevados de depresión, ansiedad, somatización, angustia y estrés, así como baja autoestima, baja autoconfianza, inactividad y aislamiento social (Kessler et al., 1988; Warr et al., 1988).

El empleo, según Fryer e Payne (1986), es un intercambio contractual institucionalmente regulado entre dos partes. Por otro lado, Centeno (2001) señala que el empleo es la relación laboral estable entre el individuo y una entidad empleadora, con funciones y responsabilidades estables, con horario regular y retribución también estable y prefijada. Sin embargo, la crisis del desempleo conduce a desafíos no sólo para los individuos sino también para las comunidades y naciones.

Fryer y Fagan (2003), Paul y Moser (2009) y Wanberg (2012), señalan que existe una relación entre el desempleo y problemas de salud mental, incluyendo la depresión, la somatización, la ansiedad y el abuso de sustancias. En cuanto al trabajo, puede satisfacer nuestras necesidades de supervivencia, las relaciones sociales y la autodeterminación (Blustein, 2006). Se podría decir que el empleo constituye para la mayoría de los jóvenes un símbolo de la llegada a la edad adulta, porque el ingreso en el mundo del trabajo es principalmente una transición para la mayoría de edad. La falta de empleo es un problema que afecta particularmente a los jóvenes que están expuestos, en comparación con los adultos, a mayores niveles de incertidumbre económica y social (Ouweneel, 2002). El desempleo juvenil es un verdadero desperdicio de recursos humanos que, en último caso, perjudica tanto a los afectados como a sus familias. Este fenómeno aparece frecuentemente asociado con un aumento de la criminalidad y el surgimiento de grupos desfavorecidos que generalmente tienen sus propias reglas (Lundetrae et al., 2010).

De acuerdo con un informe reciente de la Organización Internacional del Trabajo-OIT (2010) sobre las tendencias del empleo de los jóvenes en el mundo, la probabilidad de estar desempleado es 3,5 veces mayor para los jóvenes que para los adultos. Debido a éstas y otras circunstancias, el número de jóvenes desempleados aumentó de forma significativa en los últimos diez años, alcanzando el máximo actual de 88 millones de jóvenes desempleados, casi la mitad (47%) de desempleo global. Los jóvenes son, así, un grupo de población con serios problemas de integración en el mercado laboral (Dooley y Catalano, 2003).

Según Moorhouse y Caltabiano (2007), el desempleo termina teniendo un profundo efecto sobre la vida de la persona desempleada y de su familia. Afecta a todas las personas implicadas, teniendo en cuenta que muchos de los desempleados tienen familia, hijos en formación considerados potenciales futuros trabajadores en dificultades con el mercado de



empleo. Las consecuencias del desempleo, según Feldman et al. (2002), pueden ser económicas, sociales y se agravan por el hecho de que tiende a afectar más fuertemente a los sectores más débiles de la sociedad. Cuanto mayor sea el tiempo de desempleo, mayores efectos negativos tiene sobre el bienestar de los jóvenes (Clark et al., 2001), los individuos tienden a estar menos satisfechos con la vida y a sentirse menos felices (Argyle y Hills, 2001).

En cuanto a la importancia del nivel de escolaridad, Moreau y Leathwood (2006) observan una tendencia ascendente de jóvenes desempleados a pesar de estar diplomados, en la mayoría de los países europeos. Nuñez y Livanos (2010) dicen que el nivel de escolaridad tiene efectos en la probabilidad de estar parados. Dicho de otro modo, la enseñanza superior está asociada a bajos niveles de desempleo. También Eggert et al. (2010) indican que una mayor cualificación formativa está siempre asociada a un menor desempleo. Los bajos niveles de escolaridad, en particular el analfabetismo o las bajas cualificaciones técnicas y profesionales, pueden constituir factores de pobreza, generando una disminución de la autonomía de los individuos, pudiendo ser factor de inseguridad en los diferentes contactos sociales y limitando la participación en la vida social en general. El nivel de instrucción tiene una influencia significativa en la integración en el mercado de trabajo y, por consiguiente, en la definición del éxito económico de los individuos. Centeno (2001) dice que existe una relación entre el ciclo económico y la baja cualificación, visto que los jóvenes desempleados no tienden a aumentar sus cualificaciones escolares y profesionales por desesperación, frustración y otras razones varias.

En cuanto al género, no existen diferencias significativas en la manera de sufrir el desempleo, según afirma Muchinsky (2004). Sin embargo, Reine et al. (2013) alegan que los hombres desempleados pueden sufrir más que las mujeres de estrés financiero, debido a la construcción de la masculinidad dominante que requiere un mayor auto-control. Según Tansel y Tasçi (2010), la probabilidad de salir del desempleo y pasar a ser personas empleadas las mujeres es sustancialmente menor que para los hombres.

Los hombres con hijos son más propensos a percibir el desempleo como una derrota que las mujeres, a pesar de que éstas también tengan hijos. Según Van der Meer (2012), Blanchflower y Oswald (2005) y Hultman et al. (2006), junto con el efecto del desempleo

sobre el bienestar subjetivo, también el efecto negativo del desempleo es mucho menor para las mujeres que para los hombres. Principalmente, los cabeza de familia reportan mayor sufrimiento mental por estar en desempleo que las mujeres casadas, que a la vez se amparan en el trabajo doméstico. Las diferencias de género son menores cuando se trata de personas solteras.

Otro aspecto que debe ser tenido en cuenta cuando se habla de desempleo es su impacto sobre el bienestar físico y psicológico de las personas. El desempleo es un problema muy serio, pues contribuye a innumerables desequilibrios en la salud mental, en la salud física y afecta a la satisfacción con la vida. En lo que se refiere a la salud física, el desempleo está ligado de dos maneras: cambios en los síntomas de los niveles de salud y enfermedad, y cambios en la salud relacionados con el comportamiento. Los desempleados presentan subidas de presión arterial, de ansiedad, perturbaciones en el sueño, falta de apetito, enfermedades crónicas, molestias gastrointestinales, enfermedad hepática crónica, y molestias respiratorias (Rasky et al., 1996).

En lo que se refiere a la salud psicológica, De Frank e Ivancevitch (1986), Hanisch (1999) y McKee-Ryan et al. (2005) han encontrado una gran variedad de síntomas psicológicos (hostilidad, depresión, frustración, rabia, culpabilidad, preocupación, ansiedad, desórdenes psiquiátricos, suicidio y cambios en el estado emocional o en la vida y proceso de satisfacción), para explicar los efectos de la pérdida de empleo. Los principales factores que están en el origen de gran parte del deterioro de la salud mental son, entre otros, los siguientes:

- La reducción de los recursos económicos inherente al desempleo.
- La ausencia de ocupación racional y saludable del tiempo libre.
- El desempleo de larga duración.

El desempleo tiene un impacto negativo y grave en la salud mental de las personas (Korpi, 1997). Para Nordenmark et al. (2006), estar desempleado no significa vivenciar los mismos tipos de prejuicios en todas las personas. Los efectos adversos del desempleo sobre la salud mental tienen diferentes repercusiones dependiendo de la situación económica del individuo, del género, de la clase social, de la edad, del estado civil, del tiempo de desempleo, de las experiencias anteriores de desempleo, de la etnia y de la

implicación en el trabajo (Nordenmark y Strandh 1999; Viinamäki et al., 1993; Walsh y Jackson, 1995).

Confirmando lo expuesto en el párrafo anterior, aparecen los resultados referidos por Burnay et al. (2005), que encontraron interacciones entre el estatus de empleo y sociabilidad, la satisfacción con la vida y la salud mental, por un lado, y la edad, por otro lado. Así, el desempleo de los jóvenes es uno de los problemas más graves a los que han de enfrentarse en la depresión. Butterworth et al. (2012) afirman que cuanto más largo sea el tiempo de desempleo, peores serán los problemas de salud mental.

El estigma del desempleo refleja la imagen personal y social negativa del bienestar del desempleado (Kulik, 2000). Diener (1984) observó que el desempleo tiene un impacto devastador sobre el bienestar subjetivo de muchas personas, más allá de las dificultades financieras. Paul y Moser (2009) descubrieron que la satisfacción con la vida de los desempleados es menor que la de los empleados, y concluyeron que el desempleo provoca angustia mental. La satisfacción con la vida es un componente cognitivo del bienestar subjetivo (Albuquerque y Tróccoli, 2003; Kim, 2004). Según Freire (2009), la vida puede ser satisfactoria, con calidad y bienestar, especialmente cuando se cuenta con disposición para enfrentar los desafíos que ésta nos presenta. Este intento se hace más fácil cuando la persona cuenta con una red de apoyo social. Ferrer i Carbonell y Frijters (2004) señalaron tres hipótesis generales subyacentes a los estudios empíricos sobre la satisfacción con la vida, en concreto:

- (1) La satisfacción es una herramienta válida para el bienestar individual;
- (2) La satisfacción es interpersonal y ordinariamente comparada;
- (3) La satisfacción es interpersonal y cardinalmente comparada;

Según Huebner et al. (2000) y Nickerson y Nagle (2004), los adolescentes y jóvenes, de una forma general, presentan un nivel alto de satisfacción con la vida. A pesar de ello, ciertas variables pueden influir en el nivel de bienestar y consecuentemente en el nivel de satisfacción con la vida. El apoyo social de padres y amigos ejerce una considerable influencia sobre el bienestar de los adolescentes (Helsen et al., 2000; Yaecheski et al., 2001), así como la confianza y la comunicación entre los adolescentes y sus padres y pares también están relacionados con el grado de satisfacción experimentada (Nickerson y

Nagle, 2004). Sólo el aumento del miedo al desempleo, ya produce efectos nocivos y reduce la satisfacción con la vida, afectando a la decisión de planificar la vida, y lleva a los jóvenes a manifestar actitudes o comportamientos reprobables.

Desde una perspectiva positiva, podemos decir que existen factores de protección relacionados con el desempleo. Desde la psicología social, algunas variables moderadoras pueden aumentar o reducir las consecuencias negativas del desempleo, tales como:

(a) Variables económicas: Disponibilidad de bienestar social, compensación por el desempleo, el último o anterior salario antes del desempleo.

(b) Variables demográficas: Edad, género, clase social, grupo étnico, parentesco.

(c) Variables sociales: Normas y valores, sistema de apoyo social.

(d) Variables de personalidad: el estilo de afrontamiento, la firmeza de carácter, la vulnerabilidad personal, el control de las creencias, la autoestima, y las habilidades para dominar la estructura del tiempo.

También, según Fryer (1991), existen factores que moderan los efectos del desempleo en el individuo desempleado, y el tipo de estrategias que tenderá a utilizar pueden ser clasificadas en dos grandes categorías: (a) factores externos al individuo (esto es, circunstancias de vida, tipo y causas del desempleo, contexto socioeconómico en el que ocurre el desempleo), y (b) factores internos al individuo (como por ejemplo, el significado que atribuye al trabajo, proyectos de vida, formas habituales de lidiar con las exigencias de las transiciones, locus de control, autoestima, etc.).

No obstante, los factores de protección son identificados en seis dominios de vida: actitudes individuales y predisposiciones, medio familiar (relaciones familiares y actitudes parentales), escuela (clima seguro o inseguro), amigos (implicación o no en drogas), sociedad (tendencias económicas, falta de empleo), comunidad (organización o desorganización) (Zweig et al., 2002).

La resiliencia, constructo asumido por la psicología positiva, según Yunes (2003) es la propiedad que posee una persona para recuperarse o mantener un comportamiento adecuado después de sufrir un trauma. Es la propiedad que tiene, no de volver a su forma original como los objetos de la física, sino de minimizar o dominar los efectos nocivos de la adversidad en una respuesta al riesgo (Zomignani, 2002). Esa posibilidad de superación

significa, por tanto, no una eliminación de algo, sino una resignificación (Pesce et al., 2004).

En el contexto del desempleo, la presente investigación define la resiliencia como la capacidad de soportar con éxito la adversidad de tener empleo, demostrado por el fuerte empeño en buscar empleo y por la buena disposición mental. Siendo la resiliencia un proceso, esto supone que los efectos positivos son el resultado de las cualidades propias de la resiliencia (competencia personal, actitudes) que atenúan los efectos de la adversidad del desempleo. Es posible, ante una situación de desempleo conceptualizada como una adversidad, ser resiliente y conseguir una adaptación satisfactoria. Moorhouse y Caltabiano (2007) encontraron en los individuos desempleados con cualidades resilientes menores niveles de depresión. Durante los periodos de estrés, provocados por la frustración y y dificultades derivadas del desempleo, la resiliencia puede servir de recurso interno que el individuo puede usar (Almedon, 2005). De hecho, la experiencia del desempleo puede ser comparada al trauma (Mol et al., 2005) y la resiliencia puede ser considerada como un importante recurso cuando las personas se quedan en situación de desempleo (Moorhouse e Caltabiano, 2007).

La autoestima es un importante factor de predicción del comportamiento para la búsqueda de empleo (Kanfer et al., 2001). Para Paul y Moser (2009), el desempleo reduce la autoestima individual. El concepto de apoyo social aún no constituye una medida válida para diferentes culturas y contextos (Zanini et al., 2010), pero ha sido considerado un factor de protección en las situaciones extremo estrés. Matsukura et al. (2002) y Schwarzer y Knoll (2007), han apuntado la existencia de una asociación entre apoyo social y los niveles de salud y/o la presencia de apoyo social funcionando como agente “protector” frente al riesgo de enfermedades inducidas por el estrés.

En el ámbito de la Psicología Social, el constructo *coping* (enfrentamiento) está relacionado con el modo en que las personas afrontan las dificultades o circunstancias estresantes. El *coping* consiste en la capacidad que un individuo tiene para pensar y actuar de la mejor forma posible frente a situaciones de estrés. El *coping* es una de las principales herramientas para el manejo del estrés, además de ser considerado usualmente como el mediador entre la salud mental y la salud física. Existen dos abordajes teóricos para definir el *coping*, uno situacional y otro estructural. El abordaje estructural trata de los *estilos de*

*coping* que han sido más relacionados con las características de la personalidad, mientras que el abordaje situacional comprende las *estrategias de coping* que se refieren a cogniciones y acciones tomadas en el curso de un episodio estresante. Aunque los estilos pueden influir sobre la extensión de las estrategias, son fenómenos distintos y tienen diferente origen teórico (Hudek-Knežević y Kardum, 2000).

De acuerdo con Lazarus y Folkman (1984), el *coping* tiene dos funciones importantes: la gestión del problema y la regulación del estrés experimentado. Kinicki et al. (2000) y Wanberg (1997) comentan que el *coping* relacionado con las actividades de búsqueda de empleo, al contrario que el afrontamiento focalizado en el problema, aumenta la probabilidad de la persona de ser readmitida. Sin embargo, el número de personas desempleadas es grande en muchas sociedades, incluida Angola, y su salud mental merece atención y preocupación, tanto por parte de los gobiernos como por los responsables de cuidar de la salud (entre ellos los psicólogos).

Para terminar este marco teórico, cabe señalar que existe una relación entre la estrategia individual de *coping* y los recursos o condiciones personales, tales como la autoestima y el apoyo social, así como otras características como el género o el nivel de educación y escolaridad (McKee-Ryan et al., 2005; Schmidt et al., 2006). Otros estudios avanzados confirman la relación positiva entre la estrategia de *coping* focalizada en el problema y las probabilidades de reempleo, y la existencia de una relación negativa entre la estrategia de *coping* focalizada en la emoción y las probabilidades de reempleo (Lai y Chan, 2002, McKee Ryan et al., 2005, Waters y Moore, 2002).

### **Objetivos de la investigación**

1. Analizar qué variables sociodemográficas se encuentran relacionadas con las condiciones sociales, las condiciones personales, la salud y la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados.
2. Analizar las relaciones entre las condiciones personales, las condiciones sociales, la salud y la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados.

### **Hipótesis**

1. La autoestima, el control emocional, la resiliencia, las estrategias de *coping* y el

- apoyo social, predicen la salud mental de los jóvenes angoleños desempleados.
2. La autoestima, el control emocional, la resiliencia, las estrategias de coping y el apoyo social, predicen la percepción de salud de los jóvenes angoleños desempleados.
  3. La autoestima, el control emocional, la resiliencia, las estrategias de coping y el apoyo social, predicen la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados.
  4. El tiempo de desempleo, el número de hijos y el nivel sociocultural predicen la satisfacción con la vida y la percepción de salud de los jóvenes angoleños desempleados.

## **8.2. MÉTODO**

### **Participantes**

El universo de estudio está constituido por el conjunto de jóvenes angoleños con edades comprendidas entre los 18 y los 30 años de edad. De estos, se tomó una muestra, por conveniencia, de 844 personas (457 hombres, 387 mujeres), con una media de edad de 21,7 años y una desviación típica de 3.07, que no han tenido trabajo nunca o que en el momento del estudio estaban en situación de desempleo (Tabla 31).

*Tabla 31. Distribución de la muestra según el desempleo y el género de los jóvenes angoleños*

	Hombres		Mujeres		Total	
	n	%	n	%	n	%
Nunca ha trabajado	289	34.2	272	32.2	561	66.5
Desempleado	168	19.9	115	13.6	283	33.5
Total	457	54.1	387	45.9	844	100.0

En esta tabla se ha querido diferenciar entre quienes nunca han trabajado y quienes sí habían trabajado anteriormente pero actualmente se encuentran sin empleo, además de especificar si pertenecen al grupo de hombres o de mujeres.

### **Instrumentos**

Para desarrollar los objetivos planteados en esta investigación, se han utilizado los siguientes instrumentos: Cuestionario sociodemográfico, Escala de Autoestima, Escala de Apoyo Social, Escala de Satisfacción con la Vida, Escala de Control Emocional, Escala de

Resiliencia, Escala de Salud General (GHQ12), Índice de Percepción de Salud, y la Escala de Estrategias de Coping frente al Desempleo (CWJLS).

### ***Cuestionario sociodemográfico***

Es un cuestionario en el cual se incluyen variables tales como la edad, el sexo (género), la escolaridad, el lugar de residencia (zona rural, zona urbana), la provincia, el número de hijos, el vínculo con alguna asociación, la práctica deportiva, el vínculo laboral, el conocimiento del centro de empleo, la búsqueda de trabajo, la preparación para trabajar, las formas de supervivencia, etc.

### ***Escala de Autoestima***

La Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES) es uno de los instrumentos más utilizados para evaluar la autoestima global. Rosenberg (1965) se refiere a la sutoestima como la evaluación que la persona hace y generalmente mantiene en relación a sí misma, la cual implica un sentimiento de valos que engloba un componente predominantemente afectivo y expresa una actitud de aprobación/desaprobación en relación a sí misma. La RSES es una escala formada originariamente por 10 items, cinco positivos y cinco invertidos (Ejemplo: Tengo una actitud positiva en relación a mí mismo; Soy capaz de hacer las cosas tan bien como la mayoría de las personas). Há sido traducida, adaptada y validada en numerosos idiomas y en más de 50 países. En la literatura especializada, hay autores que defienden su estructura unidimensional (Schmitt y Allik, 2005), y otros consideran que está formada por dos dimensiones, estima positiva y estima negativa (Avanci, Assis, Santos y Oliveira, 2007). También existen trabajos que indican que, debido a la forma de redacción de los items, unos en positivo y otros invertidos, se incorpora un artefacto estadístico o efecto de método (Santos y Maia, 2003; Tomás y Oliver, 1999), el cual há llevado a algunos autores a considerar únicamente los items redactados en positivo (Oliver et al., 2012).

Esta escala se presentó a los participantes con cinco alternativas de respuesta, desde (1) *Totalmente en desacuerdo*, hasta (5) *Totalmente de acuerdo*.

### ***Escala de Apoyo Social***

Para evaluar el apoyo social se utilizó MSPSS (Zimet et al., 1988), en versión de



Edwards (2004). Está compuesta por doce items y evalúa tres dimensiones: Apoyo de la Familia (Support from Family), Apoyo de los Amigos (Support from Friends), y Apoyo de los Otros Significativos (Support from Significant Others). Ejemplos de items de esta escala son los siguientes: “Puedo hablar sobre mis problemas con mi familia”, “mi familia es una verdadera fuente de confort para mí”, “Tengo amigos con quienes puedo compartir mis alegrías y tristezas”, “Hay una persona especial que está cerca de mí cuando necesito de ella”.

Los jóvenes debían responder según las siguientes alternativas: Os jovens deviam responder as seguintes alternativas: desde (1) *Totalmente en desacuerdo*, hasta (5) *Totalmente de acuerdo*.

### ***Escala de Satisfacción con la Vida***

Para evaluar la satisfacción con la vida se utilizó la Escala de Satisfacción con la Vida (SWLS; Diener et al., 1985; Pavot y Diener, 1993, 2008) propuesta por Queirós et al. (2005). La SWLS tiene el propósito de evaluar la forma en que las personas se juzgan acerca del grado en que están satisfechas con sus vidas. La medida de satisfacción con la vida presenta items de naturaleza global evalúan el juicio general de satisfacción que las personas perciben en sus vidas. Se trata de una escala unidimensional, esto es, sus items componen un solo factor (Satisfacción con la vida), que tienen la ventaja de ser simples y breves (Pavot y Diener, 1993; Pavot et al., 1991). La escala puede ser utilizada con diferentes grupos de personas y fases de edad, como en este caso los jóvenes desempleados (Atienza et al., 2003; Gilman et al., 2000; Neto, 1993; Pons et al., 2000). Ejemplos de items son: “Estoy satisfecho con mi vida”, “En muchos aspectos, mi vida está próxima a mis ideales”, “Mis condiciones de vida son excelentes”. Los análisis factoriales realizados, tanto exploratorios como confirmatorios, han demostrado que sus cinco items cubren una única dimensión (Atienza et al., 2000; Diener et al., 1985; Lewis et al., 1995, 1999; Pavot et al., 1991; Shevlin y Bunting, 1995).

Las alternativas de respuesta podían ser desde (1) *Totalmente en desacuerdo*, hasta (5) *Totalmente de acuerdo*.

### ***Escala de Control Emocional***

Para evaluar el control emocional de los jóvenes angoleños, tomamos una de las

cuatro subescalas de la escala de Inteligencia Emocional de Wong y Law (2002). La escala total consta 16 items y mide cuatro dimensiones: Evaluación de las emociones propias (Self-emotion appraisal), Evaluación de las emociones de otros (Others' emotion appraisal), Uso de la emoción (Use of emotion), y Control de la emoción (Regulation of emotion). Para la presente investigación, se utilizaron los cuatro items referentes al control emocional. Ejemplos de items: "Tengo un buen control de mis emociones", "Soy bastante capaz de controlar mis propias emociones".

Las alternativas de respuesta iban desde (1) *Totalmente en desacuerdo*, hasta (5) *Totalmente de acuerdo*.

### ***Escala de Resiliencia***

La escala de resiliencia utilizada en el presente estudio fue la Brief Resilience Scale-BRS, de Smith et al. (2008). Es una escala unidimensional y está compuesta por seis items (tres redactados en sentido positivo y tres en negativo) (ejemplos: "Tengo tendencia a desistir rápidamente ante las dificultades", "No tardo mucho tiempo en recuperarme de un acontecimiento estresante"). Según sus autores, esta escala agrupa los seis items en un solo factor. Cada item permitía responder con una de las siguientes alternativas: desde (1) *Totalmente en desacuerdo*, hasta (5) *Totalmente de acuerdo*.

### ***Escala de Salud General***

Para medir la salud mental, utilizamos el General Health Questionnaire (GHQ). El GHQ (Goldberg y Williams, 1988) es una medida destinada a evaluar el bienestar mental a partir del funcionamiento saludable normal y la aparición de nuevos síntomas de angustia y preocupación. Fue diseñado originariamente con 60 items y sucesivamente se han ido desarrollando versiones más cortas, siendo la más utilizada últimamente la versión de 12 items (GHQ12). Argile (1989) argumentaba que el GHQ es el indicador más fiable de la angustia psicológica (psychological distress), considerado inicialmente como un indicador del estado de salud mental. La puntuación general de la salud mental se deriva de la suma de las puntuaciones de los 12 items. Una mayor puntuación indica mayor nivel de salud mental. Numerosos estudios han informado de la validez del GHQ (Baksheev et al., 2011; Fernandes y Vasconcelos-Raposo, 2013; Goldberg et al., 1997; Pan y Goldberg, 1990; Tait et al., 2003, entre otros). Por otro lado, diversos estudios han mostrado

aceptables índices de consistencia interna de esta escala ( $\alpha = .94$ : Wanberg, 1997;  $\alpha = .92$ : Wanberg, 1995;  $\alpha = .85$ : Lai y Yue, 2000).

Los jóvenes angoleños desempleados debían completar esta instrucción: Con qué frecuencia ha experimentado, a lo largo de las últimas semanas, las condiciones descritas en las siguientes expresiones? Por favor, responda indicando desde (1) *Raramente* hasta (5) *Con mucha frecuencia*. Algunos ejemplos de ítems son: “Fue capaz de concentrarse en lo que estaba haciendo?”, “Perdió el sueño por causa de las preocupaciones?”.

### ***Índice de Auto-percepción de Salud***

La salud autopercebida o autoevaluación de la salud es una medida subjetiva indicadora de salud y de calidad de vida recomendada por la Organización Mundial de la Salud, combinando componentes físicos y emocionales, que forma parte del constructo bienestar y dentro de él, de satisfacción con la vida. se trata de la evaluación hecha por el individuo con base en criterios referidos a valores, expectativas sociales e individuales, tanto como mecanismos de comparación social y personal. Aunque es una variable, permanece estable por muchos años, predice el nivel individual de bienestar, la mortalidad y el declive funcional independientemente de las condiciones objetivas de salud y factores socioeconómicos, y se alimenta de varias fuentes, entre las cuales las más importantes son los diagnósticos médicos, indicadores fisiológicos tales como el dolor, fatiga y pérdida de fuerza y energía.

La salud autoreferida fue medida por las respuestas a la pregunta: ¿Cómo describiría usted su estado general de salud en este momento?, con las cinco opciones de respuesta: *Muy buena, Buena, Ni buena ni mala, Bastante mala, Muy mala*. La pregunta utilizada ya fue empleada también en otros estudios (Axelson y Ejlertsson, 2002; Edén et al., 1995; Idler y Angel, 1990) sobre el estado de salud autoevaluada.

### ***Escala de Estrategias de Coping frente al Desempleo***

Para evaluar las estrategias de coping frente al desempleo, hemos utilizado la Coping With Job Loss Scale (CWJLS), versión de Lai y Wong (1998). La versión inglesa original de este instrumento fue desarrollada por Latack (1986) para medir el coping ante el estrés laboral en general, aunque también contenía aspectos de coping ante otras situaciones fuera del trabajo. Los 39 ítems que formaban la escala original fueron

adaptados para medir específicamente el coping ante la pérdida del trabajo (Kinicki y Latack, 1990). Sucesivos tratamientos de esta escala la fueron reduciendo hasta quedar formada por los 11 items que ahora la componen (Lai y Wong, 1998). Aunque originariamente la CWJLS contaba con tres factores, la factorización desarrollada por Lai y Wong a partir de una muestra de personas desempleadas aportó únicamente dos factores: (1) *Búsqueda proactiva de empleo*, formado por cinco items que miden el grado de compromiso en la búsqueda activa de empleo (ejemplo: Me esfuerzo para encontrar un nuevo trabajo); y (2) *Distanciamiento de la pérdida del empleo*, compuesto por seis items que evalúan las estrategias de evasión y re-interpretación cognitiva (ejemplo: Me recuerdo a mí mismo que no tener trabajo no es el fin del mundo).

Para completar la escala, los participantes debían cumplir la siguiente instrucción: ¿Con qué frecuencia utiliza las siguientes estrategias para superar el desempleo? Por favor, responda indicando desde (1) *Casi nunca*, hasta (5) *Casi siempre*.

### **Procedimiento**

El procedimiento utilizado en esta investigación obedece a los criterios de ética propios de la investigación científica principalmente señalados por la APA. Los Centros de Empleo, así como las direcciones de algunas instituciones escolares fueron informadas y consultadas sobre los permisos para la participación de los jóvenes. Todos los participantes fueron informados sobre la naturaleza del estudio, procedimiento seguido para informar, además, de la garantía de la confidencialidad de los datos y el derecho a participar o no libremente. También se explicaron los objetivos del trabajo, los procedimientos y la actitud a adoptar, subrayando el carácter anónimo de los cuestionarios.

Fue necesaria la creación de un equipo de trabajo que estuvo constituido por cinco jóvenes con formación universitaria. Éstos recibieron formación sobre los procedimientos a tener en cuenta para aplicar correctamente los cuestionarios. Los instrumentos de medida fueron aplicados en los locales de trabajo, escuelas y en la calle. Los participantes fueron informados a través de una conversación en la que se explicaron los objetivos de la investigación. El tiempo aproximado de aplicación de los cuestionarios fue de unos 45 minutos. Los participantes con niveles bajos de escolaridad tuvieron algunas dificultades

para dar las respuestas solicitadas, dado que algunas palabras les resultaban difíciles de entender (por ejemplo “temperamento”, “deprimido”, “estratégias”).

En cuanto a las empresas, conversamos con los responsables de la dirección con la finalidad de pedirles permiso para la aplicación de los instrumentos. Resultó positiva la acogida en la mayoría de los casos.

Al elegir la muestra se tuvo en cuenta que una gran parte de la población desempleada se encontraba en la capital, Luanda. Por otro lado, la provincia de Benguela, que se encuentra en la región centro-sur de Angola, es una de las más solicitadas para la búsqueda de empleo, dado su nivel de desarrollo. Es, por ejemplo, en esta provincia donde se está montando la segunda gran refinería de Sonangol. Finalmente, la provincia de Uíge fue elegida por ser una de las provincias del norte de Angola, con un buen desarrollo agrícola. En esta provincia también es notorio el crecimiento de algunas empresas públicas y privadas, a las cuales acuden gran número de jóvenes a solicitar su primer empleo.

### **Análisis estadísticos**

Los análisis estadísticos realizados en esta investigación fueron los siguientes:

- Análisis factoriales confirmatorios (Confirmatory Factor Analysis-CFA) de cada uno de los instrumentos utilizados, para comprobar la adecuación de los modelos ofrecidos por sus autores a la muestra estudiada en esta investigación.
- Análisis de la fiabilidad de los factores obtenidos (coeficientes alpha de Cronbach).
- Análisis descriptivos de las variables estudiadas (media, desviación típica).
- Análisis de correlaciones entre las diferentes variables estudiadas.
- Análisis diferenciales (pruebas t y ANOVAS de un factor), para conocer las diferencias en las variables estudiadas, según las fuentes de variación consideradas. En el caso de los ANOVAS, se utilizaron comparaciones a posteriori para determinar las diferencias entre los distintos grupos que constituyen cada variable, a partir de la prueba HSD de Tukey y la de Games Howell (cuando los grupos presentaban varianzas no homogéneas).
- Análisis de Regresión Lineal Jerárquica y Modelos de Ecuaciones Estructurales (path analysis), para predecir la salud y el bienestar subjetivo (satisfacción con la

vida) de los jóvenes angoleños desempleados.

### Diseño de la investigación

En este diseño de investigación se trata de reflejar la relación entre las variables que determinan los efectos psicosociales del desempleo de los jóvenes angoleños, tales como la salud mental, la satisfacción con la vida y la percepción de salud. Por un lado, los recursos personales y sociales de los jóvenes desempleados, tales como la resiliencia, la autoestima y el coping, y por otro, ciertas variables sociodemográficas susceptibles de afectar a la salud y el bienestar físico y psicológico, produciendo directamente efectos positivos o de moderación sobre el impacto del desempleo. En otras palabras, se pretende analizar si los factores de protección y la estrategia de coping frente al desempleo tienen relación positiva y directa en la mejora de la calidad de vida y el bienestar de los jóvenes angoleños desempleados. La finalidad es, por tanto, determinar cómo tienen lugar estas relaciones.

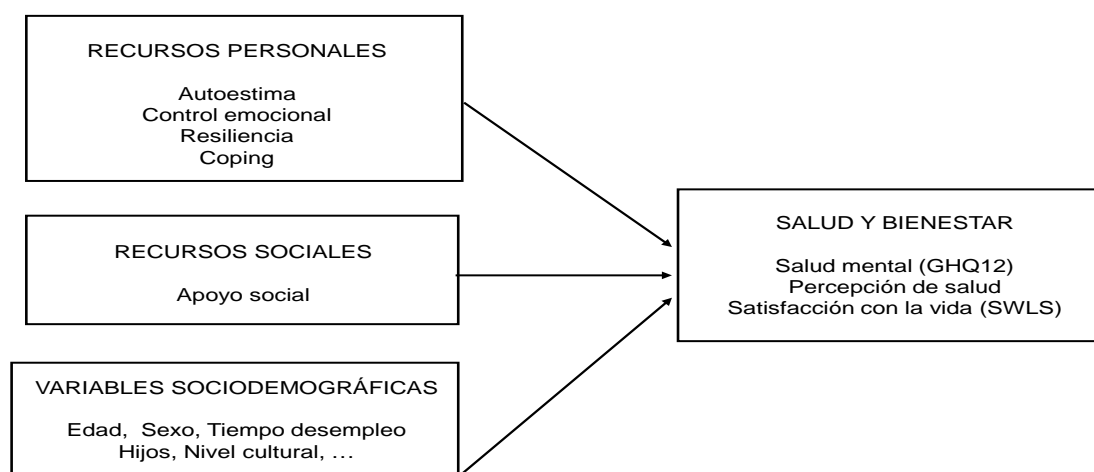


Fig. 4. Diseño de la Investigación

## 8.3. RESULTADOS, DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

### Resultados

En este capítulo presentamos los resultados obtenidos en la presente investigación, divididos en cinco apartados:

- (1) En el primer apartado se muestran los resultados factoriales de los instrumentos administrados a los jóvenes angoleños, con el objetivo de comprobar su validez y fiabilidad. Para ello, realizamos diversos análisis factoriales confirmatorios (AFC),

basándonos en modelos ya existentes y comprobando así la adecuación de los instrumentos para su aplicación a esta muestra de estudio.

- (2) En el segundo apartado, se ofrecen los resultados descriptivos de las variables estudiadas, así como la consistencia interna de los factores que componen cada uno de los instrumentos empleados.
- (3) En el tercer apartado se muestran los resultados de los análisis de correlaciones, señalando las relaciones entre las distintas variables estudiadas.
- (4) En el cuarto apartado mostraremos un resumen de los principales resultados diferenciales obtenidos, en función de algunas variables sociodemográficas contempladas en la recogida de datos.
- (5) Por último, en el quinto apartado presentamos los resultados de los análisis de Regresión Lineal Jerárquica y del Modelo de Ecuaciones Estructurales, para conocer la predicción de la salud y el bienestar subjetivo de los jóvenes angoleños desempleados, a partir de sus recursos personales y sociales.

Para llevar a cabo los análisis, se utilizaron análisis factoriales confirmatorios (CFA, confirmatory factor analysis; Bollen, 1989; Hayduk, 1987; Hoyle y Panter, 1995; Loehlin, 1987), mediante el programa EQS 6.1 (Bentler y Wu, 1995). Los modelos confirmatorios fueron estimados mediante máxima verosimilitud con correcciones robustas de Satorra-Bentler en los errores estándar y estadísticos e índices de ajuste, dada la falta de normalidad de las variables (Finney y DiStefano, 2006). El ajuste de los análisis factoriales confirmatorios fue evaluado utilizando diversos criterios, tal como recomienda la literatura (Hu y Bentler, 1999; Tanaka, 1993). Concretamente, los estadísticos e índices de ajuste utilizados fueron: (a) estadístico  $\chi^2$  (Kaplan, 2000; Kline, 2005; Ullman, 1996); (b) Comparative Fit Index (CFI; Bentler, 1990) mayor de .90 (e idealmente mayor de .95; Hu y Bentler, 1999); (c) Goodness-of-Fit Index (GFI), cuyos valores superiores a .90 indican un buen ajuste; (d) Standardized Root Mean Square Residual (SRMR), con valores menores de .08 considerados como indicadores de un buen ajuste; e (e) Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA; Steiger y Lind, 1980) cuyos valores son aceptables cuando son iguales o menores a .05. Hu y Bentler (1999) señalan que un CFI de, por lo menos .95 conjuntamente con un RMSEA de, por lo menos, .06 indican un buen

ajuste del modelo hipotetizado a los datos.

***Resultados factoriales de los instrumentos utilizados.***

*Resultado factorial de la Escala de Autoestima.* El Análisis Factorial Confirmatorio al que sometimos los datos procedentes de nuestra muestra de estudio, aportó los siguientes resultados: ( $\chi^2_5 = 20.48$ ,  $p < .01$ , GFI = .988, AGFI = .964, CFI = .969, SRMR = .031, RMSEA = .061). Estos resultados muestran un buen ajuste del modelo a los datos, confirmando la estructura de los cinco items positivos de autoestima agrupados en un solo factor. El coeficiente alfa de Cronbach (consistencia interna) de este factor es de  $\alpha = .697$ .

*Resultado factorial de la Escala de Apoyo Social.* Sometimos a un AFC la Escala de Apoyo Social de Zimet et al. (1988), versión de Edwards (2004), obteniendo satisfactorios índices de ajuste a los datos:  $\chi^2_{51} = 181.93$ ,  $p < .001$ , GFI = .946, AGFI = .918, CFI = .945, SRMR = .051, RMSEA = .055, ratificándose los tres factores anunciados por sus autores. La consistencia interna de los tres factores que componen la escala es la siguiente: Apoyo social de la familia ( $\alpha = .787$ ), Apoyo social de los amigos ( $\alpha = .795$ ), y Apoyo social de los otros significativos ( $\alpha = .765$ ).

*Resultado factorial de la Escala de Satisfacción con la Vida.* La escala de Satisfacción con la Vida (SWLS, de Pavot y Diener, 1993), cuya estructura unidimensional fue también ratificada por numerosos autores en diferentes culturas, presenta aquí esta misma estructura con un buen ajuste del modelo a los datos:  $\chi^2_5 = 17.73$ ,  $p = .018$ , GFI = .989, AGFI = .968, CFI = .982, SRMR = .026, RMSEA = .055. El coeficiente alfa de Cronbach (consistencia interna) de este factor es de  $\alpha = .732$ .

*Resultado factorial de la Escala de Control Emocional.* Sometida a un AFC el modelo de Control Emocional ofrecido por Wong y Law (2002), se obtuvieron los siguientes índices de ajuste del modelo a los datos:  $\chi^2_2 = 19.86$ ,  $p < .001$ , GFI = .980, AGFI = .902, CFI = .980, SRMR = .027, RMSEA = .103. Estos resultados muestran un moderado ajuste del modelo a los datos, lo cual ratifica la composición de esta escala por cuatro items, tal como proponen sus autores. La consistencia interna del Control Emocional es de  $\alpha = .839$ .

*Resultado factorial de la Escala de Resiliencia.* Un AFC de la Escala de Resiliencia



ofreció los siguientes índices de ajuste:  $\chi^2_9 = 205.97$ ,  $p < .001$ , GFI = .910, AGFI = .791, CFI = .529, SRMR = .112, RMSEA = .161), lo cual indica que el ajuste es pobre. Tras revisar la saturación de los items y comprobar que los items 1 y 3 mostraban valores de saturación muy bajos, optamos por eliminarlos y realizar un segundo AFC con los cuatro items restantes. Con estos cuatro items se obtuvieron los siguientes índices de ajuste:  $\chi^2_2 = 5.97$ ,  $p = .050$ , GFI = .996, AGFI = .978, CFI = .983, SRMR = .023, RMSEA = .049). Estos resultados confirman que los cuatro items se agrupan en una única dimensión o factor, con un coeficiente de consistencia interna de  $\alpha = .691$ . Teniendo en cuenta el sentido de los items de esta escala, sus valores fueron invertidos para considerar que cuanto mayor sea la puntuación obtenida, mayor será el nivel de resiliencia de cada participante.

*Resultado factorial de la Escala de Salud General (GHQ12).* Sometida la Escala de Salud General (GHQ12) a un AFC, se obtuvieron los siguientes índices de ajuste a los datos:  $\chi^2_{54} = 440.64$ ,  $p < .001$ , GFI = .870, AGFI = .812, CFI = .598, SRMR = .103, RMSEA = .092. Estos resultados indican que el ajuste del modelo para nuestros datos es pobre. Teniendo en cuenta que la mitad de los items están redactados en positivo y la otra mitad en negativo, probamos un segundo modelo de AFC incluyendo el efecto de método, con lo cual el ajuste fue mucho más satisfactorio:  $\chi^2_{48} = 116.09$ ,  $p < .001$ , GFI = .967, AGFI = .947, CFI = .929, SRMR = .043, RMSEA = .041. Estos resultados muestran que los 12 items que componen el GHQ12 se agrupan, por un lado los seis items redactados en positivo, y por otro lado los seis redactados en negativo. Teniendo en cuenta esta circunstancia del efecto de método, y dado que los factores resultantes no presentaban correlación significativa, únicamente hemos considerado para medir la salud los 6 items redactados en positivo, y hemos ignorado los otros 6 items cargados del efecto de método. El coeficiente de consistencia interna del factor Salud General fue:  $\alpha = .683$ .

*Resultado factorial de la Escala de Coping frente al Desempleo (CWJLS).* Del AFC aplicado a la Escala de Coping frente al Desempleo se obtuvieron índices de ajuste moderadamente satisfactorios ( $\chi^2_{43} = 243.31$ ,  $p < .001$ , GFI = .925, AGFI = .895, CFI = .917, SRMR = .060, RMSEA = .070), lo cual confirma la estructura factorial propuesta por sus autores para esta escala, formada por dos factores: Búsqueda activa de empleo, y

Distanciamiento. Los coeficientes de consistencia interna obtenidos fueron: Búsqueda activa de empleo ( $\alpha = .870$ ), Distanciamiento ( $\alpha = .697$ ).

**Resultados descriptivos de las variables estudiadas.**

Según los resultados que muestra la Tabla 32, se puede ver que las puntuaciones de la variables estudiadas, obtenidas por los jóvenes angoleños que componen la muestra, son todas superiores al valor de la media posible en cada una de las variables, destacándose el apoyo de los otros significativos (4.00), la autoestima (3.86), el apoyo de la familia (3.81) y el control emocional (3.70). Las puntuaciones más bajas han correspondido a la satisfacción con la vida (2.83) y la resiliencia (3.00).

Tabla 32. Resultados descriptivos de las variables estudiadas

Factores	Media	DT	$\alpha$
<i>Autoestima</i>			
Autoestima	3.86	0.68	.697
<i>Apoyo Social</i>			
Apoyo de la Familia	3.81	0.89	.787
Apoyo de los Amigos	3.52	0.89	.795
Apoyo de los Otros Significativos	4.00	0.84	.765
<i>Satisfacción con la Vida</i>			
Satisfacción con la vida	2.83	0.84	.732
<i>Control Emocional</i>			
Control Emocional	3.70	0.87	.839
<i>Resiliencia</i>			
Resiliencia	3.00	0.78	.691
<i>Coping frente al desempleo</i>			
Búsqueda activa	3.26	1.35	.870
Distanciamiento	3.20	0.97	.697
<i>Salud General</i>			
Salud positiva	3.50	0.87	.683
<i>Autopercepción de salud</i>			
Salud autopercebida	3.37	1.02	---

DT = Desviación típica.

Haciendo referencia a la última columna, donde están expuestos los valores alfa de Cronbach, se puede ver que la consistencia interna de todos y cada uno de los factores es muy próxima o superior a .70, límite habitualmente establecido para considerar aceptable la consistencia interna de un instrumento (Nunnally y Bernstein, 1995). La autopercepción de salud no muestra coeficiente de consistencia interna por tratarse de un solo ítem.

**Relaciones entre las variables estudiadas.**

La Tabla 33 muestra los resultados de las correlaciones entre las variables estudiadas. Se puede constatar que la autoestima se correlaciona significativamente con todas las variables de los diferentes instrumentos, excepto con la resiliencia. Por otro lado, todas las relaciones de la resiliencia con otras variables son negativas. El apoyo de la familia muestra una relación estadísticamente significativa con casi todas las variables menos con la búsqueda activa de empleo. El apoyo de los otros significativos muestra relaciones significativas positivas con todas las variables menos con la resiliencia, y lo mismo se puede decir de la satisfacción con la vida y el control emocional. La búsqueda activa de empleo correlaciona positivamente con la autoestima, el apoyo de los otros, el control emocional, el distanciamiento y la salud, y negativamente con la resiliencia. Tanto la salud mental como la autopercepción de salud correlacionan positivamente con la mayor parte las variables estudiadas.

*Tabla 33. Correlaciones entre las variables estudiadas*

<b>Variables</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
1. Autoestima	1									
2. Apoyo Familia	.38	1								
3. Apoyo Amigos	.30	.37	1							
4. Apoyo Otros	.46	.53	.44	1						
5. Satisface Vida	.27	.33	.29	.27	1					
6. Control Emoc	.40	.29	.22	.25	.25	1				
7. Resiliencia	-.12	-.12	-.13	-.18	-.18	-.07	1			
8. Búsqueda activa	.16	.06	.02	.07	-.07	.17	-.11	1		
9. Distanciamiento	.07	.11	.03	.15	.10	.12	-.08	.30	1	
10. Salud	.37	.30	.23	.27	.21	.41	-.05	.22	.17	1
11. Autoperc salud	.17	.19	.07	.16	.18	.11	.05	.02	.06	.15

Correlación significativa al nivel de .05. Correlación significativa al nivel de .01 (bilateral)

**Resultados diferenciales en función de las variables sociodemográficas estudiadas.**

Como síntesis de los resultados obtenidos a partir de las diferentes pruebas diferenciales podemos señalar lo siguiente:

- En cuanto al género, las mujeres perciben más apoyo de los otros significativos mientras que los hombres presentan un mayor control emocional y son más resilientes.

- En función del empleo/desempleo, cabe señalar que los jóvenes que nunca han trabajado se sienten más satisfechos con la vida. Los jóvenes desempleados muestran valores más altos en la variable búsqueda activa de empleo en comparación con quienes nunca han trabajado, a pesar de encontrarse también en desempleo.

- En cuanto a las comparaciones hechas entre quienes tienen y quienes no tienen hijos, se observa que los que tienen hijos muestran una mayor autoestima, perciben mayor apoyo de la familia y de los amigos, y se esfuerzan más por buscar empleo.

- Considerada como variable independiente el lugar donde residen, se comprueba que los jóvenes que residen en zona urbana presentan mayor nivel de autoestima y perciben mayor apoyo de los amigos que quienes residen en zonas rurales.

- En función de la edad, se observan diferencias significativas en tres variables. Cuanto más jóvenes son, mayor es su satisfacción con la vida y tienen una mejor percepción de su salud. Por otro lado, los de mayor edad son quienes dedican mayor esfuerzo a la búsqueda de empleo.

- Al considerar el nivel cultural como variable independiente, se observa que a mayor nivel cultural más elevada autoestima y mayor percepción de apoyo de la familia y de los otros significativos, mayor busca activa de empleo y mejor salud mental. El grupo de nivel medio muestra mayor percepción de apoyo de los amigos y mayor satisfacción con la vida.

### **Predicción de la salud y de la satisfacción con la vida de los jóvenes desempleados**

Para predecir la salud percibida, la salud mental y la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados, primeramente se desarrollaron tres Regresiones Jerárquicas, una para cada una de las variables dependientes, considerando como variables independientes algunas variables sociodemográficas (edad, sexo, ...), los recursos personales (autoestima, resiliencia y coping), y los recursos sociales (apoyo social). A través de estos análisis se pudo comprobar cuáles eran las variables que resultaban significativas. Con los datos obtenidos, se propuso un Modelo de Ecuaciones Estructurales para analizar, de forma conjunta, las relaciones existentes entre las variables estudiadas.

*Resultados de los Análisis de Regresión Jerárquica para predecir la salud y la*

satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados. En las siguientes tablas mostramos los resultados de los Análisis de Regresión Jerárquica para predecir la percepción de salud, la satisfacción con la vida y la salud mental de los jóvenes angoleños desempleados. Se han realizado tres análisis para la predicción de cada una de las tres variables dependientes. Las variables independientes, en todos los casos, han sido introducidas en tres bloques. En un primer bloque (modelo 1) se han introducido las variables sociodemográficas: lugar de morada, edad, sexo, nivel cultural y si tienen o no tienen hijos. En un segundo bloque (modelo 2) se han añadido las variables relacionadas con los recursos personales: Resiliencia, Autoestima, Control Emocional y Coping (Distanciamiento, Búsqueda activa). En un tercer bloque (modelo 3), se han añadido las variables relacionadas con los recursos sociales: Apoyo Social (Apoyo de los Amigos, Apoyo de la Familia y Apoyo de los Otros Significativos).

Tabla 34. Resumen del modelo de regresión jerárquica para predecir la Percepción del Estado de Salud de los jóvenes angoleños desempleados

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> corregida	Error típ estimac	Estadísticos de cambio				
					Cambio en R <sup>2</sup>	Cambio en F	gl1	gl2	Signif.
1	,143 <sup>a</sup>	,020	,014	1,014	,020	3,263	5	784	,006
2	,237 <sup>b</sup>	,056	,044	,998	,036	5,940	5	779	,000
3	,271 <sup>c</sup>	,073	<b>,058</b>	,991	,017	4,705	3	776	<b>,003</b>

a. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos

b. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos, Distanciam., Resilienc, ContrEmoc, Autoestima, BusqActiva

c. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos, Distanciam, Resilienc, ContrEmoc, Autoestima, BusqActiva, APAmigos, APFamilia, APOtros

En la Tabla 34, el resumen del Análisis de Regresión muestra un valor de R<sup>2</sup> corregida = .058 (p = .003) en el tercer modelo. Por tanto, las variables independientes introducidas en los análisis aportaron un 5.8% de explicación de la variable dependiente Percepción del Estado de Salud de los jóvenes angoleños. Se puede observar que las variables introducidas que mayor cambio en R<sup>2</sup> han producido han sido los recursos personales, siendo menor el cambio al introducir los recursos sociales, aunque en ambos casos son estadísticamente significativos.

En la Tabla 35, mostramos los resultados de la aportación de cada una de las variables independientes en la predicción de la Percepción del Estado de Salud de los jóvenes angoleños desempleados. Por razones de claridad expositiva, únicamente

mostramos los resultados del último modelo introducido en el análisis de regresión, el modelo 3.

Tabla 35. Aportación de cada variable independiente en la predicción de la Percepción de Salud de los jóvenes angoleños desempleados

Modelo		Coeficientes no estandarizados		Coeficientes estandarizados		
		B	Error típ.	Beta	t	Sig.
3	(Constante)	1,979	,538		3,681	,000
	Edad	-,034	,013	<b>-,101</b>	-2,535	<b>,011</b>
	Sexo	-,004	,073	-,002	-,058	,954
	Nivel cultural.	,018	,019	,037	,972	,331
	Residencia	-,048	,079	-,022	-,604	,546
	ConSinHijos	,068	,100	,027	,683	,495
	Autoestima	,135	,064	<b>,091</b>	2,125	<b>,034</b>
	ContrEmocional	,031	,046	,026	,672	,502
	Resiliencia	,103	,046	<b>,079</b>	2,224	<b>,026</b>
	BusqActiva	,017	,030	,022	,556	,579
	Distanciamiento	,039	,039	,037	,998	,318
	Apoyo Familia	,130	,049	<b>,112</b>	2,641	<b>,008</b>
	Apoyo Amigos	-,034	,045	-,030	-,753	,452
	Apoyo Otros	,088	,056	,073	1,583	,114

a Variable dependiente: Estado de Salud

En esta tabla se puede observar que las variables que más han contribuido a predecir la auto-percepción de salud de los jóvenes angoleños desempleados han sido la edad (en sentido inverso) con un porcentaje de 10.1%, el apoyo de la familia con 11.2%, la autoestima con 9.1% y la resiliencia con 7.9%, en todos los casos con valores de p estadísticamente significativos.

En la Tabla 36, el resumen del Análisis de Regresión muestra un valor de  $R^2$  corregida = .237 ( $p < .001$ ) en el tercer modelo. Por tanto, las variables independientes introducidas en los análisis aportaron un 23.7% de explicación de la variable dependiente Satisfacción con la Vida de los jóvenes angoleños. Se puede observar que las variables introducidas que mayor cambio en  $R^2$  han producido han sido los recursos personales (.140), siendo menor el cambio al introducir los recursos sociales (.071), aunque en ambos casos son estadísticamente significativos ( $p < .001$ ).

Tabla 36. Resumen del modelo de regresión jerárquica para predecir la Satisfacción con la Vida de los jóvenes angoleños desempleados

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> corregida	Error típ estimac	Estadísticos de cambio				
					Cambio en R <sup>2</sup>	Cambio en F	gl1	gl2	Signif.
1	,197 <sup>a</sup>	,039	,033	,828	,039	6,324	5	784	,000
2	,423 <sup>b</sup>	,179	,168	,768	,140	26,559	5	779	,000
3	,499 <sup>c</sup>	,249	<b>,237</b>	,735	,071	24,320	3	776	<b>,000</b>

a. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos

b. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos, Distanciam, Resilienc, ContrEmoc, Autoestima, BusqActiva

c. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos, Distanciam, Resilienc, ContrEmoc, Autoestima, BusqActiva, ApAmigos, ApFamilia, ApOtros

En la Tabla 37, mostramos los resultados de la aportación de cada una de las variables independientes en la predicción de la Satisfacción con la Vida de los jóvenes angoleños desempleados.

Tabla 37. Aportación de cada variable independiente en la predicción de la Satisfacción con la Vida de los jóvenes angoleños desempleados

Modelo		Coeficientes no estandarizados		Coeficientes estandarizados		
		B	Error típ.	Beta	t	Sig.
3	(Constante)	2,555	,399		6,399	,000
	Edad	-,039	,010	<b>-,141</b>	-3,942	<b>,000</b>
	Sexo	,020	,054	,012	,368	,713
	Nivel cultural.	-,038	,014	<b>-,092</b>	-2,711	<b>,007</b>
	Residencia	-,002	,059	-,001	-,035	,972
	ConSinHijos	-,209	,074	<b>-,099</b>	-2,831	<b>,005</b>
	Autoestima	,142	,047	<b>,116</b>	3,014	<b>,003</b>
	ContrEmoc	,110	,034	<b>,114</b>	3,226	<b>,001</b>
	Resilienc	-,113	,034	<b>-,105</b>	-3,288	<b>,001</b>
	BusqActiva	-,080	,022	<b>-,129</b>	-3,610	<b>,000</b>
	Distanciam	,067	,029	<b>,077</b>	2,320	<b>,021</b>
	ApFamilia	,184	,036	<b>,193</b>	5,050	<b>,000</b>
	ApAmigos	,158	,034	<b>,167</b>	4,695	<b>,000</b>
	ApOtros	,022	,041	,022	,532	,595

a Variable dependiente: Satisfacción con la Vida

En esta tabla se puede observar que son numerosas (diez en total) las variables que de forma estadísticamente significativa han contribuido a predecir la Satisfacción con la

Vida de los jóvenes angoleños. En concreto, la aportación de cada una de las variables independientes ha sido la siguiente: la edad (14.1%), el nivel cultural (9.2%), el tener hijos (9.9%), la autoestima (11.6%), el control emocional (11.4%), la resiliencia (10.5%), la búsqueda activa de empleo (12.9%), el distanciamiento (7.7%), el apoyo de la familia (19.3%), y el apoyo de los amigos (16.7%). Como ya hemos señalado anteriormente, en todos los casos los valores de p son estadísticamente significativos.

En la Tabla 38, el resumen del Análisis de Regresión muestra un valor de  $R^2$  corregida = .255 ( $p < .001$ ) en el tercer modelo. Por tanto, las variables independientes introducidas en los análisis aportaron un 25.5% de explicación de la Salud Mental de los jóvenes angoleños. Se puede observar que las variables introducidas que mayor cambio en  $R^2$  han producido han sido los recursos personales (.223), y en pequeña cantidad, aunque también estadísticamente significativa ( $p < .001$ ), los recursos sociales (.021).

Tabla 38. Resumen del modelo de regresión jerárquica para predecir la Salud Mental de los jóvenes angoleños desempleados

Modelo	R	$R^2$	$R^2$ corregida	Error típ estimac	Estadísticos de cambio				
					Cambio en $R^2$	Cambio en F	gl1	gl2	Signif.
1	,156 <sup>a</sup>	,024	,018	,864	,024	3,910	5	784	,002
2	,497 <sup>b</sup>	,247	,237	,761	,223	46,102	5	779	,000
3	,517 <sup>c</sup>	,268	<b>,255</b>	,752	,021	7,246	3	776	<b>,000</b>

a. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos

b. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos, Distanciam, Resilienc, ContrEmoc, Autoestima, BusqActiva

c. Variables predictoras: (Constante), Residencia, Edad, Sexo, Nivel cultural, ConSinHijos, Distanciam, Resilienc, ContrEmoc, Autoestima, BusqActiva, ApAmigos, ApFamilia, ApOtros

En la Tabla 39, mostramos los resultados de la aportación de cada una de las variables independientes en la predicción de la Salud Mental de los jóvenes angoleños desempleados. En esta tabla se puede observar que las variables independientes que han aportado capacidad predictiva para la variable dependiente Salud Mental de los jóvenes angoleños (medida a través del GHQ12) han sido las siguientes: la autoestima (16.8%), el control emocional (25.5%), la búsqueda activa de empleo (10.4%), el distanciamiento (7.6%), el apoyo de la familia (10.1%), y el apoyo de los amigos (7.6%). En todos los casos los valores de p son estadísticamente significativos.



Tabla 39. Aportación de cada variable independiente en la predicción de la Salud Mental de los jóvenes angoleños desempleados

Modelo		Coeficientes no estandarizados		Coeficientes estandarizados		
		B	Error típ.	Beta	t	Sig.
1	(Constante)	,571	,408		1,397	,163
	Edad	-,009	,010	-,032	-,899	,369
	Sexo	-,025	,056	-,014	-,452	,651
	Nivel cultural.	,027	,014	,064	1,891	,059
	Residencia	,017	,060	,009	,277	,782
	ConSinHijos	-,104	,076	-,048	-1,382	,167
	Autoestima	,213	,048	<b>,168</b>	4,407	<b>,000</b>
	ContrEmoc	,249	,035	<b>,250</b>	7,158	<b>,000</b>
	Resilienc	,022	,035	,020	,635	,526
	BusqActiva	,067	,023	<b>,104</b>	2,937	<b>,003</b>
	Distanciam	,068	,029	<b>,076</b>	2,317	<b>,021</b>
	ApFamilia	,100	,037	<b>,101</b>	2,679	<b>,008</b>
	ApAmigos	,075	,034	<b>,076</b>	2,172	<b>,030</b>
	ApOtros	,038	,042	,036	,888	,375

a Variable dependiente: Salud Mental

***Resultados del Modelo de Ecuaciones Estructurales para predecir la Percepción de Salud, la Satisfacción con la Vida y la Salud Mental de los jóvenes angoleños desempleados.***

Una vez conocimos cuáles eran las variables que resultaban estadísticamente significativas en los análisis de Regresión Jerárquica, propusimos un Modelo de Ecuaciones Estructurales para analizar, de forma conjunta, las relaciones existentes entre las variables sociodemográficas, los recursos personales, los recursos sociales, el estado de salud, la satisfacción con la vida y la salud mental de los jóvenes angoleños desempleados (Fig. 5).

Para calcular la predicción de la autopercepción de salud, la satisfacción con la vida y la salud mental de los jovens angoleños desempleados, se consideraron los mismos índices de ajuste del modelo a los datos que se emplearon para el desarrollo de los diferentes Análisis Factoriales Confirmatorios, es decir,  $\chi^2$ , GFI, AGFI, CFI, SRMR y RMSEA.

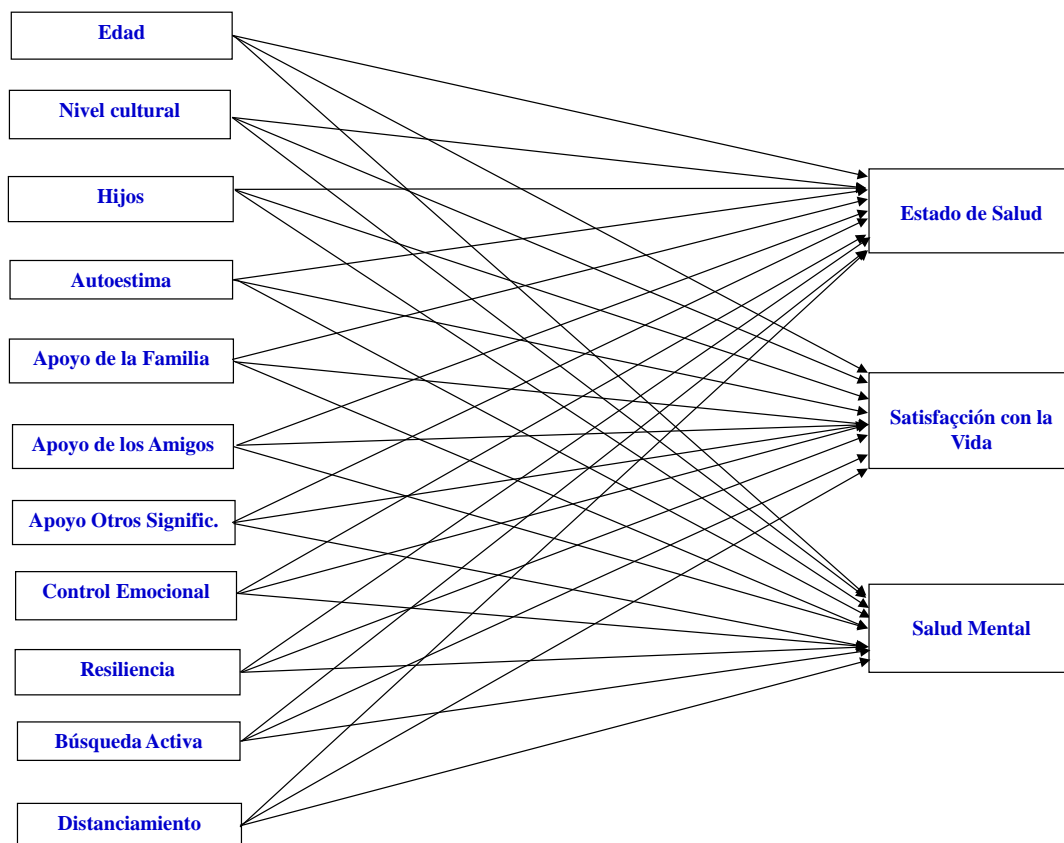
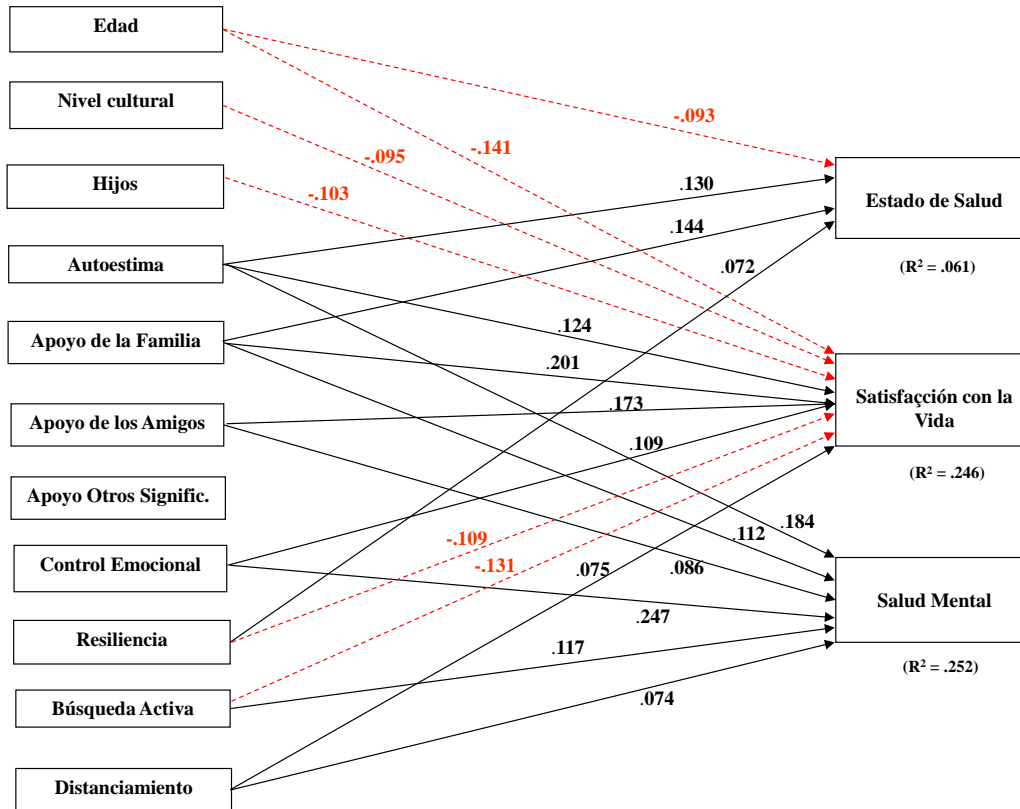


Fig. 5. Modelo hipotético para predecir la autopercepción de salud, la satisfacción con la vida y la salud mental de los jóvenes angoleños desempleados

Sometido a verificación este modelo de la Fig. 5, obtuvimos unos índices de ajuste que consideramos no satisfactorios, por lo que continuamos depurando el modelo eliminando las relaciones no significativas, con lo cual el ajuste del modelo a los datos terminó siendo muy satisfactorio:  $\chi^2_{32} = 40.54$ ,  $p = .142$ , GFI = .993, AGFI = .976, CFI = .995, SRMR = .026, RMSEA = .018 (ver Fig. 6).

Como muestra la Fig. 6, las variables independientes introducidas en el modelo hipotético explican un 6.1% de la variable dependiente “Percepción del Estado de Salud” de los jóvenes angoleños desempleados. Las variables que aportan esta predicción del Estado de Salud son: la Edad ( $\beta = -.093$ ), la Autoestima ( $\beta = .130$ ), el Apoyo de la Familia ( $\beta = .144$ ) y la Resiliencia ( $\beta = .072$ ).

Por otro lado, encontramos un 24.6% de predicción de la variable dependiente “Satisfacción con la vida” de los jóvenes angoleños desempleados.



*Nota:* Todas las relaciones estructurales señaladas son estadísticamente significativas ( $p < .05$ ). Por razones de claridad expositiva, no se muestran las correlaciones entre las variables exógenas ni los errores.

Fig. 6. Solución estandarizada para el modelo propuesto de relaciones entre las variables sociodemográficas, los recursos personales y sociales, la percepción de salud, la satisfacción con la vida y la salud mental de los jóvenes angoleños desempleados.

Tal como muestra la Fig. 6, Las variables que predicen la Satisfacción con la vida de los jóvenes son las siguientes: la Edad ( $\beta = -.141$ ), El Nivel Cultural ( $\beta = -.095$ ), Tener hijos ( $\beta = -.103$ ), la Autoestima ( $\beta = .124$ ), el Apoyo de la familia ( $\beta = .201$ ), el Apoyo de los amigos ( $\beta = .173$ ), el Control emocional ( $\beta = .109$ ), la Resiliencia ( $\beta = -.109$ ), la Búsqueda activa de empleo ( $\beta = -.131$ ), y el Distanciamiento (coping) ( $\beta = .075$ ).

Finalmente, en cuanto a la Salud Mental de los jóvenes, encontramos que seis variables independientes predicen el 25.2% de esta variable dependiente. Según se puede observar en la Fig. 6, las variables con una significativa capacidad predictiva de la Salud Mental de los jóvenes son las siguientes: la Autoestima ( $\beta = .184$ ), el Apoyo de la familia ( $\beta = .112$ ), el Apoyo de los amigos ( $\beta = .086$ ), el Control emocional ( $\beta = .247$ ), la Búsqueda activa de empleo ( $\beta = .117$ ), y el Distanciamiento (coping) ( $\beta = .074$ ).

## **Discusión**

Recordemos que el objetivo principal de este trabajo consistía en analizar la importancia de ciertas variables sociodemográficas, los recursos personales y los recursos sociales en la predicción de la salud mental, la autopercepción de salud y la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados.

La mayor parte de las investigaciones han tenido en cuenta diversos factores psicológicos relacionados con el desempleo, evidenciando el impacto del desempleo en el plano individual, focalizado esencialmente en los aspectos negativos de la adaptación al desempleo, en contra de los aspectos positivos.

De acuerdo con nuestro primer objetivo, en el que tratábamos de analizar cuáles eran las variables sociodemográficas que se relacionaban con la salud y con la satisfacción con la vida, se ha podido ver que los hombres presentan un mayor control emocional y son más resilientes. Estos resultados no coinciden con otros estudios, por ejemplo los de Muchinsky (2004), que considera que no existen diferencias en función del género cuando se habla de desempleo. Sin embargo, Reine et al. (2013) demostraban en sus estudios que los hombres desempleados pueden sufrir más que las mujeres. Según Grun et al. (2010) y Kassenbohmer y Haisken-DeNew (2009), el desempleo tiene efectos diferentes para los hombres que para las mujeres. Eichhorn (2013) dice que las mujeres tienden a mostrar mayores niveles de satisfacción con la vida que los hombres, resultados que refuerzan los encontrados anteriormente por Van der Meer (2012), Blanchflower y Oswald (2005) y Hultman et al. (2006). Este resultado también fue comprobado en nuestro trabajo, en el que constatamos que los hombres se sienten mucho más preparados que las mujeres para trabajar (se entiende que en un empleo bajo patrón).

Otra variable que estudiamos fue la edad, la cual reveló diferencias significativas. Se ha constatado que, a pesar de estar desempleados, los más jóvenes presentan mayores niveles de satisfacción con la vida, mientras que los más mayores son los que tratan de encontrar con mayor esfuerzo un nuevo empleo. La edad ha resultado ser una variable que afecta tanto al estado de salud como a la satisfacción con la vida de las personas desempleadas. Coincidiendo con los resultados de Clark et al. (2001), se verifica que las personas que en el pasado estuvieron empleadas tienden a estar menos satisfechas con la vida que los jóvenes que nunca trabajaron. A su vez, son aquellas las que más se

proocupan por conseguir nuevamente un vínculo laboral.

El hecho de tener hijos es visto por algunos autores como la realización de un sueño, un proyecto de vida que a veces se puede convertir en una pesadilla, principalmente cuando no se tiene independencia económica. Por tanto, el desempleo puede ser visto como una amenaza al apoyo familiar. En este sentido, recordamos a Forret et al. (2011), quienes señalan que los hombres con hijos son más propensos a percibir el desempleo como una derrota. Nuestros resultados apuntan que los desempleados que no tienen hijos presentan una autoestima más alta, perciben mayor apoyo de la familia, mientras que quienes tienen hijos son los que perciben mayor apoyo de los amigos y se empeñan más en la búsqueda de empleo. Por tanto, aquí está patente que el hecho de tener hijos y estar desempleado afecta negativamente sobre la satisfacción con la vida, resultados que corroboran los de Van der Meer (2012), Blanchflower y Oswald (2005) y Hultman et al. (2006).

El nivel cultural o el nivel de escolaridad también es un factor que ha sido contemplado en muchas investigaciones. Nuñez y Livanos (2010) dicen que es un hecho bien conocido que la enseñanza superior está asociada a más bajos niveles de desempleo. Así, los jóvenes formados desarrollan expectativas vocacionales más elevadas. Por esta razón, el nivel cultural y las calificaciones profesionales son referidas como mediadoras del efecto psicológico negativo del desempleo (Savickas, 2002). A partir de nuestros resultados podemos decir que las personas objeto de nuestra investigación que se encuentran en la situación de desempleados y que tienen estudios superiores son quienes presentan una autoestima alta, perciben mayor apoyo familiar, de los amigos y de los otros significativos, están más satisfechas con la vida, son quienes más activamente buscan empleo, y presentan mayor salud mental. A pesar de todo, el nivel de escolaridad resultó una variable que se encuentra asociada negativamente con la satisfacción con la vida de los desempleados.

Diversos estudios han constatado que la situación de desempleo provoca cambios generalmente negativos a nivel psicológico, pudiendo conducir a un deterioro de la salud mental y física (Dooley y Prause, 1995). En la presente investigación, se constató también que factores como la autoestima, el apoyo de la familia, el apoyo de los amigos, así como el control emocional, son factores que predicen positivamente la salud mental de las

personas que se encuentran desempleadas.

Teniendo en cuenta que nuestro segundo objetivo era analizar las relaciones entre los recursos personales, los sociales, la salud y la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados, y partiendo de los resultados obtenidos a través de correlaciones bivariadas, se ha podido observar la relación existente entre las variables, destacando por su importancia el apoyo familiar. También se ha podido ver que la búsqueda activa de trabajo y el distanciamiento, o sea, las estrategias de coping, correlacionan con casi todas las demás variables. Se ha podido verificar que quien predice el estado de salud es la autoestima, el apoyo de la familia y la resiliencia. La autoestima, el apoyo de la familia y de los amigos así como el control emocional, predicen la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados. En lo que se refiere a la salud mental de los jóvenes, se puede afirmar que la autoestima, el apoyo de la familia y de los amigos, el control emocional, y la búsqueda activa de empleo y el distanciamiento (como estrategias de coping), son las variables que muestran capacidad predictiva sobre la salud mental. Estos resultados corroboran los obtenidos en otros trabajos que ofrece la literaturavespecializada, como los de Ferguson et al. (1997), Hammer (1993), Kessler et al. (1989), y Winefield et al. (1991), que centraron sus estudios en los problemas referentes a la salud mental de las personas desempleadas. Estos estudios han relatado las asociaciones entre la exposición al desempleo y los problemas de ajuste psicosocial, verificando una relación causal entre el desempleo y el ajuste personal en personas jóvenes. El desempleo, por sí mismo, también está asociado con reducciones muy sustanciosas en el bienestar subjetivo (entre otros, Clark et al., 2001, Clark, 2003; Cooper et al., 2008; Kassenboehmer y Haisken-DeNew, 2009).

En relación con nuestra primera y segunda hipótesis, en que se suponía que la autoestima, el control emocional, las estrategias de coping y el apoyo social serían capaces de predecir la salud mental y la autopercepción de salud general de los jóvenes angoleños desempleados, se ha podido constatar que todas estas variables presentan una buena capacidad predictiva sobre la salud mental, siendo el control emocional la variable más influyente. Estos resultados refuerzan los encontrados por Brennan (2001) que dice que algunas de las asunciones nucleares comunmente fragmentadas por la experiencia de ser desempleado son referentes a la trayectoria de vida, las representaciones acerca del

próprio yo (incluidas las representaciones del control y el valor personal), la naturaleza de las relaciones de afecto, y las cuestiones espirituales y existenciales. Psicológicamente, algunos acontecimientos pueden amenazar las asunciones o impedir una reacción adaptada a las circunstancias. Esta desorientación puede perdurar por mucho tiempo, conduciendo al individuo a negar la realidad y vivir un ajuste mal-adaptativo. En este sentido, De Cuyper et al. (2008) dicen que existe una asociación positiva transversal entre empleabilidad y bienestar en el contexto de los trabajadores belgas. En esta misma línea, Berntson y Marklund (2007) señalan que existe una asociación positiva entre algunos indicadores de empleabilidad indirecta de individuos empleados y el bienestar mental de las personas.

Partiendo de nuestros resultados, se há podido ver que la autoestima, el apoyo de la familia y la resiliencia influyen sobre la percepción del estado general de salud, mientras que el apoyo de la familia, el apoyo de los amigos y las estrategias de coping predicen la salud mental de los jóvenes desempleados. Estos resultados corroboran los de Masten y Garnezy (1985), quienes refieren que consideran como factores de protección para el desempleo, la autoestima, el apoyo familiar y el apoyo social externo. Moorthouse y Caltabiano (2007) también verificaron que las personas desempleadas con cualidades resilientes tenían menores niveles de depresión, y que determinados factores protegen al individuo y atenúan los efectos negativos del desempleo, entre los cuales se encuentran las estrategias de coping y el apoyo social (incluyendo el del compañero).

De acuerdo con los resultados obtenidos por Sojo y Guarino (2011), según los cuales existe una relación entre resiliencia y salud de los individuos, éstos coinciden con los obtenidos en nuestro propio trabajo. Así, los individuos ricos en resiliencia pueden tomar decisiones importantes en sus vidas y sentirse más satisfechos consigo mismos y con lo que hacen, independientemente de la condición de desempleados.

En lo que se refiere al apoyo social, Matsukura et al. (2002) y Schwarzer y Knoll (2007) han apuntado la existencia de una asociación entre apoyo social y los niveles de salud y/o la presencia de apoyo social funcionando como agente protector. El apoyo social puede contribuir a mantener la salud de las personas en momentos de estrés, pues desempeña una función moderadora o mediadora, permitiendo al individuo lidiar mejor con las pérdidas y problemas en el día a día. En nuestro estudio, se encontraron

igualmente relaciones entre el apoyo social, principalmente de la familia, y la salud de los jóvenes angoleños desempleados. También indican nuestros resultados que existe una relación entre el distanciamiento (como estrategia de coping frente al desempleo) y la salud mental, corroborando de esta forma los resultados de Lai y Chan (2002) y los de McKee-Ryan et al. (2005).

Nuestra tercera hipótesis anunciaba que la autoestima, el control emocional, la resiliencia, las estrategias de coping y el apoyo social serían capaces de predecir la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados. Así, partiendo de los resultados de esta investigación, se ha podido constatar que la resiliencia no predice la satisfacción con la vida. También autores como McKee-Ryan y Kinicki (2002), sobre el bienestar o satisfacción con la vida, identificaron ser precursores importantes para el proceso de reacción, destacando como más importante su relación con la autopercepción de valor y la percepción de control sobre los eventos de vida del individuo, e incluían la autoestima, la autoeficacia, el locus de control y el neuroticismo, que, juntos, componen el núcleo de autoevaluación recientemente conceptualizada y a construir (Judge et al., 2002). Corroborando nuestros resultados, Huebner et al. (2000) y Nickerson y Nagle (2004) alegan que los adolescentes y jóvenes, de una manera general, presentan un nivel alto de satisfacción con la vida. A pesar de ello, ciertas variables pueden influir en el nivel de bienestar, y consecuentemente en el nivel de satisfacción con la vida. Para Helsen et al. (2000), y Yaecheski et al. (2001), el apoyo social de los padres y amigos ejerce una considerable influencia sobre el bienestar de los jóvenes.

En cuanto a la cuarta y última hipótesis, según la cual preveíamos que el tiempo de desempleo, el número de hijos y el nivel sociocultural predirían la satisfacción con la vida y la percepción de salud de los jóvenes angoleños desempleados, de nuestros datos se puede inferir que el número de hijos y el nivel sociocultural influyen negativamente sobre la satisfacción con la vida. Algunos autores como Castro y Pego (2000) alegan que existen mayores expectativas en las personas desempleadas cuanto mayor sea su nivel de escolaridad, sin embargo Savickas (2002) dice que a pesar del nivel cultural, son muchos los jóvenes que se ven sometidos a empleos cuyo nivel de exigencia es inferior a su formación. Esta situación puede resultar penosa más que estimular la búsqueda de valores y la reformulación de su autoconcepto. Partiendo de lo que señalan estos autores, juzgamos



que en nuestra realidad angoleña, también muchos jóvenes, a pesar de su cualificación escolar media y superior, siguen sin conseguir empleo y se ven obligados a otras formas de realización económica, no dejando que el desempleo afecte en su satisfacción con la vida, o sea, en su bienestar subjetivo.

## **Conclusiones**

Como conclusiones comenzaremos diciendo que la presente investigación supone aportes importantes sobre el estudio del desempleo. Así, podemos decir que instrumentos empleados en este estudio, como la escala de control emocional, la escala de salud general, el indicador de autopercepción de salud, y la escala de estrategias de coping frente al desempleo han revelado una aceptable validez y fiabilidad. Tras los análisis factoriales confirmatorios realizados con ellos, estos instrumentos han mostrado índices de ajuste a los datos satisfactorios, de acuerdo con los modelos defendidos por sus autores.

Basados en los resultados de este trabajo, y en concordancia con los objetivos e hipótesis planteados, cabe concluir que:

- Existe una relación entre la autoestima, el apoyo familiar y la resiliencia con el estado de salud de los jóvenes angoleños.

- Las variables que mejor predicen la satisfacción con la vida de los jóvenes angoleños desempleados son la autoestima, el apoyo de la familia, el apoyo de los amigos y el control emocional. La edad, el nivel cultural y el número de hijos, predicen la satisfacción con la vida de los jóvenes en sentido negativo.

- Las variables predictoras más destacables de la salud mental de los jóvenes son la autoestima, el apoyo de la familia, el apoyo de los amigos, el control emocional, la busca activa de empleo y el distanciamiento.

## **8.4. LIMITACIONES DEL TRABAJO Y SUGERENCIAS PARA EL FUTURO**

Este trabajo, como otros muchos, también presenta algunas limitaciones. A pesar de haber trabajado con una muestra de 844 jóvenes que se encontraban en situación de desempleo, lo cual significa que es de un tamaño razonablemente grande, ésta no responde a una muestra aleatoria sino que fue obtenida por conveniencia, es decir, a través de colaboradores. Por otro lado los datos se han obtenido a partir de autoinformes, lo cual

puede incorporar un cierto sesgo por el efecto de discapacidad social.

Otro aspecto a resaltar es el carácter transversal del estudio. En este sentido, consideramos que un diseño longitudinal podría proporcionar mayor fiabilidad a los resultados y las conclusiones que de ellos pudieran derivarse.

Como propuesta para futuras investigaciones, consideramos que podría abordarse un enfoque metodológico mixto, que combinara la metodología cuantitativa con la cualitativa (por ejemplo historias de vida, entrevistas en profundidad y grupos focales), con el objetivo de captar detalles que la metodología cuantitativa no siempre permite interpretar adecuadamente.

## **8.5. PROPUESTAS DE APLICACIÓN DE LOS RESULTADOS**

En una época marcada por una crisis de orden mundial, con consecuencias a todos los niveles, Angola aún presenta niveles de satisfacción con la vida muy altos. Esos índices acompañan igualmente años de cambio y reformulación de políticas que se extienden en casi todos los dominios de cara al crecimiento económico. Se puede decir que las consecuencias de esa crisis son inevitables, pues se comprueba cada vez más que un número de jóvenes permanecen en el desempleo. A pesar de que actualmente se ha comprobado la apertura de más unidades de empleo y la incorporación de más jóvenes al mercado de trabajo, aún es insuficiente para responder a la demanda de la juventud angolana.

En el campo de la Psicología, diversos estudios muestran al desempleo como un fenómeno psicosocial que trasciende el ámbito económico, afectando al trabajador en el ámbito social y psicológico. Como las consecuencias del desempleo, además de pertenecer al foro social también pasan por políticas económicas, éstas deben ser revisadas y divulgadas de cara a minimizar el impacto psicológico negativo sobre la salud de los individuos desempleados, permitiendo que éstos se sientan más optimistas en la búsqueda de su empleo. Las estrategias de coping, así como el control emocional, la resiliencia, y el apoyo social, permiten conocer y utilizar nuevas maneras de ser, pensar y sentir, lo cual consolida la idea de que la Psicología tiene compromisos sociales, políticos y éticos, razón por la cual sus profesionales deben contribuir a la construcción de modelos alternativos para la reubicación de los trabajadores desempleados en el mercado de trabajo. Para ello

resulta imprescindible que haya:

- Una mayor interacción entre las instituciones que contactan con los individuos desempleados con los centros de salud, en favor de que disminuyan los problemas relacionados con la angustia, la depresión, la ansiedad, la criminalidad y el consumo abusivo de alcohol y otras sustancias.

- Más formación profesional dirigida a las profesiones técnicas, en favor de habilitar a los jóvenes para la entrada en el mercado de trabajo, aunque no tengan estudios superiores.

- Políticas que permitan, no sólo mantener aproximadas la demanda y la oferta de trabajo, para la rapidez en completar las bajas producidas, sino también la facilidad y la identificación de las carencias educativas y la falta de cualificación de los desempleados, así como la forma de mejorar su entrenamiento.